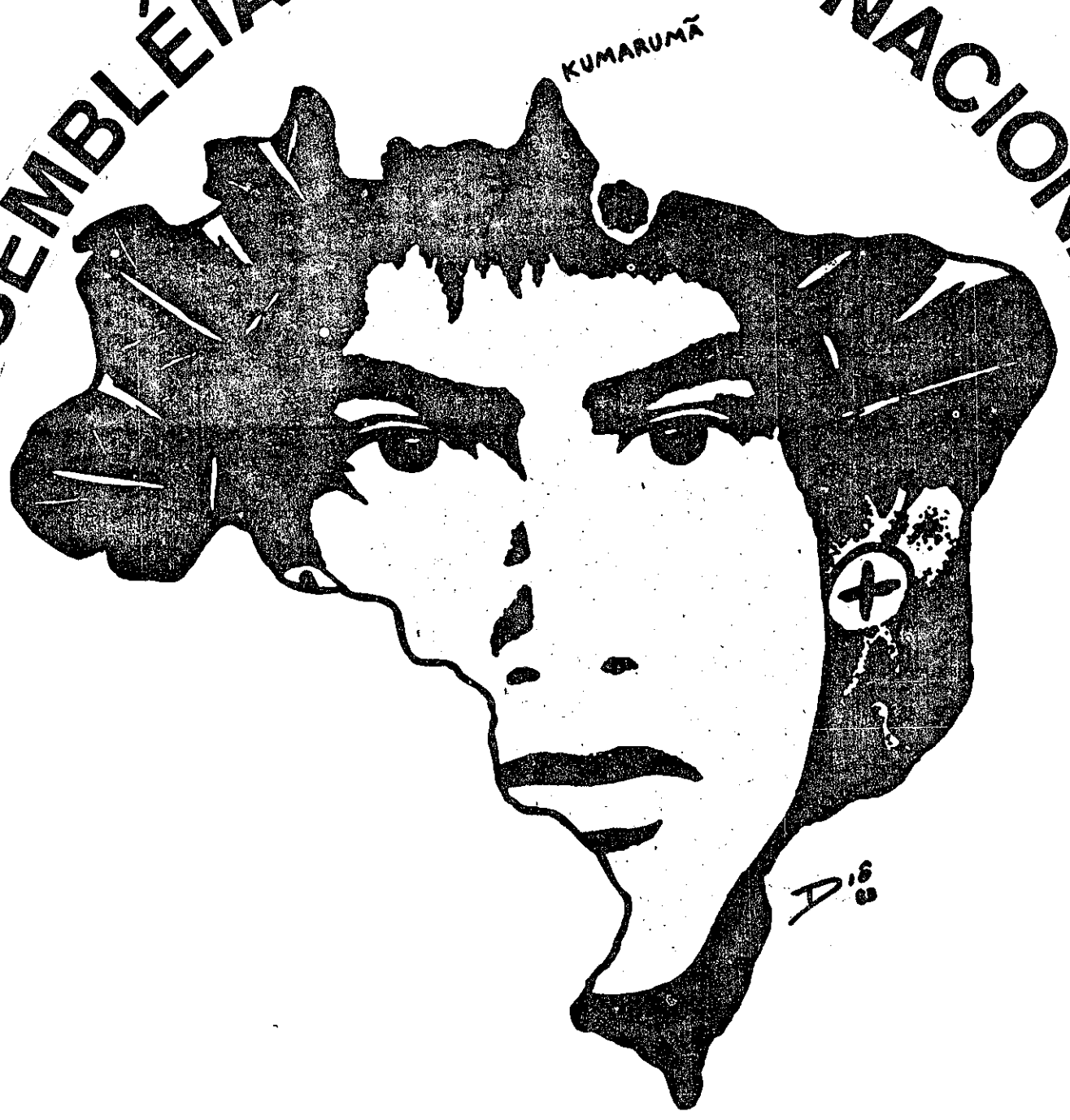


CEDI - P. I. B.
DATA 31/12/86
COD. 63000023

ASSEMBLÉIA INDIGENA NACIONAL



KUMARUMÃ - 1983

DEPOIMENTOS INDÍGENAS

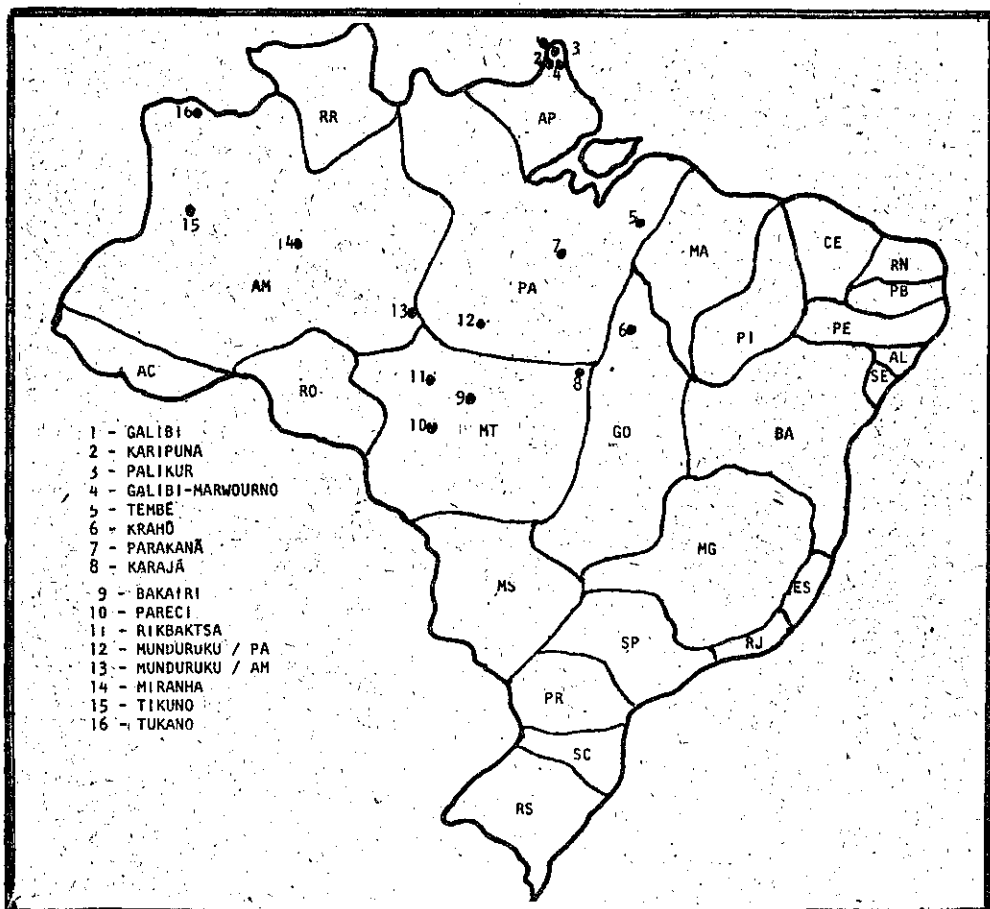
APRESENTAÇÃO

Ao despedir-se da assembleia em Kumarumã, Maciel Galibi disse:

"Peço não deixar nossas palavras cair. Temos que cumprir tudo o que foi debatido aqui junto."

Este livro contém quase todas as palavras faladas na assembleia. Elas foram gravadas e escritas com muito carinho para cada um de nós ter uma cópia. Vamos lembrar nossas palavras. Vamos debater estes assuntos em nossas comunidades. Vamos cumprir tudo que nós dissemos. Assim nossa assembleia vai dar bons frutos para nossa vida e nossas comunidades.

Este mapa ajuda localizar os povos que participaram na assembleia. Na outra página tem os nomes dos tuxauas de Amapá e os representantes de outros estados. Tinha muitos outros irmãos e irmãs índios participando neste encontro.



PARTICIPANTES NA ASSEMBLEIA INDÍGENA NACIONAL

Manoel Felizardo dos Santos	Galibi-Marworno	Amapá
Henrique dos Santos	Karipuna	Amapá
Ivan e Maurício	Karipuna	Amapá
Manoel Primo dos Santos	Karipuna	Amapá
Avelino dos Santos	Karipuna	Amapá
Manoel Sebastião dos Santos	Karipuna	Amapá
Paulo Orlando Watay	Palikur	Amapá
Emílio Leôncio	Palikur	Amapá
Reis Cedô	Palikur	Amapá
Geraldo Lod	Galibi	Amapá
Venâncio Puxu	Munduruku	Pará
Felix Taué	Munduruku	Pará
Roberto Crixí	Munduruku	Pará
Siteria	Parakanã	Pará
Djiaua	Parakanã	Pará
Mótiapeua	Parakanã	Pará
Warirá	Parakanã	Pará
Raimundo dos Santos Tembê	Tembê	Pará
Oscar Oliveira Tembê	Tembê	Pará
Clemente dos Santos Tembê	Tembê	Pará
José Feliz Tembê	Tembê	Pará
Augusto Moreira	Munduruku	Amazonas
Francisco Cardoso	Munduruku	Amazonas
Américo Maranhão Tukano	Tukano	Amazonas
Veridiano Pereira Cordeiro	Miranha	Amazonas
Lino Pereira Cordeiro	Miranha	UNI - Brasília
Paulo Mendes Tikuna	Tikuna	Amazonas
Antonio Calvacante Krahô	Krahô	Goiás
Valdomiro Silveira Krahô	Krahô	Goiás
Carlos Karajá	Karajá	Mato Grosso
Juliano Pauaka	Bakairi	Mato Grosso
Daniel Matenho Cabixi	Paréci	Mato Grosso
Nicolau Meô Canoeiro	Rikbaktsa	Mato Grosso

Obs: Além dos tuchauas de Amapá participaram mais 33 representantes Karipuna, 28 Palikur e 140 Galibi-Marworno de Kumarumã.

ASSEMBLÉIA INDÍGENA NACIONAL
=====

KUMARUMÁ - 30/04-03/05/1983.

Apresentação

FELIZARDO: Nós vamos fazer aqui, uma apresentação de cada representante da tribo. Eu primeiramente, eu que sou cacique daqui dos índios Galibi. Eu tô me apresentando primeiro aqui, eu sou cacique Felizardo dos Santos, e eu quero que cada representante se apresente aqui no microfone, para dar nome da tribo... tá certo? E cada um pode como, os Palikur depois os Galibi Oiapoque, e depois os outros irmãos que vem de longe.

PAULO ORLANDO FILHO: Alô meus amados irmãos, dou bom dia para todos. Eu sou cacique dos índios Palikur, me chamo Paulo Orlando Filho, e usado no nome da tribo Uatay, muito prazer da estar com... é de ter encontrado aqui unidos os nossos irmãos vieram de longe, agradeço, muito obrigado.

FELIZARDO: O segundo é o Emílio Leôncio do Tawari.

EMÍLIO: Bom dia para todos, eu sou índio é Palikur, eu sou cacique Palikur de Tawari, Emílio Leôncio.

FELIZARDO: O terceiro é de lá do Espírito Santo, Karipuna, Avelino Carivaldo dos Santos.

AVELINO: Meus irmãos, muito bom dia, eu gostaria de me apresentar aqui, eu represento a minha comunidade, eu sou cacique da Vila Espírito Santo, e eu me chamo Avelino Carivaldo dos Santos.

FELIZARDO: E depois "seu" Henrique dos Santos, cacique dos Karipuna lá do Manga.

HENRIQUE: Prezados irmãos, bom dia. Eu sou Henrique dos Santos, lá da aldeia do Manga.

FELIZARDO: E depois Manoel Primo dos Santos, cacique de Santa Isabel.

MANOEL PRIMO: Meus irmãos índios de toda região do Brasil, muito bom dia como também de toda a área de Oiapoque. Eu sou um dos caciques duma das aldeias dos Karipuna... Eu sou Manoel Primo dos Santos, e outra que eu quero agradecer a todos uma boa felicidade.

FELIZARDO: E depois seu Geraldo Lod, cacique lá dos Galibi do Oiapoque.

GERALDO: Tudo nós aqui reunido, bom dia pra nos. Eu sou Galibi de Oiapoque, que não me conhece bem, eu sou verdadeiro Galibi mesmo, que chamado Galibi, eu sou representante da comunidadezinha de lá do Oiapoque. São José do Galibi nome, nome é Geraldo Lod mesmo.

DANIEL: Bom dia pessoal... Eu sou Daniel Cabixi, eu fui convidado pra esse encontro então. como assessor desse encontro então nós apresentamos mais os tuxauas aqui da região com os tuxauas Kari-puna, Galibi, Palikur, pra gente discutir um pouco como é que a gente vai trabalhar hoje, amanhã e depois de amanhã, três dias. Então eu na qualidade de assessor, eu vou procurar, quer dizer, nós procuramos eleger um coordenador desse encontro, quer dizer, o elemento que vai dirigir essa reunião de três dias, e ficou eleito o Lino Miranha que faz parte da UNI - União das Nações Indígenas.

Então para começar gente, eu vou ler uma carta aqui na presença de todos de uma comunidade de... uma comunidade de jovens do Estado de Goiás, Itapuranga... pessoas fora, lá fora que se interessam pelo problema do índio em geral, em todo o Brasil, estão passando grande dificuldade, inclusive então esse encontro aqui, a gente pretende levar o conhecimento que nós temos até vocês, e aprender com vocês também a experiência que vocês tem da vida, porque o índio em geral no Brasil, todos nós temos algum sofrimento, nem um índio pode falar que vive bem, que por mais que o índio viva bem, ele sempre tem um problema na comunidade. Quando ele não está mal assistido pela FUNAI ou pelas missões, ele tem intrigas internas que devem ser corrigidas. Então gente, este encontro aqui é patrocinado por vocês mesmos. Pelos tuxauas Galibi, Karipuna e Palikur, então vocês provocaram a vinda de outros representantes indígenas de outras partes do Brasil, assim como também aconteceram outras ocasiões a ida de representantes daqui da região para outras regiões do Brasil.

Então é nosso dever, nós que estamos vindo de fora, é nosso dever retribuir com gratidão. retribuir a nossa obrigação que nós temos com vocês de sair aqui deste lugar tão distante e tão difícil acesso como a gente teve a oportunidade de viajar, então é uma obrigação nossa que os representantes de vocês vão fazer em outras partes do Brasil como vem acontecendo.

Então pra voces ficarem sabendo que o índio não está sozinho na luta dele, eu vou ler aqui só uma carta de apoio, uma das únicas cartas que a gente recebeu, é de uma cidade do Itapuranga, uma cidade do interior do Estado de Goiás.

Então diz assim:

Queridos índios
abraços

"No Brasil, vocês são lembrados apenas no dia 19 de abril mas a nossa comunidade de Itapuranga em Goiás, lembra de vocês o ano inteiro, podemos dizer que todos os dias pensamos em vocês. Como sabemos que irão realizar uma assembléia nacional na aldeia de Kumorumã, estamos rezendo para que esta assembléia tem todo êxito que vocês desejam. Vossa luta também é nossa dos nossos sofrimentos. Nós também participamos, nós temos conhecimentos de vossas difi-cu-l

dades, e sabemos que não são poucas. Todo dia vemos notícia de mas sacre de nossos irmãos oprimidos pelos órgãos do governo e grandes empresas multinacionais. Isto causa ã nossa comunidade uma grande dor, o sofrimento de vocês também é nosso, nós descobrimos uma maneira de ajudar vocês. Esta maneira é procurar conscientizar | nos-
sos jovens dos vossos sofrimentos para que no futuro o que vocês es tão sofrendo vossos filhos não venham a sofrer.

Nós também da sociedade branca, temos nossos sofrimentos que não são poucos. Os causadores de nosso sofrimento, são os mesmos que oprimem a vossa sociedade, são os poderosos levados pela ambição e a ganância de acumular riquezas.

Irmãos, nossa comunidade conseguiu arrecadar com muito sacrifício, pois também somos pobres, para ajudar na despeza da assembléia, conseguimos Cr\$50.000,00. Esta soma foi conseguida com a ajuda de velhos, jovens e crianças. Esta oferta material é símbolo da oferta espiritual que queremos dar.

Desejamos que vocês alcancem os objetivos da assembléia, Abraços dos irmãos da comunidade de Itapuranga."

Então essa é uma carta de apoio que veio pra nossa assem bléia aqui. Então a gente procura que vocês procurem participar o máximo, mostre interesse por esse encontro, porque dificilmente a gente se encontra, então é uma oportunidade rara a gente estar aqui no meio de vocês.

FELIZARDO: Então pra começar, eu vou chamar é... os representantes Munduruku, porque aqui tem os Munduruku do Estado do Pará e tem do Estado do Amazonas. Então eu pediria a presença dos Munduruku do Estado do Amazonas.

FRANCISCO: Bom dia meus irmãos, aqui estamos para apresentar a nos sa comunidade do Estado do Amazonas, tendo como Rio Madeira, municí pio de Borba. Então viemos aqui para é... representar o nosso tuxaua que não pode vir que ele está com um problema também lá na nossa terra em razão da BRASELFA; e muitos posseiros que querem apossar da nossa reserva, e aqui estou eu e mais o meu tio para representar o nosso tuxaua. Meu nome é Francisco Cardoso Munduruku, muito obri gado.

AUGUSTO: Meus caríssimos irmãos índios, muito bom dia. Aqui está eu para representar junto com meu sobrinho Francisco Cardoso, eu vou solicitar meu nome para todos os irmãos daqui, Meu nome chama-se Augusto Moreira Munduruku, obrigado.

DANIEL: E aqui também vem uma carta desta mesma comunidade dos Mun duruku do Amazonas é... é de Manoel Cardoso Munduruku, capitão geral dos Munduruku.

Então diz o seguinte:

"Ao Sr. presidente desta assembléia,

venho por meio desta, apresentar as pessoas que irão representar nesta assembléia. São os senhores Francisco Cardoso Munduruku e o Sr. Augustino Moreira, pessoas de nossa inteira confiança.

Senhor presidente, minhas desculpas de não poder estar presente, minha comunidade no momento se encontra cheia de problemas que exigem a minha presença, não sendo possível sair daqui no momento. Mas aguardo ansiosamente o resultado desse encontro, que se Deus quiser há de ser muito bom para nós.

Sem mais os meus agradecimentos.

Um abraço deste irmão que na distância vai rezar para que tudo saia bem neste encontro."

-Então aqui eu pediria a presença dos Munduruku do Estado do Pará.

ROBERTO: Então, bom dia meus irmãos, então nós aqui tamo representantes dos índios Munduruku lá do Alto Tapajós, fica no fim do Pará. Meu nome é Roberto Crixí.

VENÂNCIO: Bom dia meus irmãos, aqui é índio Munduruku do Alto Tapajós em cima da missão. Meu aldeia se chama Missão Velha, cima da missão e aqui eu tô representando meus povo Munduruku. Meu nome é Venâncio Puxú, obrigado.

FELIX: Bom dia pessoal, estou representando a Santa Maria em cima da missão, três dia de viagem. Meu nome é Felix Taué.

FELIZARDO: É... a presença do representante Tukano.

AMÉRICO: Alô, primeiro meus cumprimentos a todos. Eu me chamo Américo Maranhão, sou representante da tribo Tucano do Alto Rio Negro, Limita-se o Brasil com fronteira e Colômbia, e aqui tou representando do tribo Tuiuca, Tukanos, Dessanos, Piratapuaia e muito mais outro. Eu sou líder da comunidade de Parí-cachoeira, não sou chefe pelo menos sou líder da comunidade, que eu posso confirmar pra vocês agora no momento. O que eu posso falar é só isso, obrigado pela presença de vocês.

FELIZARDO: O representante Tikuna.

PAULO TIKUNA: Bem meus amigos, muito bom dia. Eu sou do Alto Solimões onde limita a fronteira de Colômbia e Peru e Brasil, e a população da gente é 20.000 Tikuna, só da minha tribo e... eu tô aqui representando os caciques Tikuna, e meu nome é Paulo da tribo Tikuna.

FELIZARDO: O Bakairi, é do Estado do Mato Grosso:

JULIANO: Bom dia pessoal, eu sou do Mato Grosso do Norte, lá do Teles Pires que chama nosso rio lá. Desde dia 12 de abril até hoje tou pra cá, sou representante líder lá da comunidade dos Bakairi.

NICOLAU: Todo esse foi muito importante pra mim ter chegar aqui conhecer pessoal, aqui eu sou da tribo Canoeiro, mais conhecida como Rikbaktsa. Eu moro no norte do Mato Grosso, e eu vim como... eu vim em última hora que recebemos o Mensageiro e viessem para participar desse assembléia e como é primeira assembléia nacional, então eu vim com boa vontade, eu vi que era muito longe, que aqui deu pra fazer, tem que chegar mesmo, o compromisso da gente é esse mesmo, pra vê a situação dos outros povos indígenas, que tem muito povo que a gente vê que estão lutando mesmo, e poucos que conseguem. Meu nome é Nicolau Canoeiro.

FELIZARDO: O representante da tribo Karajá também do Estado do Mato Grosso.

CARLOS: Bom dia meus patrício índio, todos índio do Brasil. Eu sou cacique de Karajá do Mato Grosso e vim se representar pra meus patrícios conhecer e também no momento e certo lugar pra gente conhecer vocês também quando a gente viajar. Por enquanto eu só falo agora, só isso mesmo. Obrigado.

DANIEL: Seu nome por favor?

CARLOS: Carlos Karajá.

FELIZARDO: Agora os representantes, os quatro representantes da tribo Tembê do Estado do Pará.

CLEMENTE: Bem, meus caríssimos irmãos, meu muito bom dia pra vocês. Me acho muito satisfeito de me encontrar pela primeira vez em assembléia, então eu vim para representar o nosso tribo do índio Tembê do Alto Rio Guamã, município de Ourém, e trouxe mais três companheiros comigo. Meu nome chama-se Clemente Tembê, vice cacique Tembê.

RAIMUNDO: Bem pessoal, eu sou Raimundo dos Santos Tembê. Eu estou aqui apenas para participar. Estou muito contente de ter sido convidado, e muito obrigado.

FÉLIX: Bom meus irmãos, muito bom dia, eu sou Felix Tembê, gente ficou muito satisfeito de ter sido convidado para participar desta apresentação, e fiquei também muito... acho muito importante a gente ter que batalhar pra tentar conseguir alguma coisa. É só.

OSCAR: Bom dia meus irmãos, nós viemos aqui, o nosso cacique veio apresentar nós, e gostei da assembléia de passear aqui nesse Kumaru mã e muito obrigado meus amigos.

DANIEL: Seu nome?

OSCAR: Meu nome é Oscar Tembê.

FELIZARDO: E... os dois representantes Krahô do Estado de Goiás.

VALDOMIRO: Bom dia meus irmãos, aqui é o índio Krahô, sou representante da tribo, cacique, sou cacique dos Krahô. Então irmãos eu gostaria que se estar aí; tá tudo bem, que eu represento até par-

te de Goiás e Maranhão, também pelas tribos o Gavião, tem Canela, eu represento a essas tribos também, eu sou cacique desse norte de Goiás. Eu gostaria que esse encontro será feito pelo índio indígena. Eu gostaria que esse encontro vai ser uma boa grande para nós são todos brasileiros e se encontra, eu acho muito importante que viajei, veio que veio pra cá, tô cansadíssimo, e esse encontro vai ser muito boa, só.

DANIEL: Seu nome?

VALDOMIRO: Valdomiro Silveira Krahô.

ANTÔNIO: Bom dia meu irmão, aqui nós somos, eu sou uma tribo Krahô, então nós viemos participar, nós viemos pra ajudar também, Canela, Krikati, Karajá, então nós viemos participar pra vir também, vem uma turma, nós tamo aqui pra resolver um assunto pra ela. O meu nome chama Antônio Cavalcante Txocã.

FELIZARDO: É... aqui quatro representante dos índios Parakanã do Estado do Pará.

DANIEL: Parakanã é do Estado do Pará, é, três três deles sente dificuldade de se expressar em português, então apenas um deles vai ser é, vai representar todos os três aqui. Eles estão apenas quatro anos em contato com o pessoal que a gente chama de civilizado.

MÕTIAPÉUA: Bom dia pessoal, aqui eu sou índio Parakanã lá do Marabá, comigo aqui três companheiros comigo aqui... meu nome Mõtiapéua Parakanã.

DANIEL: É... e aqui por último nós vamos dar a palavra pro Lino Miranha, e o irmão dele que estão aqui, e ele também pode fazer alguma referência sobre esse encontro, porque ele é que vai ser o coordenador desse encontro.

Aqui por favor.

LINO: Bom gente, antes de tudo eu quero me apresentar, meu nome é Lino Pereira Cordeiro, pertencço à nação dos Miranha que fica na parte centro-oeste do Amazonas, no município de Tefé no médio Solimões e eu estou aqui representando não só o povo Miranha, mas como diversas comunidades, diversos grupos iguais, como sejam os Kambeva, os Mayuruna, é outro grupo de Miranhas, enfim os índios com os quais nós temos contato, assim... os Kokamas e hoje eu sou um dos representantes da comissão nacional da União da Nações Indígenas, a UNI, e estou aqui com todo prazer. Me sinto satisfeito de estar junto de vocês pela segunda vez que estou visitando o Kumarumã, e espero que não seja essa a última vez. Eu espero é que este encontro como tantos outros tenham, daqui nós possamos tirar um resultado satisfatório. Nós podemos chegar a uma conclusão, chegarmos a um objetivo e que tenha um resultado esperado, que depois de uma longa viagem, depois de um longo trabalho que vocês tiveram, toda comunidade Galibi, Palikur e Karipuna, depois de um grande sacrifício, nós temos

procurar ser mais objetivo, nós temos que procurar ser mais concreto daquilo que temos que fazer e no final desse encontro espero, que tenhamos resultado pra que haja uma troca de informações, intercâmbio de liderança, que aqui está presente várias turmas de liderança de vários Estados. Por sinal, e que é uma coisa que vai influenciar muito na nossa vida, que na medida que se apresenta a comunidade diferentes, grupos diferentes, varia o nosso aspecto de vida, o aspecto político enfim, é uma coisa que é muito diferente da outra. E eu acho que essa oportunidade, eu creio nelas pra que a gente possa conhecer, possa descobrir talvez males que estão indo pela frente, os precipícios, enfim para que a gente possa se cuidar melhor assim como o instinto o da humanidade se defender uma comunidade junto com a outra. E no momento muito obrigado.

VERIDIANO: Bom dia gente, eu sou é... meu nome é Veridiano Pereira Cordeiro, índio Miranha do Médio Amazonas Solimões. Eu além de representante da minha tribo e coordenador interno também, tenho funcionado como coordenador da Região Norte do Estado do Amazonas praticamente, porque não conseguimos o nosso objetivo, não conseguimos chegar a atingir os pontos mais distantes da região norte, e tenho feito na medida do possível um trabalho de conscientização no Estado do Amazonas e já visitado outras aldeias dentro do Estado do Amazonas. No momento, com grande dificuldade de enfrentar é, conseguir fazer um trabalho positivo, também fiquei como representante da UNI e estamos aí assistindo mais uma reunião da qual eu acredito que seja válida porque daqui nós esperamos sair com resultado positivo em nível de conscientização, em nível da nossa política indígena enfim, esperamos sair daqui com resultado positivo para que venha nos beneficiar no futuro. É só isso.

FELIZARDO: Mais uma pequena comunidade que nós esquecemos aí dos Karipuna de Açaizal. Seu representante é Manoel Sebastião dos Santos.

SEBASTIÃO: Meus irmãos amigo índio, bom dia. Eu sou o cacique do Açaizal, dum lugarzinho lá do nome Açaizal. Meu nome é Manoel Sebastião dos Santos.

FELIZARDO: Os representantes de fora, nossos irmãos índios, cada um deles se apresentaram e deram seus nomes deles e nome da tribo, então nós estamos aqui para realizar alguns trabalhos alguns problema que nós estamos sentindo.

Agora a primeira coisa que eu vou falar aqui os problemas que eu estou sentindo e depois vou passar do outro tuxaua como Paulo como seu Coco como seu Henrique, então nosso trabalho vai ser até mais cinco e meia.

Gente vai reclamar uns problemas que gente tá sentindo tá certo que a FUNAI mandou gravar tudinho que a gente vai falar, eu acho que neste momento gente vai falar o que é a verdade, gente não vai falar uma coisa que não é certa.

Primeira coisa que eu tenho de... a gente vai programar primeiro depois os outros tuxauas programar também o que estão sentindo. Eu primeiramente que vou programar é a respeito de medicamento que nós tamos faltando e como faltou, e outra coisa, sobre a nossa Reserva. Tão nossa Reserva, que tem pessoas que estão explorando, e outra coisa sobre o projeto que foi projetado pra ser um campo de pouso aqui na aldeia Kumarumã, então o chefe do posto taí que é o Bernardo, então esse dinheiro que foi projetado pra ser um campo de pouso aqui, então eu acho que foi, tá demorando demais, mas não é culpa do chefe de Posto, o culpado foi o chefe da Ajudância, porque parece que está com duas idéias. Por exemplo sobre a ajudância ele quer está lá no Oiapoque, mais tarde já está com outra conversa que estava no Macapá eu acho que primeiramente pra mim é uma coisa pra está nessa Ajudância lá no Macapá, é melhor não ter Ajudância, porque pro índio daqui pra ir em Macapá, chagando lá no Oiapoque que não tem transporte eu acho pra mim que é uma coisa... que é uma coisa inútil, se é pra está lá essa ajudância aqui no Oiapoque, tá certo. Bem, outra coisa, a gente vai programando aí, depois cada um vai dando a idéia dele depois a gente vai resumir o que a gente vai fazer. Eu já falei sobre a exploração, da nossa área, sobre saúde, sobre Ajudância, duma coisa também que não foi bem clara pra mim e pra nós tudo aqui, foi uma coisa dessa fazenda de búfalos e depois trabalhamos muito e lutamos muito, até que conseguimos a parada. Suiu tudinho os búfalos, agora só ficou, graças a Deus, só ficou as casas. Mas quando chagou a época de entregar essa fazenda aí a FUNAI, quer dizer o delegado, não tem o contato com nós, mandou diretamente o helicóptero. Veio o comandante de lá de Clevelândia um coronel de lá da 8ª Região. Só veio um advogado da FUNAI, nem nos avisou aqui. Aterrizou lá na Fazenda e quando soubemos que estavam lá nós saímos daqui com o chefe de posto e com o Bernardo e mais um rapaz aí das terras, nós chegamos lá e nós conversamos, mas a conversa foi tanto bonita e depois agora estão estudando, tão vendo o que eles vão bolar, e se vai ser uma coisa arenosa, então a FUNAI deve entrar em contato com nós pra falar, Olhem tal dia que o Exército vai entregar a área de vocês, vão liberar a terra de vocês, nem isso, já quando soubemos já tava lá na fazenda, nós chegamos lá nem queria conversar com nós, agora o doutor Nonato disse que eles vão preparar um projeto, eles vão ver o que eles vão fazer. Eles vão ver o que eles vão botar lá. Não sei se é gado comum, ou se é búfalo de novo. E uma coisa, nem com o chefe do Posto eu acho que ele nem tá sabendo o que eles vão res

sólver de projetar lá.

E outra coisa também, nós já fizemos também várias cartas a respeito dos dois atendentes daqui da enfermagem. Primeira vez que a nossa cooperativa tava dando uma gratificação para eles, depois já mudou com o suprimento, aí que veio pro Posto aí o Bernardo tira um dinheirinho para dar uma gratificação pra eles. Então tantas promessas que veio da Ajudância aqui que é o Rodolfo, Levamos todos os documentos dos atendentes, com quinze ou trinta dias eles vão ser contratados; foi embora desde mês de dezembro de 1982, e até agora, nem nada, nem resposta nem... eu não sei não como é que está sendo estas coisas. Então eu vou deixar a palavra aqui para Manoel Primo dos Santos.

MANOEL PRIMO: Bom gente irmão o que eu acho nós índios ser um povo menosprezado devido que quando nós nos achamos em nossas tribo, a FUNAI que é o órgão dos Povos Indígenas não atendem mais com atenção porque até por exemplo a Ajudância que é falada no Oiapoque, não se vê o chefe da Ajudância que é um chefe que está respondendo mas nada está resolvendo. Se vê um índio, não tem uma casa que possa atender o índio, não tem um... como se diz... a enfermaria no Oiapoque para atender o índio, quando ele sai de um posto médico e ele fica sem aonde se hospedar. Tem acontecido muito, ficar mendigando sentado na rua como eu já vi esperando transporte e os carros indígena. Então minha gente, por isso eu considero o povo menosprezado. E quando chega um índio que tem uma pequena capacidade que possa servir o seu lugar como atendente como qualquer outro serviço que tenha necessidade, é tudo que ele tem capacidade como eu já disse, vem de fora certas pessoas que a FUNAI contrata, que uma vez uma professora, poxa vida, ela era igual ou pior do que o índio ela tem mais... como é que se diz, prestígio que o índio, porque eu na minha idéia, eu preferia que o índio nesses cargo, saber que podia ocupar os lugares, mas é o contrário, o índio é menosprezado que ele não atende, até o presente se vê,

Tava aqui no Kumarumã doente, agora é que se vem chegar a EVS para atender o índio. Se esses índio se tivesse que morrer já tinham morrido todos, porque não tinham medicamentos por exemplo na área Kari-puna, que tem mais conhecimento. Chega o medicamento, quatro vidro de medicamento adonde tem 700 e poucos habitantes, se chegasse uma epidemia dessa de gripe, de malária, então quatro vidro de medicamento é pra malária, então esse povo morre aqui até chegar, como se diz, o medicamento. Agora está chegando mais. Eu estou vendo que tem melhora, mas eu estou vendo que pode aparecer mais. Agora chegou que eu vi, mas antes disso eu acho que eles estavam sem prestá atenção. Não sei de onde tá partindo isso, se é da Ajudância, se é da presidência da FUNAI, só quero saber com isso que quem está perdendo é o índio. Como que se fala no dinheiro que vem pra ajudar pra

aplicar não sei em que, porque eles não falam para o índio os cacique ninguém tem conhecimento, só eles que aplica lá que é que tem que ser, mas eu acho que isso é um grande erro. Podia entrar em contato com os chefe de Posto, com os cacique primeiramente, depois com os chefe de posto pra saber o que... agora eles mandam uma coisa muito contrária é que eu acho um erro, Um tempo nós falamos em serraria, falavam que não podia ter essa serraria porque não sei qual é a dificuldade, que eles não dão conhecimento pra nós. Então eu falei porque se nós não podia ter serraria se é uma necessidade de nosso povo por exemplo, eu acho muito bonito vocês ter uma casinha tudo fechada na nossa área lá por falta de madeira, de por exemplo de uma serraria só ter serra de mão mas não resolve, É que nós temos a casa aberta, então por muitas vez eu já falei com muito outro chefe. Então eu acho que por isso é que a FUNAI não está atendendo como deveria atender, então não é querer falar mal, mas eu acho que eles não tá nos protegendo, eu acho que não deve ser se não tem verba, é melhor dizer não tem a FUNAI, porque se a FUNAI não ter atendência, então antes não ter a FUNAI, porque só dizer que temos um chefe e não atender, mesmo como eu conheci antigamente não tinha chefe, chefe de fora, nós mesmo como índio resolvia nosso caso. Se os acostumaram como tendo um chefe, um nosso, a FUNAI então nós fica esperando que um dia ajude. Então a nossa área ela só vai do nada como a área Karipuna que se vê completamente abandonada, não tem motor de popa da FUNAI num tem um embalo que seja dado pela FUNAI, num tem uma luz como eu vejo aqui, que vocês tem uma luzinha; num tem na área indígena Karipuna. Não vejo, só tem uma casa de enfermaria no Manga, mas lá nos outros lugar não tem, até as casas da escola estão despedaçando, quase caindo, Então se pede para a FUNAI, pedimos também para o governo e até agora não tem nenhum resultado, uma esperança, ninguém falou, E quem tá sofrendo com isso? O índio. A quem nós podemos pedir? é ao governo da FUNAI, mas é que eu não estou vendo essa atenção. Todo tempo a FUNAI não tem recurso pra fazer bom reparo, por exemplo como é em Santa Isabel e assim muitos lugar, quer dizer que da FUNAI nós temos é um chefe no Manga, um enfermeiro no Manga, e outras região não tem nada da FUNAI. E agora que chegou um medicamentozinho, mas não tem como ter um servente da FUNAI, ou outro qualquer que dê uma vez de ir na área indígena, nem de vez em quando chegou, num pode visitar as áreas indígena, porque não tem como ir. Então quer dizer que já está quase um abandono na área e gente por isso é o que eu estou me lembrando, que eu só tenho um pouquinho de memória, tem muita coisa que eu esqueci, mas fica pra outra oportunidade. Obrigado.

PAULO PALIKUR: Meus irmãos, boa tarde. Hoje de manhã nós demos bom dia, mas graças a Deus já passamos do dia pra tarde.

Bem, ouçam o cacique Paulo Orlando Filho da aldeia do índio Palikur. Eu quero aliás levar os problemas aqui nessa assembléia para ser discutida para ser resolvida e eu vou expor o que sinto, os problemas da minha comunidade.

Primeira coisa, nós ali, nós sentimos muita coisa que faltamos pra nós é um lugar, a aldeia mais isolada de todas. Primeiramente é a mais distante de todas, como eu acabei de dizer, muito isolada, e as vezes vem o chefe da FUNAI, se ele não for preparado ele não vai morando, não vai morar, porque a distância isolada. Mas com tudo isso ainda aparece algum, a FUNAI tem manda pra nós, mas assim mesmo aparece algum chefe querendo trabalhar, mas a FUNAI as vezes, não tem dado apoio. Eu comparo aqueles homens que vieram para trabalhar em benefício da comunidade, é mesmo que o homem ter sido mandado roçar sem terçado, sem ter machado para derrubar as árvores e fazer roça. assim eu compara também.

Agora eu quero dizer, eu vou falar bem da FUNAI do que ela tem feito, e também falar das coisas que ela não tem feito, é isso. Na nossa aldeia tem faltado professoras da FUNAI, as vezes, malmente as professoras são mandadas do território, chegam, no mesmo dia voltam as vezes, dois dia, chora, chora que não pode suportar e vota. E a comunidade fica prejudicada não tem professores. As vezes também é por isso que nossos irmãos, os nossos meninos, eles não podem aproveitar os estudos e não podem aproveitar uma carreira boa. E outra, eu e o meu quinhão, minha idéia eu queria que o Governo, a FUNAI ajudasse a aldeia Palikur, que desse professores capacitados para enfrentar a barra, trabalhar ali, dentro mesmo da norma, e que são capazes de ensinar os meninos até chegar o quarto primário. E outra também, é uma coisa que eu queria pedir ao Governo e à FUNAI que desse a carreira até o fim, quer dizer, quando um menino chegar até o quarto primário ele ter bolsa de estudo, aproveitar e ingressar no ginásio pra poder preparar os próprios filhos do lugar pra ser professores, pra ser atendente e mais tarde pra ser mesmo chefe do Posto. A minha vontade é esta que sinto, porque o próprio índio é que sente, é que conhece a cultura os costumes e tradição. É o índio que sente, que conhece, não gente de fora, porque gente de fora, eles podem, a FUNAI pode preparar um chefe pra estudar, pra servir ao Posto Indigenismo, mas ele nunca pode alcançar a cultura do índio. O civilizado pode entrar no nível índio, pode passar até 50 anos, ele pode pintar os beiços, pode furar sua orelha, tudo, cabelo grande, pode usar tanga também, mas ele nunca pode se tornar índio como nós mesmo que é nativo. Assim como nós também nós não podemos tornar civilizado, não podemos. Então assim eu que sinto estou falando.

Outro os medicamentos... médico, mas se o índio não souber o Português, o médico pode ser até profissional, mas ele não vai entender, e não vai saber onde está a dor que o doente sente, ele não vai poder explicar os sintomas da doença. É isso que eu queria dizer pra ele, eu disse.

Meus irmãos o que eu sinto estou falando então até por aqui estou apresentando a comunidade e o pedido da comunidade que não deixarei de falar e estou falando a respeito desses dois atendentes porque ali estamos. Nós temos 680 habitantes então é dividido em três comunidades: Temos a comunidade, a maior comunidade que é a Vila Palikur, a segunda que é a Tauari e o terceiro é a Flecha. É por isso que pedimos a contratação dos dois atendentes e máximo recurso por, exemplo, com motor, uma voadeira para atender às necessidades da comunidade. Então outra coisa também a comunidade tá sentindo que a FUNAI às vezes tem mandado chefe para orientar, eles ficam assim desconfiados às vezes me dá um trabalho que nem mesmo eles tocam, aí em vez de desenvolver a comunidade, quer dizer, ela cai, ela fica sem saber como trabalhar, mas porque não está dentro da cultura, e outra é que vou falar também um pouco do que o seu Manoel Primo já falou sobre a Ajudância do posto. Eu vou falar um pouco, não sei para que é que é a Ajudância. É pra ajudar o índio? Mas não está ajudando o índio, o índio é que está ajudando porque ali na aldeia dos Palikur, pra mandar o índio doente pro Oiapoque, o índio que empresta gasolina para a FUNAI depois pra pagar é muita dificuldade pra receber. Isso não é Ajudância, porque olha, eu não tô falando, eu posso elogiar o que a FUNAI faz pra gente, mas também não vou encobrir as faltas que não estão ajudando a comunidade. Eu falo a verdade. Bem, mas ao mesmo tempo eu creio que se a Ajudância até agora não está construída não é por motivo de Paulo César porque eu soube por alto que eles tinham transado, negociado ao César que é delegado da FUNAI, Com o Governador do Território eles compraram o barco também da FUNAI então ele disse assim, o delegado disse: Governador se você não quer comprar o barco, eu vendo mas vamos fazer um trato, eu lhe entrego o barco e você vai fundar a Ajudância, quer dizer, construir a Ajudância. Mas até agora esse negócio não está sendo feito, ainda não está sendo cumprido, porque? e outra coisa: quando eu fiz uma pergunta do Sr. Menescau agora, semana passada, eu disse ao Menescau porque a Ajudância ainda não está sendo construída e ele me respondeu: Rapaz eu não posso nem te dizer. Eu fiz uma pergunta porque eu já sabia o trato....

Desculpe, ... tá ok, Então muito obrigado eu vou ... então eu tenho mais duas palavras só. Bem, eu disse: Seu Menescau acho que o Governador não fez não sei porque ele tinha dinheiro pra comprar outro barco da Maria Bezerra e como para construir a Ajudância dos índio ele não fez? Então sempre o índio pra nós é pra baixo, mas para o civilizado é pra cima. Muito obrigado

Emílio Leôncio fala em Palikur

PAULO ORLANDO: Ele falou aqui a respeito de professores que lá na aldeia dele não tem se tem uma possibilidade de ter uma professo-

ra, porque tem bastante crianças que está criando sem estudo! isso que ele falou,

FELIZARDO: E depois o Avelino.

AVELINO KARIPUNA: Boa tarde meus irmãos aqui quem vai falar é o cacique Avelino Carivaldo dos Santos da aldeia do Espírito Santo. Lá na minha comunidade o que eu estou sentindo é que a FUNAI nunca ajudou a gente, desde o ano de 1980 no tempo do César, ele queria nos ajudar como ele deu uma ajuda lá pra nós, mas depois acharam que ele não estava trabalhando bem, procuraram de todo jeito botar ele pra rua. A gente não tinha professora lá. Veio um professor lá depois foi embora depois ficamos sem professora! aí o César falou pra nós que não ia ter professora mais lá na nossa aldeia. Então ficamos lá pensando como era pra nós conseguir ter uma professora lá na nossa aldeia. Fizemos uma pequena reunião entre nós lá e achamos de pedir professora do CIMI, e ficamos lá meio desconfiado que ia ter bronca com a FUNAI, depois criamos coragem, pedimos, e o CIMI não garantiu que ia dar mas ele falou que ia dar um jeito, aí graças a Deus veio um professor primeiro de nome Wilson Barroso que tinha quase dois metros de altura, aí depois veio o outro professor por nome Isaias e trabalharam muito bem; lá dentro da aldeia. Se hoje nós temos aluno e aluna podemos agradecer o CIMI que até hoje está sempre nos ajudando lá e agora temos outra professora por nome Francisca, ela está lá na nossa aldeia. Lutamos um pouco até que construímos uma casa para ela! era duas professora a outra também não aguentou foi embora e eu não sei porque motivo ela foi embora e a Francisca tá sempre lá lutando pra fazer melhor para nós e para nossos filhos e para nossa comunidade também. Faz poucos dias que aconteceu um caso lá na minha aldeia que um doido brigou com um rapaz lá; se cortaram todinho com vidro e não tinha enfermeiro, tinha enfermeiro por nome Acosmo, aquele era um doido, logo na chegada dele lá sabe o que ele fez? Ele foi dar aula para uns índios lá. Um índio por nome Jukã e outro por nome Osório. Esse tá certo assim? Assim que os funcionário da prefeitura deve fazer? Ele disse pra mim que ele tinha apoio de muita gente aí de fora que ele não era qualquer pessoa que colocava ele pra rua. Aí ele pediu o motor da comunidade, ele foi lá pro Manga! e ficamos sem motor aí eu fui levar o doido pro Manga lá com seu Rubens, eu disse pra ele: Olha eu trouxe este rapaz que cortou o outro lá com vidro e ele ficou lá também ferido! e pra mim poder chegar aqui eu falei lá com o tio Coco comprar dois litro de gasolina e eu sem dinheiro e eu acho que todos os cacique sofre e passa o mesmo sofrimento que não ganha nada. Aí eu não tinha dinheiro; ele disse: Olha Avelino se tivesse mais gasolina pra gente voltar porque eu também não tenho dinheiro, mas diz lá pro teu tio que deixa que eu vou pagar a gasolina, e até agora não sei se ele pagou não. Daí e-

le veio e me disse: Quer que eu te dê a gasolina? Eu vou lá na aldeia de vocês pra me ver o que falta lá, eu estou aqui no posto sem dinheiro e o delegado da FUNAI me prometeu Cr\$700.000,00 até o fim do mês, e se não sair este dinheiro eu acho que eu vou embora, porque eu aqui sem dinheiro não posso fazer nada, eu tou enxergando o que é pra mim fazer, mas eu não posso fazer. Aí um dia ele chegou lá na aldeia, ele perguntou pra mim, esse barracão quem fez?

- Quem fez foi a comunidade.

- E a enfermaria?

- A enfermaria também! aqui não tem nada da FUNAI, o que a FUNAI já fez pra gente lá só medicamento até agora a nossa enfermaria num tem nem esparadrapo pra curar alguns doente que aparece por lá. Medicamento não tem, como é que um enfermeiro pode trabalhar numa enfermaria, assim desse jeito. Eu acho que a gente não pode não.

Nós temos um grupo mas foi construido na parte da prefeitura, uma parte da comunidade, ninguém tem nada eles não tem nada, quer dizer, até agora é assim que nós estamos vivendo lá. Tem motor e não tem gasolina, e quando chega alguma coisa que diz que a FUNAI manda ao índio e a gente vai lá pedir pro chefe do posto eles diz que não é pra dar, é pra vender. Eu acho que não é fácil. É o índio que ajuda a FUNAI, e não a FUNAI que ajuda o índio não, Que eu tinha de falar era isso. Muito obrigado.

FELIZARDO: Seu Henrique dos Santos.

HENRIQUE: Bem meus irmãos, boa tarde. Quem vai falar um pouquinho é o cacique Henrique dos Santos da aldeia do Manga.

Falando aqui sobre o que meus colegas já falaram, eu também sofro a mesma consequência do que eles falaram, que a promessa há muito tempo existem até agora, não foi cumprida ainda nada.

Chega o delegado na aldeia, faz reunião promete tanta coisa pra nós e no fim nada está resolvido até agora. Porém falando em Ajudância, como o meu colega Manoel Primo dos Santos acabou de falar que foi criada, a Ajudância para ajudar os índios mas até agora nada foi feito, tem um funcionário que veio organizar, passou uns dias aí, foi embora pra Macapá e até agora não voltou ainda. Tinha uma verba aí que todo mundo sabe que tinha Cr\$700.000,00 que era pra fazer, construir uma casa e outras coisas aí das comunidades, eu acho que não foi feito nada e todos sabem disso. como todos já reclamou, então a mesma coisa também eu tô reclamando porque eu sou cacique da mesma aldeia e sei todos os sofrimentos que eles também estão sofrendo.

Sobre professores, como o Avelino acabou de falar também sempre existiu dificuldade lá na nossa aldeia do Manga, mas graças a Deus, do ano passado pra cá tudo tem melhorado, graças a ajuda do CIMI. Até agora tudo está indo bem, estou satisfeito.

Sobre saúde, temos um atendente que graças a Deus até hoje trabalha muito bem com a gente. Todo mundo está satisfeito com ele, mas isto porque é sempre uma comunidade que se ajeita uma maneira que quando eles falam de querer tirar ele, de mandar pra outro lugar, a comunidade vai logo em cima e não deixa né, a gente precisa dele sim. Se tirar quem é que fica trabalhando? E sempre aparece doença de vez em quando. Aí sempre vem com uma conversinha, vocês estão aqui pelo Oiapoque, qualquer coisa vocês correm ali no Oiapoque. Sim eu estou sabendo disto, mas é que a vez, cadê transporte? A FUNAI nunca deu transporte pra nós. Se temos um transporte ali, um caminhão, um mercedes Bens, isso foi o nosso trabalho, reunimos pra arrumar dinheiro e comprar esse caminhão como compramos, e até hoje temos esse caminhão e se não fosse isso, se fosse esperar pela FUNAI não tínhamos nada ainda até agora. Portanto meus amigos. eu acho que como o Paulo acabou de falar, eu não tou falando contra a FUNAI, eu tô falando contra os que estão administrando a FUNAI que eu sou contra. Bem meus amigos por hoje é só que tem ainda quem quer falar. Bom, gente pode continuar amanhã! obrigado.

FELIZARDO: Manoel Sebastião dos Santos do Açaizal.

SABÁ: Meus amigos senhores e colegas, boa tarde.

O sentimento que eu tenho do meu lugarzinho é não ser olhado pela FUNAI e por ninguém! já pedi professor que cansei, ninguém me atendeu e nós vivemos lá sempre naquele! sem ter socorro nenhum são esses só os meus sentimentos. Talvez hoje em dia eu falando, pode me prestar bem atenção.

FELIZARDO: E depois seu Geraldo Lod, cacique do Galibi do Oiapoque.

GERALDO LOD: Meus amigos, boa tarde. Mas pra mim a queixa é só uma só, que todo mundo está se queixando é verdade, não sei porque que eles deram o nome da FUNAI. A Fundação Nacional do Índio. sim, que chama funeral nacional do índio, seria melhor que a FUNAI quer acabar com o índio. De vez em quando diz os outros que não tá vendo nada que a FUNAI tá fazendo pelo índio! bem do contrário, quando chega alguma coizinha! dinheiro por exemplo, o chefe do posto que vai chegando, parece que a gente fica sem jeito, o corpo dele parece que está se coçando de todo lado! parece que tem irritante no corpo dele. como queria acabar com aquele dinheiro, e deixa o índio sem nada. Portanto como os outros fala todo mundo é da nação, tudo da raça! tudo sem educação! sem nada, então índio bem educado seria muito bem! como todo mundo precisa de enfermeiros e professor talvez vai ser mesmo prefeito ou governador. um índio bem educado seria um governador mesmo, assim sem educação nada...

... por exemplo o meu lugar, mandaram construir a casa do seu Menescau, só casa, nem banco nem nada assim, pode perguntar pro seu Bernardo que passou já lá. Agora tem dois cadeirinha que foi doada por dona Maria Bezerra. A comunidade ele foi lá disse. não tem na da medicamento, se eu não grita que não tem, gritar para as crianças! pra mim não devia ser não e eu estou criando quanto posso, para isso que eles vão poder sustentar eu vou ter dez mulher será que eu vou sustentar dez mulher? eu não posso, a vida que nós tamo hoje em dia eu não posso, nem com duas, e assim FUNAI para ganhar dinheiro em cima do índio, eles estão criando! como já disse mesmo lá em Belém. Obrigado... fica mesmo abaixado, mas eu diz mesmo eu falo uma coisa é verdade, é coisa que a gente tá vendo, mas é sim. Índio não tem medo de falar, por isso mesmo que até mesmo talvez um padre teria ensinar índio a ser ponteiro final! é o que eu disse, como sempre foi, por isso que lá em Belém mesmo na delegacia aquele falando mais quem fala? Quem fala é a autoridade, você está pedindo uma coisa é você é meu pai, se você vai ser um belo pai, se não dá nada pra seu filho, ele vai gostar de você? Negativo! assim também é FUNAI, uma FUNAI trabalhando bem. ninguém vai se queixar contra a FUNAI, nada mesmo, como é que eu não me queixo do seu Bernardo que já passou lá com a gente...

... pois é minha gente, o civilizado chama índio pobre vagabundo, portanto eu nunca vi um civilizado a ser filho do rei, nascendo cagando ouro, eu nunca vi isso no mundo! qualquer lugar do Brasil... o índio mesmo bem educado, que ele não sabe roubar, ele nunca foi mandado lá em Brasília pra fazer curso pra ele saber roubar na ponta da caneta, tudo que vem já sabe roubar, e diz que foi fazer curso indigenista, mais pra saber roubar, sertanista é roubado no mato, você pensa que eles tão correndo atrás dos índio, está na terra aí o padre são assim meus amigo, só isso que vou dizer.

PAULO TIKUNA:..E monitores de saúde, o chefe de posto, índios na minha área, nós fizemos o seguinte: a gente com essas reunião aqui é muito importante porque com essa reunião a gente vai aprender alguma coisa com os outros, os nossos irmãos, A primeira reunião que eu participei foi em 80 nos Satere, e aqui com essa reunião, eu peguei não muita experiência, mas alguma orientação dos outros, então o que a gente faz pra sair a contratação dos professores, nós fizemos o seguinte, nós precisamos de bastante reuniões, bastante união, e depois fizemos uns abaixo-assinados, e encaminhamos para a FUNAI. Primeiramente encaminhamos para o posto, mas não resolveu, encaminhamos para a base, a base não resolveu. Exigimos um projeto de Cr\$430.000,000,00 pra exigir da FUNAI, e esse projeto foi aprovado mas não tenho certeza ainda quando é que vai sair o dinheiro. e que eu acho que todos os índios, não só daqui, mais os outros que estão aqui, acho que pra gente conseguir essa contratação, tem que

exigir mesmo da FUNAI, porque a FUNAI trabalha mesmo pro índio a FUNAI não trabalha pro branco. E o chefe do posto, ele tá pra defender o índio, ele tá pra fazer aquele projeto, aquele que o índio pedir, e brigar com o presidente pra contratar os professores. Nós da nossa área, os professores são Tikuna mesmo, e contratados pela Prefeitura, mas a prefeitura não paga o salário dá apenas uma gratificação, e que a prefeitura pediu a gente que fosse exigir da FUNAI a contratação, e que a gente tá esperando até o fim do ano os professores serem contratados pela FUNAI e que nós conseguimos afastar o chefe de posto da nossa aldeia, que só tem três chefe de posto agora, mas nós tá tentando afastar ele agora pra colocar o próprio índio, porque a gente trabalhando colocando o próprio índio no posto, a gente vai ter melhor trabalho, porque todo chefe de posto que chega na aldeia, faz curso, pra que que ele faz curso, só pra enganar o índio, só pra ganhar o dinheiro, pra mim não interessa. O chefe do posto, ele tá ganhando dinheiro pra defender o índio e trabalhar com o índio, agora pra isso nós precisamos ter um conselho bem forte mesmo, porque a gente, nós temos o nosso próprio conselho. Eu no momento, eu tô como presidente do conselho da tribo tikuna, então eu acho que vocês devem ter conselho de vocês pra vocês exigir a contratação da FUNAI. O que eu tenho pra dizer pra vocês é isso, e se for possível eu dar mais uma explicação depois.

DANIEL: Bem pessoal, a gente teve oportunidade de ouvir as queixas dos tuchauas Felizardo de Kumarumã, de Manoel Primo dos Santos, da aldeia Espírito Santo e de Paulo Orlando Filho de Urukauã, de Emílio Leôncio de Tawari, que falou em dialeto, Avelino Carvalho do Espírito Santo, de Henrique dos Santos do Manga, Geraldo Lod de São José do Oiapoque, Galibi. Então qu quero me dirigir a toda essa comunidade, a todos vocês que estão aqui presente, a rapaziada, as crianças, as meninas, as senhoras, as mulheres e todas aqui presentes, eu só queria dizer o seguinte, que essas queixas que os Tuchauas daqui da região estão trazendo, são reclamações muito esclarecidas com outros índios de outras partes do Brasil. Em todas as partes do Brasil os índios reclamam muito da FUNAI, que a FUNAI promete muito, os seus chefe de posto promete muito. Os índios falam que os delegados da FUNAI promete muito e nunca se resolve nada, e isso ficou mais uma vez confirmado aqui no depoimento daqui dos Tuxauas que representa aqui toda essa região aqui norte do Amapá. Agora como o Paulo Tikuna tava dizendo, é necessário a participação de toda a comunidade, porque esse não é só um trabalho dos Tuxauas não é só do cacique, é um trabalho que a gente quer participação de todas as pessoas, rapazes, jovens, mulheres e moças, porque o tuxaua sem a participação da comunidade, ele não consegue fazer nada. Então nós estamos aqui há mais de dois dias pra gente conversar sobre esses problemas, e os nossos irmãos índios que vieram também.

nós que viemos de outros Estados, nós também vamos trazer a experiência que temos, fizemos nas nossas áreas porque todo índio que é conhecido como índio, ele tem dificuldades ele tem problemas pra ser enfrentado, e uma das grandes coisas que tem que ser feito aqui é fazer um conselho tribal que trabalhe junto, ao lado do tuxaua, do cacique, do chefe. Esse conselho juntamente com tuxaua, com o cacique, tem que estar sempre de olho aberto em cima dos chefes de posto da FUNAI, em cima dos delegados porque se eles prometem muito exigir é o nosso direito de exigir e procurar mais orientação de quem tem mais conhecimento do problema.

Então a moçada aqui, os rapazes, porque o futuro, a salvação do índio não está no homem velho que já está perto de morrer. está sim na juventude aí, é que vai salvar o futuro dos índios. se essa juventude de agora não se interessar pelos problemas da comunidade, eu só posso dizer pra vocês que a comunidade está sujeito a sofrer cada vez mais e mais, porque quem vai salvar o índio é essa rapaziada forte que existe aí. Que tem força que tem inteligência, que tem condições de levar a luta da comunidade indígena nossa aqui né, porque aqui na minha viagem vindo para cá, tem o caso aqui do seu Henrique né, é a primeira vez que a gente está vindo aqui na aldeia Kumarumã, tem outros tuxauas aí que não conhecem outras comunidades. Então isto como luta indígena é muito ruim pra nós, porque os tuxauas, as comunidades tem que se conhecer melhor tem que discutir mais os problemas. É daqui que parte, minha gente, a arma pra gente ir né, pra libertar nós dos nossos sofrimentos. Não adianta um tuxaua ir lá sozinho brigar lá pela comunidade, outro aqui, outro mais acolá, isso não vai resolver nosso problema minha gente. É a união do pensamento, é a união de forças que vai resolver os nossos problemas. Eu não sei se dá pra todos entender o que a gente tá falando, então eu acredito pessoal que essa reunião aqui faz parte, nós que estamos vindo de outros Estados, nós estamos trazendo nossas experiências, as nossas lutas, os nossos dissabores, porque, que nem é o caso do dos Tikuna, dos Tukano aí do Rio Negro, é que se organizam em comunidades onde toda a comunidade participa. Inclusive se cria um conselho tribal e eu perguntaria aqui pra vocês se vocês tem conselho tribal. Quer dizer que nesses casos não temos o conselho tribal. O tuxaua tá lutando sozinho, e se o resto da comunidade não se interessa, não adianta nada o tuxaua quebrar a cabeça sozinho, isso não vai resolver não é? Então a minha mensagem que eu dirijo a toda a comunidade então é essa experiência que a gente já tem. Tem aí o representante da União das Nações Indígenas, que ele vai ter oportunidade de dizer o que ele pensa, até o irmão dele, que trabalha com ele, então o índio tem que se organizar, o índio tem que sair desse isolamento, cada um no seu canto e eu pra cá né, o índio tem é que se conhecer, o índio como toda uma comunidade, como uma família única. Daqui do norte ao sul tem índio mi

nha gente, todos os índios batalhando! e só aqueles índios que resolveram lutar unidos, é esses que estão alcançando a demarcação das terras, esses índios que resolveram se unir é que estão conseguindo professores, seus enfermeiros! esses índios que conseguiram se unir é que estão conseguindo a demarcação de suas terras! são esses índios que com força, estão conseguindo tocar fora da área deles os intrusos que estão entrando. Minha gente, a formação do índio está na nossa união! porque de promessas nós estamos cheios. Você vai a Brasília, vai na delegacia regional da FUNAI, em toda parte é a mesma coisa minha gente. Pensar em assumir a responsabilidade, dentro da comunidade, ajudar o tuxaua, ajudar os professores e ajudar os enfermeiros, eu acho que é isso que vai salvar nós minha gente, o resto eu acho que é tempo perdido a gente pensar em lutar cada um pra si.

Então, a gente vai ter um cafezinho agora e depois a gente vai convidar os representantes de outras áreas do Brasil! que também vão tratar os problemas. Não é só aqui que vocês tem problemas! nós também temos os nossos problemas, então é isso e obrigado.

CLEMENTE: Bem meus caríssimos irmãos índios e brancos que se fazem aqui presentes, meu muito boa tarde. Nesse momento eu chamo meus companheiros, que são eles Raimundo Tembê, Oscar Tembê e Felix Tembê, por favor, será que eles não estão aqui?

Bom, Avelino pode presidir! e vamos dar sequência no nosso trabalho. Eu pela primeira vez que compareço aqui pra participar de uma assembleia, eu quero pedir pra meus irmãos que se tiver uma falha minha vocês queiram me desculpar, mas eu estou aqui! para representar a nossa comunidade Tembê. Eu sou o representante dos cacique do Alto do Guamã, município de Ourém no Estado do Pará. Eu estou aqui porque os meus irmãos, muita gente que estão aqui que não são índio, mas tão participando, acreditar que lá no Guamã tem muita que fala que eu acredito que já tenha lido no jornal que lá no Guamã não existe índio. Então eu estou aqui para representar que existe índio Tembê, e trouxe os três companheiros. Agora é uma coisa que eu acho que o pessoal pode até num ficar gostando muito da gente porque a gente num tem costume de fazer certos trabalhos! mas o nosso problema lá é um problema muito difícil de resolver! porque pelo menos eu acho que a nossa questão da nossa área! como já vi no MENSAGEIRO jornais, que nós estamos perdendo a nossa terra. Então nós estamos lutando todos juntos pra ver se a gente consegue a metade dessa terra. E nós viemos aqui para dar o nosso apelo e ao mesmo tempo ganhar uma orientação dos nossos irmãos aqui também e outros lugares! porque a nossa situação! é que é difícil. Os brancos lá tão acabando com nós. Nós somos 380 índios Tembê! mas se for ajuntar os brancos que estão trabalhando na terra! dá muito mais de mil pessoas, e estas pessoas, a gente pode dizer! que a gente não tá encontran

do um recurso para lutar com eles porque nós não temos apoio da nossa delegacia que se chama FUNAI, a 2ª DR, porque nós pedimos o máximo pra ele, de nos ajudar e até hoje tudo negativo. Tudo negativo porque eles não tem acreditando muito, eles mesmos já disseram que se lá existe índio é pouco. Mas por prova nós temos que tem índio lá que são nossas pessoas e tenho testemunha disso porque tem pessoas do CIMI que estão trabalhando lá com a gente, dando um apoio pra nós, e conhecem e podem dizer pra vocês lá no Tembê existe índio, se eles lutam pela terra dele é porque tem. Porque se nós não fosse índio, naturalmente a gente não ia ser convidado para estar aqui, porque nós somos pobre, mora longe, nós não somos sadio pra tá viajando, passando dificuldade. Mas graças a Deus que nós, a pouca ajuda que nós tem arranjado, o CIMI tem nos ajudado, e nos trouxe até aqui pra fazer essa representação pra vocês. Então eu acredito que lá também existia problema de professores, as professoras lá prometida pela FUNAI, nunca apareceu, então certo dia apareceu lá um cidadão do CIMI, conversando com a gente pela primeira vez que ele foi lá pra procurar saber como que a gente está vivendo lá, aí nós reclamamos sobre o problema de professores que a gente não tinha lá, Tem muitas criancinha lá sem educação. Aí nós falamos pra essa pessoa se ele podia arranjar uma professora pra nós. Ele disse que não garantia, porque promessa é dívida, tem que pagar, mas ele ia lutar pra ver se podia adquirir a professora. Bem, quando foi lá na metade do ano chegou uma professora lá, ela se chamava Noêmia. Ensinou até o final do ano, e aí com as nossas forças se juntamos e fizemos uma escola. e quando foi no final do ano ela foi embora. Aí tivemos outra reunião, e essa pessoa perguntou se a gente precisava de professora, nós sempre queria porque era o que tinha nos ajudado, e prestigiar aquela pessoa que estava prestigiando a gente, aí quando foi no começo do ano apareceu uma professora pra nós. Uma professora é lá dos Tembê. Agora nós não estamos pagando, só tem a assistência de comida é isso que nós temos. Agora os outros problema que a gente tem pra contar eu vou deixar mais um pouco pra frente porque tem muita gente pra falar. Vocês vão me desculpando e boa tarde.

ROBERTO CRIXI: Então boa tarde meus irmãos, Eu não tenho nada o que dizer porque nós não trabalha com a FUNAI nós trabalha com os padres Franciscanos. Mas eu acho que nós também vamos perder as nossas terras, porque a nossa área está demarcada pelas mãos dos índios Munduruku de fora de nossa área e os pessoal que trabalha com seringa estão fora do serviço deles e do trabalho, então eles tem que prevenir antes, que se for procurar para fazer depois como os Tembê, fazer antes dos fazendeiros chegarem, dos posseiros. Então a gente veio participar aqui desta reunião de assembléia aqui no Kumarumã. Eu acho que nós temos uma oportunidade. A primeira é a

oportunidade de nós falar com o delegado sobre a nossa terra porque senão nunca vai ter demarcação, que nós cansa de falar, nós tá cansado de falar em reunião pra resolver esse problema lá da nossa terra e da demarcação da nossa área que nunca foi feito, então eu não vou reclamar. Eu vou reclamar com o delegado da FUNAI sobre isso, assim reclamando em reunião não adianta nada, nós temos feito reclamações, mas eles não tem feito nada, e outra coisa, tem uma preocupação que nós temos lá na nossa área, é as garimpera dos brancos, tem muitos garimpo lá na nossa área, inclusive no Rio das Tropas. A água preta, a água branca, tudo naquele rio tem os garimpeiros aproveitando a produção da nossa áreas, e nós sempre enganados pelos brancos, eles que tomam a produção da gente. Eu disse isso é porque a gente nunca tem nada, a gente trabalha muito, trabalha e dois ou três meses e quando volta pra casa não tem nada. Só da mesmo pra gente pagar as despesas que a gente gasta lá, então é isso que eu tenho que dizer.

VENÂNCIO: Bom pessoal, aqui eu vou falar um pouco, mas eu vou contar o nosso medicamento nós tá precisando, nós tá usando remédio do mato. O remédio do mato é muito importante pra nós para a malária, pra dor de barriga, pra tudo nós dá remédio do mato aqui na nossa área mais o medicamento, nós tem na missão, não precisa de medicamento, que eu tenho de falar é só isso que eu tenho pra dizer.

FELIX fala mem Munduruku, Roberto traduz.

ROBERTO: Meu nome é Roberto Crixí lá da aldeia Munduruku, porque eu falo pouco, lá tem professores,

... nós precisamos de professores, de hospital...

- Então ele falou que lá tudo tempo tem remédio graças a Deus a gente tá lá todos, bem não falta nada.

JULIANO: Terceiro é o Bakairi, vai falar o Bakairi agora, o Juliano Pauaka é sobre problema da terra, saúde, desse que nós quase não tem, nossa terra já é demarcada, mas falta fazer revisão, é que o colégio que nós também não tem, nós sempre sentia necessidade de professores, a gente esperava pela FUNAI mandar, a gente sempre pe dia, mas nós nunca temo na nossa idéia, mas nós vamos pedir agora, vamos falar com o presidente, levar lá pro coronel, falar pra ele que nós temos que colocar uma professora índio mesmo, professor índio, então agora tá funcionando assim lá na nossa reserva. Professora índia tá funcionando, índio mesmo professor, aqui tá tudo bem...
...É só ganha dinheiro bastante, e o índio ensina português e a língua também, e isso eu acho muito importante isso, e é primeira mão também não é branco também, tem índio também, duas índias e um índio e nós lutemos pra conseguir isto nós mesmos. Sobre a demarcação de terra, esse nós tivemos que fazer uma revisão, se a FUNAI tirar esse ano não garantir fazer a revisão, tô esperando a promessa da

da FUNAI, não vai pra frente, se nós vamos esperar mais um pouco aí nós vamos enfrentar, vamos fazer a picada na medida certa, e eu acho que por hoje é só isso porque tem mais amanhã e depois de amanhã. A vez tem alguma coisa que eu sinto mais, alguma coisa também sobre U.N.I. eu tenho alguma coisa pra falar disse, que eu não tô compreendendo muito bem, e é só isso.

FELIZARDO: O Canoeiro.

NICOLAU: Bom pessoal, mais uma vez nós vamos ver a situação que cada grupo, cada nação sente as necessidades nas suas áreas. Da minha parte nós não temos quase problema de terra, nós temos terras demarcadas. E outra coisa que a gente nunca usou na área, precisou de FUNAI. Nós fomos criados desde criança que nós fomos criados como órfãos, com cinco anos fomos criados no meio de um colégio como órfãos, mas da nossa tribo a gente nunca saiu. Agora tem um que também foi prefeito do Mato Grosso, e então quanto a isso de atendimento de médico tudo, nós temos professores, índias mesmo, temos enfermeiras índias mesmo. Entre a nossa tribo a gente faz o tratamento lá mesmo, agora o que depende lá muito é a união do nosso povo, Toda semana, no fim da semana os povos que moram na outra parte, são convidados, todo fim de semana nós temos reunião, e tudo participa da reunião. Na hora de fazer qualquer coisa, o povo tá todo pronto qualquer hora. Agora eu sei que vocês fazem reunião assim de vez em quando entre vocês mesmos. Porque a única coisa que salva a tribo é a união de outras, um sozinho não é capaz de fazer nada, então quem faz a força é a união, sem união você pode ver, o Presidente da República, se ele tiver sozinho e não tiver os outros ele não pode fazer nada, aí mesmo nossa união eles só fazem é destruir mais o índio. Acho que ainda tem vários pra falar, então é só.

CARLOS: Meus irmãos índios boa tarde. Em primeira coisa coisa eu vou falar pra vocês, contar a minha situação que eu passo no Mato Grosso do Norte. Meu nome é chamado Carlos Karajá.

Eu passei, nós passamos noite ruim no MATO Grosso, a FUNAI não dava assistência a gente, porque o primeiro chefe deles que era o meu avô não reclamava o povo da FUNAI, primeiramente levava os Peri, mas os Peri não ajudava muita coisa, mas agora depois que criou a lei 6001, aí que teve um, uma ajuda pra todos índios, aí meu avô alcançou assim mesmo mais não adiantou nada, e ele perdeu a terra cada vez mais e depois fizemos uma reunião entre nós mesmo, sem botar Tucurinim, só comunidade, pra escolher um das pessoas da comunidade Karajá do Mato Grosso. Então escolheram eu e o meu tio, os dois meus tios, para ser escolhido um desses tres, aí eles me escolheram e eu sou mais novo do que eles, mas não sei qual a vantagem que eles acharam que eles me escolheram para ser cacique da tribo. De-

pois disso eu entrei pra chefia da comunidade e eu não sabia o jeito que eu podia fazer, porque eu não conhecia como que eu podia batalhar, podia conseguir a minha terra de volta, e depois fui pra reunião ouvir aquela pessoa que lutou e batalhou e ganhou sua terra. Então eu fui ouvir pra fazer também pra ganhar direito que ele ganhou. Porque eu também sou do jeito dele também, então por isso eu participo até agora nas reuniões pra ser convidado e eu que sempre eu vou, pra ter mais ideia bastante daquele pessoal que tem ideia bastante. E aí com pouca coisa já resolvi alguma coisa pra comunidade. A comunidade, é a mesma do jeito daqui, o mesmo sofrimento daqui dos índios Karajá, mas como eu estou indo com aquelas pessoas que tem ideia pra resolver seu problema sua precisão, e com eles também aprendi um pouco, vou reclamar à Funai. Eu não vou com o chefe do posto, eu não vou com o diretor do parque, eu não vou com o delegado, com o dono mesmo eu vou, com o pai dele mesmo, com o presidente. Eu não vou com empregado deles, porque com empregado, ele vai dizer que ele não sabe resolver, não sabe dizer, ele não pode garantir nada, então a gente não deve ir com empregado. A gente deve ir com os pais deles. Então isso eu procurei e o primeiro presidente que eu encontrei, que era Nobre da Veiga, não conseguiu nada, ele me respondeu que Karajá no Mato Grosso, não oferece terra não pro Mato Grosso, é porque ele tem um grande reserva na ilha do Bananal, e eles tinham mais outro reserva no Mato Grosso. Isso é a resposta que tive com o primeiro presidente ali no gabinete dele. Então eu perguntei a ele porque o índio não pode ter uma área aqui no Mato Grosso? É porque todos índios, onde o índio tiver, é lá que ele mora. Pra mim esse caso é um caso muito errado. Eu acho muito errado da Funai, porque pra mim uma casa da Funai, obrigação deles é pra ajudar o índio aonde tiver. Então esse é um obrigação da Funai. Mas ela não cumpre o que ela pode fazer pro índio, então ela nunca cumpriu a lei que é pra ser feita pro índio. E não faz nada com o índio. Então assim larguei de mão esse presidente, logo assim que ele sair da presidência da Funai. Aí muitos índios fizeram festa na saída dele. Xavantes dançaram o dia e a noite na saída dele, porque esse presidente não prestou, ele é um presidente muito sem vergonha mesmo, eu não gostei dele, eu considere ele como criança, como menino desse tamanho, ele pra mim não valia nada, então eu larguei ele logo de mão, eu logo me esquitei com ele. Então depois que entrou o Paulo Moreira Leal, então todos os índios iam lá e diziam que ele era uma boa pessoa, que ele é bom presidente da Funai, que ele tem boa vontade pra resolver qualquer problema do índio. Então como eu era atrasado com minha comunidade, e precisar atender pessoas e outras coisas, comunidade das outras aldeias, isso nós não teve até agora, nós sempre tá batalhando. Só sei que eu não vou largar ele de mão, porque o órgão deles é pra ajudar o índio, e lá na nossa aldeia nós

vamos adquirir isso da Funai, e assim eu vou a Brasília, e eu nem convidei ninguém, só convidei minha comunidade que nós ia lá, vou botar nossa situação pra presidente, pra ver o que ele vai dizer, e assim eu fico com ele. Cheguei no passeio do chefe do posto e no passeio do administrador do parque, e eu não passei por ninguém, passei direto pelo São Félix do Araguaia, passei e fui pra Barra do Garça, aí o dinheiro só deu pra ir até Barra do Garça. Aí eu fiquei. A gente levou bastante artesanato, pra qualquer coisa a gente viajar pelo mato, mesmo como pensei, o dinheiro não deu pra gente chegar até Brasília, e a gente resolveu de vender o artesanato pra continuar pra Brasília, e assim a gente vendeu. O Mario Divino apareceu, é que eu tive com ele em São Paulo, ele não acreditou. — Rapaiz o que que voce anda fazendo ? — Tou indo pra Brasília e tou sem dinheiro. — E porque voce não vai na Ajudância ? Ajudância é pra ajudar o indio, voce chega lá e eles te dá um pouco de dinheiro pra voce chegar até Brasília. Aí eu cheguei lá, conversei com Paulo Moreira Leal, aí ele disse pra mim:

— Carlos, então voce é o Carlos, cacique da aldeia São Domingos, Mato Grosso ?

— ^{Sou} Sou:

— Então o que voces tiverem de falar, voce vai com o diretor que é o Gerson, ele escreve pra mim, e manda pra mim, assim eu vou ficar satisfeito com a sua resposta, e depois eu vou ver o que vou fazer com voce. E assim eu voltei rapidamente pro apartamento do DGO e conversei com o diretor que tambem é um cara muito legal, Dr. Gerson. Ele mim levou outra vez, e no mesmo dia que nós conversemos, que fizemos esse documento, à tarde ele foi me falar.

— Carlos, primeiramente, vou fazer levantamento de sua área, é que é o principal de voces. Depois da terra demarcada, eu vou lhe dar madeira, vou lhe dar cimento, eu vou lhe dar professor, chefe de posto na sua área. Depois da terra demarcada, certo ? Então dia 10 de novembro eu vou mandar um topógrafo na sua área pra fazer levantamento da sua área, depois disso a gente fazer a demarcação. E assim mandaram um topógrafo e lá fizeram uma demarcação a limitação da área, então levaram a Brasília, aí eu fui atrás saber como que ficou. Ai eu cheguei em Brasília e perguntei pro diretor, e ele me disse que eu podia falar com o diretor da DEP, que é o chefe do trabalho da área indigena que ele poderia me dar a resposta. Aí ele me deu a resposta que o presidente assinou pra fazer a linha. E assim tá o negócio até agora, nós só esperando por ele também, que nós indio, quando a FUNAI promete nós fica esperando até morrer a demarcação, então assim eu estou até agora esperando, mas agora eu não vou esperar mais eles. Aí assim foi por causa dele que procurar na testa dele, que meu cemitério tava invadido, que os fazendeiros tinham passada o trator "im riba" e aí foi que eu entrei na chefia. Comecei procurar também os fazen

deiros, e esses fazendeiros, graças a Deus devolveram minhas terras, um pedaço que tinha que era o cemitério. É uma área de 3.000 hectares, e ele me devolveu, ele me entregou esta terra de mão beijada, que nunca tinha visto um fazendeiro entregar assim por ele mesmo, e assim eu estou muito satisfeito com o pedaço que eu tinha na área que eu limitei, a área que eu precisei dentro dessa área.

Meus amigos, por enquanto eu só vou falar isso, porque amanhã a gente tem que falar sobre problema desses outros com que a gente poderia fazer, que a gente poderia dar uma ideia a eles e ajudar eles. Boa tarde.

FELIZARDO: Depois os Krahô.

ANTÔNIO: Boa tarde pessoal, eu não vou contar muita coisa porque tem amanhã e depois. Eu conto o problema na área Krahô. Tem muito estudante aí pra que o congresso, que sabia, que imaginava aqui em Brasília que o branco gosta de passar perna no índio. Antigamente o chefe do posto da FUNAI era só fazer promessa, e não cumpria. E a gente tem que estudar também no colégio de branco, mas foi indo, foi indo que atrasou não o branco, que nós tava querendo lutar também, mas depois foi indo, a FUNAI não cumpria. Estourou a bomba na área Krahô, todo mundo sabe. Alguém sabe que a bomba estourou na área Krahô. A FUNAI sempre fazia assim, mandou a polícia né, pra acabar com a aldeia né, e nós não somos milico, nós perdemos da polícia, a FUNAI é a maior das forças na polícia, nós perdemos a área pra polícia. Como é que nós resolvemos, nós falamos com o chefe do posto, nós se agarremos com esse empregado da FUNAI. A área Krahô não tem mais chefe de posto, não tem atendência, índio mesmo é professor, ele mesmo é atendente. Porque a FUNAI, lá é assim, o lugar é dos brancos. Os índios, ha professor pra nós, espero que continue, não pode deixar o branco tomar a área. Tomar lá a nossa área. Ta tudo demarcado, num cria problema, não cria nada. A turma diz que a FUNAI tá mandando a verba...

FELIZARDO: Índios Karajá.

CARLOS: ... eu falei que a gente precisa da FUNAI, e a FUNAI nunca deu nada... Ele não cumpriu a palavra dele, e depois ele mandou fazer uma casa pro índio, uma grande casa pra ter farmácia na mesma casa. E até ele construiu, e eu sabia que não saia nada mais, assim mesmo eu mandei a comunidade fazer, e eles fizeram uma grande casa pra nós, maior que essa casa aqui, só que é coberta de pau, uma casa bonita, porque ia ter atendente, ia ter professor lá dentro pra ensinar pras crianças, e assim apareceram as missões. Eu tive contato com a Prelazia de São Félix, e assim eles começaram a me ajudar e tanta coisa também. Apareceu o Dirceu e a Rosália, a... me esqueci o nome da moça que dá remédio a gente, aparecida porque a gente estava precisando de uma atendente, de um professor,

e a gente aceitou pra eles trabalhar na nossa aldeia, porque nós sabemos que nós não temos atendente e nem professor. e assim a Rosália e o Dirceu e a... Esqueci o nome da menina, e aí a FUNAI começou a chegar, o diretor chegou, aí disse, você já aprontou a casa, eu disse já aprontei. Aprontei mas você não cumpriu a sua palavra, não cumpriu a palavra dele, não é homem. Eu considero criança porque criança promete e não pode cumprir, porque ele é criança. E assim eu considerarei o senhor como criança. E depois apareceu a chefe da FUNAI que não aceitei de trabalhar, como que você pode aceitar um, como que você pode aceitar, você é um louco, você é um... eu não sei nem o que dizer, só sei que você é um louco, você quer aproveitar as coisas, vocês só sabem aproveitar o índio. Vocês não querem botar o interesse de vocês no índio, agora como eles estão aí vocês tira fazendo um favor esse pessoal que eu vou trazer agora, o chefe do posto o atendente e professor. Nós combinamos que todos nós aqui, todos índios que manda na aldeia deles como nós. Nós podemos fazer que quiser na nossa área, nós podemos fazer na nossa casa o que quer. Então assim, eu com a comunidade segurei e até agora estão seguros que eu falei pra ele. Não tem porque quem manda aqui sou eu com a comunidade. Então assim nós temos professor, nós temos atendente. Não precisa de professor nem atendente da FUNAI. Nós tamo precisando da FUNAI só pra fazer a demarcação da nossa área. Só isso que eu tô abusando da FUNAI, mas de atendente e professor eu não vou mais abusar, porque eu tenho atendente, porque eu tenho professor, agora só tô precisando da FUNAI, só isso que eu quero, que ele faz a demarcação da minha terra. Só isso.

FELIZARDO: Os Tukanp.

AMÉRICO: Aqui eu estou representando, como eu já falei pra vocês o Alto do Rio Negro, limitando o Brasil com o Colômbia. Eu sou líder da comunidade de Paricachoeira e acontece que aqui o pessoal conhece todo representante do Alto do Rio Negro e eles, eu não sei também, acontece que ele andava na cidade grande, e não tinha nem uma comunicação com o Alto do Rio Negro. E agora eu tô aqui. Eu passei foi sete anos e oito meses, daí eu cheguei lá no mês de junho do ano passado. Lá em Paricachoeira. E o pessoal diz o que é que você tá fazendo aqui. Aí acontece que eu perguntei pro representantes, os dois irmãos. Vocês todos devem saber que esses dois irmãos é ... deixaremos as outras tribo também. E foi mesmo assim, agora eu sendo o chefe, por exemplo eu não consegue trabalhar pelo outro. Trabalhar de outra família, da outra tribo, da outra região. Então foi esse motivo pra nós lá não houve nenhuma comunicação, e daí a eleição passada e eu fui lá, estive lá na região e com o meu pessoal. Então por esse motivo agora pra nós não existe. Porque uma vez que os Tuxauas não

resolver o problema do seu povo, pra nós não interessa que ele é chefe. Pelo isso nós decidimos nos últimos tempos trabalhar como democrata. Agora eu vim aqui, primeira coisa é que eu tenho papéis preparado por mim que os pessoal tem me apoiado. Tã na minha mão, porque o interesse deles é ter gostado da minha pessoa, eu tenho um bocado de experiência na vida da cidade, no interior. Quando nós tem que passar pra cidade é permitido. Cheguei em Manaus há pouco tempo, depois que eu saí de Manaus e falei lá com o coordenador do CIMI norte I, Alzira, eu falei pra ela que eu tinha vontade de trazer dois, não, seis líderes comigo, Sete pessoas e eles vinham do Amazonas, falar com o Governador do Amazonas e no fim **quando** cheguei em Manaus, e agora pra cá e pra lá sem recursos e não consegui. E agora eu vou pedir uma coisa ao CIMI, pedir uma coisa pelo menos, que é uma entidade que ajuda os índio. Aí se eu tivesse conseguido algum recurso, não era pra nós tá aqui, era pra nós tá no Macapá e tá lá junto com minha família e todo mundo. Agora eu vim aqui pra ver um resultado desta reunião e eu vou querer um papel escrito do CIMI que o que eu fiz, que eu podia encontrar alguns parente meu, que não são parente de sangue como somos os primeiros habitantes do Brasil, como todos vocês sabem. Então por isso eu só quero levar um papel escrito do CIMI, olhando outro recurso, esse aplicado não... Agora tem seis líderes que lá em Manaus tem o mesmo problema de vocês aqui, porque a nossa área, ainda mais que fica mais longe.

Tão vendo esse mapa aqui, é uma vergonha, é uma grande vergonha, porque o ex-governador do Estado do Amazonas, passou no Amazonas sem perguntar pra gente, decretou município de Jaraueté e só ficamos sabendo por nosso compadre. Isso não de acordo com nossa vontade, isso é crime pra nós prejudicarem. Esses colonizador que invadiram o Brasil, como dizem, o Brasil não foi descoberto não, o Brasil foi invadido, muitos colonizadores mataram nossa raça, muitos de nossos parentes, então continuam abrindo estradas, decretando municípios de Jaraueté, Cachoeira... não ficamos de acordo sinceramente como a gente quer, e nós não vamos querer de jeito nenhum, porque eles continuam brigando com a gente. Agora a primeira coisa, o que nós queremos é a delimitação na reserva indígena, demarcação da reserva indígena. Agora eu vou mostrar pra vocês aqui uns papéis que não é inventado não. Os outros venham aqui. (mostra o mapa e explica) Ministério do Interior, Fundação Nacional do Índio, Gabinete do Presidente, o que passou em 1979, isso foi no mês de janeiro em 1979. Aqui está escrito, o Presidente da Fundação Nacional do Índio que confere os artigos do estatuto, artigo 6, e tem do decreto 68/367, e mais outras coisa, esse papel dizendo que está declarado como área de ocupação dos índio Tukano, Panira, Piratapuaia, Parakanã e Dessana que ia ser demarca

da. Como que é essa estória, será que a autoridade já não dão es cândalo de medir em público, e fazer esses documento todinho que vocês tá vendo? E continuamente, então o delegado do Estado do Amazonas, da primeira delegacia regional, é outro perigoso também. Então eu estava lá na faculdade do Amazonas, lá em Manaus, tá aqui, isso não é mentira, isso saiu todos dias desse na Crítica, no dia 19, no dia do índio, o delegado japonês teve coragem de gastar...

...Kuatã, laranjal, as áreas indígenas, desculpe aqui, as áreas indígena já delimitada na bacia Amazônica são, o Rio Negro, Jaraúeté, porque lá por enquanto não tem Câmara dos Deputados, nem Câmara dos Vereadores, Câmara Municipal, nem prefeitura, e o presidente tá instalado lá, e aqui está dizendo que Pari-Cachoeira, Taracua e mais outras áreas indígenas tão demarcada. É grande mentira, é grande mentira... em vez de dizer isso, ele conta mentira mesmo, eu fico com raiva, porque no dia 21 de abril é feriado nacional porque o massacrador dos nossos primitivos dos brasileiro do sul, o Tiradentes, foi feriado nacional.....

... porque no dia do índio tinha muita gente trabalhando entendem? Agora o que eu vou falar mais agora é amanhã. Por enquanto é só isso, e muito boa tarde, e obrigado pra vocês. O meu nome é Américo Maranhão.

PAULO TIKUNA: Eu vou falar mais uma coisa pra vocês, é que o delegado da primeira DR, toda vez que a gente chega pra conversar com o presidente, ele proíbe a gente de entrar pra conversar com o presidente. Dessa última vez, a gente conseguiu chegar em Brasília com dez tuxauas Tikuna, e com esses dez o japonês não queria deixar, não queria que a gente fosse exigir a demarcação da terra. Ele queria que fosse só dele. Eu fui ver com capitão geral dos Tikuna, aí pedimos quatro passagens, aí eu falei com os outro tuxauas, eu falei que eles ficassem brigando pra conseguir passagem até Brasília, que nós ia brigar com o chefe da região, pra conseguir passagem até Manaus, aí nós conseguimos chegar todos dez em Brasília e exigir a demarcação da terras. O presidente falou que não tinha dinheiro pra demarcar, aí eu respondi pro presidente dizendo que eu não quero conversar com o presidente, que eu não vim ali pra bater papo, eu falei na cara dele, se ele queria demarcar a terra ou não, se ele dissesse que sim, nós ia ficar lá no gabinete, e se ele dissesse que não a gente ia ficar plantado ali até sair alguma coisa, com ele na mão a garantia da terra. E nessas alturas o Kasuto fez uma entrevista na televisão dizendo que a área dos índios já estava demarcada, e que a gente lá, a gente nunca fez demarcação, ela mesmo foi delimitada. Sempre o delegado é assim, enganando os índios do Alto Solimões, os nossos amigos, os Tukanos. O que nós fazemos, infelizmente nós pedimos a

demissão do delegado, e o presidente falou que não podia tirar o Kasuto, porque o Kasuto tava bom, e nós falamos pro presidente que todo ladrão, todo mentiroso, todos aqueles que rouba do índio, não pode ficar na delegacia, mas aquele que quer ajudar o índio ele é afastado. Então a gente diria pro presidente que na hora de bater a boca, era pra bater mesmo, e ele garantiu a demarcação da terra até dia 30 de hoje. Mas o topógrafo na noite que fez a demarcação das terras, ele foi operada, e não pode ir hoje dia 30, mas a gente vai esperar até dia 11, pra fazer a demarcação da terra. E eu acho que o problema da FUNAI não é só aqui, o problema da FUNAI é em todo canto, e somente aquele que é dono das aldeia e começa a enganar o índio, a enganar os tuxauas, como aconteceu na nossa área, os tuxauas mais alguns, são pagos pelo chefe de posto pra chegar numa reunião dessa e falar que o chefe do posto tá trabalhando, tá fazendo bom negócio prá ajudá do índio, prá nós lá, os chefe do posto paga os tuxauas, e nós descobrimos que tinha gente no posto, que toda vez que tinha uma reunião, o chefe do posto dava um golpe, e comprava os rapazes, comprava os rapazes, pra sair pra festa pra tomar cachaça. Iseo quando descobrimos através de reunião, e a gente foi escolhido pra exigir a demarcação das terras. Então gente, vocês, eu acho que vocês tem que fazer a mesma coisa, que ta tendo um pessoal lá do Rio Madeira. Está aí o chefe de posto de lá, pedimos a demissão deles e o chefe deu a transferência dele, e no entanto nós mandamos 45 cartas pra algumas lideranças da tribo pra não aceitar o chefe de posto que sai de uma tribo pra trabalhar com outra, e no entanto a FUNAI botou o Paulo Estêvão pra trabalhar no Pericotá. Isso é um grande erro da FUNAI. Nós escrevemos pro presidente dizendo que toda vez que a gente visse o erro do chefe do posto, a gente podia mandar uma carta dizendo qual foi o erro do chefe do posto, mas tudo isso ele fez pra maltratar o índio. Muitas vezes nós já falamos pro chefe da casa, algum chefe de posto na nossa área tem sido que não presta, ele anda com mentira, que o chefe do posto não rouba, mas que na realidade, o chefe do posto, ele está aí com seu salário, eles tem gratificação, mas mesmo com dinheiro de gratificação eles ainda roubam das cantinas, isso os líderes indígenas tá dizendo, E no entanto hoje a gente tá vendo, a gente mesmo administra a cantina, nós mesmos controlamos o dinheiro, nós mesmos fazemos compras, não dependemos mais do chefe do posto, e que nós fazemos os projetos, principalmente na Ajudância, que como todo mundo reclama, promessa não é de hoje; então a gente vai ter que organizar por vocês mesmos a responsabilidade da comunidade e assim eu quero explicar mais uma vez pra vocês, que pra gente conseguir tudo isso, acho que a gente tem que se unir. Temos que preocupar com as comunidades mais próximas, com outras tribos mais

próxima, e reunir bastante, conseguir o capitão geral, um tuxaua, um capitão que tenha coragem de chegar ao presidente e exibir a dele. Bem, hoje eu quero explicar pra vocês, esse conselho da tribo Tikuna. Nós nunca precisamos de nenhuma entidade, porque a gente está cansado de pegar no lápis, pegar no caderno pra escrever nossos problemas, todos aí em público. Isso eu acho que não resolve nada, porque a gente não tem ajuda de ninguém. Então é por isso que eu digo, quem tem ajuda dessas entidades, é bom aproveitar porque, pra vocês tem aqui alguma falando que as entidades de apoio tão ajudando com bastante ajuda. Mas nós Tikuna, não temos ajuda de ninguém, nós se organizaremos com a nossa gente, e faremos reunião de comunidade, fazendo colaborações, um dando dez mil cruzeiros, outros dando cinco, dando gasolina, outros dando o barco, entanto essas reuniões, eu tô quatro anos na luta, que no entanto com esses quatro anos de luta, eu tenho conseguido tudo. Só o que nós depende da FUNAI, é a demarcação da terra, e que a gente espera até o dia 11 para a demarcação da terra, mas não é porque a terra vai ser demarcada que a gente vai desistir da luta. Nós queremos é levar pra vocês como foi que a gente se organizou, porque nós vivemos sossegados. Não temos apoio de ninguém, quando chega algum invasor, algum madeireiro chega o branco pra tomar a terra do índio, não aparece ninguém pra apoiar o índio, não chega ninguém pra ajudar o índio, é por isso que eu digo, os Tikuna não temos apoio. Então vocês que tem apoio, eu acho que vocês devem ter menos problemas que a gente. Um pouco que a gente tem é da prefeitura, é do exército.

Logo que eu comecei entrar na luta, eu trouxe necessidade para a FUNAI, e a FUNAI quis me prender. Eu foi chamado no Exército, fui chamado na Polícia Federal, e o chefe da FAB quis me prender por causa de política, que eu não podia fazer. Cheguei lá o chefe disse que eu tava preso, porque o chefe tava mandando. Aí eu respondi pra ele, qual é o chefe que nós temos... se o Inácio chegar aqui e mandar eu preso eu vou, mas se o chefe da Ajudância tá mandando eu ir preso eu não vou. Se eu for preso quando eu sair eu vou fazer pior. E o chefe disse que eu tava com razão, e que eu podia continuar, ajuntar bastante índio pra ter mais força, e quando eu saí do quartel voltei pra minha comunidade minha truma. E uma semana depois recebi uma carta da polícia federal novamente pra me prenderem. Aí eu expliquei qual era o meu projeto e que acho que não tava errado, se eu tiver errado que me prenda, mas deixar a luta é que eu não ia deixar. E isso pode servir pros outros, tá me ouvindo. Então até hoje a polícia, dizendo que eu podia continuar o trabalho, enfão vocês que estão aqui presentes que tem apoio da entidades, vocês não devem estar com problemas que eu já tenho enfrentado, e que eu venho enfrentando até hoje, e o que eu quero dizer pra vocês é isso. Amanhã tem mais, e muito obrigado.

DANIEL: Bom, o coordenador vai dar a palavra aqui, uns minutos. A gente só vai até cinco e meia, e vai acabar o tempo. Então o Lino vai falar um pouco pra gente.

LINO: Bom gente, mais uma vez boa tarde. E ha algumas horas o que nós acabamos de ouvir foi depoimentos, opiniões diferentes, e leva muitas vezes a um trabalho com o próprio, e a gente leva um trabalho paralelo, e como eu vi o Carlos relatar os Krahô, é diferentes situações que vemos, é diferentes lutas que tem e se vê que em cada liderança tem um papel diferente, tem um pensamento diferente. e em outras palavras, em cada grupo, em cada comunidade, é um apoio diferente também, um privilégio. Um monte de entidade que se declararam, muitas declararam aqui em casa que está de acordo com o chefe de Estado, de Missões, outros ainda criticam o Exército e a gente pode observar que o exército às vezes ajuda e outra que com essas missões sem especificação, leva um confronto com a sociedade, mas as vezes a missão também tem seus pontos positivos que não deixa de ter, que depende de cada tipo de pessoa, de cada entidade, de cada um grupo organizado, de defesa da causa indígena. Se hora ele faz coisa errada isso não é uma coisa por vontade própria, por questões de prejudicar. Eu acho que o erro é uma coisa do dia-a-dia o erro é uma coisa que cada jovem tá com o direito de enfrentar. Isso aí, a situação do Brasil hoje é crítica que todo mundo comenta a não demarcação de terra, e no Brasil todo existe muitas poucas, uma minoria de terras demarcadas no Brasil todo. E por sinal existe uma única área que eles nem terminaram de demarcar não foi, e por sinal essa única área que tem começo de demarcação, que continua sem concluir a demarcação é a área mais comprida do Amazonas, ou seja, a área dos Saterê-Maué que se tinha conhecimento. E o que temos aqui é exatamente o que eu disse. Vocês conheceram a situação de outras gente, o tipo de vida que elas levam que batalhas que elas tem, e eu nessa viagem que eu fiz de Belém até aqui, de Brasilia até Belém, eu fico responsável que talvez fosse pra chegar ainda em Imperatriz. Por coincidência encontramos com uns garimpeiros que estavam na nossa área, e o Lobo tinha dado ti que pra ele entrar e nós não podemos impedir os garimpeiros, e que se dizem lugar dos próprios invasores, acabado pelos próprios invasores, que não sei que povo era só sei que eles eram maluco. É que a própria pessoa invasor conversava que ele se sentia invasor, mas que ele era obrigado, que muitas vezes fazia muitos tipos de criação, sem ter nenhuma dó do ser humano sem ter trabalho com o ser humano, e isso não só por parte da categoria federal, mas por parte do militarismo, por parte de um órgão que está na responsabilidade do caso, por parte dos governos federais. Então essa pessoa acabou me mostrando um monte de irregularidades que ele não tá ten-

tando esse grupo indígena! que ele não tá sabendo o mal que traz a esse povo, o mal que está vindo pela frente. Ele não tá sabendo até que ponto a gente está sendo prejudicado e não têm a menor consciência do que ele tá fazendo! daquilo que eles tão entregando assim de mão beijada pra terceiros. E se vê que esse caso tem nos dado problema de terra, problema de saúde, que podia ser levada a reservadora, e fica uma série de coisas que eles tem só pra cultura, só pra missão! pra sua própria língua! que eles às vezes são proibidos de falar no meio dos garimpeiros! e eles se sentem um pouco envergonhados, humilhados, e acabam deixando a supervisão que acham uma coisa estranha! É eles tão perdendo praticamente tudo aquilo que tinha do seu ato, dos seus costumes. Tudo enfim e como falamos aqui que a união faz a força, esse é um exato momento pra gente se reunir pra ver, baseado em tantos depoimentos nós conseguiremos um objetivo! assim perante o Governo seja os governos municipais, estaduais ou federais. Assim também nós conseguimos juntar a força de cada companheiro de uma comunidade, juntar suas comunidades, seus chefes de Estado até formarmos uma equipe que sinta o problema do índio, tenha tempo acima de tudo e que isso nesse momento que, acho que a finalidade minha aqui no cargo, em menção, não sei se vai ser possível fazer tudo isso aí, explicar, fazer que as pessoas tenham conhecimento do que se trata a UNI, ou seja, a União das Nações Indígenas, tem feito! a situação que estamos pensando, a falta de limpeza por parte da FUNAI, a Lei 6001, que está praticamente parcelada e enfim o que vem acontecendo aqui no Brasil. Não é só aqui por sinal é uma coisa que está sendo muito interessante! não se é o relevo da área, ser uma área cheia de tantos igarapé, de árvores que oferece condições de ser compradas pelo branco, o povo Karipuna, Palikur, Galibi, não vive no seu território tradicional sem tantas perseguições? sem tantos problemas desnecessários, como o caso dos Kiriri no Estado da Bahia, no caso do Uaçú no Estado do Alagoas, os Pataxós, também no estado da Bahia, que eu acho que vocês devem conhecer. Inclusive agora ultimamente na FUNAI, que a FUNAI tá comprando as terras do fazendeiro pra entregar pros Kiriri, e uma terra que não era deles, uma terra que era toda vida deles, e hoje não se é fácil pra comprar a terra dos fazendeiros e colocar os índios lá e na verdade é uma terra que não tem nada a ver com compromissos a terceiros. Na verdade que é uma terra dos próprios índios! e o que eu queria adiantar pra vocês é que eu creio é que o índio é o dono da terra. E isso é uma coisa na teoria, na prática é uma coisa bem diferente, não deixa de ter os seus imprevistos aí com os homens que entendem de lei, que baseado nisso aí que o próprio Paulo Tikuna, ele afirmou uma coisa que eu tenho apreciado em várias regiões do Brasil. A malícia da FUNAI, muitas vezes o

próprio índio muitas vezes é massacrado, ele é enganado até certo ponto, e ainda é pago. Por exemplo uma gratificação ou um prêmio qualquer pra definir ao funcionário não há não falar, denunciar, mas sim colocar o ponto de vista, falar aquilo que ele tá vendo de irregularidade desse território desse funcionário né; a pessoa maliciada, manipulada com uma certa quantia de dinheiro ele acaba defendendo. Só que o próprio servidor é uma pessoa que tá tendo um trabalho ótimo na comunidade, e um trabalho praticamente benéfico pra toda a comunidade, enquanto muitas vezes a comunidade tem vontade de jogar o próprio índio contra outra liderança e tão vendo os perigos, tão vendo os males que estão carregando aqui na frente... mas em outras regiões né, ela usa de todos os meios, pra roubar o próprio índio... está praticamente dividida e tem um grupo assim contra, em defesa da terra, e encontra as pessoas que está em defesa da terra quer dizer que um cara vê quando está sendo usado pelos fazendeiros, e assim para nós dividirmos nossa força né. Em vez de aumentar a nossa força, ele diminui a nossa força, as nossas qualidades enfim o que se deve não ser decorrido como... o caso por exemplo do... foi um caso que prejudicou toda a comunidade Tikuna. Que aconteceu foi o caso que simplesmente ele transferido para outra área existem esse tipos de servidores, eles são bem intencionados não é? Como na própria região que eles estão, que estão nesse momento são convidados a fazer um trabalho a nível do possível, ajudar a comunidade conscientizar de um trabalho a ser feito, termos organizações é isso essas pessoas não tem assim apoio por parte de seus superiores, ao contrário muitas vezes são transferidos, outras vezes demitidos por questão de minorias porque qualquer coisa são demitidos do quadro de funcionários da FUNAI e acabou-se a história. Bom como agora no caso de Oiapoque, Oiapoque está.. e acaba de ser fundada uma Ajudância pra Oiapoque e que poderia ou no caso poderá, não sei, trazer muitos benefícios a essas populações indígenas do município de Oiapoque, e que se a gente conhecesse todos os funcionarios seria uma ótima idéia. Eu vou citar aqui em público mas eu queria deixar essas cópias que eu trouxe de Brasília aqui para o conselho, enfim para a comissão organizadora desse encontro que está acontecendo aqui em Oiapoque para que eles colocassem em seus arquivos, em qualquer lugar porque é um documento importantíssimo que fiz questão de trazer. Conversando com Mário Juruna antes da minha saída de lá, eu pude descobrir isso aqui. Ele fez questão de mandar pra que eu deixasse essa copia aqui com vocês pra ser arquivado em algum lugar, o certo é que ficasse guardado pra que essas comunidades sozinhas se reunisse, fizesse uma avaliação do que se trata esse documento, e baseado nesse documento as comunidades que ti-

vessem umas informações a mais, os membros da comissão da UNI, digo os membros porque não sou só eu em Brasília, disposto a ajudar, a dar informações, orientações, na medida que vocês dão, a medida também que nós somos capazes de dar essas informações. E nós estamos aí não só a frente pra fazer um trabalho de acordo com o pensamento da gente, ao contrário, nós dependemos muito do apoio da comunidade indígena que a gente trabalha do que menos do apoio sediado em Brasília. Porque na área onde a gente tá, nós temos um gabinete, de repente um negócio sediado em Brasília se não temos o apoio dos nossos companheiros, nosso irmão na base. Não adianta ocuparmos um nome, ocuparmos um espaço perante a sociedade esperando que a opinião pública nacional e também internacional, e esqueça dos nossos irmãos aqui, não só aqui, como em outras regiões, não tenham conhecimento do que se trata, do que é a UNI, qual a linha que se trabalha, o que a UNI está pretendendo fazer, quais a vantagem que ela vai trazer para as comunidades indígenas e qual seria também o compromisso das comunidades indígenas com essa organização. Então antes que nós fizéssemos esse ponto eu pediria o tempo determinado para que eu pudesse colocar; não só eu fizesse colocações mas eu dou liberdade que toda pessoa que tiver com alguma dúvida, que precise algum conhecimento referente à UNI, eu me disponho a responder na medida do possível. Não posso dizer que vou ser bem claro, a dar resposta do jeito que vocês mandam mas nós faremos o possível de esclarecer e dar respostas aos nossos amigos do campo. Eu acho que nada mais da gente ficar abertamente nesse encontro, ficar aqui, que tenha toda liberdade de mostrar aquilo que a gente tem no pensamento, porque se nós não perguntarmos, se nós não tiramos uma dúvida hoje e deixamos pra depois, então eu creio que a coisa tem que ser debatida, tem que ser esclarecida neste encontro. Não pode ficar escondida, deixando pra discutir lá fora, embaixo de uma árvore, na casa do vizinho. São coisas que não vão trazer proveito algum pra nós, povo indígena no Brasil, pra nós. São coisas que tem que ser discutida, tem que ser debatida aqui dentro a até aqui. Inclusive peço um pouco de tempo se tiver a permissão de todos pra ser prorrogado até às 8:00 hs né.

1º de maio de 1983 - 2º dia da assembleia

FELIZARDO: ... e apresentar os representantes, para eles apresentar as dificuldades que estão sentindo. Então a gente vai aqui começar nosso trabalho de novo. Acho que está todo mundo aí que veio de lá do Curipi, do Urucauá, o pessoal também que veio lá de fora. A gente vai trabalhar hoje até as 11:30 e depois vai ter um intervalo, e as duas horas a gente vai continuar até as 5:00hs. Depois das 5:00 a gente vai na igreja porque hoje é domingo, a gente vai celebrar uma missa, depois da missa a gente chega aqui de novo pa

ra jantar, depois da janta a gente vai ter outro trabalho, vai continuar o nosso trabalho para adiantar mais porque tem muita coisa pra gente discutir. Então, ficaram faltando se apresentar os Índios Parakanã, Mundurukus, Paresi e Miranha. Então a gente vai começar a dar a palavra pros Mundurukú representantes do Estado do Amazonas.

FRANCISCO MUNDURUKU: É meus amigos, bom dia. Eu estou aqui pra representar meu cacique e falar alguma coisa que sentimos dentro da nossa reserva. Em primeiro lugar quero falar sobre o CBG que está atuando dentro da nossa reserva. Desde 1982 que ela está atuando dentro da nossa reserva. Também já teve pela reserva dos Sateré a 14 meses que a gente vem lutando pra ver se conseguimos a indenização através do serviço que ela fez dentro da reserva. Então só agora, dia 19.04 foi que nós conseguimos a 1ª parcela da indenização que foi de Cr\$20.096.328,00, e ela continua atuando sempre dentro da nossa área, não com autorização nossa, mas sim contratado com a FUNAI que não combina com a gente, não comunica a gente. Quando ela vai comunicar é quando a CBG já está entrando dentro da nossa reserva. Nós perguntamos deles como é que eles vão fazer a pesquisa lá dentro da nossa reserva. Então esses meses que eles passaram eles disseram que tem petróleo lá dentro da nossa reserva e agora vão fazer uma pesquisa de perfuração pra ver se encontram petróleo. Eu não achei de acordo porque eles não combinaram nada com a gente e ao mesmo tempo prometeram de ficar pagando mensalmente ou fração de meses 400 RTN por mês. Agora eu não sei o que significa esse 400 RTN por mês. Perguntamos pra eles e eles disseram que significa a fração de Cr\$1.500.000,00 por mes. Mas nós perguntamos pra eles também sobre a poluição se vai abranger dentro da nossa reserva. Eles disseram que não, porque temos detergente pra combater contra a poluição. Aí falamos para eles que isso não iria ficar certo, de que nós não tinha combinado com o nosso pessoal lá dentro da nossa reserva. Eles disseram que não precisava que a Funai ia tomar providencia disso e ia fazer com que não acontecesse nada dentro da nossa reserva. Depois sobre a caça, pesca: Eles disseram que não vai afastar nenhuma dessas alimentações para gente. Mas eu não fiquei gostando dessa proposta do Delegado Cazuto Kavamoto da 1ª Delegacia de Manaus. Ele afirmou também quando foi a televisão, foi o jornal, que o rapaz da televisão falou que a Petrobrás, a Braselfa, a Petrogel estava invadindo a reserva indígena Munduruku que veio um assessor de Presidente o Sr. Capitão Bolivar e disse que a Petrobrás não estava invadindo a reserva justamente ela estava fazendo a obrigação. Mas isso não interessava pra nós porque eles falavam: se encontrar Petroléo esse petroléo vai ser dividido, se tirarem 100.000 barris por dia vai ser tocado 50.000 para a Petrobrás e 50.000 para nós. Mas eu acho que isso é conversa, e

difícil eles fazerem isso. Ele tem muita conversa para querer ganhar o índio não conhece dinheiro, eles bota muito dinheiro ' dinheiro prá comprar o índios. Sim eu dou o microfone pro meu tio ele vai falar também um pouco sobre a CBG.

AUGUSTO: Senhores bom dia. Aqui está com os senhores Augusto Moreira Munduruku do Amazonas. Então isso é uma realidade que nós vamos contar pros senhores o que se passa dentro da nossa área, praticamente é como meu sobrinho está contando pros senhores aqui. Então nós não achamos que fosse de acordo com isso. Porque o branco quando ele entra prá dentro de um lugar que ele começa a se enraizar fica bastante difícil pra gente conseguir deslocar eles. Porque sabe, nois lá não precisamos de Petrobrás, porque eles fazem isso e dentro da nossa área. Porque a nossa área lá, meus amigos, nós temos um pouco de produção, ela não é rica mas também ela não é muito pobre. Agora acontece eles prometerem tudo isso pra nós, mas eu quero dizer que eles não vão cumprir com isso é como meu sobrinho teve explicando aqui, é difícil isso. Porque a gente não vai tirar todo dinheiro para dar para os outros que não é parente dele. Então nós numa reunião lá, o nosso ritmo da nossa comunidade, com nosso Capitão Manoel Cardoso. Então nós falamos com ele que nós não vamos gostar disso. Que nós não estamos gostando disso. Então isso eles estão debatendo também por nós, porque nós lá, algumas coisas que nós temos lá intermédio de reunião, boas conversas, somos 5 membros do conselho lá. Aí cada um de nós, desses 5 conselheiros. Então ele é um rapaz novo, não tem muita prática, agora ele tem muita inteligência de aprender, agora ele convida nós, nós se reúne em assembleia, desses 5 conselheiros, nós vamos dar o nosso detalhe prá ele, inclusive a gente conversa, a gente conversa, o sistema nosso é isso né. Geralmente é todo sábado e domingo faz isso né. Porque quando a coisa não está certa nois fala pra ele. Porque muitas vezes um só, uma cabeça não pode fazer de todos, então a pessoa também ajuda pra ele, então assim é que nós tem conseguido toda uma coisa lá. Não é bem como a FUNAI promete, mas muitas briga, muita exigência, porque nois temos direito de exigir da FUNAI: Porque então o Sr. Presidente manda, vamos dizer assim, uma verba pra comunidade indígena então é pro delegado distribuir isso, mandar pra todas comunidade do Amazonas, mas quando acontece, muitas vezes ele encalha o dinheiro lá e os índios fica passando mal. Mas como nós também sempre temos contato com as pessoas que conhece o direito lá, que é os padres, e também a gente sempre tá em conversa com o CIMI, eles são uma gente que cria a lei, conhece a Lei, também vai explicando pra nois qual é o nosso direito, aí nos vem com delegado: Delegado é o seguinte, nós queremos acertar sua proposta. Ele promete um gravador pra nós, mais dia vai, delegado: agora tu assina aqui e vamos voltar pra casa. Aí nois volta, vamos

esperar, quando passa, chega na data que marcou, num chegou. Vamos esperar mais 10-20 dias, ver que não chega, nós vai pra Manaus, falar com o delegado. Delegado, olha aqui que você prometeu pra nós, como é que vai ficar isso? Se o Sr. vai dar licença pra nós, e nem que não queira dar nós vamos com o nosso maioral que é o presidente Paulo Leal, aí ele vê que nós vamos sujar ele, ele arranja aquilo rapidamente e arranja pra nós. Não é muitas coisas que já prometeu porque não pedimos ainda, nós tamos começando. Mas nosso capitão é bem novo, ele é muito esforçado para a nossa comunidade. Como agora nós temos esse dinheiro que meu sobrinho falou, agora o que ele quer fazer pra nós? Pensando o delegado querer dividir esse dinheiro com outra comunidade que justamente é mesmo nosso patrício, mas então o representante dessa comunidade que é o Laranjal, ele não teve um pouquinho sorte com o capitão de lá. Toda vez que o capitão do P.I. Coatã convida pra vir fazer isso, pra ver se nós ganhasse, que se nós ganhasse era bom pra nós. Então eu acho que ele achava muito difícil, como muitas vezes ele falava pra nós que era tolice nossa que nós tava brigando com a Petrobrás, pois não ia ganhar. Então por isso ele não ia acompanhar. Pra perder tempo, tinha pena de deixar a família com fome lá na aldeia dele. Aí nós da comunidade, no conselho, nós falava com o capitão; nós vamos fazer, bem, se não der nós resolve outra coisa. Nós temos razão de mesmo ir. Aí conseguimos meter a coisa pra frente, fomos até que chegou numa conclusão de nós ganhar essa vitória. Quando é agora o capitão de Laranjal quer que nós divida o dinheiro de meio a meio. Mas não temos gostado muito não, agora nós queremos fazer com ele e lá geralmente fizemos nossa reunião, conversamos com o capitão: São nosso parente agora nós vamos fazer pra eles, o capitão Jorge Japeca, nós vamos dar um presente pra ele de Cr\$3.000.000,00, então acho que ele não vai ficar insatisfeito, que lá na área dele não foi muito desmedido o serviço da Petrobrás. Eu acho que eles não tão gostando que eles já escreveram pra capitão que vão aceitar isso. Então vai ficar difícil de nós controlar, só se a gente formar só um grupo só. Mas então lá fica difícil porque fica outro afluente distante. Enfim eu vou encerrar, vou pensar mais um pouco, eu vou falar outra coisa.

MÓTIAPÊUA PARAKANÃ: Bom dia pessoal. Na área nossa não tá marcado ainda. Tem marcar reserva pra nós, né? Como não dá pra marcar tem invasão por aí; não pode perder reserva nossa; tem gente aí no mato, tem que ter reserva pra ele também; tem aí o tribo nossa tem que marcar só aonde tava na área pra ele. Encontramos gente tem que ter reserva pra ele; agora nós volta animado. Então não tem condições para entender nós, então não tem professora pra nós, não deixou casamento pra nós lá, porque não deixou a gente

sabe. Nós gosta demais...

DANIEL CABIXI: Aqui tem quatro representantes da tribo Parakanã, eu só queria ajudar eles um pouco porque tem deles aqui que sente dificuldade em se expressar em português. Agora eles estão com graves problemas na área deles porque o Governo Federal construiu uma grande represa, chamada Tucuruí, e essa represa vai invadir uma grande área, uma parte de terra muito grande vai ficar debaixo de água e esta é a história deles. E desde que eles foram contatados pela FUNAI, a FUNAI tem feito deles igual o brinquedo. Tira de um lado põe pra outro, tira do outro, põe pra outro, como se fosse um boneco que nem criança. Então nesse caso a FUNAI está desrespeitando o direito deles agora. O grande prejuízo que eles vão ter é que na área deles, na região de Marabá foi descoberto uma grande quantidade de minério: manganês, ferro, ouro, cassiterita. Então o Governo Federal está implantando um grande projeto chamado Projeto Grande Carajás, que justamente vai tirar todo esse minério da região e esse índios Parakanãs. Não só eles mas também os índios gaviões, e tem mais outros: Os Gaviões, Xikrins, Parakanã e Surui do Estado do Pará, Todos esses índios vão ficar afetados por esse grande projeto do governo, E a título de ajudar os índios a FUNAI adquiriu uma verba de 4 milhões de dólares pra dar assistência a esses índios que vão ficar sobre a influência da estrada ou do projeto Carajás no Estado do Pará. Agora a FUNAI aplica esse dinheiro não para melhorar a situação dos índios, mas sim para estragar, prejudicar mais a situação deles, porque nesse projeto da FUNAI que dá direito ao índio à assistência de saúde, a escola. A FUNAI vai comprar maquinários, vai comprar tratores, carros para os índios e os índios não estão precisando disso no momento. Os índios querem a terra. É como ele disse, nós precisamos de terra, tem que respeitar a terra do índios, como estava dizendo aqui o nosso amigo. Então, eles estão passando por graves problemas que cabe a todos nós aqui estar por dentro dos problemas que eles estão passando. Porque se vocês tem uma relativa tranquilidade hoje, daqui a alguns anos é vocês que podem estar sendo perseguidos pelos grandes fazendeiros, pelas grandes empresas do Governo, que nem acabou de dizer aí a nosso amigo Munduruku. É uma empresa petrolífera que vem explorando petróleo na reserva dos índios.

VERIDIANO MIRANHA: No momento o que eu quero comentar aqui é o assunto que está, é com referência ao assunto de terra em duas áreas, a dos Parakanã, com a represa de Tucuruí, e a Petrobrás que está invadindo a terra dos Mundurukus. Temos outras áreas que é do meu conhecimento que é de ouvido, um pouco fazendo pressão, estudando uma forma de como combater, é a área dos Waimiri-Atroari lá em Roraima. Área que se destina um pouco o trabalho do nosso amigo Egy

dio, por sinal ele tem um bom trabalho lá. Então comparando com aquela área da qual eu tenho mais conhecimento, porque venho acompanhando de perto. Casos dessa natureza acontecem quase em todo Brasil. Sendo que essas três do meu conhecimento, sendo bem prejudicadas. Temos a sorte, a felicidade de ter muitas pessoas inteligentes na área como é o caso do Mundurucus, que agora mesmo ele esteve falando aqui e que encontraram dificuldades, desânimo, pressão por parte até mesmo do delegado onde ele falava que não ia ser possível, ia ser perda de tempo lutar contra a Petrobrás. Mas isso não fez com que os responsáveis de lá da comunidade de Manoel Cardoso, o homem de frente e acompanhado pelos seus amigos fez com que ele não desistisse, e partiram, seguiram em frente como ele mesmo falou, que valeu a pena tentar, tendo resultado positivo, senão pelo menos tinham tentado. Mas acontece que coisas dessa natureza não existe em outras áreas, é o caso dos Parakanã. Eu acredito que, não sei, não tenham oportunidade de se expressar, contar o que acontece lá em matéria de defesa... que eles também não tem a mínima idéia do perigo que está passando, do mundo que está se desenvolvendo e do que fazer pra ele se defender e no futuro poder enfrentar essa crise que vai ser, ficar sem a nossa terra. O único que tive oportunidade de acompanhar na reunião em Manaus, com 17 entidades das quais políticas, estudantes, missionários, CPT, CPI, CIMI, KUKURO; os partidos PMDB, PT, enfim várias organizações, estudando uma forma de como combater, ou pelo menos salvar o que ainda resta. E o resultado é como o Munduruku falou, com muito sacrifício e ir até o fundo para poder conseguir um resultado positivo. Com o passar do tempo a gente vai descobrindo as consequências com sacrifícios. Tivemos condições de saber que não só dependia do Governo Federal e sim que era obrigado a mexer até com a firma que financia a usina de Balbina, firma essa francesa. Era obrigado até a fazer uma carta, uma apresentação para o governo frances dando conhecimento do prejuizo que ele podia causar além de demonstrar para o Governo Federal, apesar dele já saber, só que ele pouco se importa, ele faz como elel tá fazendo nos outros lugares. Agora aí é que fica a pergunta: de que forma, porque ouvir depoimentos como os deles, 3 muito inportantes e tem mais milhões de terras invadidas por fazendeiros. Mas isso aí pode ser, eu não escutei antes, uma coisa muito interessante que nunca tinha ouvido, jamais, mas pode acontecer. Ontem o Karajá falava que o fazendeiro entregou ou devolveu como seja, porque realmente não era dele. Devolveu a terra que era dos Karajá. Isso aí eu não sei como é que pode acontecer. Eu aliás ainda tenho que conversar com ele sabe, e saber como é que foi isso, porque coisa estranha dessa natureza não acontece. É possível que o fazendeiro seja bom coração, eu não sei explicar

mas a maioria das vezes isso nunca acontece, ao contrário, eles tomam, ameaçam, matam enfim, faz todo tipo de barbaridade com o índio. Mas nunca querendo ajudar. Então que queria só falar dessas coisas, que nós mesmos que temos que procurar a maneira, uma forma de como defender, saber distinguir as coisas, saber o que nós queremos, reconhecer nossas competências, que temos competências, que temos condições, que temos inteligência. Enquanto não existir isso nós nunca podemos chegar a um ponto positivo naquilo que queremos defender a terra. Porque defender a terra? Defender daquilo que nós enfrentamos, temos que se organizar e pra nós poder se organizar precisamos nos unir e nessa união existir inteligência, pessoas pra estudar uma forma de como combater, se possível, dentro dessa organização, não só os índios. Mas aí são coisas, consequências que vem no futuro, e que vai sentir que nós temos necessidade de pedir orientação das pessoas que tem um pouco de sensibilidade na causa indígena e pedir apoio em todos os sentidos, nas formas que venha. Se preciso, por exemplo, na UNI como nós podemos ter certeza de que nós vamos chegar lá na Comissão de consciência e pedir apoio de advogado? Enfim isso são as consequências de apoio da organização. Então eu faço uma pergunta que eu deixei no ar. Depois da gente ouvir depoimentos do Parakanã, o Munduruku, o caso do Yanomami que não tem representante, mas que eu estou colocando, expondo o problema deles. Como, de que forma é que vamos estudar, apresentar uma proposta que possa nos beneficiar, que nós podemos ter vez, que nós podemos chegar lá e ter a nossa voz, ter a nossa participação a nível que a gente possa chamar, é um pouco mais elevado dentro da sociedade. Porque queira ou não, bom se nós ficarmos só aqui nessa reunião expondo nossos problemas e sempre em reunião desses tipos, jamais nós vamos chegar a defender as nossas terras, enfim chegar a tudo que a gente está ouvindo. Nós temos que aceitar, não porque estamos querendo, mas sim por força da vontade, ir de encontro com a civilização, com a sociedade. Porque vai chegar um ponto que não tem por onde nós correr. Então nós temos que usar, quer dizer, nesse caso que eu estou falando, nós temos que aceitar a opinião do advogado pra saber de que forma que nós temos que se organizar e ir lá junto do advogado pra defender nossas terras, nossos direitos. Então eu faço uma pergunta aqui, eu acredito que daqui pra terminar a reunião nós vamos ter um documento ou relatório que vai ser feito durante o decorrer da reunião e é bom saber de que forma, de que maneira, qual é o plano de trabalho, a proposta de uma estrutura que venha conscientizar todos nós índios prejudicado, para combater as invasões, as agressões, os crimes, enfim, para nós poder se defender do que está acontecendo conosco; só isso.

DANIEL: Eu vou contar para vocês como é que nós trabalha dentro do nosso grupo lá da tribo dos Pareci. Porque até pouco tempo não tinha ninguém da FUNAI trabalhando com nós e a partir de um ano atrás pra cá é que nós resolver aceitar os chefes de postos da FUNAI, as enfermeiras e as professoras da FUNAI, porque os índios não queriam aceitar a FUNAI porque em quase todo Brasil você vê índios reclamando da FUNAI. Os Pareci, sabendo disso, não quiseram aceitar a FUNAI porque tinham medo da FUNAI fazer um estrago maior na comunidade, quer dizer,

dividir os índios Pareci. Acontece o seguinte: hoje em dia tem 3 chefes de postos, tem 3 enfermeiras da FUNAI e uma professora por enquanto e nós temos, nós os índios, os líderes das comunidades, das aldeias, a gente sempre faz reuniões pra saber como vai indo o trabalho das enfermeiras, dos chefes dos postos. Porque o chefe do posto não pode vir para a área com aquele pensamento de mandar no índio. Ele tem que conversar é com o conselho tribal ou com os caciques o programa de trabalho, quer dizer o trabalho que vai ser feito dentro da comunidade e o índio tem que estar preparado prá participar dessas reuniões, porque não adianta a gente ter um chefe de posto dentro da área, como eu dizia ontem, não adianta a gente ter enfermeiras nas nossas aldeias, não adianta ter professoras nas nossas aldeias se nós não interessamos porque todos nós temos inteligência, todos nós sabemos que nós queremos. Então se eu sei que eu preciso e eu não ficar de braços cruzados esperando, eu vou procurar o que eu estou precisando. Se eu tenho algumas dúvidas, eu vou procurar aquelas pessoas para esclarecer as minhas dúvidas. Agora dentro dos Pareci nós somos 600 irmãos índios divididos em 21 aldeias. Agora esses índios Pareci o povo deles são divididos, quer dizer, há uma divisão o índio contra o próprio índio. Eu não sei se isso acontece por aí também, porque é muito ruim minha gente quando o índio vai lutar contra seu irmão, quando o próprio índio despreza seu irmão, fala que o outro não presta, que não sabe nada, eu sei mais do que fulano, eu sou mais. Apesar dos problemas que enfrentamos não só com a FUNAI, não só com os fazendeiros, não só com as empresas multinacionais, não só com os missionários que querem discutir a religião dos índios, não só esses são nossos inimigos, mas dentro da comunidade nós também temos nossos inimigos, do nosso egoísmo particular de não querer aceitar o outro dentro de nossa comunidade. Se nós estamos divididos não adianta o tuxaua brigar com a FUNAI, não adianta brigar com as empresas, com os fazendeiros, com as companhias, não adianta, não vai resolver. O que adianta é a gente resolver primeiro os problemas que tem dentro da comunidade. Porque eu sempre digo: as moças, os rapazes tem que participar dos trabalhos, tem que estar do lado do tuxaua, do cacique, ajudando, orientando o cacique, dando ideias novas. Porque o futuro a salvação do índio está na juventude de hoje. Agora eu não sei se estou certo ou errado, vocês podem dizer isso. Então a minha experiência particular que eu tenho, eu não sonho com o mundo de ilusões minha gente, eu quero primeiro organizar a minha comunidade pra depois partir para outras lutas. Se eu estou aqui hoje é porque vocês me chamaram aqui, vocês fizeram 3 cartas para mim, convidando eu pessoalmente, então eu fiz questão de vir aqui, conhecer vocês, conhecer a vida de vocês. Então eu estou aprendendo muita coisa com vocês, eu acredito que eu também possa ensinar alguma coisa pra vocês. Então é esse conhecimento das tribos indígenas do Brasil, esse conhecimento mútuo, essa troca de ideias, esse diálogo, essa conversa. É isso que vai melhorar a nossa consciência, é isso que vai abrir nossas ideias, não adianta cada comunidade ficar no seu canto sozinha, lutando cada um por si e Deus por todos. O índio é uma raça só, o índio em todo Brasil

está sendo massacrado. Então aqui tem os representantes da UNI, como o Lino Miranha, só que ele falou muito difícil, eu acredito que a maioria não entendeu quase nada do que ele disse, mas ele queria dizer o seguinte: tem índios que estão pensando em fundar uma organização de índios aqui no Brasil pra ir de encontro com as comunidades indígenas para levar adiante os pedidos, as reclamações dos índios, então é isso. Então temos o Mário Juruna na Câmara dos Deputados em Brasília. Então temos índios que estão lá fora e que tem condições de lutar por nossas dificuldades que passamos nas nossas aldeias e nós temos que descobrir e se aliar a essas pessoas e exigir deles também, porque não adianta eu representar a voz dos índios aqui se eles ficam nas grandes cidades como disse o Tukano ontem, porque o problema do índio não está nas grandes cidades, o problema do índio está aqui. Então essas pessoas que querem representar a vontade, a força dos índios, então eles tem que conhecer a realidade interna dos grupos pra levar depois daqui para frente as nossas reivindicações. Eu peço dessa forma gente. E para terminar eu quero dizer o seguinte: todo o pessoal que veio de fora, que apresentaram, os tuxauas que apresentaram, a gente fez um resumo aqui das principais reclamações que foram feitas. Então é que nem disse o Veridiano: o que vamos fazer agora pra gente tentar solucionar esses problemas?. É uma pergunta que o Veridiano deixou aqui e cabe a todos voces responder essa pergunta. Não é uma pergunta que ele lançou para uma pessoa. É uma pergunta que ele lançou a todas as pessoas. Rapazes, homens, velhos, senhoras, moças e meninas. Bom, é uma pergunta porque estamos aqui nessa reunião pra trocar ideias e conhecimento, porque é que nem Lino disse: Não adianta a gente terminar essa reunião aqui e cair no vazio, cada um vai pra sua casa, cada um vai pro seu canto e esquece do que foi dito aqui essa reunião aqui. A pessoa que vem participar dessa reunião ela tem que levar uma pequena obrigação para sua comunidade que é justamente ver as dificuldades que a comunidade está enfrentando. Porque voces aqui como eu dizia antes vivem numa paz, numa paz do céu. A gente viajou 700 km de Macapá até aqui, a gente viu matas enormes de pé ainda, que o branco não conseguiu entrar.. Mas vai chegar o dia em que voces aqui vão começar a ter dor de cabeça e se voces não prepararem os meninos de hoje eles vão sofrer as consequências do amanhã. Então essa é uma responsabilidade que não cabe aos tuxauas mas sim a toda comunidade e dos professores, das professoras e aqui vão porque só pra questão de ordem, em outras reuniões a gente tem pegado os problemas que foram levantados e estudado que forma a gente ia fazer, levar, ou então procurar a solução dos problemas. Então tem muitos problemas aqui que surgiram, eu não sei os tuxauas aqui da região se tem alguma ideia de levar essas reivindicações daqui para frente porque a gente tem que sair com um documento elaborado aqui pra levar essas reivindicações pras autoridades competentes. Agora este pedaço de papel é um pedaço de papel como muitos outros pedaços de papel que já saíram. Então se a comunidade manda e não vai atras, não adianta a gente fazer essas reivindicações. É a comunidade que tem que participar dessas reivindicações e se o pedido dos índios não foi recebido, o índio tem que ir atrás, não pode ficar parado.

VERIDIANO: Bem, gente, é só pra fazer um esclarecimento no assunto que a gente

estava debatendo. Há pouco a gente estava falando aqui um pouco mais elevado, sabe, eu acredito sem interesse, sem falar aqui nas bases. Há pouco nosso amigo Pareci falava que se a gente continuar na reunião aqui e sair depois e esquecer tudo, não vai adiantar. Exatamente é por isso que houve toda necessidade do próprios índios ter a ideia de formar, assim como são formadas aqui nas comunidades, formar uma comissão em nível nacional prá que lá eles possa pelo menos informar e a gente trocar ideia um membro falar para outro, porque na maioria das vezes vamos procurar jornais, vamos procurar na cidade. Mas enquanto seria bom que nós mesmos tivéssemos um representante com nível mais elevado com condições de distribuir o nosso trabalho, as nossas reclamações em todo canto. Com o decorrer do tempo vai chegar a oportunidade que alguém aqui, um representante vai ter que dar explicações porque alguém já ouviu falar da UNI mas talvez alguém não ouviu falar e pergunta: o que é a UNI? Para que é que serve, qual a finalidade, que é que faz? Afinal alguém tem que ter uma resposta, um esclarecimento. Bem no futuro nós vamos ter oportunidade de saber o que é UNI. Mas no momento o que a gente está debatendo agora é exatamente no que se refere as bases, é um trabalho de conscientização nas comunidades. Enquanto mais existir conscientização das comunidades no trabalho de base. então vai ter, como que vamos saber? Eles ficando lá eles vão ter que passar recado prá gente, prá outras entidades, pra onde for possível colocar. Então fica como uma espécie de intermediário, porque se não existisse lá não temos a quem recorrer, porque se não existir a base o nosso trabalho fica sempre parado aqui, se existir o trabalho lá e não existir o da comunidade então não existe a ligação. Então é os dois trabalho é que nós temos que fazer, é só isso.

PAULO TIKUNA: Eu queria falar mais uma coisa pra vocês, continuando o conselho para vocês, continuando o conselho tribal dos Tikuna pra vocês terem mais ou menos uma ideia como funcionar, como fazer o conselho. Ontem eu disse que tinha 40 aldeias Tikunas e dentro dessas 40 aldeias são 20.000 Tikuna que nós participamos das reuniões, nós nunca voltamos para a aldeia pra não falar do que aconteceu na reunião e com isso a gente formou o conselho tribal e depois a gente tem o conselho da comunidade e dentro disso aí, dentro desse conselho, nós temos o conselho geral que pra nós também a distância que vocês tem daqui de Kumarumã com Manga, também é a distância que nós temos de Mariasul a Betânia. Então quando a comunidade sente um problema o Conselho Geral da Tribo Tikuna não pode resolver mas o conselho da comunidade pode resolver isso. E quando o conselho da comunidade não resolver aí vai para o conselho geral e aqui se vocês foram esperar o branco resolver o problema de vocês, esperar que outra tribo vai resolver o problema, nunca a gente vai resolver, nunca a gente vai conseguir a terra. Porque os Tikuna também esperava a promessa da FUNAI, esperava por branco. Aí com o tempo passando, a gente conseguiu organizar este conselho e com esse conselho a gente está conseguindo tudo. O tudo que eu falo é a terra e que vocês aqui deve ter um conselho, se deve ter o conselho da comunidade e deve ter o conselho tribal. Só assim vocês vão conseguir aquilo que vocês querem ser só uma voz, aquilo que Daniel estava falando. Não adianta

o tuxaua gritar sozinho pela terra e a comunidade ficar de braços cruzados, não adianta o capitão brigar pela terra e a comunidade ficar brigando com o capitão, com o tuxaua da comunidade. Nós temos que nos unir, organizar primeiro, ter bastante união para depois exigir a demarcação de terra, projeto, contratação de professores, monitores de saúde, porque a gente não.....

Nós não queremos a presença de vocês aqui não adianta ter chefe de posto e começar dividir os grupos. Isso prejudica, assim nós nunca consegue aquilo que a gente quer. Então a gente conseguiu afastá-lo, o chefe do posto. A gente se reuniu de novo e que hoje só uma voz é válida em nossa área e que espero que vocês não botam muita confiança no chefe de posto. Toda vez que sai chefe de posto na nossa área, nós escrevemos carta para algumas lideranças do Brasil, para que aquele chefe de posto não seja aceito em outra tribo. Como ele dividiu as lideranças lá nos Tikuna, ele vai querer dividir as lideranças daqui, não só daqui como das outras tribos. Isso aí que eu queria dizer para vocês, que vocês devem ter conselho tribal, deve ter conselho da comunidade e dentro desse conselho da comunidade, será escolhido as pessoas que ganham para o conselho geral.

DANIEL: Olha, eu quero falar mais uma coisa para vocês, que hoje de manhã eu estive falando com o Felizardo, que eu acho que a gente ficar falando aqui na frente não é tão importante gente, mas eu gostaria que vocês que estão presentes fizessem uma pergunta para alguém aqui. Como que vocês conseguiram, que vocês fizeram para isso? Que é que vocês precisam? A gente está aí para responder. Perguntar para o Lino que é que é a UNI. Talvez vocês não sabem que na minha tribo também tem muita gente que não sabe o que é a UNI. Então para vocês ter ideia do que é que é. Perguntar como é o trabalho da gente na comunidade.

FELIZARDO: Bem, vou falar aqui, como que é nós começamos aqui o nosso trabalho e depois vai passar para os Karipuna, depois vai passar para os Palikur. Em primeiramente eu vou contar como é que, aqui somos 850 índios. Primeiramente nós estava dividido, tinha várias casas aí na beirada do rio, mas nós chegamos a oportunidade de todo mundo se ajuntar e agora nós estamos só mesmo aqui, todo mundo está trabalhando juntos. Primeiramente veio o conselho que é o CIMI e a gente estava faltando muita coisa aqui, todo mundo distância daqui a Oiapoque, então veio o conselho. O índio precisa de sal, o litro de querosene, para sair daqui até Oiapoque só para dar essa remada para comprar o objeto, a gente estava achando que a gente não tinha os conselhos e depois, graças a Deus, veio o CIMI. Disseram, primeiramente a gente vai instalar aqui uma cooperativa, depois da cooperativa a gente batalhou para ganhar uma enfermaria, então a cooperativa foi começada assim, de grupos. Nós trabalhamos, arrumamos os mais velhos, começamos a trabalhar lá na cooperativa. Primeiramente parece trabalhou 29 índios deu a colaboração e depois foi já quase tudo. Aí botamos um pouquinho de farinha e montamos a nossa cooperativa agora. E depois faltava medicamento, certo, ontem nós falamos a respeito da FUNAI. Bom todo mundo tem suas falhas mas eu estou achando que hoje é bom a gente conversar a respeito de outra coisa.

Agora deixar a Funai de lado porque de vez em quando a FUNAI dá uma ajuda. Porque depois eu vou contar tudo, vamos começar da cooperativa. A cooperativa começou ter agora, foi em '75 que a gente começou ter a cooperativa até agora está indo. O índio não pode sair daqui para comprar um litro de querosene, um quilo de sal, um quilo de açúcar, dar essa remada toda em Oiapoque, não, não. Tem a cooperativa aí o índio vai trabalhando, comprando aqui mesmo. Então não é dizer que a gente não tem conselho tribal aqui dentro, temos. Temos conselho, temos atendentes, são os índios, tem os monitores para os que estão iniciando uma escola em nossa língua mesmo, são 4 moças, são índias. Então depois que nós tivemos a nossa cooperativa, depois nós fizemos a enfermaria, aí nós pediu a ajuda da FUNAI em medicamentos. Depois de um ou dois anos, aí a FUNAI fez, trabalhou feito um cão. Tá a farmácia, tá a enfermaria e nós ajudou. Depois nós trabalhou tanto a gente estava precisando de um motor, aí o chefe de posto, o nome dele era Frederico, ele arrumou um motor para nós, o motor marítimo que a gente tem, aí ele disse: como é que a gente pode conseguir um barco? Aí tá o Maciel que hoje tá aqui, então nós ajeitamos na comunidade todinha, perguntamos para o velho, aí nós combinamos com o chefe do posto, para lhe prevenir. Sabe de uma coisa? A FUNAI já deu muito para vocês então fiquem de esperar, então vai passar muito tempo. Querem o motor? Então vão tirar madeira para ajudar. Aí nós fizemos reunião com Maciel para saber se a gente tinha que sair para tirar madeira. Aí nós trabalhamos dois para tres anos....

(trecho de fita que não dá para ouvir; esta parte da conversa falta)

MACIEL:para um prefeito, para ser um presidente, ele tem que ter o assessor dele. Ele não vai ficar eternamente ali porque o cacique quase não pode trabalhar por conta dele próprio. Trabalha maior parte para a comunidade dele. Eu quero que vocês me digam se não é certo, se não é verdade. As vezes ele não tem tempo nem de fazer um trabalho dele, vai tratar do trabalho da comunidade. Então gente, eu que estou em Oiapoque, uma barraquinha lá, lá eu não tenho roça, eu não tenho nada. Só tenho meus dois filhos que estão estudando lá e eu fui lá atrás de estudo, educação para os meus filhos. Não é atrás de viver no meio de civilizado porque eu não gosto não, porque eu não gosto. Vivo lá obrigado, porque nós estamos bem na nossa área. É por isso que eu digo, alguns que não tem filhos na escola, não é bom dizer: ah vou me mudar para a cidade de Oiapoque, vou me mudar para a cidade de Clevelândia, vou me mudar para o lado frances, porque lá eu vou viver melhor do que aqui. Negativo, aqui na área indígena a gente vive muito melhor. Eu não me desligo daqui de maneira nenhuma, só depois de morrer, aí eu vou embora de vez não volto mais. Mas enquanto não, eu estou lá por causa da educação dos meus filhos. Se aqui tivessemos uma quinta série, uma sexta série, sétima série, uma oitava série, eu não estaria lá em Oiapoque, eu estava aqui, trabalhando na minha casa, fazendo a minha roça e pescando para comer que aqui a vida é mais fácil. Lá, gente, um quilo de carne caça da mata, dá Cr\$ 500,00, um quilo de pescada agora, esses dias, subiu para Cr\$360,00 e aqui onde a gente entre nós a gente vende por Cr\$100,00, compreendeu? Muita gente diz: Ah, cidade é mais barato essas coisas, é mais caro. Porque em

Oiapoque tá tanto, mas nós não devemos comparar a vida fora, a vida do civilizado com a vida de nós índios que vive dentro do mato. Aqui a vida é diferente. Se Deus lhe ajudar hoje, voce sai agora, mais tarde voce chega com um jacaré dois tracajá cabeçudo, voce mata dois patos, então no meio do civilizado voce não encontra essa facilidade não. Fique sabendo, gente, que não se pode hoje em dia batalhar para mandar sua família embora pro lado frances ou seja lá para onde for depois querer se ajuntar para vir querer invadir as áreas e eu sendo cacique vou consentir. Porque eu sou cacique vou consentir o Gênio e outros e outros venha invadir aqui a área indígena, não senhor, eu não mandei voce se desligar daqui... Se eu tivesse me desligado daqui, eu não tinha mais direito, eu reconheço a lei indígena, eu tenho o Estatuto do Índio na mão, eu trabalhei com chefe de posto que ere interessado para beneficiar o índio, para ajudar o índio...

...isso eu digo aqui, digo em Brasília, digo onde for preciso. Como eu disse lá no palácio do Governador no dia da demarcação, Paulo é sabedor, Felizardo, Sr. Henrique dos Santos, o seu Tangará ele estava lá. Eu disse na hora que eu fui falar, eu reclamei e disse que o branco que é chamado no Galibi *kareuã* ele é uma raça de gente muito ambicioso, eles nos enganaram, não cumpriram com os desejos que prometeram. As promessas que fizeram para nós até hoje ainda estão devendo para nós o que prometeram. Tem dois, tres coisas que não tá escrito, mas tem alguns que tá escrito no papel que ainda não pagaram. Eu acho que nós não vamos mais nem aceitar certas coisas, nós temos que fazer novo plano, os cacique todos reunir para a gente cobrar do Governador. Gente é preciso nós índios, estar com o olho aberto, porque aqui no território de Amapá nós estamos tranquilo por enquanto, mas tem gente assim...empresa, gente rico que tá doido pra invadir a nossa área. Tudo nós temos o direito de fiscalizar a nossa área, como faz aqui pela boca do rio e pelas cabeceiras do rio também que coitado do seu Henrique, só ele não dá conta de fiscalizar. Vamos que de repente chega 10 caminhões aí, tudo cheio de gente. A gente não tem meios, condições de enfrentar. Se chegar? O Alcimar muito mais coitado, tá sozinho lá. Como e que pode um homem desse enfrentar um bocado de civilizado, tudo armado? Não tem condições. Então nós devemos ajudar, fiscalizar nossa área. Nós devemos ajudar, enfrentar, porque é a terra que a gente precisa. Não atravessar, se entregara ao estrangeiro, jurar nossa bandeira pra viver debaixo da bandeira do estrangeiro. Não, eu acho que no Brasil, nós índio, que é o verdadeiro brasileiro, ele vive melhor do que viver debaixo da bandeira do estrangeiro! Eu não sei se estou certo, mas o que é verdade eu falo. Agora, meus irmãos que veio do sul do Brasil, do Pará, do Mato Grosso...eu vou esclarecer uma coisa: que eu como ex-cacique de Aldeia de Kumarumã, índio Galibi; eu fiquei satisfeito de hoje nós se unirmos, o cacique Primo dos Santos, Henrique dos Santos, Paulo Orlando Filho, o Sebastião dos Santos lá do Açaizal, o Geraldo Galibi e nós aqui, Manoel Felizardo dos Santos e Manoel Floriano Maciel que é o ex-cacique dessa aldeia aqui. Eu acho que todo mundo deve estar satisfeito de nós se encontrar e debater os problemas e dar o conhecimento uns aos outros o que a gente está sentindo nas suas comunidades. Eu acho que não tem nenhum que vai ficar mal satisfeito. Eu sei que meus irmãos vão estar satisfeito por esses meus

amigos estar hoje aqui na minha comunidade, me considerando, eu posso dizer, eles estão me achando bom, vieram debater essa longa viagem, 10, 15 dias, 4,5 dias 3 dias passando mal, empurrando caminhão em montanha, em baixo, em atoleiro e a gente passa noite sem dormir, um em cima do outro dentro do barco, um pouco com fome, eu acho que nós estamos satisfeito. Eu sei que nós do território de Amapá nós estamos satisfeito. Eu não sei eles eu sei que eu estou satisfeito da gente se encontrar, se unir, conversar, aprender um com os outros e reclamar alguma coisa que a gente está sentindo no coração. Não aceitar o pessoal dizer o índio é um preguiçoso. o índio não trabalha, o índio é um analfabeto, é um burro, o modo dele dizer; é mentira, que nós índios pra prova da verdade nós temos um na Câmara pra Deputado Federal é o Mário Juruna que está trabalhando pra benefício do índio, é um Xavante. Se o índio não prestasse, não tivesse inteligência, então o Mário não ia criar essa lei indígena que está existindo hoje em dia que é a FUNAI. Pra gente deve ter valor é a gente mesmo que deve dar valor a sua pessoa; trabalhando, caprichando, mostrando que ele é. Não é dizer: ah, aquele índio não presta, se nós ver um irmão nosso estar errado, ele não quer trabalhar, tá um pouquinho variado; a gente chama ele, dá conselho, abre as ideias dele, prá ele poder ir para frente. A gente ve que ele não presta vamos mandar embora? Não, a gente tem de ajudar. É com a união que a gente faz a força, é com a união que a gente vai para frente, gente. Não é só com a FUNAI que a gente pode ir pra frente, não, a gente pode ir para frente só nós mesmo. Uma comparação, o Curipi, o Urukauã, o Galibi precisar de uma ajuda nossa, se ele correr com nós eu acho que a gente pode dar uma ajuda para ele. Se nós correr com ele, eu acho que ele pode dar uma ajuda para nós. Será que está errado? Agora, minha gente, meus amigos, tem um café aqui que representa o café das 10:30.

FELIZARDO: Bem, vamos dar continuidade a nosso trabalho. Fernando Forte Karipuna.

FERNANDO: Bom dia meus irmãos, eu vou apresentar aqui uma pequena palavra sobre a minha escolinha da minha língua que é a Escola Karipuna. Eu sou do Espírito Santo, agora a gente fez o primeiro livro da própria língua prá todos os meus irmãos, agora somos quatro que trabalhamos mais nesse livro; é eu Fernando Forte Karipuna, Genésio Forte Karipuna, Gil dos Santos Karipuna e o Adriano Forte Karipuna também. A gente trabalhou este livro em 1981, iniciou a nossa escolinha em 1982, foi ano passado. Agora a gente tem vontade de continuar até terminar a escolinha, *kekōl kheuōl* que é na nossa língua. A gente ensina para as crianças e pros adultos também, que querem que é pra gente não perder a própria língua, porque a nossa língua é a nossa, dos brancos a gente não entende muito, mas algumas palavras que a gente não entende mesmo. Eu estudo a quinta série mas eu quase não entendo nada no português. Agora aqui neste livro que nós fizemos, eu entendo um bocado. Agora eu vou apresentar o segundo livro da nossa própria língua que é *NO THAVAI* que é para a gente trabalhar sobre esse livrinho aqui que a gente tem. Agora a gente tá com o segundo ano já na escolinha. Eu trabalho com o segundo ano que já fez o primeiro ano o ano passado em 82. Agora

eu estou com 10 alunos fazendo o segundo ano em 83. Mas eu tenho vontade de continuar até terminar. Meus irmãos, era isso que eu queria apresentar pra vocês. Agora eu tenho mais 4 colegas que é o Genésio, o Adriano e Gil pode apresentar aqui. Pela minha parte era só isso e obrigado.

GENÉSIO: Bom dia, meus irmãos, companheiros índios, eu sou Genésio Forte Karipuna, professor *kheuōl*. Estou trabalhando na minha aldeia com as crianças da minha aldeia. Mas tem muita vontade de trabalhar mesmo. E agora eu vou falar um pouquinho na minha própria língua. (Ele fala na língua Karipuna.)

GIL: Bom dia meus irmãos índios de todo Brasil. Eu só quero afirmar aqui que este livrinho foi eu que ajudei o Genésio e Fernando a fazer. Então eu também estou trabalhando. Estou traduzindo o Evangelho em nossa língua também. É só. Meu nome é Gil dos Santos.

ADRIANO: (Falou em sua própria língua dizendo o seguinte:)

Estou muito contente com a escola em *kheuōl* lá na aldeia. Até agora tem dado bom resultado. Eu ajudei também neste trabalho. Esta escola ensina nossa língua e nossos costumes, nosso modo de vida. É só isso que posso dizer. Obrigado.

DANIEL: Viu, pessoal, só a título de esclarecimento, nós estamos tendo um problema aqui nesta assembleia que é o seguinte: nas outras assembleias que a gente tem feito, a gente tem procurado levar pra quem está participando da reunião o que vai ser discutido na reunião, quais os principais problemas e aqui a gente não está conseguindo levar até vocês, porque assim uma reunião como a gente pensou fazer, uma reunião bem organizada pra que todos possam sair satisfeitos. Então até agora os representantes aqui da região fizeram seus depoimentos, os representantes que vieram de outros estados também deram seus depoimentos, os principais problemas que estão enfrentando. Agora se alguém tem alguma dúvida, qualquer um dos participantes, se tem uma pergunta a fazer, os tuxauas daqui da região se tem alguma pergunta, alguma dúvida seria bom se quem tivesse essa dúvida viesse aqui na frente de todo mundo pra gente responder da melhor forma possível. Então eu pediria aos tuxauas daqui da região Karipuna dos Galibi, dos Palikur que se tivesse alguma pergunta a ser feita que viesse aqui na frente e fizesse porque nós temos que fazer assim porque a gente não está conseguindo ordenar fazer um trabalhar bem organizado aqui; porque é muita gente, é muito barulho, então a gente tá levando da forma que a gente pode fazer. Porque o que importa aqui nesta reunião é cada um levar para casa alguma coisa aprender alguma coisa aqui, do que está escutando dos outros. Eu queria fazer outro esclarecimento que é o seguinte: tem uma civilizada aqui no nosso meio que disse que seria bom que os brancos que estão aqui se apresentassem, mas essa assembleia, ela foi decidida no início são dos índios, então se vocês permitirem no final eles podem se apresentar, que por enquanto a gente tá discutindo entre nós índios. Então eu repetiria aqui o que eu disse no começo,

se tem algum cacique, algum tuxaua que tem alguma dúvida a fazer, que venha aqui na frente e faça a pergunta.

PAULO ORLANDO: Bom dia meus irmãos, eu só tenho uma pergunta aos irmãos que se encontram aqui nesta sala reunidos nesta assembleia. Como é que a gente pode resolver os problemas dos irmãos que sofrem perseguição de terra? Porque o que eles sentem lá nós sentimos aqui também, como se estivéssemos lá sentindo com ele. Não é só falar muito como falei mas eu não estava refletindo, não estava sentindo o que meus irmãos sentem, então o problema é esse: Qual a solução de resolver esses problemas para que meus irmãos ganhem essa terra? Porque o principal do índio, a vida do índio é a terra. Não adianta dinheiro de funcionário, da FUNAI, de ninguém. Não, não adianta, o que adianta é a terra, é o principal. Obrigado.

DANIEL: É alguém aqui, pode ser dos próprios tuxauas, de quem veio aqui se puder responder essa pergunta por favor levante aqui e venha responder essa pergunta. Alguém aí que veio do estado do Pará, Mato Grosso, Amazonas tem condições de responder essa pergunta?

VERIDIANO: É com referência a pergunta do Sr. Paulo Orlando, essa pergunta foi a mesma pergunta que eu coloquei ainda agora. É exatamente perguntas como essas não só eu como o senhor e assim como todos que estão presentes aqui é que tão fazendo um ao outro, ou coloca a pergunta no ar. Porque o problema nós enfrentamos agora solução, a resposta positiva, de que forma, de que maneira é que tá a dificuldade. Ele faz a pergunta pra se alguém aqui tem condições de responder. Ele faz a seguinte pergunta: Qual a solução para o problema da terra? A pergunta foi dirigida, se alguém aqui tem condições de responder. E se uma resposta com o pouco de conhecimento que eu tenho, ela não pode ser dada exatamente nesse momento. Porque nós para podermos dar uma resposta dessa nós teríamos que ter várias consultas, várias organizações, várias ideias, várias propostas. A primeira é a nossa, termos consciência como fazer, a segunda é ter que contar com apoio das autoridades. O que posso dizer aqui é que no momento nós mesmos partir de agora e começando das bases, pra daí colocar as propostas, para que a gente possa ter as respostas, a resposta que o senhor colocou. Porque eu acredito não sei, tem pessoas muito bem com conhecimento na história indígena. Se eles mais do que ninguém, outros sabe uma longa história e dos direitos de como fazer para resolver. Mas colocar na prática até hoje não tem sido colocado o conhecimento. Agora eu acho que a melhor forma para vir a resposta somos nós mesmo ter consciência e estudar uma maneira, aproveitar os recursos que a gente possui, no caso apoio de pessoas que por sua livre e espontânea vontade, pessoas voluntárias, se dedica de uma forma ou de outra a ajudar e nós mesmos se organizar e partir para a luta para que nós tenhamos resposta. Eu não sei, esse é meu ponto de vista. Pode ter outras pessoas aqui, eu não

sei como foi o programa elaborado, se cabe outras pessoas, no caso entidade dar uma palavra, uma resposta, dar a sua opinião, essa é uma pergunta muito séria. Eu acho que se fosse permitido a gente podia ouvir a opinião, a palavra de algum representante aqui ou missionário, qualquer uma pessoa que tenha mais um conhecimento na história. É que eu não sei os nomes, só tou colocando assim, só tenho conhecimento do Paulo, mas o resto aí eu não sei.

DANIEL: Viu pessoal, essa pergunta aqui que o Paulo Orlando fez, qual a solução para o problema das terras. Em outras reuniões a gente tem sentado, feito pequenas rodas pra discutir os problemas em grupos. Agora isso aqui é impossível, tem muita gente aqui. Então aqui em vez de voce estudar o problema vai ter mais bagunça do que estudo de problema. Porque qual a solução para o problema da terra? Antes dessa pergunta teria outra: Porque que os índios tem problemas de terra? Então uma pergunta puxa outra pergunta e assim vai indo e nunca termina de fazer pergunta. Agora aqui, eu não sei se alguém aí da comunidade um dos participantes aí tem uma ideia de como solucionar esse problema. Seria importante vir aqui na frente. Porque aqui nós vamos entrar num debate, o porque destas coisas, como resolver.



LINO CORDEIRO ..é exatamente a pergunta que ele tá fazendo aqui. Ele tá fazendo a pergunta para a própria Assembléia não é prá diretamente uma pessoa, ele tá fazendo a pergunta para a Assembléia; Qual seria ou qual a solução para o problema da terra? Isso muito embora não era o momento oportuno, mas, infelizmente como o nosso companheiro Daniel Cabixi deu oportunidade que fossem feitas perguntas, abriu praticamente o debate que prá mim ainda não era o momento próprio prá esse assunto, mas tudo bem, estamos aqui prá discutirmos e tirar daqui um resultado. A principal solução para o problema da terra que nós enfrentamos no Brasil hoje, seja no Rio Grande do Sul até Amapá, nós estamos sentindo que foram criadas leis e mais leis, foram extintas leis e mais leis, foram remexidas as leis, os artigos, enfim sofreram toda uma modificação, e frente a essa situação o que se pode perceber muito bem é que praticamente por parte de entidades, por parte de órgãos tutores, por parte enfim de repartições federais a que cabe resolver a situação do índio, né? Bom tá se vendo que até aqui nada se foi feito de acordo com que vem atender a necessidade do índio, que foi feito muita coisa mas até aqui não tem um resultado satisfatório prá que possa atender a necessidade do índio, e, hoje o principal problema prá se solucionar o problema da terra para o índio seria os próprios índios se organizarem. E como se organizar? E essa é uma das formas que nós estamos aqui juntos se organizando através de uma Assembléia. É uma forma de buscar um meio prá como solucionar esse problema. Esse pensamento que praticamente colocou, me parece que o companheiro Maciel colocou que foi feito, foi criada uma lei pelo Rondon que foi uma lei que até certo ponto dava uma proteção total ao índio, não deixava de ser uma coisa boa, dá proteção, uma coisa que dava toda assistência diretamente ao índio; isso depois de um certo período não foi administrada. O que aconteceu mais tarde que essa lei de Rondon veio a ser extinta praticamente hoje é desconhecida no Brasil, essa lei já não existe mais. Em dezembro de 1973 foi criada a Lei 6.001 que já é uma das leis que a FUNAI teria que administrar essa Lei e que isso hoje também já sofreu várias modificações. Então vocês estão vendo uma prova que as coisas, a medida que o tempo passa vão sofrendo modificações, mais modificações, o pessoal vai mexendo nas leis, nos Estatutos, enfim, mas simplesmente com a intenção de fazer com que cada vez o índio perca o seu direito. Muito embora, o índio como tutelado ainda tenha uma defesa, uma proteção a FUNAI, por outro lado os próprios artigos da FUNAI muitas vezes, os próprios artigos do Estatuto do índio, se me lembro parece que o artigo 23 não é? Ele fale de qualquer maneira o índio é obrigado a ser desapropriado, se é interesse da União, se é interesse da Nação, não interessa prá ele o que tem dentro, que tem assim uma porção de vida enfim, as leis estão sendo aí, de uma maneira tal que sempre por um lado estão prejudicando o índio e a melhor maneira prá solucionar esse problema, o que estou me pondo em vista, o que se tem discutido em vários outros encontros, não á esperar desses argumentos que apareça entidades, o CIMI enfim a CPI ou seja a Comissão Pró- Índio, a Associação Nacional de Apoio ao

índio , enfim essas entidades porque o que se pensa hoje são coisas que me deixou muito emocionado, uma vontade de me aprofundar ainda mais nessa luta. Nos primeiros tempos que eu comecei praticamente se encontrava assim uma caçicada , um monte de tuxauas, que quando era mais novo tinha assim uma idade de 50 anos e daí prá frente. Há coisas que eu cheguei a fazer uma exame de consciência, uma reflexão que prá mim era difícil ter assim um intercontato direto com pessoas que diferenciava a idade, isso era uma dificuldade até mesmo de se comunicar com a pessoa, o fato da idade ser diferente, hoje praticamente eu vejo aqui nesse encontro. Tem pessoas na faixa atária de idades diferentes, uma coisa que facilita muito o trabalho e como teve alguém que disse aqui que, o Daniel colocou claramente, que nós temos que esperar da nossa juventude, nossos filhos , talvez né? que com o passar do tempos as experiências vão aumentando, as coisas vão ficando mais claras, coisas que talvez eu não possa dar, coisas que eu pude fazer hoje, quem sabe talvez algum dia né, o meu filho, os nossos filhos vão poder nos defender da melhor maneira possível porque a luta, a solução para o problema não esperamos que as coisas venham de cima para baixo, a solução do problema, não está caindo do céu, mas hoje como geralmente se espera pela lei, se espera pelo Estatuto, quer dizer eles estão aí, agora geralmente o que está faltando é nós pressionar-mos, e como pressionar? Juntando a resistência das comunidades, a resistência das pessoas, da cada um ser humano, de cada um índio, não importa ele ser Pareci, ou ele ser Miranha, ou que seja Karipuna, ou que seja Waimiri então o que interessa é juntar as forças, juntar todas as comunidades numa só e pressionar, fazer com que essas leis que estão aí sejam rigidamente administradas. Porque se nós formos esperar, nós vamos cair no vazio como até hoje nós temos caído. Então a principal solução para o problema da terra do índio é nós mesmos buscar uma solução, é nós mesmos fazer com que isso seja reconhecido, fazer com que a nossa voz seja levada aonde for preciso procurar um meio de achar qual é a porta principal que nós temos que bater. Se essa não é a porta principal que nós temos que bater prá poder encontrar um apoio, prá poder fazer com que essas leis que temos no momento sejam administradas, quer dizer o apoio praticamente hoje, a coisa principal que se vê até em outros países, por exemplo o Equador é o país em que o Shuar tem a sua própria Federação, eles mesmos fazem a administração. Eu pude visitar ainda no ano passado na fronteira dos Estados Unidos com o Canadá por exemplo, as seis nações , são seis nações de índios como fica aqui os Palikur, os Karipuna e os Galibi , que eles tem praticamente a sua auto-determinação, eles tem a sua autonomia de lutar, e como foi isso? Não foi o próprio Governo Canadense, não foi o próprio governo dos Estados Unidos que deu essa auto-determinação prá eles, não, ao contrário eles vêm de uma luta muito pior do que a nossa talvez. Eu praticamente não conheço a luta, apenas serviu de exemplo eu creio que prá isso é um momento propício prá colocar, eles têm enfim uma auto-determinação hoje, não autosuficiente, mas, na medida do possível e como eles conseguiram isso? Só conseguiram is-

so, exatamente como estamos fazendo no Brasil hoje, muito embota o Brasil já é um país do terceiro mundo, não sei. Mas então esse é o principal problema quer' dizer é a união de todas as comunidades brasileiras, muito embora no Brasil já existe uma maioria que vocês conhecem muito bem ou se não conhecem já ouviram falar no estádio do Maracanã que é feito no Rio de Janeiro que é propriedade do Flamengo, se pegar praticamente os índios do Brasil, o estádio do Maracanã têm capacidade pra colocar todos os índios dentro, entendeu. Pra você ter uma idéia do que se trata. Os índios são tão uma minoria que são capazes de entrar naquele estádio pra assistir futebol, um jogo. Então se essa minoria ainda hoje não se juntar, não tentar salvar o que resta dele ou seja a terra, a sua cultura a sua tradição, o seu próprio dialeto a língua, não é, por conta própria, não vai esperar que a FUNAI vai defender, a FUNAI é feita pra isso mas na realidade ela não tem cumprido o seu papel. De repente refletindo ou não, sou contra a própria FUNAI porque a FUNAI se ela possuísse uns bons administradores ela não teria caído, ela não teria perdido a confiança perante a opinião pública, perante os próprios índios da maneira que se encontra hoje, por que eu conheço, acho que não só eu vamos índios conhecem servidores, funcionários da FUNAI que tem um interesse, tá pra ajudar, administrar a FUNAI mas existe outras pessoas mal intencionada, como é o caso de enfim desse militarismo que existe dentro que vem todo esse a carga e recai sobre nós não é? Enfim todo esse pessoal que tem aí, então não é nós. A solução pra o problema da terra não é esperar que a coisa venha, o principal problema da terra está na nossa mão quer dizer a solução para o problema da terra, como educação, saúde praticamente está nas nossas mãos e porque digo que está em nossas mãos? porque somos nós que temos que buscar meios quer dizer não depender de recursos financeiros, mas somos nós que temos que pressionar, é que temos que fazer com que esse pessoal que tá aí, com que essas entidades, não são entidades de apoio, mas com as entidades responsáveis pela vida do índio ou seja pela defesa do índio que não estão cumprindo com o seu papel, então somos nós nada melhor do que nós para chegar lá e brigar diretamente com a pessoa responsável. Não é por exemplo pegar, nesse momento eu quero esclarecer pra vocês que a FUNAI está perdendo, tá tirando a sua responsabilidade dos poderes de Brasília, novo Decreto que foi feito agora que está perdendo toda a sua responsabilidade a estadualização e isso hoje, bom a gente tá tentando que não consiga, mas praticamente já tá se conseguindo o que ela tava querendo há muito tempo ou seja criar a estadualização; ela tá passando a responsabilidade da sua diretoria lá em Brasília toda para as DRs pra a 1ª Delegacia, 2ª delegacia, enfim todas as DRs. enfim ela tá tirando uma responsabilidade de si e colocando em cima das DRs. e por que isso? Tudo isso para que o índio fique tonto, não encontre um lugar certo aonde ele possa recorrer para resolver os seus problemas, somos nós mesmos que temos de resolver. Quem tem nesse momento tirar o resultado daqui, não só desse, mas a consciência que nós temos que ter, a imaginação que nós temos que ter, que entidade como por exemplo CIMI devia de

repente dar tudo, resolver o problema de saúde, resolver o problema da terra, resolver o problema da educação, enfim isso não é praticamente o problema do CIMI, o papel do CIMI é simplesmente orientar aonde é a porta, aonde é o caminho que nós temos que seguir. Porque nós ficar recebendo todo tempo de colherinha na boca, quando essa pessoa que é acostumada a dar colherinha na nossa boca cansar de dar comida, como é que nós vamos ficar? Quer dizer você não acostumou a comer com as próprias mãos e aí? Eu pergunto pra vocês, como é que nós vamos ficar? Se você está acostumado a receber toda hora de colherinha na boca, um dia essa pessoa se enjoa de dar na tua boca, pombas já estou cansado. Então não é o papel da Igreja, o papel da Igreja é orientar, o papel do CIMI e outras entidades que estão dando apoio ao índio, o papel das entidades é orientar o caminho, quer dizer, é um tipo de ajuda não é praticamente dar dinheiro, muito embora ela tenha uma responsabilidade com isso, mas não é diretamente as entidades que vão assumir essa responsabilidade, pra isso existe a FUNAI. A FUNAI é responsável por tudo isso, por terra, problema de saúde, problema de educação, enfim pra isso ai existe a FUNAI que é tutora dos índios. Então a FUNAI praticamente é o pai dos índios e que espécie de pai de uma família é essa que vai ver seus filhos sofrendo? chega um ponto que os filhos crescem e ele vai poder trabalhar, chega um ponto que o filho casa e ele vai precisar sustentar sua família e os índios estão no mesmo caminho. Hoje praticamente não são mais aqueles adolescentes, não são mais aquelas crianças que a FUNAI pensa fazer de nós, nós já temos uma cabeça, temos um braço, temos perna, enfim várias coisa e eu acho que isso também nós já temos um pensamento, somos nós que estamos enfrentando o problema com latifúndio, com fazendeiro enfim, com toda a espécie de grilagem que vem pela frente, somos nós que estamos enfrentando. Não é o delegado da 2a. DR por exemplo, não é o delegado da 1a. DR, não é o Cel. Leal, não é o Zanoni enfim esse coronelismo que está enfrentando o problema, somos nós então somos nós que temos que buscar o mecanismo, tem que buscar meios, tem que discutir e achar um meio para que nós possamos nos defender por conta própria praticamente não deixando pra entidade, eu não quero entidade de apoio, eu não quero a FUNAI muito pelo contrário nessa hora é que nós temos mais é que exigir que a FUNAI cumpra o seu papel, nessa hora a gente deve pedir mais, pressionar mais a FUNAI e nós temos nesse momento já chega o que a FUNAI usou tanto tempo do índio. O SPI praticamente foi extinto, hoje não existe mais SPI porque? pelo simples fato da corrupção que existiu dentro do SPI, foi tanto que o governo se obrigou a tirar aquela má imagem pra não ver o país cair no vazio, ele se obrigou a acabar com o SPI porque a corrupção era tanto dentro do SPI. A FUNAI hoje está no mesmo caminho, os corruptos que existe dentro. O parecer Jurídico que ela deu ultimamente pra um caso acontecido é o seguinte; que no Brasil ainda hoje não tinha achado um buraco pra jogar todos os corruptos da FUNAI dentro e os casos continuam a tona, os caos continuam a tona acontecendo todo santo dia. Na medida que acontece por exemplo um desvio de CR\$ 100.000.000,00 no amanhã é

90 é 120, as coisas mudam então eu acho que chegou o momento que o índio precisa ter uma consciência, eu acho que chegou o momento que o índio já deve se sentir cansado de ser usado, que tal se agora nesse momento a gente usasse a FUNAI? Prá que ela dê a autodeterminação e uma autodeterminação não implica, não quer dizer que nós vamos criar um outro país dentro do Brasil. Uma autodeterminação não quer dizer que nós vamos dividir o Brasil, um dos paulistas, mineiros enfim pelo contrário uma autodeterminação para nós termos um espaço, prá nós mesmos colocar aquilo que nós queremos, nós mesmos defendermos nossos direitos como o companheiro Maciel falou bem claro, só para reforçar o que ele colocou fugindo um pouco do assunto, ele tem toda razão quando diz muito embora lá tá no Oiapoque mas não cabe a responsabilidade em cima dele, dos fiscais dessa área que pertence as 3 comunidades, é proibir, não é interessante por exemplo a pessoa que fica lá em Guianá Francesa, do lado francês morar lá mas na hora que ele precisa só vem tirar o que é vocês aqui, não é justo vocês pagarem e darem tudo prá ele, levar lá pro lado francês e vocês aqui no amanhã como é que vai ficar? Tirar a caça, a pesca, a madeira enfim tudo isso. Vocês poderiam no caso perguntar prá mim nesse momento: Qual é a principal solução prá evitar que esses casos aconteçam aqui na área Karipuna, Palikur e Galibi? E a resposta está aí companheiro, o principal problema seria vocês mesmo fazer a fiscalização de vocês. O principal problema é que vocês mesmo tem que assumir a defesa dessa área, o principal papel prá solução do problema é esse. Então qual a principal solução pra o problema da terra? É as comunidades indígenas do Brasil se reunirem e pressionarem, buscarem meios, os canais competentes prá resolver. Não sei se fui bem claro talvez o Daniel ou se tem alguma outra pessoa que ajude a esclarecer ou tenha algo mais prá dizer não é, eu até agradeço em nome da UNI.

DANIEL - Alguém mais tem alguma solução prá responder a pergunta de nosso colega Paulo Orlando? Os tuxauas aqui da região, seu Avelino, essa turma aí não tem como responder essa pergunta? Alguém mais tem alguma pergunta a fazer? Porque eu vou levar um pequeno relatório do que foi dito aqui de ontem prá hoje. Os principais problemas que surgiram que o pessoal aqui da comunidade dos Palikur, dos Karipuna e dos Galibi levantaram foram os seguintes: "queremos enfermeiros, professores e professoras, falta remédio em certas comunidades que exigem que os professores e as enfermeiras sejam assalariados pela FUNAI e depois tem outros problemas, muitas promessas por parte da FUNAI mas não aparece nada. Tem outras dúvidas aí que é o caso da fazenda da FAB onde tem a criação dos búfalos; tem outro problema que teve um índio que pediu a criação da Ajudância de Oiapoque. Então estes são os principais problemas que foram levantados aqui. É se algum tuxaua, algum participante tiver mais alguma pergunta a fazer que tenha a bondade de vir até aqui.

VERIDIANO MIRANHA - O Daniel estava lendo os problemas que foram levantados e

apresentando já propostas feitas até o momento equando eu vi o depoimento de seu Maciel eu considerarei como uma proposta o que ele levantou, com referência as pessoas que se mudam ou se naturalizam fora daqui da aldeia e assim como os demais que vem entrar aqui na aldeia prá com a caixa cheia de gelo prá levar cheia de tracajá, jacará e outros então ele colocou o seguinte: que da parte dele fica proibida essas pessoas de penetrarem aqui prá chegar aqui e levar madeira, caça e pesca. A proposta dele é o seguinte: é que, eu acho o seguinte, que tem que ser estudado uma forma se é aceito ou não e se existe uma proibição concreta por parte dos elementos da comunidade daqui da área, essa proposta portanto eu acho que tem que ser discutido isso ai, se tem que levar em consideração isso ai que ele levantou. Isso ai é um caso que tem que ser discutido com as comunidades. Bom pessoal, falo assim as comunidades, mas não vamos permitir que essas pessoas venham até aqui para pescar e qualquer um vai ter a autoridade prá qualquer hora que encontrar comunicar ou ter alguma explicação, como é o caso dele que ele falou que em qualquer momento que ele chegar que tiver outras pessoas brancas ele vai lá tomar uma explicação então isso ai tem que ficar bem claro. Eu acredito que seja uma proposta porque isso ai só vem preservar aqui a área de todas as comunidades, é só isso.

MANOEL PRIMO KARIPUNA - Sobre a área nós mesmo, nosso povo se eles aceitam a proibição ...

HENRIQUE KARIPUNA - Bom meus amigos, bom dia, aqui eu vou falar um pouquinho sobre o que o Maciel falou ainda agora a respeito da saída de gente prá fora, lado francês da área dos Palikur, Galibi e Karipuna, isto está acontecendo é verdade o que ele falou nas três aldeias mesmo mas eu acho que o que tem saído mais é Palikur, né, uma vez ele mesmo apresentou uma relação para nós de trezentos e poucas pessoas que já saiu da aldeia né, bem desde aquela vez que nós tivemos uma pequena reunião ali na aldeia Karipuna, Vila Espirito Santo, falamos sobre tudo que estava acontecendo como o Maciel falou inda agora né? Sobre as pessoas que saem da aldeia se muda pro lado francês e depois quer de vir tirar proveito da aldeia, pescar, tirar outras coisas que nós todos achamos de acordo que não devia acontecer isso porque já que você saiu da aldeia, já que se naturaliza estrangeiro então você não tem mais direito mesmo de entrar de tirar o que está dentro da aldeia. Você já é considerado uma pessoa estranha do lugar. Bem, então nessa reunião reunimos todos das 3 aldeias Palikur, Karipuna e Galibi e falamos nisso, então achamos que devia ser mesmo proibido entrar essas pessoas que já estão fora da aldeia prá vir pescar, tirar o que é bom da reserva não é; então concordamos que todos devia fiscalizar a nossa área tanto o Galibi pode fiscalizar, os Karipuna, dos Palikur e também os Karipuna também não é, mesma coisa. Porque nós somos índios porque se acabar o peixe por exemplo, a caça de uma reserva aqui de uma comunidade aqui dos Galibi eles tem que correr pro lado dos Palikur ou então dos Karipuna, a gente não vai ficar satisfeito porque vai acabar da mesma forma não é, então nós devemos fazer

pressão prá não acontecer mesmo, prá não deixar entrar e tirar. Se você quiser aproveitar o que está dentro da reserva então deveria estar na sua terra, trabalhando ali com os irmãos, sofrendo se é que nós estamos sofrendo, sofrendo o que os outros sofrem prá não acontecer não é? E outra coisa, falando também sobre o que Paulo falou como o trabalho deles foi feito aqui na aldeia deles dos Galibi também vou falar um pouquinho sobre a minha comunidade também a do Manga né; como está sendo feito o nosso trabalho lá. Bem, então lá a nossa comunidade sempre a gente trabalha assim união né, todos os domingos e gente se reúne, reza um pouquinho o culto e depois do culto a gente sempre faz reunião com todos os irmãos que estão ali reunidos, presidente veio e falamos sempre sobre a situação da nossa comunidade o que esta acontecendo, o que está havendo, o que está faltando prá se organizar cada vez melhor. Lutamos com dificuldade viu, porque ali o Manga é uma comunidade nova ainda, nós estamos morando 8 anos ali não é, bem eu trabalhando como cacique ali nós lutava com dificuldade de transporte bem ali começamos pensar no transporte como adquirir um meio de ter um transporte melhor, teve a estrada aberta em 56 teve um ramal que atingiu a beira do Rio Curipi ai nós tivemos um veículo, um caminhão que foi doado pelo projeto AMA este caminhão quem fez todo esforço em nos ajudar foi aqui o Pe. Nello, então ele conseguiu este caminhão por intermédio do projeto AMA um caminhão para nós, este caminhão trabalhou 3 anos ali depois não prestou mais, depois disso todos nós vimos que ia ficar sem transporte ai pensamos tivemos a idéia, reunimos prá ver como é prá conseguir adquirir outro caminhão porque a gente ia ficar em falta ai tivemos uma idéia, reunimos tudo lá e ver como fazer prá conseguir a verba prá comprar outro caminhão novo. Então ai eu como cacique tive a idéia de reunir todo pessoal e falar prá eles alguma colaboração de todos é prá gente poder ver se adquiria o caminhão ai todo mundo concordou, reunimos cada um entrou com uma parte e comparamos o caminhão até hoje graças a Deus terminamos de pagar um caminhão Mercedes Benz e por parte da FUNAI vou falar mais um pouquinho também nunca conseguimos, falamos várias vezes mas nunca conseguimos. Bem e dessa parte também eu quero esclarecer a meus amigos aui, muito falamos sobre o pessoal da FUNAI mas eu como tenho dito sempre prá eles tá o Bernardo que sabe, o Menescal sabe, o seu Rubéns que eu defendo eles nessa parte porque eles não tem culpa, só chefe de posto se não vier, se por exemplo o delegado, o presidente não der alguma coisa prá eles fazer o trabalho lá no posto onde ele trabalha esse pessoal não pode fazer nada não é, então eu vejo tudo isso, nessa parte ele não tem culpa; agora se a gente visse que tá o dinheiro e não visse fazer nada a gente reclamar, mas eu não reclamo até agora porque... aproveitando o momento eu quero apresentar aqui o pessoal meu que trabalha também sobre a escola Patuá que aquele rapaz acabou de falar inda agora que nós temos também lá na nossa comunidade.

CIPRIANO - Bem meus amigos, bom dia aqui estamos trabalhando, meu nome é

Cipriano dos Santos Karipuna, eu estou trabalhando sobre escola KHEUÔL é nossa língua é nossa gíria, eu trabalhei o primeiro ano 82, o 2º ano 83 aqui eu tenho quatro amigos meus que estão me acompanhando: o Zildo dos Santos, Estácio dos Santos e Rubens dos Santos que estão aqui comigo ao meu lado pra apresentar algumas palavras. Nossa escolinha nós trabalhamos bastantes foi a força peso da comunidade. A comunidade reuniu pra construir uma casinha da escola, nós também, as crianças, os alunos do primário trabalharam artesanatos para vender para comprar os necessários da escola, eles venderam muito artesanato para comprar os nossos materiais. Então é isso que eu tinha de falar, avisar meus amigos irmão de lá de fora de todo Brasil. Talvez tenha algumas pessoas aqui que quer falar também dos meus camaradas, Estácio dos Santos.

ESTÁCIO DOS SANTOS KARIPUNA - Bom meus amigos, bom dia estou me apresentando ao 2º professor LEKOL KHEUÔL do Manga então eu me sinto muito bem lecionar a escola Kheuôl, eu estava perdendo a minha língua, mas recuperei a voltar a falar minha língua pois então era só isso que eu queria dizer.

RUBENS DOS SANTOS KARIPUNA - Bom dia meus irmãos, eu estou presente agora aqui pra vocês saberem também da nossa escolinha lá no manga da Aldeia Manga. Bom eu fiquei muito satisfeito porque nós somos 4 professores que estamos lecionando a nossa língua e também pela força da comunidade, pela força do padre e a irmã, obrigado.

ZILDO DOS SANTOS KARIPUNA - (fala na língua Kheuôl)

DANIEL CABIXI - Onde é que está as professoras de Kumarumã?

As professoras falam na língua mãe - Patuá ou Kheuôl -(Lucival Galibi traduz) Quem falou foi a monitora CRISTIANA NUNES DOS SANTOS - Ela tá explicando que é a primeira vez que ela trabalha com as crianças do primeiro ano de Kheuôl e ela tá trabalhando com gosto, ensinando as crianças de 4 a 6 anos i. é, só o que ela falou. Agora passo o microfone para a 3a. monitora CLEIDE NARCISO (fala na língua).

CLEIDE falou que ela está lecionando para as crianças de 5 anos em diante e ela tá ensinando com todo carinho e tudo que ela ensina as crianças estão aprendendo, tão tendo bom proveito agora passo o microfone para Claudete a 4a. monitora.

CLAUDETE - Bom dia meus irmãos, o meu nome é Claudete Malaquias de Lékol Kheuôl, ano passado eu ensinei no 2º ano, esse ano eu estou ensinando o 1º ano. Eu tenho 10 alunos, tudo que eu ensinei pra crianças todas aprenderam. Eu estou ensinando com minha boa vontade. Tudo isso é a conta do pe. Nello e irmã Rebeca e a comunidade também deu uma ajuda é só, muito obrigada.

FELIZARDO - Gente pensou assim, aqui vai ser a 1a. turma, o coordenador vai

ser o Veridiano Miranha e o Paulo Orlando Filho e Emilio Leôncio, os Tembê e os Munduruku do Pará.

Se tiver alguma turma interessada em ir com a la. lá para a escola que a gente vai fazer as quatros turmas, dividido em 4 turma na escola. Então junto com a la. turma pode ir uma professora do Lekól Kheuól Kumarunã e um lá dos Karipuna . Primeiro vai a Ivanilda e lá dos Karipuna o Fernando Forte.

DANIEL PARECI - aqui prá discutir o problema da questão da terra o que a gente lá faz para conseguir a terra, como nossa comunidade está organizada. Então é baseado em cima disso que a gente vai dividir esses grupos e vocês que estão presentes ai, se quiserem participar também é só ir numa turma dessa prá acompanhar os debates ai é isso viu gente.

GRAVAÇÃO DO GRUPO Nº 4

FRANCISCO MUNDURUKU - Nós aprende muita coisa que os outros pessoas como nós viemos lá de longe, 7 dias de viagem prá essa Assembléia prá aprender alguma coisa e depois transmitir prá nosso tuxaua, prá nossa comunidade o que foi dito aqui nessa Assembléia é só isso que eu queria dizer.

AUGUSTO MUNDURUKU - É verdade, que quero dizer que tudo que este sobrinho está falando e uma verdade sobre a nossa dificuldade lá na nossa reserva porque esses nossos parentes eles não querem ajudar nós mas com tudo isso, dos 1.500 que está trabalhando, está lutando eles tá lutando mas será custoso prá ganhar isso mas a gente espera que vai ganhar agora se todos fosse unidos como ele esta falando, entrasse na comunidade prá ajudar um ao outro então seria muito mais facil de nós ganhar. Mas vamos ganhar porque a nossa área ela está limitada só o que está falatando para nós é os piques de demarcação que chama não, a media ante que nos ganhar essa limitação foi brigando, não brigando de força, brigando assim discutindo por direito, procurando alguma diligencia de outras pessoas mais inteligentes prá conseguir essas coisa, então foi assim o modo que nós fizemos esse 1.500 índios, nunca desprezamos o nosso tuxaua quando ele sentia que já está um pouco cansado de tanto lutar ele dizia para nós; gente eu vou desistir, então nós o substituto dele, nós falava assim: não, vamos enfrentar porque se nós vamos ser prejudicado. Ele respondia mas como é que os outros não vão ajudar? não mas Deus vai dar recompensa, ninguém não pode desprezar os nossos irmão quando nós ganharmos nós vamos dizer prá eles assim: ganharmos é nosso agora o que que vocês vão fazer com nós? naturalmente eles vão dar uma salva de palmas prá nós, porque olha gente, nós lá somos muito perseguido dos brancos mas muito mesmo, mas como eu já falei que com muitas orientações nós tamos conseguindo um pouco, não está bem como já acabei de dizer, a coisa boa é já está marcada e delimitada aí quer dizer que já estamos com todos nosso direito, ai vamos dizer assim: é nosso, ali sí entra quem nós quiser é só.

LUCIVAL GALIBI - Bem meus caríssimos irmãos, eu pela la. vez nesse microfone eu não sei se vou falar alguma coisa que se aproveite, mas a pergunta de nosso irmão Daniel, foi uma pergunta que desde inda agora está sendo feita, todo mundo tá dando a sua opinião é o seguinte meus irmãos, eu na minha opinião qual é a solução dos problemas da terra? eu fiquei pensando agora e se nós unissemos juntos e procurássemos uma força para ter uma reunião por exemplo dentro do mais ou menos em Brasília assim como já teve muitas Assembléias, reuniões em Brasília não sei, aonde o Cacique Felizardo participou que nós unissemos para falar com o nosso presidente da FUNAI será que não daria certo da gente ter um contato com ele falar com ele pessoalmente mesmo com ele lê, discutindo certos problemas e essa foi a oportunidade que eu peguei nesse microfone e também há uma pequena palavra que eu vou dizer agora sobre o nosso problema aqui. Aí o Cacique felizardo e Maciel falaram sobre a invasão na nossa área mas eu achei que eles esqueceram de uma parte e essa parte é uma porta aberta que entra na nossa reserva que é o antigo posto, a entrada antigo posta da FUNAI lá no Encruza e esse posto foi desprezado pela FUNAI não desprezado totalmente porque a FUNAI ele deixou um fiscal lá, um empregado funcionário da FUNAI como fiscal mas é mesmo que deixar uma casa lá com as portas abertas e outra porta aberta que é, o mesmo funcionário faz coberturas para que os invasores entrem e saiam e ele sem ao menos reclamar, falar para seu chefe. E também que queria que voces me dessem uma opinião e opinião para o nosso Cacique Felizardo; qual é o meio prá gente retirá-lo de lá e colocar outro fiscal que eu acho que é onde sai mais contrabando para o estrangeiro, que é a Guiana Frances éde lá que sai os próprios daquela localidade eles exploram a nosso área e até aqui a FUNAI ainda não resolveu nada, há queixas há problemas na Polícia Federal contra certos elementos mas até aqui não foi resolvido e eu estou achando que se não for resolver daqui a tempo aparecerá outros invasores, é só meus amigos, vão desculpando que eu num sou de muita conversa pela la. vez.

AMÉRICO TUCANU - Bom aqui eu vou falar uma parte também agora prá voces la. coisa, porque pelo menos já tem uma área assim pelo menos delimitada não é, e eu que moro lá na fronteira com o Brasil a nossa área lá não é nem delimitada não é por isso que eu estou aqui lutando e pelo menos vim pegar uma instrução aqui no meio de voces também e pedindo orientações melhores como que eu posso resolver prá trazer os 6 líderes Tukano que representa toda aquela região do rio Jequié. Porque eles viraão em Manaus conversar la. coisa com o delegado Regional da Funai que é Cazuto.Kavamoto que é delegado da FUNAI aí nós conversa remos a seguinte conversa que ele vai manda delimitar, igualzinho o problema dos Tikuna também que nós viremos prá ver se ele vai enfrentar a barra pra ver se ele vai delimitar ou não. Então a minha parte eu não tenho que dizer nada não dar melhores informações prá voces, pelo contrário eu estou pedindo melhores idéias e esclarecimento de voces que eu não a mínima intenção de dar

mais algum esclarecimento pra voces e agora outra coisa que eu senti dificuldade porque eu falei no outro dia com Kazuto ele disse que poderia garantir prá mim aguentar só a viagem a despesa e o que ficou prá resolver foi só o transporte e alimentação e hospedagem também. dentro de Manaus se eu trazer voces já pensou, voces pensam uma coisa se eu trazer líderes e eu não tendo garantia de onde colocar voces, voces vão ficar na rua e não adianta assim então depois daqui a pouco eu quero saber a resposta de voces como que eu posso fazer para trazer voces líderes em Manaus prá resolver o problema da terra, prá conversar diretamente com Kazuto Kavamoto e o governador Gilberto Mestrinho. O que eu tenho que dizer agora como o mestre falou inda agora eu tenho pouca conversa o resto é isso mesmo.

GERALDO GALIBI ... meus irmãos, mas como já tá falado muito já discutido então vou dar, o Floriano veio me falar sobre o problema daqui, da região daqui porque a minha é só um pedacinho da terra, lá na beira do Oiapoque, mas assim mesmo tá invadida mas não por branco por índio mesmo, os Palikur que atravessa pro lado frances, são eles que estão provocando isso. Eu vou parar com isso, vou parar mesmo, depois vão achar que eu sou ruim mas é aqui prá voces que eu malha assim malhou que tem mais riqueza que nossa então aqui nessa região do Oiapoque tudo nós tamos conhecido do Cacique até Oiapoque tudo é conhecido, não por isso vou permitir a gente estranha entra, conhecido entra, bom eles vão pedir prá alguém se eu fosse caçar, fosse fazer tal coisa será que voces vão dizer pode ir? Como eu tava dizendo ontem aquele americano, ou aquele canadense que vem lá do Norte atrás de índios que diz são missionários, não se pense que atrás dos índios que eles vão, atrás da riqueza da terra é assim os estrangeiros aqueles que estão chegando mais, ambicioso, atrás da riqueza da terra que eles vão mas não prá matar um ou outro não atrás principalmente de exploração. Bom seu Luciaval.

O próprio fiscal eles mesmo que tá levando a Caiena, o pessoal de lá vizinho mesmo que tava cantando quantas vezes ele levou jacaré e tracajá cheia a canoa, vai levando prá fábrica. Eu fui no Saint Georges, aí uma senhora conhecida me chamou vem cá, eu disse bom dia, uma conhecida a gente tá sempre brincando ela me disse: Tu sabe fulano ontem até de manhã eu vi aí no porto trouxeram a canoa cheia de tracajá do pequeno até grande não sei se o pessoal da FUNAI sabe disso é o próprio fiscal. Voce pensa que tem fiscal? Mas como se tomasse separado, tudo muito dividido tribo aqui que nos tamos eu não me considero como tribo assim grande só tem 41 pessoas só mas assim mesmo a nossa assinatura dá força, por exemplo fazendo um abaixo assinado pro presidente prá tirar ele ou aí prá delegacia do belém, será que esse homem porque ele é muito amigo e conhecido tem muitos filhos, só vendo ele dizer que entra muito contrabando entra mesmo, é certo eu não nego eu sei que é verdade mesmo pois é aquele que mora lá que estraga. Só isso que eu tenho prá dizer.

... Eu disse que eu disse, pra respeitar a nossa área, Se não for assim a comunidade não vai prestar, e não presta mesmo, por que ? O respeito é nós tudo prá dai, ai nós tem a nossa comunidade aconselha pra não fazer certas coisas que não deve fazer, prá nós poder ter a força e falar com nossos irmãos e dá um bom depoimento pra ele saber qual é o nosso dever, pois é só isso que eu tinha que dizer, o Geraldo falou mais verdade.

DANIEL - Alguém de voces tem alguma coisa prá falar?

REIS CEDÔ - Meus camaradas boa tarde, assim como estava dizendo o Lucival com esse negocio de levar o contrabando pra Cayena tá acontecendo tem mais de dois anos, e em vez de índio fazer isso, vem civilizado de lá acompanhando os índios pra empregar tambem; alem de não ser índio, é também estrangeiro e isso eu já houví falar há muito tempo. Se fosse índio ele ia levar lá e trazia prá comunidade e comia com as famílias e os que moram lá, e leva lá come lá e não traz nada e quem passa a miséria e nos e quando eles levam, e não levam pouco, leva de muito, bom era, só isso.

FELIZARDO - Não tem alguém que quer conversar mais um pouquinho a respeito sobre o problema da terra, se tiver algum é só apresentar aqui, porque a Assembléia é para todos dá uma opinião, não é só eu aqui, tem muita gente, e as vezes que toma umas duas cuiadas de Kaxixi é que esses sabem conversar, e as vezes eles reclamam até do tuxaua, não é isso que voces devem fazer. Chegou a oportunidade, chegou a hora de a gente debater os problemas, e aqui e conversar um pouquinho.

GUILHERME - Bom meus amigos, bom dia, boa tarde, não sei o que. Bom o compadre Felizardo falou, o compadre Sival, e a mesma coisa estou falando, estou falando o negocio da nossa terra, da invasão, dos problemas que nós sente, e nós sente aqui os problema da invasão das terras que os brancos sempre estão, sempre querem invadir nossas terras e isso nós todos estamos falando todos juntos pra combater, vamos ver se nós ganha a nossa terra, é isso que nos queremos falar, das áreas, das terra demarcadas, isso que nós queremos. Ta vendo meus amigos e meus senhores, é isso que nós combatemos e nós temos fazendo força prá nossa terra, isso que eu estou falando agora, tudo aí, tudo o nosso colega meus irmãos índio que nos temo sentindo, nós tamos falando hoje nós aqui nas nossas terras, então é so o que tenho pra falar, eu não posso falar mais nada, porque eu não posso falar.

FELIZARDO - Bem, eu vou fazer uma pergunta pro nosso amigo Daniel e também os nossos amigos índios que vieram de longe sabe.

Bem a nossa área foi demarcada, tá certo, a nossa área foi demarcada mas ainda não temos documentos dessa área, eu tô achando se amanhã ou depois vem um fazendeiro, vem um colono um garimpeiro e entra na nossa área, gente vai lá

com ele, e ele tá trabalhando dentro da nossa área, então eles perguntam assim cadê os documentos de vocês, nós não temos, não sei o que eu posso fazer, agora eu tô perguntando aqui pro Daniel que ele tem mais sabedoria do que eu, como é que a gente pode receber esses documentos.

DANIEL - Bem pessoal é o seguinte: pela lei que chama estatuto do índio que assegura o índio viver de trabalhar em cima da terra, também chama estatuto do índio a Lei 6.001, agora o documento da terra que o índio tem, é o decreto que o presidente da república assina, então o Felizardo aqui o tuxaua, e os outros tuxauas das outras regiões dos Palikur, Karipuna e os Galibi, eles tem que ir atrás do decreto dessa demarcação, agora vocês tem que procurar esse decreto na Ajudância da FUNAI em Macapá, na Ajudância de Macapá, se os responsáveis de lá não tiveram condições de dar esses documentos pra vocês, vocês precisam ir até Belém e se eles não der jeito também, então eu acredito que se unir e fazer uma comissão pra ir até Brasília e perguntar onde é que está o decreto que criou a reserva dos Palikur, dos Karipuna e dos Galibi, porque só com esses documentos é que vocês podem enfrentar os fazendeiros, esfregar na cara deles, não essa aqui é nossa terra, tá aqui o decreto do presidente assinou o nosso decreto sobre a terra, agora tem o pessoal do CIMI, que pode também dirigir vocês nesse aspecto, então vocês pergunta pro Nello e pra outros aí como é que vocês podem adquirir esse documento, então porque esse documento minha gente dá a segurança pra vocês, agora como o pessoal vem falando aqui que tem contrabando aqui dentro, o pessoal leva jacaré pra vender fora daqui, quem vai solucionar esse problema, a FUNAI. A gente acabou de dizer que o próprio fiscal da FUNAI faz o contrabando né, é isso né minha gente, então como é que a gente permite esse cara continuar ali, tirando a riqueza de vocês, será que tá certo isso? Vocês ficar aqui de braços cruzados com tanto cara lá tirando jacarés de vocês, será que tá certo isso, então o que é que nós vamos fazer gente, se isso que tivesse acontecendo aqui, tivesse acontecendo na nossa aldeia, se um fiscal da FUNAI patrocinado, que tá fazendo esse contrabando se fosse na nossa área, nós já tínhamos tirado ele de lá, nós não teríamos perguntado pro delegado da FUNAI ou pro presidente da FUNAI ou pro governador do Estado, nós já teria chegado lá, e falado: "Olha fulano você não serve pra nós, você só está prejudicando nossa comunidade, então por favor você saia daqui da nossa comunidade e procura outro de mais confiança." Então aqui que está justamente o direito do índio, o tuxaua não resolve tudo sozinho, mais ele não tem força, e se a comunidade não apoio, como é que ele vai tirar um homem se ele estiver sozinho se a comunidade não apóia, se vocês tirarem ele dali os amigos dele, os outros homens que moram na cidade vem a força dele pra querer pressionar o tuxaua, pô vocês não pode fazer isso, isso tá errado, vocês não pode fazer essa coisa tem que tirar esse fulano daí. O tuxaua e sua comunidade tem que estar unida e dizer não nós queremos esse individuo aqui presente porque ele tá só

prejudicando a gente, esse cara esse individuo aqui porque ele não presta pra nós, e se voces quiserem colocar outro fiscal aqui coloque, só que um fiscal de confiança da comunidade que participe dos problemas com o tuxaua e com a comunidade; Eu acho que essa é a solução, porque não adianta se estão vendo o homem tirar aí o contrabando e voces não fazem nada, isso não vai resolver nada, então é a união de voces que, a gente tá aqui, a gente veio de longe justamente pra trocar essas idéias, voces jogam os seus problemas sobre o nosso, nós jogamos os nossos problemas em cima de voces, e voces vêm, em toda parte o índio perseguido, o índio é explorado, e só o índio que tá consciente do problema é que tem condições de conseguir a segurança da área, que tem condições de assegurar a defesa da terra. Agora eu não sei se a comunidade daqui está de acordo comigo, que tem que se unir com o tuxaua pra botar esse cara que não presta pra fora da área, porque nós vamos sair daqui, a reunião termina amanhã então não vai adiantar nada ir embora daqui se os problemas continuam existindo aqui, nós viemos aqui, estamos mostrando o caminho pra voces aqui, minha gente. Vocês tem que seguir o caminho é esse minha gente, é unir, tirar as pessoas que não prestam pra comunidade fora e exigir a presença daquelas pessoas que a comunidade acha que faz o bem para o índio, essas pessoas sim, tem que ficar aqui dentro porque tem muitas áreas do Brasil muitas áreas indígenas tem pessoas civilizadas que trabalham de acordo com o índio e muitas vezes não vai contra esses funcionários da própria FUNAI que tá a favor do índio, que nem aconteceu um caso, eu vou dizer um caso aqui a voces é das professoras aí do Manga do Espírito Santo que o delegado queria tirar, e a comunidade disse: Não, tem que ficar.

- Se a comunidade tivesse ficado de braços cruzados essas professoras não estavam aqui, então tem que fazer a permanência das professoras, vai unindo o grupo vai a consciência, o índio sabe que se as professoras que estão fazendo o bem para o grupo, sair quem vai ser prejudicado é a comunidade, então minha gente é a união que faz a força, sem partir pra frente voces continuam vendo contrabando aqui na área de voces e se voces deixarem permitir que continue esse contrabando então não adianta nada a gente ter vindo aqui né, nós estamos mostrando o caminho pra voces o caminho é esse minha gente. Tô certo ou tou errado?

- Tá certo.

- Então isso eu quero um pouco de coragem porque quando o índio resolve lutar pelo seu direito, ele enfrenta muito problemas, ele é perseguido que nem é o caso do índio Tikuna que foi até chamado na polícia federal pra ser preso porque a FUNAI pediu a prisão dele líder aí, a FUNAI pediu a prisão dele só porque ele estava batalhando pelos direitos da comunidade. agora a força dele estava na comunidade. A comunidade apoiou ele com toda força, e daí, o menino está aí trabalhando, é um rapaz novo com 21 anos e é um rapaz que promete muito. Daqui pra frente então é só tuxaua consciente, o líder consciente da co

comunidade apoiado por toda a comunidade é ativar, assegurar a defesa da terra, que vai assegurar a tranquilidade do povo, porque eu tava vendo aqui no manga a gente que navegando por esses rios aí eu vi muitas crianças brincando aí nos ubá, aí nos braços, nas canoas; as crianças são livres, não tem um branco aqui prá tá enchotando as crianças, porque lá em Roraima os índios de lá são perseguidos o índio de Roraima não pode nem encostar uma vara porque branco manda ele embora como cachorro. Então o índio é perseguido quanto mais desunido ele é. A força dele está na união minha gente, e essa união é que vocês tem alimentar daqui prá frente, que nós vamos embora e vocês vão ficar, nós vamos enfrentar o problema das nossas areas vocês vão enfrentar o problema de vocês aqui, então que nem disse o Canoeiro aí do Mato Grosso, ele diz que todos fim de semana faz reunião, e essas reuniões tem importância, porque é a partir dessas reuniões que vocês vão aprender um dar uma idéia, outro dá outra ideia, então a união das ideias minha gente, é que vai fazer as nossas forças. Não adianta um tuxaua fazer uma reunião aí se ninguém se interessa pela reunião, então é nessas reuniões aí que nos vamos descobrir nossos direitos, agora eu não sei se o Felizardo aí ficou satisfeito com a minha resposta, eu disse que ele tem que procurar a Lei, um decreto prá demarcação da área dos Palikur, dos Káripuna e dos GALIBI, então com esse documentos vocês podem esfregar na cara de qualquer intruso que entrar, seja ele garimpeiro, seja ele fazendeiro, seja empresário qualquer aí.

Então porque a pergunta é essa minha gente, qual é a solução? Uma solução para o problema da terra é a fiscalização, é fiscalizar a área, aqui o Munduruku disse o seguinte: a união do índio pode resolver a problema. É a solução que o próprio índio teve, pois é minha gente, vocês tem que se unir, foi o próprio índio que disse que a união faz a força, tem que reclamar os direitos. Os Xavante têm conseguido brigas feias com os fazendeiros, e eles tem conseguido defender a terra, o direito deles, porque eles são unidos. Se eles tivessem de braços cruzados os Xavantes não tinham mais terra hoje, hoje eles estão lá na sua reserva e ainda continuam lutando.

E aqui tem negocio do contrabando, o contrabando, ele vai continuar se a comunidade continuar permitindo, tá entendendo? Esse contrabando vai continuar se a comunidade continuar permitindo, então vocês tem que se organizar, sentar mais vezes, conversar mais vezes e descobrir jeito de como tirar esse cana de fora, vai lá cinco seis ou vinte, cinquenta representantes, vai lá e fala. " Fulano de hoje em diante, não vai dar prá você ser fiscal mais da nossa área, voce só vem prejudicando a nós e eu acho que o certo daqui prá frente é você sair". Aí ele fala: "Não, mais eu nao posso sair, porque eu sou funcionário do governo, eu vou lá falar com os meus superiores ele vem aqui brigar com vocês". Falo, ey, pode chamar o cão e o diabo lá, o que vier, aqui nós tem que conversar mesmo né? Então vocês mesmo deram a resposta para a nossa pergunta, que é a seguinte: qual é a solução para o problema das terras? vocês mesmo

deram a solução, vocês mesmos mostraram o caminho que tem que se seguir, então nós vamos passar pra outra pergunta, a outra pergunta é a seguinte, o que nós vamos fazer pra conseguir a terra, então é uma outra pergunta que a palavra está lida aqui pros tuxauas, representantes, qualquer um de vocês aqui.

A pergunta é assim, o que nós vamos fazer, o que faremos para conseguir a terra, o que nós vamos fazer? Se alguém tem alguma idéia, é uma pergunta mais ou menos parecida com a outra, agora se alguém tem uma idéia a mais tenha a bondade de vir falar aqui no microfone, prá outras pessoas que deram, escutarem também né.

GERALDO GALIBI - A briga que ainda tem aqui para demarcar, terá que esperar mesmo, também essa demarcação, esperando hoje, esperando um mês, esperando três meses, não senhor é a minha coisa que vinha discutindo. Vamos enfrentar, vamos se unir e a gente manda carta para o pessoal da autoridade maior, mais alta, e o tuxaua não pode ir sozinho então tá desprevenida a comissão de reunião, vamos lá mesmo obrigando o presidente. Também eu vou lhe dizer daqui a pouco: "Será que nossa palavra não vale nada mesmo? Será que os índios são considerados mesmo como bicho? Os Tupante, são filho da terra, quando os portugueses chegaram, eu não vi eles com portugueses lá deixando muito tempo, ai vocês achado aqui, são os índios que eles acharam, o que estou falando é que os antigos era os índios foram os Karibe, quando os portugueses chegaram primeiro foi lá na Bahia. Quem foi então que eles acharam, nao foi o índio? Porque então que agora nós somos caçados, parece bicho da nossa terra, então nós podemos lutar mesmo podemos lutar mesmo sem nenhum problema como é nosso direito, então assim mesmo podemos contar do fim, que vamos seguir o conselho dos mais velhos que são sabedores da história. Será que nossos chefes que são os civilizados chamados, os caciques civilizados, será que nós vamos ceder a nossa terra, nosso direito que nós temos, que sempre o índio não é nada e até que não sei bem a nossa vida. De manhã tava dizendo os tuxauas que passa do outro lado pra ganhar mais, tá certo estão ganhando, faz dois anos que eu fui visitar meus parentes lá na Guiana Francesa, bom todos, tão mais ou menos assim: tem uma casa boa, mais o que não tem lá também, um pé de laranja não tem, plantar um tomate, ele não tem, se ele quer fazer uma rocinha lá perto da casa, tem que pedir pro dono da terra. Portanto, eles são de lá, como é que eles se ajeita? São mais ricos ai, depois chama seu contrato com o dinheiro, aqueles que vão tirar daqui já tinha encontrado há muito tempo com nós aqui. Então gente eu, pra mim eu acho fácil, eu falo a solução, a tribo que não tem terra não, só esperar mesmo e nós mesmo. A solução tá na nossa mão mesmo, é nosso pensamento, só isso que eu tenho pra dizer.

AUGUSTO MUNDURUKU - Bom caros irmãos, eu vou falar aqui, não sei se é totalmente certo que diz ai, o que faremos para conseguir a nossa terra. Eu acho eu quero dizer assim, vocês vão me desculpar, pra gente se unir e ir ao peito do

presidente. Porque se ele é o nosso presidente que tá com os poderes direito de dar a terra para nós índio, então nós temos que ir lá, que nós precisa dela primeiramente pra gente fazer a união e enfrentar, porque a gente morando numa terra nossa área que não seja demarcada então ela não é nossa. Quer dizer que aí é do Estado, pode muito bem os civilizados os invasores, invadir, então pra frente adquirir ela, a gente tem que ir aos peito do presidente porque só ele que pode fazer isso pra gente. O presidente ele tem que dar conta disso porque de uma meneira que foi descobrindo nós índios do Brasil, então eu acredito que nos teremos os nossos direitos também os nossos diários, conformidade a nossa nação como veio os nossos antepassados, porque muitos de novo de hoje, até contar uma estória que quase que não seja verdade, porque não tá no conhecimento ele não vai procurar entender com os velhos antigos, como foi criado a área, de que tamanho ela era, onde termina e onde começa, então se ele não fizer isso, ele fica ali sem saber de nada, porque se os velhos morrer, os velhos pais deles vão morrendo, vão se acabando, aí os brancos podem muito bem chegar, isso é meu não tá demarcado, então além de não tá demarcado, os novos não procura trocar idéia pra dar aquele bom pensamento pros pais índios daí o seguinte: a nossa terra não tá demarcada, nós queremos que ela teja como nós, agora o que nós vamos fazer, porque hoje a leitura, o saber está avançado cada vez mais graças a deus e eles podem muito bem dar uma certa explicação pros adulto que não sabem, enfim é só isso que eu quero dizer, voces vão me desculpando, não sei se tá certo.

LUCIVAL - Boa noite irmãos, a pergunta é o que faremos para conseguir a terra, e eu fiquei agora no momento, até escrevi porque muita vez eu penso não sei o que, eu quero falar não sai, sai outra coisa, aí eu escrevi.

Para adquirir a nossa terra, quem não tem a terra demarcada, para conseguir essa terra eu acho que devemos unirmos escrever pro presidente da FUNAI dando o prazo para tirar a resposta, e se caso não houver resposta pra organizar uma cominitiva pedindo ajuda, ou melhor, apoio de todos irmãos nosso do Brasil, através de carta, e a comitiva de quem não tiver adquirida e organizar um grupinho e ir aos pés do presidente da FUNAI, e é só minha gente.

AMÉRICO TUCANO - Quando chegaram lá na nossa aldeia, apresentaram o papel preparado aqui no Kumarumã, e daí eu com a minha idéia, eu com esses papel aqui preparando esse documento assim, eu chegarei lá em Parikachuera apresentarei pro pessoal, e pagarei mais assinaturas e conforme falei pra vocês, eu estarei em Manaus se Deus quiser calculadamente no mês de julho, conversar com o governador Gilberto Mestrio e com Kasuku Kavamoto, mostrar toda a papelada de apoio dos outros índios do Estado também, então isso pra mim seria uma grande força entenderam? Só isso que eu tenho pra dizer pra voces.

FELIZARDO GALIBI - Não tem alguém que quer falar dessa pergunata, o que faremos para conseguir a terra? Nenhum de vocês quer falar? É bom de um de vocês falar alguma coisa.

DANIEL PARECI - É o seguinte né, o que faremos para conseguir a terra? Essa pergunta ela é muito parecida com a primeira, e as respostas foram as mesmas, né, o Lucivaldo disse o seguinte, para adquirir a terra precisamos unir e escrever para o presidente, e se ele não responder depois de um praso, fazer uma comitiva e ir até os pés do presidente, então aqui tá a solução para o problema porque como eu sempre tava dizendo, é a comunidade que dá força pra esses trabalhos que a gente vem fazendo. Então aqui tem uma outra pergunta que é a seguinte, nossa comunidade está organizada a exigir nossos direitos? Nossa comunidade está organizada pra exigir os direitos, quem acha que vem aqui falar se a comunidade está organizada pode ser qualquer rapaz ai, estudante, moço, senhor ai.

FELIZARDO - A terceira pergunta aqui, eu gostaria que alguém respondesse a pergunta que ele tá fazendo aqui, eu quero, gostaria que alguém respondesse, essa pergunta.

DANIEL - Então se tiver alguém que quer falar aqui?

FELIZARDO - Se a nossa comunidade está organizada para exigir os nossos direitos então aqui a minha opinião primeiramente eu vou falar. Se nós tamo organizado tudo a comunidade, vocês sabem o que é organizada é mesmo que seja quando chega a hora do almoço, vamos organizar a mesa vamos organizar tudinho, os pratos, as colheres a farinha e todos né, uma coisa bem organizada para poder comer se tiver carne e não tiver farinha, como é que a gente pode comer? Então é isso, se a nossa comunidade estiver organizada para exigir os nossos direitos, então é quase como a solução do problema das terras que eu tô achando, a gente vai dar um duro... Bom, quem acha que a comunidade está organizada para exigir os direitos do índio levante a mão.(pausa)

Quem tá achando que a comunidade indígena aqui também saber com o trabalho de nossos irmãos aqui, quem acha que a comunidade está organizada para exigir os direitos levante a mão por favor.

Alguém de vocês que levantaram a mão, por favor algum de vocês aqui falar como é que a comunidade está organizada.

Bom, de todas as turmas por favor, venha um representante aqui explicar prá nós aqui como que a comunidade está organizada.

Quem vai responder a pergunta é a que diz o seguinte: Nossa comunidade está organizada para exigir os nossos direitos? Quem acha que está organizada por favor venha cá. O senhor quer falar? Como nós tamo aqui, nós temo a nossa casa da festa, nós temos a nossa igreja, nós temos a nossa casa da festa, nós temos a nossa igreja, nós temos a nossa cooperativa, nós temos a nossa enfermaria,

então qualquer coisa aí da FUNAI tem a FUNAI, qualquer coisa tem comunicação e cada um de nós índios temos nossas plantações tem nossos postos cada um de nós tem as nossas canoas, nós tem as nossas roças, então a gente tá achando que a nossa comunidade está organizada né, nós temos nossos barcos e a comunidade tem umas doze ou desse seis cabeça de gado e é uma comunidade organizada não é? Quer dizer, não está bem organizada mais tá no começo, então porque se chegar uma entidade aqui de fora não encontrou tudo isso dentro de uma área, o que é que ele vai dizer de nós índios, são preguiçosos, os índios não tem nada então o índio não carece de toda essa área que está demarcada, então se uma comunidade está bem organizada então nós temos bem dizer um, uma separação que pode dizer que nós temos tudo aqui na nossa comunidade, então ninguém pode entrar lá os índios têm isso, então que eu tô achando que na minha idéia a organização de uma comunidade é essa se tiver algum que queira falar alguma coisa.

- Índio fala em sua língua.

- Pois é o que eu falei aqui, eu acho que a nossa comunidade está organizada porque aqui em Kumarumã nós temos o que é nosso, nosso trabalho, e também a nossa pequena ajuda que temos da FUNAI e também eu acho que se a FUNAI ou outra entidade chegar aqui e quiser desfazer de nós unimos todos os GALIBIS com força de outros índios, nós resolvemos nossos problemas aqui em Kumarumã, por isso que eu acho que nós estamos preparados aqui para resolver nossos problemas, e é só, se tiver alguém que queira falar, a hora é essa.

FRANCISCO MUNDURUKU - Bem pessoal, eu acho que o que aquele senhor falou e pra vocês está tudo organizado como ele falou, mais na minha comunidade não está organizado, alguma coisa tá organizado aqui ninguém tem nem a metade do que vocês tem aqui, apenas nós tinha uma cantina dois barcos a alguma coisa da FUNAI, um posto da FUNAI e agora uma enfermaria e também o problema da nossa terra que ninguém temos ainda a demarcação da terra, só a limitação como eu falei e outras coisas, ninguém temos porque a FUNAI não ajuda a gente pra nada ela não dá apoio a gente estamos quase umas pessoas esquecido porque fica muito distante de MANAUS, eu não sei também porque acho que o delegado também não tem interesse de ajudar a gente, mais eu acho que com dificuldade a gente vai conseguindo tudo aquilo que a gente quer é só isso.

AMÉRICO TUCANO - Conforme vocês aqui no Kumarumã, conforme a sua palavra de agora, tenho organizado quase tudo, quase não, tenho organizado a organização de vocês aqui, agora eu lamento muito que a comunidade lá do Alto Rio Negro, o pessoal fizeram o, construíram um barco em 1974 e agora foi no mesmo ano, no mês de novembro, aí aconteceu no fim de 81 o pessoal elegeu um novo presidente da comunidade e a comunidade tinha entregado ao novo presidente trezentos mil cruzeiros de mercadoria, e cento e vinte mil cruzeiros em dinheiro vivo e acontece que esse camarada não soube exercer o cargo e essa mercadoria que eles conseguiram em todo esse tempo foi à base só de suor, isso não chegou nenhum, essa mer-

cadornia não foi comprada pela, não foi nem comprada pela ajuda de nenhuma entidade e acontece que esse cara não soube fazer levantamento, continuando os bens que o pessoal aqui tinham ele destruiu tudo e até hoje lá na nossa comunidade não se encontra mais nem uma agulha, isso que é triste né, vocês já pensou se vocês fossem entregar um pra mim que vocês já resolveram tudinho, vocês vão deixar pra mim na mão e eu chego aqui destruo tudinho o que vocês vão achar? então por esse motivo, lá o pessoal o povo Tukano e mais outros decidiram de botar fora no tempo de Páscoa o presidente e mais outros decidiram de botar fora no tempo de páscoa o presidente da comunidade que até agora eu não soube da notícia dele, agora sobre a FUNAI que o rapaz Francisco falou aqui, ele diz que pelo menos enchergam pelo meu entender. Lá pra nós é pior, porque nem a FUNAI lá a gente não se vê, nem um funcionário da FUNAI, nem a sombra por sinal da FUNAI e a assistência médica já era, o que é a única salvação contra a doença, é a nossa cerimônia que usamos, usamos não os velhos praticam ainda e assim são bem poucos que são sobreviventes por esses dias e só isso que eu tenho que dizer.

FELIZARDO - Não tem alguém mais que quer falar?

GERALDO GALIBI - A qui a comunidade do Kumarumã hoje aqui são organizados viu organizado mesmo, primeira coisa que eu vi aqui organização tudo unido, uma coisa só então aqueles que vão achar que vocês não tão precisando da terra que vão chegar e ver quase uma cidadezinha aqui como ontem nós tava falando, só falta o carro então não tem melhor organização de que isso, tudo unido, um não mora longe, outro não mora pra cá é organização parece aquele que só clareia do outro lado viram são desorganizados primeiramente quando eles chegaram do outro lado viram terreno lá, quase no meio da cidadezinha de São Jorge aí depois fomos chutados pra beira do rio parece sarará, na lama esse que eu acho desorganizado mais aqui não, enfrenta todas coisas se tão bem desorganizada, se os outros acham que vocês são desorganizado, aqui vocês são bem organizado memo vocês tem tudo que vocês precisa aqui bem no contrário, se o senhor tava organizado todos genero que vão daqui farinha, fruto maior pose que a cidade de Oiapoque tem, então vocês estão bem organizados e é só isso.

FELIZARDO - Não tem alguém mais que quer falar? Aqui, dos Karipuna.

TANGARRÁ KARIPUNA - Não, o problema da terra, o felizardo, a demarcação ele disse que já está feita.

Então se a comunidade está preparada para agir dentro do direito que é o dever de nosso bem das comunidades por exemplo uma comparação, quando nós no Curipi, nós tivemos o nosso trabalho nosso serviços, então se a comunidade tem um ninho que nós temos direito então nós temos que nos unir pra se ter força, pra poder fazer só o serviço, o trabalho pra nós poder aprender, se não ti-

ver o direito de fazer, não pode fazer nada, pois é só o que eu tinha que dizer.

FELIZARDO - Mais outra coisa aqui, nós temos que reforçar mais uma coisa, por exemplo, tá certo, tem muitos índios aqui, não só aqui, também lá fora e também tem uns, tem uns que ainda não foram demarcadas as áreas deles, o que nós devemos fazer agora, uma coisa que eu quero que a gente, alguns de vocês aí podem responder isso, se a nossa área está demarcada se está bem organizada, quer dizer, não está bem organizado a parte que já nós temos então pra aqueles que ainda não tem a terra demarcada, o que devemos fazer?

DANIEL - Bem pessoal, as outras turma acabaram de resolver os problemas deles, acabaram mais rápido do que nós, isso significa que eles estão mais organizados do que nós aqui, mais é o seguinte, o Geraldo Iod, o Tukano lá do Amazonas, O Francisco Munduruku e o Felizardo acha que a comunidade do Kumarumã está organizada agora eu acredito o seguinte, que a comunidade bem organizada ela não tem problemas se a comunidade de Kumarumã, os Palikur e os Karipuna continuam enfrentando problemas é sinal que tá faltando alguma coisa aqui ainda, quer dizer que não estão bem organizados, então nós temos que descobrir, alguém onde e que está faltando pra gente ser organizado. Essa reunião que a gente tá fazendo aqui é um tipo de organização minha gente, então é interessante que todos participem porque é sinal que nós estamos aprendendo, aqui nós estamos numa escola, todos aqui presentes estamos aprendendo um pouco de todos os irmãos que estão aqui, agora é o seguinte, minha gente, essas respostas que foram dadas aqui a gente vai colocar tudo num documento só, e a gente vai tentar levar esse documento pras entidades competentes que é a FUNAI, que é o presidente da FUNAI, ao Ministério do Interior, seja lá quem for porque aqui todos os índios que se apresentaram todos eles colocaram problemas das suas comunidades, que cada um enfrenta, que nós enfrentamos problemas, então isso quer dizer minha gente que nós índios apesar da gente pensar que está organizado, a gente pensa que está organizado, mais falta muito o que fazer ainda, tem muita coisa pra frente os problemas estão começando agora e quanto mais estudar esses problemas é que nós temos condições de organizar melhor, é que nós estamos em condições de enfrentar os problemas que vem daqui pra frente, a gente não deve se iludir, ficar iludindo a gente tem que procurar onde é que tá o erro, onde é que tá a nossa fraqueza, até que ponto a comunidade reforça o tuxaua, até que ponto a comunidade fortalece os professores, porque aqui se reclamou durante esses dias, que querem que os professores sejam assalariados da FUNAI, querem que as enfermeiras sejam assalariadas da FUNAI. Então se a comunidade está organizada então não é necessário pedir esse salário pro pessoal, que uma comunidade organizada ela é independente, ela não precisa de ninguém, então significa minha gente, que tem coisas ainda que está desorganizada, a gente não deve carregar ilusão na cabeça, se a comunidade acha que tem condições de sustentar professores e enfermeiros por conta própria,

melhor ainda que assim a gente não precisa depender da FUNAI, não precisa ter tantas dores de cabeça que a FUNAI sempre traz, porque quanto mais a gente envolve com pessoas de fora, mais atrapalhado a gente fica, que esse povo que se fala civilizado, é um povo muito complicado, a gente está aqui nas aldeias, a gente não sabe de nada, mas é um povo complicado, quanto mais vocês acham de mexer com eles, mais complicação jogam dentro da cabeça da gente, então eu acho que organização de índio justamente tem que descobrir as novidades procurar onde está a nossa força onde está o nosso direito, onde que nós devemos pedir reforço apoio tem entidades de apoio, tem o CIMI aí que o pessoal fala tanto do CIMI que tem apoiado certas comunidades aí então procurar conversar com essas pessoas que a gente aí vai poder pensar um pouco melhor e balançar um pouco está cabeça que é meio dura porque muita gente acha que não tem problema que está tudo bom num é não tudo bom tem muita coisa pra resolver eu não sei se aqui meu grupo aqui ficou satisfeito com o que a gente falou aqui com as respostas que foram dadas, eu francamente vou dizer pra vocês que eu tô com a cabeça meio perdida sabe, que pra gente trabalhar numa reunião dessa é difícil, porque cada um diz uma coisa que tem que pegar de cada um, pra poder colocar uma coisa bem colocadinha no papel pra gente levar a medição do índio pra frente, que a gente não vai mandar uma coisa atrapalhada, a gente tem que mandar uma coisa bem feita, bem limpinha pra gente ver se consegue, que nem a gente disse, pra ver se a gente consegue exigir os nossos direitos, é isso aí minha gente.

Eu acho que agora tem um café aqui né, minha gente.

Eu estou pronto a trabalhar até 10 horas pra adiantar mais o nosso trabalho. Amanhã é só último dia. FELIZARDO

É, gente eu gostaria de falar pra vocês que cada representante do grupo, feito hoje a tarde, é negar bastante aqui pra frente, eu acho assim como a palavra de Daniel Cabixi, que ele tá falando que vai ter que representar o trabalho feito agora a tarde, e se não tiver pronto não tem problema, a gente deixa para amanhã. PAULO TXIKUNA

DANIEL CABIXI - Viu então é o seguinte, então a gente dá a palavra livre é pra pro pessoal aqui. Uma das grande perguntas que surgiu nessa reunião foi a seguinte: "Como é que nos vamos resolver o problema da terra?". Então eu pediria eu, então eu pediria pra essas pessoas que tem a terra demarcada, dos grupos que já tem a terra demarcada, tivesse a bondade de vir até aqui e falar aqui pro público, como é que se deu a luta para a demarcação da terra.

É, os Miranhas tem a terra demarcada?

VERIDIANO MIRANHA - É primeiro eu tô um pouco confuso com o problema do horário é que a tarde, depois da merenda, ficou de voltar pra resumir os depoimentos, pra hoje a noite ou amanhã apresentar, e agora o que modificou, eu não sei se os outros aprontaram, só sei que nós aprontemos e além do mais a gente já tá entrando em outro detalhe, eu gostaria de fazer e seguinte, apesar de eu res -

ponder, eu falar pouco da minha terra, eu gostaria de terminar, e em fundo com os problemas levantados por parte da liderança, pra que a gente possa retirar os documentos, fazer um relatório, e eu não sei se outros terminaram os trabalhos deles, só sei que eu terminei.

Na nossa terra, nós já temos a nossa Portaria que dá direito a nossa terra. Há doze anos atrás a nossa aldeia tava distribuída, quer dizer, ninguém se entendia; todos tavam seguindo o ritmo do branco e aí nessa época os civilizados que iam casando tiveram a idéia de demarcar, lotear, daí gerava confusão. Meu tio nessa época teve a oportunidade de vir até Manaus, e quando voltou já levou o mapa e a carta que anunciava que a terra não podia ser negociada, e daí continuou o atrito. Nós enfrentamos a luta e depois de formada a reunião, de reconhecer a necessidade de retomar as nossas terras, regularizar. Fizemos a sorte de atualizar nossos projetos. Foi mandado pra lá por duas vezes dois antropólogos e fizemos a proposta da terra, aí nós mesmos pegamos o terçado e o machado e fomos demarcar a terra. Quando saiu a Portaria que dá direito a demarcação de nossa terra então já tava marcada, mais isso com muita dificuldade. Depois desse de o meu tio na época, o tio Adriano e eu vim até Manaus atrás de conseguir o documento que dava direito a terra, isso nessa época sem se ter conhecimento nas outras áreas do Brasil também se encontravam pessoas nessa mesma situação. Em 1982 tivemos a oportunidade de receber essa, a portaria. Daí nós ficamos com o documento da terra e já demarcada. Por sorte nós não temos problema de invasão de terra dos madeireiros, a nossa marcação é respeitada por todos, mais isso não significa que por exemplo pra mim, eu vou mudar um pouco aqui o sentido do que eu estou falando, por isso que em ponto nenhum eu coloquei, assim como uma espécie de privilegiado, apesar de nossa terra tá demarcada, não me tira o direito nem o bom senso de lutar em favor das outras tribos, levar o conhecimento, a conscientização em favor daqueles que não tiveram essa sorte, de que tão com sua terra invadida pelo madeireiro, fazendeiro, mais nossa terra está nessas condições, esta garantida, pelo menos a portaria, eu não sei se no futuro vem existir outro decreto que possa derrubar o decreto da Lei do estatuto do índio sempre está cheia de fatos, tá escrito lá no estatuto mais muitas vezes não é cumprido, no momento é só isso.

PAULO TXIKUNA - É, nós ouvimos a palavra de Miranha, ele explicou que eles tem a garantia da terra deles, e que essa garantia, pra eles conseguirem, foi uma dificuldade e que a demarcação da terra até hoje a gente ainda não conseguiu demarcar, e sim alguns já conseguiram a demarcação. Mais eu acho assim que não é muito bom confiar nessa demarcação que isso eu acho assim que pode acontecer como aconteceu no Satere Maués, a área deles é demarcada mais agora pela última vez que nós tivemos presentes, tivemos conversando com os representantes de lá que as terras deles estavam sendo invadidas pelas multinacionais. Mudando esse assunto, que hoje surgiu a pergunta do seu Paulo Orlando ele perguntou pros que estão

presentes aqui na reunião qual era a solução de conseguir a demarcação da terra, bem, ai foi o Daniel teve uma idéia, de que dividir grupos pra ter um debate assim em grupo, e que esse coordenador explicasse ou aceitasse a opinião dos presentes do grupo como a gente tinha que fazer pra conseguir a terras, então a gente fez, eu como coordenador expliquei pra eles que a gente conseguiu a delimitação através de reuniões, de uniões, através de orientação dos que mais entende então a gente tenta ver se é isso mesmo que eu escrevi, que a gente escreveu aqui, se tiver alguma falha eu peço a voces que voces devam corrigir o erro da gente, que deve ser apagado aqui, eu não sei se vai tá apagado porque a gente vai chegar a um ponto assim "x" , a gente deve discutir né, então eu vou ler aqui pra voces, o trabalho que a gente fez a tarde, e pra amanhã a gente tem um ponto "X" assim um relatório assim final da reunião que amanhã é o último dia. A gente aqui surgiu, a gente escreveu aqui a maneira de se expressar assim para conseguir a demarcação da terra então aqui eu fiz isso, trabalho em grupo com o coordenador, o Paulo Txikuna, requerida a pergunta de seu Paulo Orlando diz assim qual é a solução ou a maneira que nós podemos fazer para conseguir a nossa terra?

Eu contando pra eles, pro grupo do trabalho, como que a gente conseguiu a delimitação da terra, eu botei assim, a melhor maneira que nós achamos, é fazer pressão no gabinete da FUNAI organizando antes disso, organizando a comissão bem forte para brigar pela terra, procurar direito da terra em outros órgãos e esperar a resposta dos representantes desse órgão. E o que que ele vai falar, o que que eles vai dizer, se reunir bastante, conscientizar as lideranças da comunidade, quer dizer isso, quer dizer que pra gente conseguir isso, tem que se organizar bastante e orientar as pessoas, como maneira a gente conseguiu as terras não podemos esperar por ninguém, encaminhador das reuniões ou da comunidade, ficar falando só da comunidade nunca vai resolver os problemas da terra, quando for encaminhado; marcando uma data ou um praso para o presidente para ele resolver o problema da terra depois de receber ou mesmo não recebendo a resposta, podemos novamente se reunir e discutir como fazer pressão e escolher uma comissão para cobrar ou exigir a demarcação da terra. Como no caso os Bacairi perderam as suas terras e conseguiram as suas terras de volta, como eles fizeram, fazendo reuniões, discutindo como fazer para tomar a sua terra de volta, é participar convidando as tribos mais próximas e se reunindo e discutindo o problema, qual o tipo de pressão que vamos fazer, e depois de discutir o documento final, encaminhar para a DR para o presidente e esperar a resposta dele, se vai demarcar a terra ou não; porque se a gente for esperar só aquilo que a FUNAI promete a gente nunca vai conseguir a demarcação da terra. Pra nós conseguir a demarcação da terra minha gente, eu acho que o que a gente colocou aqui, o trabalho que a gente fez hoje eu acho assim que a gente consegue através de pressão; porque se a gente for todo tempo esperar pela FUNAI nunca a gente vai conseguir a demarcação da terra, nunca mesmo. Quanto mais o índio fica de boca fechada pra FUNAI é me -

lhor eles ficam dizendo: O índio daquela área, daquela região não precisa de terra, porque eu não vejo queixa de ninguém; então pra FUNAI isso é melhor. NO entanto meus irmãos todos os índios do Brasil precisa da terra, mais só que tem alguns índios espera a vez da FUNAI, eles espera que a FUNAI chegue lá e demarque a terra dele, mais eu acho no meu ponto de vista, a gente nunca deve esperar, já esperamos muito, já estamos cansados de esperar, então eu acho assim que a gente deve conseguir a demarcação da terra através de pressão, pressionar o presidente pressionar mesmo minha gente, brigar pela terra, isso começando desde a comunidade, a união. A união de todos, depois de uma só voz, ai podemos escolher a comissão pra brigar pela terra, foi isso que a gente fez hoje! Eu não sei se vocês acha que é mesmo é que o trabalho que a gente fez foi isso, e agora no momento o que eu tenho pra falar é só isso, e que tem um outro grupo pra apresentar o seu trabalho.

DANIEL PARECI - Olha gente, eu tenho mais uma coisa pra falar, eu não sei o pessoal que tava comigo, pode acrescentar mais coisa fora isso né, que na hora que a gente tá trabalhando, as vezes a gente se esquece de escrever ai na hora que a gente vai ver a gente se lembra de outra coisa, eu não sei se tem outro ai o Canoeiro aqui, o seu Avelino pra poder explicar também isso pra vocês.

NICOLAU RIKBATSÁ -Então eu acho que pelo trabalho que nós fizemos ai, acho que ficou assim, uma coisa que ficou mais certo, não bem certo, mais eu acho que faltou alguma coisa, acho que a única coisa que nós podemos fazer é o que nós fizemos aqui. Agora depois dos outros trabalhos que vierem ai, ai nós queremos ver o resultado disso aqui, que nós tem que levar o resultado disso aqui pra ficar bem claro que cada um vai pra suas terras, ai então vai ter que mostrar pra ver qual é a solução que tem as garantia das terras, não só pra esses que já tem suas terras demarcadas, mais pros que ainda nao tem suas áreas, como nós conseguimos as nossas terras, devemos ajudar os outros que estão sofrendo as consequências por causa de suas terras. Outra coisa, esse negocio de, não seria muito bom a gente tocã muito dessas coisas, agora a gente tem que ver o que que as nações indígenas vão fazer no futuro, isso ai que a gente vai ter que apurar um pouco amanhã pra ver quais as frentes indígenas vai ter que achar. No final de tudo a gente espera, quer dizer assim eu digo da minha parte de acordo assim porque eu tenho que levar muito pra ver as coisas principais dos povos indígenas que tem que agir pro futuro, e o futuro que vem chegando. A gente tem umas normas que a gente consegue facilmente mais sem a união é que ninguem não consegue tão facil mais talvez se nós vamos conseguir amanhã uma coisa que no fim da reuniao a gente tem que ter um resultado certo bem organizado. Essas coisas vai ser publicado também depois pra gente ver nos jornais que vai ser esparramado que ai a gente vê qual é a força que os povos indígenas fizeram nesta Assembleia Nacional.

DANIEL PARECI - Alguem mais que já entrentou problema de demarcação de terra ai que está com sua terra demarcada, que queira dar a sua palavra aos amigos, tem algum representante aqui dos Karipuna, dos Galibi, é que estão em condições de explicar aqui pra nós como é que deu a luta, os problemas que foram enfrentados para voces conseguirem a demarcação da terra. Quer dizer, só falar os problemas que voces enfrentaram para dar a demarcação das terras de voces pra outras pessoas escutarem, porque tanto se falou de terra aqui, ontem e hoje e ninguém falou como é que foi a luta pra conseguir a terra.

Maciel, olha voces explica como é que voces conseguiram a terra, as dificuldades que voces enfrentaram, os problemas, os impactos com a FUNAI, se a comunidade participou, então seria bom se voce dissesse pra nós aqui.

MACIEL GALIBI - Bom prezados irmãos boa noite, mais uma vez eu vou explicar alguma coisa a respeito da demarcação da área de Kumarumã, Karipuna e Palikur. Não foi só uma vez não, agora para nós ter essa demarcação tivemos grande luta gente não foi fácil não, inclusive fizemos uma reunião aqui no Kumarumã. Nesse tempo eu tinha um amigo meu por nome de Luis Soares dos Santos, ele que iniciou essa assembleiazinha aqui, tá decorrendo uns par de anos atrás, foi o primeiro encontro que tivemos aqui na aldeia Kumarumã. Então a partir daquele tempo começamos a debater um bocado de vez, não foi só uma vez não, eu não sei, eu acho que os caciques Karipuna e os Palikur, tá lembrando que nós começamos pedir a demarcação da nossa área. Até que enfim graças a Deus conseguimos com dificuldade. Veio com um tal de Major, que eu nem conheço, explico logo assim no português bem claro porque fica claro pra todo mundo ouvir, ele queria limitar a demarcação daqui da reserva, aqui o rio Uaçá então eu briguei com ele ali. Era verão e ele chegou e encontrou ali, ele disse não pode ser, como e que o senhor quer delimitar a demarcação aqui. Nesse tempo eu era cacique aqui, eu era o representante eu o cacique Felizardo, aqui eu tava começando, não sabia debater nada ainda, não tinha conhecimento com nada, era só eu aí e eu sempre incentivei ele, O major chegou aí tava o Major, mais eu sempre teve uma coragem e tenho eu fui nos pés dele lá na canoa mesmo conversei com ele, eu não fui ao recado de ninguém não, a penas foi só um senhor Antigo, lutou muito aqui foi o Raimundo Gerônimo que sempre me dava alguma orientação. Ai eu fui e briguei com ele lá no porto, eu disse pra ele que nós precisava dessa área e mais ou menos uns cinco quilometros de margen a esquerda de quem vai subindo assim a área toda que pertence aqui a região Karipuna e Palikur. Os Karipuna, os Palikur está tranquilo, porque tá entre nós, quem sofre mais, Karipuna e Galibi de Kumarumã porque fica aqui perto de Cacipore, Caciporé tem muitos civilizados que são orgulhosos, gosta de invadir as terras, as área, como até hoje eles entra aqui no Kumarumã todo tempo tão invadindo a nossa área, e Karipuna também estão como se diz invadido por civilizado lá o Lençol às cabeceiras do rio Curipi todo tempo é perseguido por civilizado assim mesmo quando está demarcado já, imagina naquele tempo, e não foi fácil meu amigos que nós conseguimos a demarcação, ainda fizeram um pedaço aqui, tiraram

um pedaço da área eu tornei a brigar com eles com outro Major, até que ele graças a Deus conseguiu o pedaço de terra que eles tinham tirado do nós, mais não foi fácil. Então eu acho que até hoje os irmãos que estão aí pelo sul do Brasil do Amazonas, em toda parte a donde tem índio estão nessa mesma luta, ta na mesma luta porque eu sei que não é fácil, que aqui nós não ganhamos com facilidade. Assim como tá demarcado, nós tamo sendo perseguido inda mais se não fosse demarcado. Aqui nessa regiãozinha quem está mais tranquilo é os Palikur que estão cercados por nós. Bem primeiramente seja a invasão é nos e lá os Karipuna eles não são tão tranquilo, é por isso que eu sempre falo, não mal, eu não quero que eles se aborream que a gente sempre defende eles. Então porque que eles vão consentir se eu proibi aqui um civilizado invadir, não serve praqui, fazer comercio aqui na minha área como tem fulano, fulano, fulano e fulano então lá eles consente? Não devia consentir, porque se nós já sabemos que aquele não serve pra cá, aqui na área então não serve pra cá na área do Galibi, nem na área do Karipuna porque a área é só de índio, eu não quero que ele aqui o seu Paulo vai me dar, ele é dentista pra nós então nós não tamo trabalhando junto, chega lá em casa do seu Henrique ou do seu Coco, aqui voces tá bem com nós, mais não podia ser assim, se eu proibir um civilizado aqui nessa área, então eu proibi na área todinha. Nessa área é só índio, quer dizer que isso aí eu tinha que falar, eu tinha que reclamar isso, hoje chegou a oportunidade de eu dizer porque eu quero a união entre nós, eu não quero desigualdade, porque sobre a demarcação é a luta, é perigoso. A gente de primeiro não sabia de nada, não sabia a significância da demarcação, eu pelo menos agora não, eu sei o que é uma reserva indígena, eu sei e é por isso que eu sempre eu digo, alguma coisa...

Eu tenho condições de defender a minha área não, a FUNAI sempre deu essa ajuda pra nós graças a Deus. Então nós hoje estamos tranquilo graças a Deus mais ninguém está como se diz tranquilo definitivamente porque pra cá essa BR 156, trouxe uma parte de beneficios, mais por uma parte trouxe muita coisa perigoso pra nós índio. É protegido o seu fulano de tal, seu comerciante de tal, seu órgão do governo tal facilitou muitas coisas pra eles e pra nós, facilitou um pedacinho e prejudicou mais. Quer pra eles e pra nós, facilitou um pedacinho e prejudicou mais. Quer dizer que isso ele protegeu entendeu, então nós temos que ver se defender, porque eles tão vindo, todo mundo sabe, tudo já viram que aqui da área que pertence ao civilizado até na nossa área indígena já tem tudo dono, é tudo já considerando, os posseiros estao aí é maranhense, é cearense é aquele iem roça, tem terreno. Se a FUNAI já tirou seu terreno, só do ano passando pra cá porque tão assim vendo a demarcação que tá lá, a placa que esta escrito Fundação Nacional do Índio, reserva do Uaçá mas ninguém deve facilitar porque eles passas da placa não vai dar muito trabalho não.

DANIEL PARECI - Eu vou perguntar aqui pro seu Maciel como é que ele conseguiu a demarcação, é isso que nos queremos saber seu Maciel, como é que o senhor conseguiu a demarcação? Como e que os Karipuna, os Galibi, os Palikur conseguiram a

demarcação da area, e isso que nós queremos saber.

MACIEL - Bom, o que o Daniel perguntou, como nós conseguimos a demarcação, conseguimos a demarcação através de reuniões, conseguimos através de pedidos, de orientação também de certos amigos nossos, mais não foi como se diz, não foi só que a FUNAI veio dizer assim. "Eu vou demarcar a tal área pra vocês". Não ele não veio não, foi nós que procuramos, começamos a fazer reuniões, começamos a participar de encontro, foi gente daqui lá pro Pará lá pra Goiânia pra poder re conhecer, pra nós pedir a demarcação da reserva, foi assim que nós conseguimos. Foi nós mesmos, quer dizer que antes disso ninguém sabia, foi assim que nós podemos conseguir a demarcação aqui da reserva Uaçá, foi com luta não foi com facilidade não, por intermédio do CIMI também, damos graças a Deus também, sempre da esse ajuda pra nos, e eu não sei se é isso que o senhor quer saber.

VERIDIANO - Alguém mais ai quer falar sobre o Karája, Krahó. Então fala aqui tá que os Krahá tem a terra demarcada não tem? Então explique pra nós aqui como é que foi a luta de voces pra conseguir a demarcação da terra, se a comunidade participou ou se o tuxaua ficou sozinho, o que e que foi preciso tudo essas coisa tá, e tem uns dez minutos pra falar.

VERIDIANO KRAHÓ - Bom meus prezados a luta da demarcação da nossa terra na reserva dos Krahó. Nossa reserva foi feita assim, que no tempo de Brasil, era o delegado Paiol, que nós lutamos muitas vez conseguimos o que nós fizemos. Nós fizemos curso de ser guarda indigena pelos indios, fizemos curso. Seguimos os pontos pra nós tirar reserva indigena, por isso que nós fomos e nós entramos no nosso, o indio de Goiás é Xerente, Apinagê, os Krahó, nós entramos de acordo pra nós tirar reserva indigena para todos esses tribos ai, então é por isso que nós estamos lá, todo reserva desse tipo, Apinagê os Krahó e os Xerentes tá tudo demarcado porque entramos os juntos, os força de os grupos, por isso que nos conseguimos demarcação desse terra foi por nós mesmo é só isso.

DANIEL - Ai os Munduruku ai do Amazonas, Francisco, cadê o Francisco? É os Munduruku tem terra demarcada? Não tem, então explique pra nós o que é que voces tao fazendo para conseguir a demarcação da terra.

FRANCISCO MUNDURUKU - Bem, pra gente conseguir a demarcação de nossa terra, a gente tá lutando, fazendo reuniões com o conselho indigena da nossa terra o nosso tribo pra ver se a gente consegue essa demarcação, como nós lutemos pra FUNAI fazer a delimitação. É prá ver se consegue essa demarcação porque a gente é muito perseguida lá pelos posseiros, pescadores e outras pessoas que passam pelo rio que é muito longo que vai terminar dentro do Mato Grosso. Então a gente faz essa força pra que essa demarcação saia com mais rapidez, e a gente não tem assim o sossego, sempre a gente sente dificuldade como agora nós passamos o

o mês de março no tempo da castanha. Muito pessoal do Madeira vem atacando a gente pelos fundos, e o chefe que a gente tinha lá chamado Paulo Estedio que foi lá o chefe doxikuna como eu já conversei com o Paulo que ele foi tirado de lá porque não serviu, a gente falou pra ele, e ai ele falou que ia falar com esse pessoal que estava permanecendo dentro da nossa reserva, estava roubando nosso produto. Nós confiamos, depois ele foi lá com um camarada com os pessoal que estava lá que ele foi de apoio pro pessoal, e falou que o pessoal podia permanecer mais não podia tirar produção. Mas isso não ficou bem pra gente porque nós queremos que ele tirasse esse pessoal dai, estão roubando nosso produto, estão desfrutando o que nós temos dentro da nossa reserva, que nossa reserva é muito grande, tem 805 mil hectares ela é muito riquíssima, tem vários tipos de madeiras florestal,. Por isso ela vem sendo atacada pelo branco pelo civilizado desde o principio do tempo dos antepassados, do meus primitivos, do meu avós e por isso nós lutamos. Eu pela primeira vez estou saindo da minha aldeia como um representante do meu tuxaua que é o meu primo, filho do meu tio, me mandou pra cá pra fazer a representação dele porque ele não pode vir. Ele está com esse problema de terra, invasão. pescadores, a Petrobras e sobre mais outras coisas que nos persegue lá dentro da nossa reserva, nós no momento estamos passando uma dificuldade, a FUNAI pouca assistência ela dá pra nós lá eu não sei porque. O delegado, a gente vai em Manaus falar com ele, ele não quer conversar com a gente ele só diz que tem problemas pra tratar e eu não sei que problemas é esse. Eu faço um apelo pra que ele possa dar mais atenção pra gente. Sabe, eu vou dizer pra voces aqui, eu não sei se em todo território brasileiro a FUNAI apoia os ladrões, eu digo ladrões, porque quando tem uma pessoa que quer ajuda o índio a FUNAI não podia tira aquela pessoa de onde ela está trabalhando, do devido lugar pra botar outra pessoa que não quer trabalhar com índio, e aquele que vive roubando o índio é que a FUNAI apoia. Eu não sei se tem algum funcionário da FUNAI aqui escutando a gente né, mais se tiver escutando, vamos desculpar mais eu tenho que fazer esse apelo né, porque é verdade isso. Lá na nossa reserva lá no Amazonas é assim que o delegado faz porque o delegado não é brasileiro, ele é japonês ele também tem um pouco de assim ele rouba um pouco sabe como acontece na área dos Atroaris, . Eu trabalhei quatro anos lá na área dos Atroaris, vim vendo de perto o que eles passam as consequências que eles passam que em 80 foi o coordenador Mario Cravera que foi um padre salesiano do rio Negro, decretou uma Lei que eu não sei nem dizer não sei nem aonde que arrumar essa Lei pra que a area dos Atroari fosse diminuída e deu apoio pra hidrelétrica da Balbina e pra empresa Paranapanema que é empresa do governo Francês. Os Atroari tá passando por essa consequência, é um pessoal que ainda não se ficaram num lugar certo é a pessoa que vive assim na mata na selva eles não sabem como agir pra conseguir a terra deles, eles brigam mais a briga deles não é como a da gente que já tem um pouco de inteligência pra conseguir. Eu vivendo desde esses anos que eu passei o coordenador Mário

Cravera vem fazendo isso com esses índios, coitado, não sabem de nada não sabe fazer pressão, como a gente que sai pra falar as vezes né. Muitas vezes eles fazem uma coisa lá que não é certo, a gente tem que falar um pelo outro né? É somente isso que eu queria dizer, eu acho que amanhã eu tenho que marcar um encontro também na minha aldeia, que vai se dá zebra, já tá combinado com meu tuxaua quando chega em Manaus ele tá nos esperando e vamos transmitir pra todo Brasil u ma carta ao Mensageiro e no Porantim que veio criado pelos Satere Maués. Obrigada.

DANIEL - Tem algum representante dos índios Tembê aí minha gente, também pode falar um pouco sobre a demarcação área as dificuldades que eles está enfrentando.

Então vocês explica aí pro nossos irmãos as dificuldades que voces vem encontrando e até que ponto voces tem apoio na comunidade, se a comunidade está interessada, até que ponto voces tem apoio da FUNAI, se não tem apoio da FUNAI, explica um pouco dessa situação para nos.

CLEMENTE TEMBÊ - Bem pessoal, a gente lá na minha aldeia dos Tembê, a nossa comunidade é um pouco fraca, mais as vezes a gente se reúne a gente forma muitos que as vezes dá um resultados até positivo, agora quanto ao problema da demarcação da terra eu não gostei, eu não gostei da FUNAI eu não vim aqui apenas pra falar mal de FUNAI, falar aquilo que não adianta. A gente tem que falar aquilo que é verdade, eu não gostei da FUNAI, isso eu não tenho medo de dizer, não tenho medo de dizer aqui, se for preciso eu dizer lá pro delegado da FUNAI eu digo, eu não gostei, por que quando eu não gostar de uma coisa, eu digo não gostei. Porque ele mandou fazer reunião lá com os nossos, que ia dividir a nossa área de terra, então a nossa área de terra ia até o Gurupi, ele fez uma reunião conosco, dizendo que prometendo que se nós cedesse uma parte da terra, isso nós fizemos, ele ia mandar demarcar a terra, isso nós fizemos e ele disse que ia preparar o documento, como eu tinha dito que ia mandar fazer esse relatório pra nós, e até hoje esse documento, nunca chegou na nossa mão que isso eu já sei. Então é por isso que eu não gostei até hoje tanto sofrendo a nossa demarcação de terra é por causa disso e além disso nós mesmo somos um pouco fraco lá, que nós não podemos se reunir, porque lá nossa tribo só é essa mesmo; nós não temos outros irmãos perto de nos mais pra se reunir pra formar grupo, para estudar como que se deve fazer as coisas lá, e é um problema muito sério e difícil de se resolver porque temos pouco, nós não pode resolver sozinho então nós viemos aqui nessa assembleia pra pedir uma orientação aqui pros caciques e pra essas comunidades daqui ajudar a gente porque eu acho que só vendo assim como o Paulo falou através de reunião de união que a agente de lá podia conseguir a sua demarcação porque de nós esperar pela FUNAI já estamos cansados. Então se a gente for todo tempo, nós não vamos conseguir nada, nós vamos acabar perdendo as terras que nós temos, então o nosso problema agora é esse, é a demarcação da terra que nós queremos. Quanto a outros problemas nós temos assim passando dificuldade, e o problema é a terra

porque os fazendeiros, os brancos como se chamam, invadiram a nossa área de terra, então ele prometeu que repartindo a terra ele garantia tirá-lo o resto que ficasse dentro de nossa área que fosse pertencido aos Tembê, e até hoje, ele prometeu que logo era no ano passado mesmo, ele ia fazer o trabalho, e nós já estamos quase na metade do outro e até agora nada. Então nós vamos partir pra outro plano, esperar que o pessoal nos ajude bastante que vamos esquecer um pouco assim dá FUNAI que demarcação de terra, que se a gente for só cobrar da FUNAI todo tempo, ela não faz e a gente perde o que tem cada vez mais e o que eu estou explicando pra vocês. Nós só não pode fazer porque somos pouco, aqui essa área de terra desse pessoal aqui é uma area muito boa porque são três comunidade, mais nós lá temos uma. Então eu acho que nós é iraco, nós mesmo se unindo lá ainda não dá pra fazer esse trabalho, agora eu vou esperara o resultado de outras caciques que vão falar e o que eu tinha de falar é so isso, Nós somos 380 so agora eu vou passar o microfone aqui para o Paulo.

PAULO TXIKUNA - É a gente já ouviu a palavra dos Tembê, que eu acho assim da , das palavras de outros que já falaram, que todos reclamam da terra, agora eu no momento que os outros estão falando veio uma idéia assim na minha cabeça de que a gente colocou aqui no documento que consegue a terra fazendo pressão no gabinete do presidente mais eu não sei se isso é válido, mais agora mesmo dei uma ideia assim na minha cabeça que se todo índio reclama da terra, se o problema é terra mesmo que a vida do índio é a terra, então eu acho assim que a gente devia se organizar formando uma comissão assim bem forte, escolher um representante assim se organizar formando uma comissão de representante de cada tribo e marcar reunião com o presidente da FUNAI ou junto ao ministro do interior. Aí todo mundo reclama pra ele, fazendo pressão assim pra ele, eu acho assim, eu acho que ele, talvez assim a gente consegue, porque com esse negócio de a FUNAI demarcar um pedaço assim de terra pro índio, eu não acho isso de acordo, eu não acho certo isso, já que todo mundo reclama que todo mundo não, que a gente sabe que e dono da terra. A gente não pode dizer que um pedaço terra é pro índio e um outro pedaço fica fora, porque pra fazer a demarcação da terra minha gente, eu acho assim que a terra da gente, a terra indigena não deve ter limite, ela deve ser contínua porque se a gente se reúne aqui forma um conselho forma uma diretoria pra fazer pressão com o presidente, as vezes pode chegar o conselho de uma tribo e ele pode enganar de uma maneira, e quando chega outra tribo pra exigir a demarcação da terra o presidente vai enganar de outro jeito como no caso agora lê que nem fazer pressão lá em Brasília. A gente foi lá junto com os Apurinã e Xavantes junto com os Txikuna, nós tudo reunido, o presidente da FUNAI falou que ia demarcar primeiro uma área e depois outra, aí no outro dia a gente foi lá, o presidente falou que ia garantir a terra da gente, ia demarcar, breve ia sair a demarcação da terra, quando a gente tava lá tudo junto, junto com os Apurinã o presidente disse vai sair a demarcação de vocês, vocês todos, aí depois quando a gente se separou já disse uma coisa pra gente, e a gente já disse outra coisa

pros Apurinã, então gente é por isso que eu digo, a gente devia marcar era reunião com o presidente da FUNAI e com o Ministro do Interior, talvez assim a gente consegue, porque a gente já tá cansado assim de escrever, como eu falei hoje de pegar no lápis, na lapiseira no caderno encaminhar documentos, encaminhar o resultado das reuniões das tribos pra FUNAI. A FUNAI nunca vai resolver, ela sempre, talvez nem lê o documento encaminhado porque eu acho assim a gente se reunindo assim, cada um ou dois representantes de cada tribo marcar uma reunião e chegar e dizer pra ele, olhe nós queremos a terra, não interessa que o índio é lá do sul, não interessa que o índio é do norte, não interessa que o índio é do sul ou do nordeste não interessa que é do centro-oeste não interessa que o índio é do outro canto, o que interessa pra gente é demarcar a terra. O que um índio sente, todos sente, o que o índio sente aqui no Pará, lá no Amazonas sente o que no Amazonas o índio sente lá no sul, então eu acho assim, a gente podia, sabe, e marcando uma reunião assim com o presidente e o Ministro do Interior ou senão os demais autoridades aí talvez a gente podia conseguir não é. Eu tô colocando isso pra gente discutir aqui, alguém pode dizer se a minha opinião tá certo ou errada, eu não sei alguém pode dizer, que nós estamos aqui pra discutir, então o que eu tinha que dizer é isso, porque se cada índio chega e faz uma pressão, o presidente chega, a tá bom pode deixar que amanhã eu vou marcar a terra de vocês aí o índio fica satisfeito aí chega vocês tem que esperara também como os outros esperaram. Bem gente não tem uma terra demarcada assim, agora essa vez a gente fez a pressão o presidente disse, até a terra dos Pataxós já demarquei, tá tudo bem feito, agora vocês tem que esperar que vai sair a demarcação da terra e depois a gente tivemos conversando com os Pataxós e os Pataxós uma dia desse morreu pelos fazendeiros, então por isso que eu digo, cada tribo que vai fazer pressão lá na FUNAI o presidente engana ele joga pra um dizendo, olha tal tribo já demarquei a área agora é a de vocês, quando chega outra ele diz não já demarquei lá da tribo que veio ontem agora vai ser de vocês então nunca a gente chega a pegar uma verdade do presidente. O presidente sempre fica enganando, bota o índio em jogo, então é isso gente que eu queria fazer uma melhor explicação, o Veridiano tá aí né, falar alguma coisa, o seu Veridiano pode ter outra né.

DANIEL - Alguém tem alguma coisa pra falar?

AMÉRICO TUKANO -Eu tenho uma coisa aqui pra falar pra vocês, que eu achei boa a idéia do Paulo Txikuna aqui, ele falou que todos líderes da comunidade indígena do Brasil, queria que nos reunisse pra conversar com o Ministro do Interior e com o presidente da FUNAI, que eu acho que esse, os líderes das comunidades indígena do Brasil reunidos pra ir conversar com o presidente da FUNAI e com o Ministro do Interior pra mim é a única idéia. Eu escutei a idéia dele, eu acho que se for assim que todos nos líderes de cada comunidade indígena do Brasil se nós for reunido pra ir conversar com o ministro do interior, e com o presidente da FUNAI talvez como ele falou ainda agora nós poderíamos conseguir a nossa demarcação da

reserva indígena entenderam e agora não sei qual é a opinião de vocês, a opinião que posso dar é isso, agora sobre os outros problemas que nós támo sentindo lá no alto rio Negro não tá demarcada ainda, eu já falei muito hoje que eu tenho que dizer é só isso.

CLEMENTE TEMBÉ - Eu concordo com a opinião do Paulo aqui, com a opinião do Tukanó e se cada grupo fou um representante pra chegar tudo.... tem de enrolar, aí vai ter que dar uma palavra final, uma palavra certa, eu acho que isso que nós vem discutindo agora prá mim é uma idéia muito boa eu não sei se os outros vão concordar também né, depende da opinião dos outros caciques que estão aqui reunidos e então era só.

CARLOS KARAJÁ - Bom meus irmãos, essa proposta do Paulo é muito legal é porque uma vez nos fizemos, os Tapirapé pelejaram com as terras dele, eles mesmos passaram sete anos lutando atrás dessa terra, mais quase que eles não conseguiram essa terra, aí o que é que eles fazem, o que que eles fizeram, eles chamaram de todo tribo e pra cada um dar a idéia pra eles, então os índios começaram a juntar e conversar que jeito que era melhor, ou através do documento ou era o próprio índio mesmo pra resolver pra chegar ao presidente e dizer prá assinar a portaria da terra dos Tapirapé. Então as idéias que saiu foi muito legal, ele fez isso e a gente contratou sem falar com ninguém, que a gente só o índio, só enter índio combinaram esse batalho de terra pra conseguir para os índios Tapirapé. E assim a gente fizemos, mas só que o presidente não aceitou esse negocio, quando ele ve mutirão de gente que vai atrás do problema do outro ele não quer aceitar. Mais o cacique sempre tá ao lado da gente que foi convidado esses outros índios pra ouvir a palavra do presidente e assim fizeram. Nós se começamos a se ajudar em Brasília, e um por um de cada aldeia sem ser Tapirapé e tá certo nós fizemos, em Brasília chegando de um por um tempo marcado, o outro saiu antes o outro saiu meio atrasado e assim foi se ajuntando uns 15 índios em Brasília, e tentamos entrar e conversar com o presidente pelo direito dos Tapirapé, pela demarcação das terras dos Tapirapé. Os Tapirapé queria a terra demarcada por onde eles queria a FUNAI tava contra ele. A FUNAI queria fazer do jeito que FUNAI queria, mais eles não aceitavam a proposta da FUNAI e só queria do jeito que eles queria. Então por isso que eles chamou os irmãos, e um dos índios deu a idéia prá gente brigar com a FUNAI junto e fizemos mesmo, a gente chegou em Brasília e tentou, a gente se acompanhou o cacique de lá que é o Zé Pio, Zé Pio Tapirapé começou a puxar a gente e nesse caso a gente começou a sentar ao lado do presidente. Ele pediu por todos índios, que os índios que foi ouvir a palavra do presidente cada um podia dar uma idéia porque não atrapalhava a conversa do Zé Pio, mais pelo sentindo que eu tava indo com ele, ele convidou porque a gente poderia dar uma palavra por ele a gente brigava por ele. Então com meu sentido eu cheguei lá, não nós vamos falar não é possível chegou lá ele disse, como é, já resolveu, é porque o governo já fez só por onde a gente quer, por onde você quer o governo não tem condições de

fazer. Ai eu respondi, Senhor presidente, porque que não tem jeito, é porque nes se caso o governo tem dinheiro pra resolver o problema do índio, nesse ponto o governo tem bastante dinheiro pra fazer a demarcação da área indígena, aí ele se a calhou, você não vai, não conversa porque o problema não é seu o problema é do Zé Pio Tapirapé. seu problema é outro, então vocês não tem direito de falar nada. Falei, eu posso falar porque eu sou índio igual a ele, e sinto igual ele, porque daqui um tempo vocês vão fazer do jeito que vocês estão fazendo com os índios Tapirapé, e aí a gente começou a conversar com ele e a gente mandou assinar a portaria do jeito que os Tapirapé queria, e agente saia lá de Brasília só se ele assinasse esse documento, e assim a gente fez com grande força com os outros índios que eram os Canoeiros, que era os índios, os índios que eu não conheço esses índios, mais eu sei que eles tava lá ao lado dos Tapirapé, e os Tapirapé ganharam na força dos outros comunidade de outro lugar.

Por isso o irmão Paulo fala nisso, é uma coisa muito importante pros índios ajudar uns aos outros, a partir de reunião, aqui nós discutimos aqui na aldeia Kumarumã aqui a gente não resolve nada. Modo de resolver o problema do índio, se quiser resolver a problema do índio é discutir em Brasília, e a gente só sai de Brasília depois que as coisas se resolver. Isso é uma coisa muito importante a gente fazer do lado do índio, porque a gente também é índio. Então por isso os Tapirapé ganharam com a força de todos índios quase, então esses já esse luta já tá começando e todos índios vai ganhar do mesmo jeito que os Tapirapé ganharam, porque os Tapirapé ganharam dentro de sete anos mais não conseguia, quase não conseguiram, mais depois que ele chamou que ele que a força deles tava pequena, convidou os outros índios pra dar uma idéia que jeito era melhor pra se resolver. E essa idéia ser ouvida pra ser brigada lá em Brasília com o presidente, e nós saímos de lá só depois que ele assinou a portaria. Ele dizia que não podia desmanchar a portaria que estava assinada do jeito que a FUNAI queria, e nós não aceitamos. Poderia fazer outra portaria, outro documento pra ele assinar do jeito que os Tapirapé quer. E a gente pelejou quase um mês lá, e o presidente brigando lá pro modo a gente sair de lá, é porque ele disse, que a gente tava falando muita coisa e o problema não era da gente. Então isso ajudou bastante os Tapirapé, só saímos depois que foi assinado a portaria dos Tapirapé, e com isso quem tem a dificuldade, falar com o presidente. Então chama os outros patrícios de outras lugar, convida os outros índios de outros lugares pra dar força, pra dar um apoio, conversar ao lado dele porque ele é índio, porque ele é igual ele, então por isso deveremos ir do lado, nós tudo deveremos ir só de um lado sabe, e assim é uma coisa muito importante o irmão Paulo falou isso, não é só com o ministro, mais a gente vai lá com a FUNAI lá, toda vida em riba da FUNAI. A coisa facilitou pra mim foi desse jeito e eu nunca chamei meu patrícios pra ajudar negócio de demarcação da terra, botar dificuldade na minha área mais sempre eu tô com a terra delimitada com a carta de área que eu facilitei esse trabalho foi que eu fiquei livre do presidente. Eu dizia pra ele eu saia de lá só se ele marcar u

ma portaria, fazer um levantamento da área, agora já tem outra coisa pra presidente. O presidente marcou dentro de setenta dias, ele marcou o dia de serviço de demarcação da minha área e assim eu espero setenta dias aí eu comecei agora eu vou passar do meu lado né, eu já falei do lado dos Tapirapé, agora eu vou falar do meu lado, e eu comecei a apertar a FUNAI, o modo de a pertar a FUNAI é só conversar e depois ele dar uma palavra pra gente e voltar pra casa, num é. O modo de fazer com a FUNAI, com o presidente da FUNAI a gente dizer pra ele a verdade, olha se eu saio daqui só se tu resolver esse problema, enquanto tu não resolver esse problema, então esse é um modo de falar que facilita muita coisa. Com isso eu facilitei meu trabalho e a coisa não tá duresa, todo mundo tá falando pra gente a coisa mais facilitou pra mim que eles botaram muitas dificuldades nessa área e agora está um acoisa muito fácil pra se resolver porque tem a promessa do presidente. E tem a portaria assinado que o direito do parque levou na minha aldeia, mostrou a respeito dessa área e levou esse documento assinado a respeito dessa área, porque que ele fez isso, porque eu fiquei no rabo dele segurando, não queria soltar o rabo dele enquanto ele não fazia a demarcação e assim a coisa facilitou, agora graças a Deus talvez eu vá resolver sem mexer com vocês. Mais é porque eu enfrento, é porque brigo, se eu não não brigasse a coisa não facilitava pra mim, e assim cada um de nós deveremos fazer. Se tiver vergonha ou medo de falar com ele então chama os outros patrícios para ajudar vocês, para apoiar vocês, até agora nós tamos sempre esperando vocês em certa coisa, em certa problema que se acontecer na nossa área nós deveremos convidar outros porque nossa cabeça não tá dando cert, então isso tem que procurar a pessoa que conhece aquele trabalho que ele tem costume de fazer. Por isso eu lhe digo pra vocês pra mim o trabalho da terra facilitou pra mim é porque eu briguei mesmo faltava era sair tapa faltava era sair briga ali, só índio Karaja não levou borduna, não levou flecha no gabunete do presidente. Mas agora se ele passar do praso que ele deu vai ser feito desse jeito, se ele não resolver, é que a gente está atrás dele, porque ele tem uma promessa de dizer pra gente, "vocês não vai mexer antes da FUNAI é porque o branco mata vocês, modo não matar vocês então tem a FUNAI pra resolver seus problemas". A gora se ele não fizer a demarcação, a gente vai mexer com a área, a gente vai começar, a gente mesmo vai fazer a demarcação da área. Agora se ele entrar pelo meio eu não quero que da problema de morrer um índio lá na minha área a troco de terra, correndo atrás de terra e meu índio morrer se aparecer algum empregado da FUNAI, ou presidente ou diretor ou ~~acessando~~ presidente vai ser amarrado no pé do pau, assim lê na porta pra ele tomar vergonha pra ele tomar, pra ele criar vergonha, porque a dor de cabeça ele fez a gente, a gente tem que dar um disciplina pra ele também. Assim nós deveremos continuar o nosso trabalho tem que batalhar e brigar bastante mesmo, a gente tem que falar de verdade, se ele não fizer isso a gente fala até de matar ele, modo de resolver e isso porque a gente tá precisando, a gente fala isso é porque é obrigado se não for obrigado a gente não fala com ele pra matar mais a gente fala isso é porque é obrigado, é porque ela é criado pra resolver problema do índio, mais ela

não faz isso. Então a gente faz isso com ela, a gente briga, a gente briga mesmo, a gente a mostra a verdade e fala sério pra ele, o modo de resolver problema é isso meus irmãos é a gente falar sério brigar a verdade e falar tanta coisa pra ele resolver. Assim se você ir com toda promessa você vai ver, voce vai ser amarrado, vai ser passado dois dias lá sem comer pra voces ver o tanto que a gente sofreu, e assim também você vai sofrer, a gente fala tanta coisa pra pô ser se apressar no trabalho da gente. Mais isso é verdade, quer dizer, eu falo verdade, eu não brinco com eles, eu sou um elemento muito novo mais eu tenho o meu sentido, eu sei o que to sentindo, é por isso que eu falo isso pra eles, eu não brinco do lado deles. Eu vou fazer isso mesmo, se ele passar desse contrato eu vou fazer isso com ele, se for presidente, se ele for pra lá com a promessa, se ele conversar miolo de pote, ele vai ser amarrado bem ali, vai ser amarrado bem ali, se ele começar a duvidar comigo eu vou fazer desse jeito e só solto ele quando ele assinar esse documento e muito obrigado meus amigos, meus irmãos.

DANIEL - Tem mais alguém prá falar gente? Aí os tuxaua ai... o Pauaka é, Pauaka vai falar um pouco também, porque é a primeira vez assiste a assembleia né?

JULIANO BAKAIRI - Ano passado eu fui em Brasília, a gente a primeira vez assiste assembleia e fica muito satisfeito, é também trocando ideia muito bom aprende muitas coisa, da força prá gente também, como sobre a problema de terra, todo nós tamo reclamando isso né. Não é só aqui, como em Mato Grosso esse ano agora no dia 19 de abril foi só esse nossa luta era só esse, nós fizemos em papel pra a comunidade de Cuiabá de Mato Grosso prá levar ao presidente da FUNAI, pra entregar ao Ministro né. Nós fizemos isso né, lá, então nossa área demarcado em 1915 a área indígena Bakairi foi demarcada, é sobre problema da terra, nós não tem. Mas eu tenho de ajudar os caciques, eu tenho coragem, pode mim convidar como eu tava falando lá, era bom nós lutar entre nós cacique de cada aldeia Não e so aldeoa de um indio, porque uma aldeia assim ele fez só pra ele, então a gente tem que unir pra fazer reunião entre nós cacique, assim nós conseguimos Mas também tem uma coisa, não é só nós também, tem outros mais em cima eles também tem que ajudar nós, como tem o Lukano, que ele mora ai no Brasil não sei se ele mora. Vai pra São Paulo vem ai, eu nunca encontrei ele eu quero conversar com ele também sobre isso, ajudar nós, porque em Mato Grosso lá é, nós a lembra dele e ele não a lembra de nós, a gente tem que procurar ele dar orientação pra gente né. A nossa comunidade le, trabalha tudo unido nossa família, o que nós planta nós reparte, nós temos carro que nós compramo com o dinheiro da comunidade. Nos tem é, todo coisa que nós faz é tudo nosso, nós não vende uma coisa pro nosso parente, o que nós planta e o que nos colhe é tudo prá comunidade e isso e muito bom. Fazer reunião cada sábado e domingo na aldeia da gente é por isso que o índio tem que fazer casa dele uma casa de assembleia pra fazer reunião cada sábado e domingo assim com a força de outras tribos. No primeiro nós lutava, xavante que dava ideia pra nós. Eu nunca participei a reuniao, mais agora

daqui pra frente eu vou continuar sempre pra ter mais força com os amigos né, é muito obrigado, só isso, ai tem mais alguém pra falar.

DANIEL - viu Munduruku você vai falar pra gente sobre o problema da terra entende, tá? As dificuldades que vocês enfrentam esses problemas assim tá sobre a questão da terra?

AUGUSTO - Bem meus caríssimos irmãos eu tiquei escutando a proposta do meu amigo Paulo, do meu irmão Paulo, eu acho que serei a mesma ponta que eu poderei concordar porque eu tô sentindo também as nossas dificuldades sobre a demarcação da nossa terra, então que só senão assim nós reunindo de cada uma comunidade um representante então sarei mais força, então todos tem pouca força contando cinco, seis ou até vinte então seria uma grande coisa, porque só facilita se fizer pressão no presidente, no delegado da FUNAI porque todos nós precisamos de nossa terra. Então ele tá lá tá passando bem, mais as consequências ruins foi nossos patricios eu e todos que tá sofrendo, então agora eu queria falar pro meu irmão Paulo que eu já estou apelando desde agora, quando ele poderia marcar esse encontro lá, porque eu estou muito apressado porque eu sofro muito as consequências na nossa área, é só.

PAULO TXIKUNA - É o seu, não me lembro o nome dele mais é, seu Augusto, o representante dos Munduruku, tá dizendo como seria marcada essa proposta ai que eu fiz, não sei, deve ter alguém ai que está contra essa proposta, mas eu acho que isso a gente poderia marcar amanhã, que é o último dia e discutir a data o mês o ano que a gente pode fazer isso, isso vai depender da opinião dos outros que ainda não falaram né, eu não posso dizer hoje, agora, amanhã a gente pode fazer isso, fim do mês a gente pode fazer isso porque cada um vai ter que consultar a comunidade, consultar outro representante que não estão aqui né, e gente for todo tempo se reunir, se reunir todo tempo, a gente morre de se reunir, e a gente nunca vai conseguir a demarcação da terra. Então agora vamos tentar reunir o que eu falei aqui com o presidente da FUNAI e com o ministro do interior, quer dizer uma pressão assim, não só com uma tribo, mais outras lideranças, um representante de cada tribo, e ai nós vamos ver se a gente tem apoio da FUNAI ou não então seu Augusto, no momento eu não posso marcar, isso vai depender da opinião dos outros representantes que estão aqui presente né.

DANIEL - Alguém mais tem alguma coisa pra falar?

HENRIQUE KARIPUNA - Bem meus irmãos, já que nós tamo falando da demarcação das nossas terras, eu também vou fazer uma pequena explicação aqui sobre a nossa reserva que está sendo também demarcada, diz que está sendo demarcada mas eu não acredito ainda, porque não temos documento ainda, bem eu vou explicar um pouquinho como foi que a estrada BR 156 passou na nossa área.

Bem, a primeira vez, tivemos uma reunião com todos os índios da aldeia Karipuna, Palikur e Galibi lá no Manga.

Veio o governador do território e mais outro pessoal acompanhando eles a fim de resolver e pedir para nós, se nós podia deixar a estrada BR - 156 passar dentro da nossa reserva. Bem, ai não concordamos, ninguém aceitou ne ai o governador se aborreceu até com nós, saiu bravo de la, foi embora e não queria nem almoçar com nós. Ai depois eu chamei ele aqui, ele almoçou com nós, acabou de almoçar e foi embora. Bem meus amigos ninguém aceitou né. Bem passou alguns dias, lá vem de novo outra reunião, ai já veio o delegado da FUNAI, o DR Paulo Cesar, outro convite pro pessoal, nos reunimos de novo lá pra debater e ver se a gente deixa passar a estrada dentro da nossa reserva. Bem ai logo que chegou, falou o Dr. Paulo Cesar que é o delegado da FUNAI, o que foi que ele falou para nós, aqui todos meus colegas está presente e mais os outros da minha aldeia também estão aqui e que podem confirmar a verdade né, se eu tô mentindo ou não. A primeira coisa que ele falou pra nós, ele falou assim, Bem eu vim aqui para resolver o problema da estrada, que voces não aceitaram, que quando o governador tiver aqui, voces não aceitaram, não deixaram, não quer que a estrada passar por aqui dentro da reserva de voces, voces vão ganhar muita, se voces não deixarem vai passar da mesma forma e voces não vai ganhar nada. Ai todo mundo ficou calado, eu acho que nós todos ficamos com medo né. Ninguém respondeu. Ai nós deixamos aceitamos né, nós deixamos passar a estrada. Bem ai fizeram la os documentos, a idenização da estrada, aonde passava a reserva, dentro da reserva, parece que se eu não me engano, são 27 Km. mais ou menos. Ai esses 27Km. foi avaliado pelo INCRA o valor de CR\$ 17.500,00, então meus irmãos, eu quero que voces me dê uma explicação ai, muitos por ai já tinham assim essa luta é, sabe tem amis uma experiência do que eu, que sabe mais ou menos que se isso tá de acordo, essa idenização que ofereceram pra nós, será que isso tá bom, esse valor de CR\$ 17.500,00?

Essa idenização de CR\$ 17.500,00 isso ai é um roubo que os brancos fizeram ai na nossa comunidade, isso ai é um roubo, um verdadeiro roubo, isso é um negocio que não ser que voce chegue lá a faça um buraco naquela estrada e não deixe mais ninguém passar?

DANIEL - Viu gente, essa estrada ai, ela vai trazer uma porção de problemas pra nossa comunidade Palikur, Galibi e Karipuna, e essas três comunidades tem que está unida, está bem organizada pra enfrentar esses problemas que essa estrada vai trazer, se acontecer algum problema ai com essa estrada voces tem que está organizado, tirar os invasores...Quando ele pode parar, ai tá certo, a reunião não resolve os problemas, mais ela abre a nossa cabeça nosso miolo para uma porção de problemas que a gente vai enfrentando, então gente, então esse reunião aqui serve pra isso, despertar a cabeça, abrir o miolo da gente é pra isso, voces tão tendo oportunidade é de ... então é isso né minha gente, então o seu Henrique vai continuar ai a conversa dele porque ainda temos 55 minutos de conversa.

HENRIQUE KARIPUNA - Bem, falando isso, isso vai acontecendo está passando dois anos, decorrendo dois anos agora é, dois anos não foi pago ainda até agora. Eu um dia desse eu reuni meu pessoal, e eu falei sobre isso, nos temos que tomar providência não é, agora só peço aos meus colegas, meus irmãos que me ajude nessa parte, não é só eu que tenho cabeça pra pensar, nós tudo temos que pensar um pouquinho né?

DANIEL - Como é que vamos ajudar seu Henrique aí gente, a comunidade aqui gente quem tem alguma ideia?

PAULO TXIKUNA - Eu vou dar uma ideia aí sobre a indenização desse dinheiro, olha gente o ano passado aí, eu não me lembro o nome sei que a companhia da Camara passaram na área do Txikuna, aí depois disso passou o aeroporto um campo de pouso dos aviões, aí os Txikuna tinha muita plantação, aí a companhia derrubou a plantação e depois marcaram uns 100 metros a beira da pista, aí a gente foi reclamar, e a gente, indenizou a plantação e a terra. Aí a derrubada as plantações dos Txikuna. Aí foi o comandante da Aeronautica falou que ia indenizar a gente, indenizar a plantação e a terra. Aí a gente falou que não era importante eles indenizar a terra e indenizar plantações. Mais indenizar a terra pra nós não era importante porque se a gente aceitasse a indenização aí no outro anos eles pagam mais um pedaço e indenizam, e assim a gente ia perdendo a terra. Aí a gente não entrou em acordo e até hoje não foi pago e nós demos em cima da FUNAI que a FUNAI pagasse pra gente, a FUNAI prometeu que ia pagar e até hoje ninguém recebeu. E a indenização de terra gente, na minha opinião eu acho de acordo, agora se indenizar bem a gente pega no pedaço indenizado daqui dois anos a gente tá entregando a area todinha.

VERIDIANO MIRANHA - É a pergunta, quanto a sua resposta, é o caso que vem acontecendo em várias áreas o problema de receber a indenização, é que eu pergunto de que forma que a gente pode ajudar. Bom, a única forma que a gente pode ajudar é por intermedio de ideia, a ideia no caso é formar um documento, apresentar um relatório e ir de encontro, formar uma comissão como já foi feita a proposta e colocar o problema lá com o presidente ao conhecimento público, usar de todas as maneiras, pedir apoio de quem se pode contar com ajuda e fazer uma pressão, pra que a gente possa, porque se os senhores continuarem aqui parados esperando que essa indenização e esse dinheiro venha, nunca ele vai vir, porque outras passoaas que tão lá como o Baikairi falou cobrando a demarcação da terra dele onde ele falou que só ia sair de lá quando fosse demarcada, do contrário ele ia dormir lá dentro do gabinete o presidente. Então isso é uma forma de pressão e ele conseguiu sabe, e se ele não fizesse assim, ele não tinha conseguido a demarcação da terra. Então eu acho que os senhores devem proceder assim dessa forma, além de usar formas que foram colocadas, apresentadas aqui. Que de apoio nós podemos contar com mais um cacique e politico dentro da câmara federal que

tem uma voz lá dentro muito forte que pode nos apoiar. E essa forma é se reunir e nós também, lá no encontro como foi feito a proposta do Paulo, e fazer pressão pedir a ele que pague esse dinheiro né. O que ninguém pode é ficar esperando, que se esperar, nunca a gente vai receber. Eu acho que essa é minha maneira de ajudar porque se não recebeu os seus CR\$ 17.500,00 pra comprar, eu acho que além dessa pequena indenização com o decorrer do tempo e dinheiro não vale nada e com a consequência desse tempo, então vai ter que dirigir juro nesse dinheiro que vai guiado de acordo com a inflação que nós viemos sofrendo. Então é outro caso que os senhores tem que pensar, pra em vez de CR\$ 17.500,00 que a dois anos atrás, vamos se basear pelo menos em que quantidade que está valendo CR\$ 17.500,00 pra que servia, e a dois anos atrás, tem que se basear em cima dos juros pra ver quanto é que está esse 17.500 tá bom?

HENRIQUE KARIPUNA - Pois sim, eu vou continuar ainda falando, outra coisa que prometeram também que ainda não foi concluído até agora, o poço, em cada posto de vigilância um poço. Ali eu tenho um, cavaram a metade e deixaram, colocaram uma bombazinha lá e ficou ali. Ali no outro posto de vigilância do Uaçá, fizeram uma casa na beira do rio, cinco Km distante do rio né. Então o fiscal de lá, não podia nem parar lá na casa devido a distância que ficou a casa da beira do rio né. Ficou sem condições, porque andar 5 Km todo dia ficar ali na beira do rio, então a gente tá encontrando uma grande dificuldade nessa parte e aí o cacique reuniu também, fez um pedido ao governador que tirasse a casa de lá e fazer na beira do rio. Tinha até uma ajuda minha, fui lá com eles, fomos ver lá fizeram limpeza, e até agora não fizeram ainda a casa, ficou tudo assim, nada ainda foi concluído. Está assim agora, e já pedi, já falei com meus colegas se a gente vê pensar como é já pedi, já falei com meus colegas se a gente vê pensar como é que a gente vai resolver isso né. E até agora ainda está assim parado esperando, não sei quando e que vai chegar isso e por enquanto é só que eu vou falar.

FELIZARDO GALIBI - Bem, pra continuar o assunto aí do seu Henrique, falo aqui também a respeito desse contrato que nós fizemos, que eu tava na reunião seu Maciel, o Paulo, nós tudo somos sabedor disso, então desse ano do mês de janeiro teve uma reunião lá na aldeia do Espírito Santo então eu falei pro seu Henrique, pro seu Paulo Orlando eu disse olhem, já tá passando um bocadinho, dois anos, nós temos que chegar lá com o governador, cobrar essa promessa que ele fez, esse indenização de CR\$ 17.500,00. Então outra coisa também, o contrato foi assim, nós temos até o ato reunião que foi feita lá no Manga, então o contrato foi assim, toda madeira que foi retirada lá pra construção da ponte então depois a gente ia ver toda quando for madeira que foi tirado pra gente depois ele vão fazer, quer dizer, eles vão dar o preço indenizar esse dinheiro, a madeira. Mas até agora ninguém ainda não foi lá, então quando foi no mês de janeiro, na aldeia do Espírito Santo, então eu falei, seu Henrique nós temos que chegar lá em Macapá pra cobrar. O padre Nello e sabedor disso até o padre Jose se aprontou lá e disse, qualquer coisa você chega

lá comigo a gente vai dar orientação pra vocês entrar lá com o governador. Pronto nós ficamos pra ir no mês de março, passou o mês de março e ninguém se lembrou, e cada vez vai passando o tempo e nós que devemos ir lá com o governador e pra ele se acalmar, pra ele é melhor. Então foi assim, um bocadinho de promessas que ele fez e todos nós lembra dessas promessas que ele fez, prometeu casa na aldeia ele ia dar um motor de popa de 25HP, o Paulo sabe disso e o Henrique também e Maciel. Mas acabou a reunião e ninguém tá insistindo nele, então eles tão calmo lá. Porque no mês de março eu tava pronto pra ir, mais aconteceu tinha essa assembléia pra fazer agora, então não deu pra ir, mais qualquer um dia desses a gente tem que se organizar antes de seu Henrique se deslocar amanhã seu Paulo, a gente tem que chegar lá, cobrar essa madeira que foi tirado pra ponte, esses CR\$ 17.500,00 que não vai receber esse dinheiro CR\$ 17.500,00 porque não tá valendo mais. E eu to lembrando mais uma coisa, agora quem pode nos ajudar bastante aqui eu Tô pensando que é o seu Manoel primo dos Santos que ele é um vereador, ele sempre conversa com o governador. Porque olha que fico a distância, de vez em quando lá. O prefeito eu não conheço, então o seu Henrique é um que sempre fala com o prefeito então a gente tem que reunir e chegar lá primeiro, porque se nós sair direto lá pro Macapá, então o prefeito vai dizer que nós passamos por cima das leis deles. Então quando a gente chegar com o prefeito então a gente vai com o governador e por enquanto é so.

PAULO TXIKUNA - É gente, eu acho, nao sei se tem mais alguém pra falar, acho que não tem só a gente pra falar, tem putros ai, outros representantes ai que pode falar como é que a gente pode fazer, que o trabalho agora é como fazer pra conseguir a terra, então alguém pode chegar aqui e falar, a palavra tá aberta pra falar, colocar como resolver o problema da terra.

VERIDIANO MIRANHA - É então a gente vai ouvir a palavra do seu Manoel Primo dos Santos né, vereador, pra ver o que ele pode fazer aqui.

MANOEL PRIMO DOS SANTOS KARIPUNA - Bem meus amigos, eu sou vereador, fui eleito vereador não é, mais eu não posso prometer, eu posso é ajudar, pedir, porque se eles me atenderem, as idéias todas são essas. É trabalhar para nos índios, que eu fui eleito pelos índios, então tudo que eu falei tá falado com o governador ou com qualquer outro órgão pra essa ajuda que eu não posso mais, quer dizer, falar outra coisa, porque eu não estava por dentro desse movimento de terra, eu estava do lado de fora. Mais como hoje eu sou eleito vereador do município do Oiapoque e na área que eu sou filho e vivo com os outros também dessa área eu vou fazer o possivel de falar, ter um entendimento com o governador pessoalmente. Porque os outros já consentiram que a estrada passasse eles não cobraram do tempo quer dizer está demorando, é outro problema que nós vamos enfrentar. Mas tudo na diplomacia, nós podemos conseguir, vamos ver o que nós podemos fazer, Eu pela parte como vereador, eu sempre tenho falado a favor de nós índio da região e também das outras região, eu não posso sair daqui como vereador, saio como índio, cacique. Eu so posso pedir na área de Oiapoque, mais isso são coisas que eu tenho que

entrar em entendimento de ver como é que ele resolve, porque aqui o Henrique dos Santos, cacique do Manga já tinha falado uma proposta, que talvez fosse a melhor, que tem um carro que ele então fosse dando essa ajuda que pode ter sido de peças, de carro de pneus; todo tempo precisa, que eu acho que seria mais interessante do que pegar esses CR\$ 17.500,00 que não dá nem pra comprar caramelo pra chupar num dia daqui dos índios por exemplo se for repartir os 17.500, já não é mais nada. Eu tô dizendo que não dá pra comprar caramelo pra todos os meninos da área indígena do Município do Ciapoque, então a melhor maneira que eu achava, na minha opinião e nos entrar de acordo e pedir pro presidente, que nós não temos condições, e quando os carros fosse necessidades de algumas peças ele então fosse dando. Ai eu acho que é a melhor ajuda que eu achava se ele aceitasse, era melhor pra nós do que pedir indenização que a indenização não dá pra nada hoje em dia, não ajuda ninguém, a melhor ajuda é se ele dar em peças pra manutenção dos carros da nossa região, por isso é só que eu posso falar, obrigago.

ROBERTO CRIXI - Então a minha opinião, que eu respondi aquela pergunta, como é pra adquirir, segurar a nossa terra, minha opinião e a mesma do Paulo Txikuna ai nosso irmão, é a mesma resposta, acho que é isso mesmo que nós vamos fazer, se reunir todas as tribos indígenas do Brasil e escolher de cada tribo para conversar com o presidente de FUNAI e o ministro do interior, chegar lá e conversar com ele e só sai de lá com o documento da terra assinado por ele, e e so que eu queria falar, minha opinião é igual né.

PAULO TXIKUNA - Agora tem aqui o Lucival, ele quer falar um pouco, então ele explicar o que ele vai dizer alguma coisa.

LUCIVAL GALIBI - Bem meus amigos, a opinião de nosso vereador, é uma opinião muito ótima, mas eu acho que não dá certo de o governador dar a contribuição dos 17.500,00 cruzeiros em peças de carro, porque se ele der essa indenização por parte de, pra servir em manutenção do carro já não vai servir para o índio Galibi, não servir para o índio Palikur porque se vai um índio daqui acompanhado pelo chefe de posto, ele chega lá, ele não vai de graça, ele tem que pagar os seus seis mil cruzeiros de frete, porque tem que ser um especialmente para o doente. Então eu acho que nós deveríamos procurar outra solução para receber essa indenização, eu não sei se estou falando certo ou errado, e também peço desculpas ao nosso vereador de eu ir contra a esse problema que ele, essa proposta que ele quer fazer ao vereador e era só.

PAULO TXIKUNA - Bem, já ouvimos a palavra aqui do seu Maciel, agora vamos ouvir a palavra de outro representante daqui da, de seu Osvaldo, Lucivaldo, agora vamos pedir a palavra do seu Geraldo, ele vai dar uma palestra pra gente ouvir pra ver o que que ele tá pensando.

GERALDO GALIBI - Mais da minha parte né, nosso terreno a minha área, poxa é um problema muito grande que se enfrentaram antes de marcar o terreno de vocês mais pra mim eu ai, graças a Deus eu ter sido o primeiro que eles demarcaram o

terreno de Goiania, porque tinha falado com o delegado da FUNAI em Belém. Ele disse que pode esperar uma semana que vai chegar. E foi justamente um major ve 10 frente, sobrevoou a área, nós não já muito, sabia que só do rio ele foi no carro, eu queria ir, ele me disse que não dá, ia sobrevoou a área. Depois ele me disse, pra cima ou pra baixo? Ai eu disse, não major, pra cima já tem ocupante, eu não quero que depois de demarcada seja roubada, nós tem limite depois. Então ele me disse até onde que tu queres, porque até o la também tem gente ' mais se for demarcada eu não quero que esse pessoal saia de lá e que nos não ' vamos sair, assim foi demarcada uma semana depois, foi que trouxe.

Eu não briguei com as pessoas só isso que eu tenho pra dizer.

PAULO TXIKUNA - Então gente, a gente tem mais 25 minutos pra falar mais alguma coisa, a mesa tá disposta.

LINO MIRANHA - Eu não quero tomar um tempo aqui para, como seu Henrique fez a proposta, como achou um meio, está buscando uma solução para o problema dele né então assim buscando uma ajuda, eu vou citar nesse momento é uma ajuda né, do que nós temos aqui a vista de problemas organizado dentro de área dos Karipuna, e um deles é a insignificância da importancia de 17.500,00 cruzeiros que foi a indenização a área que foi cortada, de 25 Km né. Então por outros casos que poderão vir a acontecer mais tarde, de tá solicitando assim ajuda talvez uma in formação né, uma orientação para que possa se defender, e na minha opinião eu gostaria de citar um dos casos né, quer dizer, eu não vou querer que ele faça' né, ou quer deixe razer, é simplesmente uma idéia pessoal, que como Miranha, eu tô dando parcer apenas uma orientação. Que existe no Brasil muitos casos que tivemos a conquista né, sem que fosse esperado muitas vezes pelas entidades ' responsáveis pelos índios, mesmo pelo ministério do interior e sem esperar até certo ponto pela FUNAI que é responsável pelo índio né, e que conseguiram ' uma vitória em frente a situação que ele tava, o caso por exemplo dos Krahô.

.....Ainda tiveram uma luta que se prolongou por vários tempos que não foram de repente assim né, praticamente uma participação direta da própria FUNAI e do ministério do interior, quer dizer, muitas vezes foram a força bruta em outras oportunidades, eles foram através de um diálogo conseguiram uma parte do seu território, e quanto a ponte da indenização, a coisa que eu acho insignificância porque se cobrar se a gente for ter que cobrar Simplesmente, hoje ou depois chegar dentro da área e ver somente na ponte é uma coisa que na realidade não é apresentavel eu creio que um décimo né, das partes que foram perdidos. E onde ficaram as outras árvores que foram perdidas, os prejuizos que causaram na terra? Eu só pergunto quem vai pagar, quem é responsável por esses prejuizos causados com outras coisas? Quer dizer não tem que cobrar só as arvo res que não foram aplicadas nas pontes, é uma coisa que praticamente, eu acredito que não tem um décimo dos danos que foram causados se vê que a importancia que da para perceber que a dois anos atrás a importancia de 17.500,00 cruzeiros, não paga, não iria pagar. E principalmente na data de hoje nem as madeira

que foram usadas nas pontes, e eu pergunto pra vocês e eu acho que vocês se servem não só das árvores que foram fabricadas nas pontes mais todas as árvores que estavam dentro da área indígena são patrimônio nosso. É uma das fontes de riquezas que nós temos, porque ai existem ~~parvores~~ arvores brancas, vários tipos de árvores que nós gostamos de ver e pra nós tem muita importancia, onde tor por exemplo, não se pensa, por exemplo, não se pode, eu acho que vocês conhecem, não pode do qual fazer, eu acho que vocês, o Jabaxi de outras regiões, se usa muito pra fazer, é uma especie que serve pra transportar várias coisas. O guarimã por exemplo, que até certo ponto aquilo em várias áreas foram destruidos, que é uma das fontes que poderia ser usado para o artesanato, e pra onde foi isso? Quer dizer que isso não se leva em consideração simplesmente é como se fosse assim uma caneca de água se jogasse de lado, quer dizer que de repente não tinha nem uma significância. Outra coisa é a caça que foi atastada por essa estrada, pra onde que foi? Quer dizer, que só ai da pra observar, que essa importancia de CR\$ 17.500,00 não tá representando coisíssima alguma. E um outro modelo que tem pra vocês aqui é, que vocês não conhecem não sei se vou fazer clarear esta explicação o que aconteceu com os Gaviões Conseguiram uma vitória sobre a solução que um preço "x" esseria pago em 30 dias não me lembro o prazo depois do contrato que foi feito primeiro preço. O que aconteceu com eles? Na data combinado, dias depois eles voltaram. Bom nós viemos aqui pra resolver a situação, e eles perguntaram; trouxeram dinheiro pra pagar ai o valor que foi cobrado? Não, nós viemos aqui pra aceitar outra data 60 dias, nós vamos cobrar o preço que está custando hoje. E assim aconteceram; mas na medida que as pessoas voltaram demagogicamente com as suas promessas, la as coisas de acordo com o que acontece nas cidades la fora, na sociedade, nós né, as coisas também alteraram dentro das sociedades dos Gaviões, dentro daquela comunidade. É só assim eles conseguiram entendem, um justo valor pela indenização que fez na sua área, porque se ele tivesse recebido a indenização que foi oferecido primeiro, quer dizer que naquela época não ia ter valor nenhum, não ia representar nada. Então eu creio que se os Karipuna tem essas relações, tem uma força nesses momento de cobrar na medida do valor justo da indenização, que se outro salário que se um professor ta ganhando CR\$ 10.000,00 mais aqui a seis mese eu sei que ele não está recebendo esses CR\$ 10.000,00. As coisa está mudando, está subindo a toda hora, e como não também subindo o que e nosso. Quem seria entendeu, quem seria o responsavel pra dar o valor ao que é nosso, a nossa produção, a nossa riqueza que nos temos aqui dentro da nossa área, e será alguém de fora seria alguém que nós não temos também é, capacidade da avaliar os objetos que são nossos? Não pessoas, nao algumas pessoas que tem interesse próprio de prejudicar o índio, eu creio que isso ai é uma das coisas fundamentais que essas treinações tem que fazer um levantamento né, um próprio levantamento, não esperar que as pessoas praticamente na realidade, ele recebe uma ordem entendeu, que não sei de onde, ou seja, são manipu-

lados pra fazer um trabalho que vem a beneficiar nao sei use as três comunida-
des, ele vem a beneficiar outra classe lá fora. Então vocês então vocês tem
que brigar pelo, que é de vocês, entendeu, e agora vocês cabe, não a tipo de
ajuda, o tipo de apoio que cada por exemplo, Os Miranhas tem uma orientação
nesse sentido, estamos ai. Poderemos contar com a presença do vereador, vereador
na câmara de vereadores ai aqui do Oipoque, pra usar esse vereador, como
veículo de comunicações, pra levar nossas reivindicações o vereador é a lei
praticamente, eu acho que ele tá representando na câmara essa parte da comuni-
dade indígena é claro que ele foi bem. Colocou uma firmeza, uma clareza que
ele pra isso precisam citar com eles e orientar também, pra que ele leve o re-
sultado de encontro né, pra que ele leve as reivindicações de nossas necessi-
dades, não é simplesmente esperar que ele também faça por conta própria, por
em outras palavras, podemos contar como o por conta propria, porém em outras
palavras podemos contar com o presidente colocou, né, temos o deputado aí na
câmara federal que tá disposto não assim a ajudar diretamente, mais orientar
e fazer brigar lá fora não é, na opinião pública. Essas irregularidades que
está ocorrendo aqui, e muitas vezes também em outras palavras né, eu uso aqui
a palavra que eu acho que vocês conhecem muito bem, Marçal de Souza, o Antonio
João, que ele falava uma certa vez no encontro, e que eu dei toda razão pra
ele, porque nós não somos os tipos mais, daqueles selvagens, nós não somos os
tipos agressivos, mais que há mais certa oportunidade entendeu, há uma ocasiões
que nós somos obrigados a ser agressivo, nós somos obrigados a ser malcriados!
nós somos obrigados muitas vezes a usar de violência, não porque queremos pra
nos defender entendeu. Porque eu acredito que não é permitido, ninguém aceita
por exemplo, lá pro nosso lado do Oipoque né, porque uma pessoa estranha en-
tra na casa de um cidadão naquela cidade, pegar de dentro levar sua provisao,
levar o seu aparelho de som, em fim, levar todos os seus pertences de uma casa
então o que acontece na nossa sociedade, na nossa civilização entendeu, que em
outras palavras eu digo também, que o indio também é um civilizado, agora só
que é uma civilização bem diferente de que a civilização, que até os nossos an-
tepassados consideravam outra, os civilizados, e porque que nós não somos civi-
lizados também, nós temos a nossa civilização. É tão clara a civilização nossa
que eu acredito perante a sociedade que existe, a sociedade branca, que dentro
da sociedade indígena da civilização indígena nao existe o que é a corrupção,
não existe praticamente um assassinato, não existe enfim, muitas coisas que
nessa sociedade que tá existindo lá fora da sociedade índia, nas sociedades in-
dígenas não existem, porque não existe, porque existe o espirito de humanidade
existe o espirito de companheirismo, todas as pessoas sabem repartir, sabem
dar aquilo que tem, então e também sabem receber, as pessoas vivem em conjunto
em comum e em unidade, e pra reforçar a pergunta que o companheiro, seu Henri-
que tava fazendo né, quer dizer pergunta que existe vários mecanismos que es-
tão ai em nossas mãos praticamente o que falta apenas é a orientação, apenas

uma orientação por parte dos outros né, o que falta a gente colocar em pratica muitas coisas que nós temos, quer dizer, muitas vezes nós estamos com a defesa nas mãos nós estamos com a arma na mão, é como se fosse um advogado que senta na mesa pra defender um cliente dele, ou seja, o estatuto, as leis em fim, os quais ele vai usar pra defender o cliente dele, por exemplo uma pessoa que matou a outra né, quer dizer ele vai usar de todo jeito que tem o sujeito de ser livre, e vai colocar isso na mesa, e vai colocar como arma para defender o seu cliente. E nós também que a gente é obrigado, quer dizer, eu de repente assim falo com sinceridade entendeu, eu me coloco de uma maneira tal sendo obrigado a fazer esse esclarecimento, que é uma coisa que praticamente no Brasil eu não quero que existe mais, que não seja essa terra, não seja coberta por sangue, que não nega o seu desaforo, enfim várias coisas esquisitas que gera violência no Brasil. O que fizeram com nossos antepassados por exemplo o caso que fizeram com os Waimiri Atroari, com o Paru no Alto Solimões, que foram matados assim como qualquer tipo de animais, então hoje não cabe a mais a nós, na época de hoje, a gente usar desse tipo também, a violência, devolver a violência o massacre que nós passamos, mais é o contrario, também não é por isso que vamos ter que ser bonzinhos em todos os lugares, tem que acatar, vamos ter que suportar todas as pressões, e como se defender, usando esse tipo de arma que não temos por exemplo no caso, se não paga, não é uma coisa que eu to dizendo, que os Karipuna pensa que pra não fazer, mais se não paga a indenização, uma, não sei quem foi que colocou aquela parte, faça um buraco nas estradas, evite que eles passam. Essa estrada é muito estreita, se pegasse dez pessoas que por uns tempos não ia passar um veiculos nessa estrada aí. Quer dizer, é uma das pressões que voces estão devolvendo é uma ameaça que voces estão fazendo, se nao paga o justo valor da indenização que nós estamos pedindo, do qual nós temos direito, entendeu, então voces também não vão fazer isso que voces estão pensando, quer dizer que não é uma especie de agressão entendeu. A sociedade esta querendo, que está nos humilhando nesse ponto, mas muito ao contrário, é uma ameaça que voces estão fazendo pra poder receber uma certa, pra poder receber aquilo que é de voces, aquilo que é praticamente sagrado de voces quer dizer, voces estão querendo recuperar aquilo que foi perdido, aquilo que foi assim tomado pelo, pela lei que não é uma coisa que a gente tá querendo pe, ser violento com os nosso irmãos que também não deixa de ser, praticamente como seres humanos somos todos irmãos, mais chega num certo ponto que nós somos obrigados a usar isso, esses métodos indecorosos. Não sei se deu pra entender alguma coisa, se eu fui assim muito além do que a gente esperava, se coloquei alguma coisa a mais, quero que desculpe, peço perdão nesse momento né, mais o que posso adiantar pra essa comunidade é exatamente isso que eu coloquei.

VERÍDIANO MIRANHA - Bem gente, já ouvimos a palavra do Lino Miranha, o representante da tribo dos Miranha e agora peço aos outros aí presente, representantes aí, pra ver se tem alguma coisa a falar, a mesa tá disposta né, quer dizer, dando a

palavra pra quem quiser falar, tem só dez minutos pra chegar dez horas.

PAULO ORLANDO PALIKUR - Boa noite amigos e irmãos, é mais uma vez eu estou aqui no microfone, eu quero falar um pouco, não é muito. Olha minha gente eu quero dizer dessa proposta que o senhor, o irmão Paulo falou ai para fazer a reunião com o presidente da FUNAI mais o ministério do interior, é muito importante, mais eu concordo com isto, agora eu me lembrei. Veio numa idéia minha que uma vez nós conseguimos a luta e vencemos apoiar os nossos irmãos Mundurucus, não sei se eles estão lembrados, dois anos atrás que as terras deles foi loteadas por cada família, foi os Tembê então minhas desculpas, foi os Tembê. Bem então ai nós sentimos também o mesmo que eles sentiram, porque o que aconteceu com eles lá, então nós aqui no norte nós sentimos. Bem o que nós fizemos, é escrever uma carta cada tribo daqui, escreveu, eu tô falando, não sei se o Felizardo se lembra, eu não sei se o Geraldo Lod escreveu, mais o que sabemos, nós escrevemos para dar apoio mais aos nossos irmãos, e nós escrevemos esta carta, tipo de um abaixo assinado e mandamos diretamente para o presidente da FUNAI, pedir que o presidente da FUNAI desse de volta porque, a terra dos tembê. Bem meus amigos, porque não podemos fazer a mesma coisa que já fizemos e conseguimos, porque que nós não podemos ajudar um ao outro, cada comunidade pode escrever uma carta tipo abaixo assinado e mandar para o presidente da FUNAI, se nós conseguirmos pela primeira vez, eu acho que a segunda vez podemos conseguir mais porque muitas cartas e muitas publicações pelo Mensageiro; eu creio que o presidente pode vai criar vergonha, ele pode responder a carta, responder e olhar para o problema do índio.

Meus amigos, agora eu passo a falar para o problema da nossa terrinha também porque olha, o Henrique falou sobre a indenização, do desmatamento da madeira, foi certo, apoio e confirmo que não foi pago mesmo as promessas que o governo tem prometido não cumpriu, não foi cumprida, e confirmo também que o delegado queria quer dizer queria não, ele humilhou, ameaçou, ele disse mesmo como o Henrique acabou de dizer; se voces não conseguiram a estrada passar, mais de qualquer maneira ele tem que passar. Ai nós deixamos passar, e fizeram muitas promessas pra nós, de dar um carro, deram tá certo, a doação pelas três comunidades para a fiscalização e escoamento de produtos. Bem ai, outra, os motores para cada comunidade desses três tribos, mais nada se cumpriu, outra que o governador tinha prometido também que eu fiz o pedido aproveitei, abertura do ramal Urucauá e no mesmo tempo o ramal do Kumarumã, mais até agora nada não viu. Bem com muitas coisas, com essa ligação da BR 156 Macapá a Uiapoque, que passa dentro da reserva indigena, eu pela primeira vez pensei assim que ia trazer beneficios, mais agora já está trazendo problemas, porque onde há desenvolvimento né, e há também problemas, porque meus irmaos, eu não sei se eu tô certo, depois voces podem me coorrigir as idéias que eu tenho falei para os meus povo para a comunidade saber, e eu fiquei pensando assim comigo, já tem posto de vigilância na cabeceira do rio Kuripi e na cabeceira do rio Uaça e porque que nós não podemos ter também

nê, porque o Henrique ele fiscaliza a dele, talvez o tempo muito curto, não vão ter gasolina pra fiscalizar até cabeceira do Uaça, da cabeceira do Kurupi que eu tenho trabalho, passa dois três, quatro dias, cinco dias, tem gente in vadindo, então ele chega lá, e já tem invasão, caçando, tirando madeira. Então eu pensei agora de aproveitar e falar nessa assembléia e ver se essa idéia minha vai dar certo, depois eu vou querer a resposta, idéias dos irmãos. Sim aí outra, eu pensei com o meu povo, se esse ramal for feita, eu pensei eu disse as sim para assegurar mais a terra eu tenho que mudar vila para terra firme, para a beira do ramal, porque nós também tamos por enquanto morando numa ilha de água, e nós não podemos fazer muitas plantações, roças de laranja, de banana e de outras coisas, milho, arroz porque nós já fizemos experiência. No ano passado nós plantamos arroz em terra firme, lá no alto, ainda colhemos quatro mil Kg e uma terra boa produtiva, então por isso que eu pensei que se esse ramal ligas se a beira do rio Urukaua, eu passaria mudar vila pra ter mais segurança, pra que o branco ver que tem índio, tem dono dessa terra aqui que tá ali demarcada. Depois eu quero pedir aos meus irmãos, corrigir isso se tá certo, ou vai causar problema para minha comunidade, ou não, obrigado.

CLEMENIE TEMBÉ - Bem, essa palavra que esse senhor acabou de falar que deu ajuda pros Tembê, eu tinha um pouco esquecido, mais como ele fez eu lembrar, eu agora vou repetir, esse foi uma proposta que nós fizemos para os nossos próprios irmãos, que foi uma proposta de lotear a nossa terra lá. Aí nós ficamos meio assim desanimado com esse tipo de acordo que foi fazer, então nós pedimos assim através de carta para nossos irmãos, o que achavam, o que nós devia fazer, e ele escreveram pra nós, que o que nós devia fazer era assim como eles tinham feito re reunir tudo pra segurar o que era deles, e não deixar a terra ser loteada. Nos ficamos muito satisfeito com essa carta que eles mandaram e seguramos não todo, mais um bocadinho, e eu agradeço a esses apoio que eles deram pra nós, e de minha parte é só.

VERIDIANO MIRANHA - Bom gente, eu tô vendo que está quase na hora de terminar e eu quero fazer uma observação que eu acho que é muito válida, é que em outras reuniões que eu tenho participado, há muita presença de caciques e adultos, mais agora quando eu vinha viajando, eu vinha observando que a participação é 90% dos representantes são jovens, isso para mim, eu considero muito importante, porque é como o Bakairi falou uma oportunidade lá atrás, é que é dos jovens, das crianças que se espera o futuro da nossa nação das decisões que serão tomadas. Então esses jovens, eu acredito que tem muitos deles que não tem muita experiência, assim como os antigos, os antigos já não podem talvez participarem, enfrentar essa viagem, as dificuldades e o sofrimento, o dia de caminhão, a noite inteira pegando chuva e sem poder dormir, e em fim o jovem tem muita força, em matéria de suportar os sofrimentos. Existe mais resistência, o que eu quero dizer, é pe dir mesmo de coração, é pra que todos esses jovens, estejam com o espírito de

força de vontade, e que se dediquem nessa nossa luta, porque muitos jovens, apesar de muitos deles não ter experiência, mais esse não é o caso da gente não receber menos, porque eu tive conversando com algumas professoras no meu grupo, e um deles não tinha muita experiência de se expressar em matéria de reunião, e a gente ia falar pra ele, bom ao caso dessas pessoas não ter muita experiência não seria por isso que ele não poderia participar, tem a primeira reunião, tem a segunda reunião, e aí ele já está aprendendo a se expressar, então é muito importante que esse jovens dedique de todo coração e faça como o Juliano Bakairi acabou de falar a poucos instantes, que ele não tava muito envolvido na luta, ele vai dar procedimento, vai continuar, e está disposto a entrentar junto com nós, unir pra seguir o caminho é, pra resolver os nossos problemas, e eu espero que todos o jovens que venham participando, não só venham como pouco... mais que venham de todo coração e de espírito de luta pra nós chegar a um ponto positivo que estamos querendo, é só isso.

CLEMENTE TEMBÉ - eu também tô disposto, eu não tenho muita experiência, mais eu tenho muita coragem, e tenho a disposição de entrar nessa luta pra batalhar junto com os tuxauas, com os caciques mais velhos, que pode orientar a gente para maior experiência porque eu tenho a boa vontade e posso apoiar o maior possível, para lutar pelo nosso povo, que já está mais velho, que não pode sair que não pode passar tantos dias viajando, já me escolheram para eu batalhar, para luta, e eu vou entrentar com toda disposição, e a apartir de hoje em diante, podem contar comigo porque eu tô decidido de ir trabalhar.

JULIANO BAKAIRI - Ele fez uma pergunta né, ele ta querendo mudar de reserva e querendo mudar pra outra, eu acho que isso o índio tem direito de mudar de um lugar se num lugar não dá certo, a vez não dá pra fazer roça, nos índios tem direito de mudar, fazer outra aldeia nova, fizemos uma aldeia aonde tem mata, aonde tem lugar pra plantar os mantimentos. Nós também faz isso lá, esse ano mudou vinte família pra plantar na aldeia nova, fizeram uma reunião é vamos repartir um pouco, vinte família vai fazer uma aldeia nova, porque nos índios tem direito de morar na área porque ate tem pra trabalhar porque eu acho que foi isso mesmo que o índio falou.

ÚLTIMO DIA DA ASSEMBLÉIA - 02. 05. 83

LINO MIRANHA - Um tipo de apoio que foi dado aos Tembê, isso também por parte é duas partes, que no momento eu assumi a responsabilidade na primeira quinzena de maio de 81, na época que estava sendo ameaçada a área Tembê de ser invadida e dividida em família né, eu tive presente, representando um membro, é duas coisas, principalmente e primeiramente representando o grupo Miranha, é que eu fiz questão de conversar com toda comunidade Tembê, e por outro lado com uma respo

sabilidade também, levando assim uma mensagem ne, levando assim alguma influên-
cia, colocando assim naquele meio que não se sabia o que que era, como funcio-
nava, enfim, dando mais ou menos uma explicação de que que era a UNI, de que
que era a União das Nações Indígenas, e o que estava precisando, o que que ela
ia fazer né, qual seria mais ou menos o método de trabalho que ela iria traçar
para o futuro inclusive no dia de hoje né. E justamente comigo também se teve
presente naquele época, um dos representantes dos Galibi, que por sinal foi o
nosso companheiro Felizardo né, que teve também junto na área e que a gente numa
oportunidade podemos discutir um monte de coisas, né, e podemos debater, chegar
quase uma conclusão pra resolver mais ou menos a situação que os Tembê atravessa
quer dizer não deixamos junto com o Felizardo né, quer dizer eu acredito que
depois que com a nossa visita, com a nossa participação ele deixou assim ne, uma
coisa mais ou menos esclarecida, que eu creio que o que eu pude perceber pos-
teriormente, foi que a nossa visita naquela área quer dizer, foi um tipo de apo-
io e até certo ponto, teve um efeito satisfatório né, que o pessoal começou a
entender, quer dizer o pessoal tava assim praticamente entendendo o problema,
que eles tinham alguma coisa como resolver, sabia como resolver, mais nesse mo-
mento eles estavam praticamente perdidos né, com tantas pressões com tantas per-
seguições, que não sabiam até certo ponto como se defender, que o Felizardo por
exemplo marcou uma presença, deu algum dos detalhes do que eles tinham para de-
fender, defender a situação, muito embora eles estavam no exato momento que es-
tava acabando de cortar o território dele não e, quer dizer então nos fizemos
um trabalho em conjunto que até certo ponto valeu, E outra coisa que eu quero
colocar pra vocês aqui, é que a UNI no momento que representava aqui, se coloca
em posição de todos que estão presentes aqui de todo Brasil, para representar
uma parte que é pra fazer uma espécie de comunicação, e com isso não vamos le-
var só um gasto de tempo, como as outras despesas que temos que fazer só com en-
velopês, material didático, ou seja papel ne, vai levar um tempo pra escrever,
pra levar várias cartas no correio, eles vão ter que distribuir no correio cen-
tenas de cartas para que chegue em todo território brasileiro, pra que as comu-
nidades indígenas brasileiras fiquem sabendo da situação e ficam sabendo o que
a comunidade está querendo, que tipo de apoio que ela está precisando o que ela
esta pensando, o que ela está pedindo de outras comunidades. Então isso coloca
a disponibilidade se voce não aceita uma proposta que eu coloco aqui, de voces
enviarem uma correspondência pra própria comissão da UNI em Brasília, e que nós
assumimos a responsabilidade de reproduzir várias cartas simplesmente voce manda
uma carta feito documento uma carta que voce escreve coloca dentro do envelope
e manda também a relação das comunidades e então solicita pra que essa comis-
são distribua cópias dessa carta né, pra de fato chegar até nossas lideranças
né, que nós temos e endereço de quase todas as comunidades que temos contato de
todas as comunidades que participa de encontro, mesmo das que não participa de
encontro nacional, mais daquelas que temos contato que chegam aqui, nós pegamos

o endereço completo para correspondência. Então eu creio não sei, mas a UNI se dispõe em ajudar, nesse sentido, é que se você manda simplesmente uma carta, se responsabilizando de reproduzir essa carta, levar cópias delas né, e colocar em envelopes, usar o correio que nós temos disponível e assim na responsabilidade de que você salvou a comunidade que precisa no momento, só vai ter o trabalho de receber e esperar resposta que vem das outras comunidades. Eu não sei se ficou claro pra você né, mas eu gosto da disponibilidade, de um meio que nós dispomos para ajudar as demais comunidades que estão precisando, é essas que eu estou colocando, quer dizer que é pra ajudar os meios de comunicação e facilitar, evitar uma despesa que uma comunidade teria que fazer talvez com duzentos cartas, ou com cem cartas não sei lá né, e talvez as cartas que você enviaram vão chegar em outras comunidades, que talvez vocês não conheçam mais vai quer dizer, a voz de vocês, aquilo que vocês estão formando vai chegar em todo parte do Brasil, onde vocês não estaria nem pensando que poderia chegar, a palavra de vocês vai chegar até essa comunidade então aí só resta esperar a resposta, o tipo de apoio enfim uma decisão que vão mandar pra vocês e por hoje entrega pro Daniel, que está coordenando.

VERIDIANO MIRANHA - Bom gente, eu acho que as pessoas que foram indicadas para compor o meu grupo o nosso grupo, eles estão presentes aí, mais de qualquer forma eu vou chamar o seu Paulo Orlando o Emílio Leoncio, Tembê, o Munduruku, a professora, o professor, a professora Ivanilda e Fernando.

Bom com o pequeno espaço que tivemos que a gente teria que contribuir mais pela parte da tarde, acontece que nós fomos interrompidos para outro programa. De acordo com os depoimentos dos participantes, os representantes eu tive a oportunidade de colher os seguintes dados, agora eu vou ler. O seu Paulo Orlando sobre a referência de como resolver o problema de terra, a demarcação, a idéia dele é unir, a idéia de seu Paulo é unir todos os índios em um só pensamento com uma só finalidade e seguir o mesmo caminho. O Munduruku teve a ideia, falou o seguinte, sempre por meio de união isto é, aproveitando a reunião da melhor forma de debate, de levar a mensagem para outras comunidades que fazer o que acontece aqui e fazer o possível para levar a mensagem e que de condições para que os demais lá saibam entender o significado da reunião. O professor Fernando e a professora Ivanilda tiveram a seguinte idéia, uma vez sempre unidos, as comunidades procuram as melhores formas de comunicação para troca de informações nesse caso ele situou aqui usar o MENSAGEIRO pedir mais apoio dos missionários e demais entidades no sentido de orientação e se possível até recursos financeiros, saúde e educação e não perder as oportunidades sempre que nos for oferecida. O Tembê teve a seguinte idéia, com o seu espírito de força de vontade fez a seguinte observação: Para todas as oportunidades apesar das dificuldades como pressão, ameaças e outros por parte de entidades, de mesmo a FUNAI e outras, outras dificuldades de contato com as

comunidades, em ponto algum desistir e sim se juntar e partir para a luta. O Munduruku também volta a fazer outra observação, criar uma comissão e ir até Brasília para exigir a demarcação das nossas terras. O Emílio Leoncio fez a seguinte observação, uma vez formada a comissão fazer um documento, e de documento na mão, levar e apresentar em Brasília para exigir a demarcação da terra. Então eu acho aqui no depoimento dessas pessoas a coisa ficou bem clara, começando primeiro na base, com o seu Paulo com a união, depois fala da, de como se aproveitar os debates na reunião e segundo o professor Fernando fala, de usar para melhor conhecimento de todas as aldeias, usar o meio de comunicação que temos em mãos, e também fazer um esforço para conseguir mais muitos meios de comunicação, nesse caso ele solicitou o Mensageiro e também pedir apoio de outras entidades. O Tembê ele fala que ponto algum nós devemos desistir da luta e sim juntar, entrentar e ir até o fim, o Munduruku já uma vez com espírito de luta juntando e usando o meio de comunicação, criar uma comissão e ir até Brasília para exigir a demarcação da terra. O Emílio Leoncio, uma vez formada a comissão, fazer um documento, e em posse desse documento na mão, ir até Brasília falar, exigir a demarcação. Temos também outras observações aqui, os representantes das aldeias, na maior das vezes eles não tem conhecimento de entidades porque se dizem conhecimento de entidades que se dizem entidades de apoio na luta da causa indígena e até confunde como, eu seja a impressão de que o CIMI é um órgão federal, que seja do governo. Pelo menos sente necessidade de mais de melhor conhecimento com outras entidades sobre alguma coisa com o seu trabalho e enfim qual a finalidade. Outras observações, outras comunidades não tem escola, nem farmácia outras não tem assistência alguma, se tem algumas coisas em suas aldeias, foram conseguidos com seus próprios esforços para conseguir o pouco recurso que tem. Bom gente, esse aqui foi o depoimento do líder do grupo daqui eu espero que esse depoimento seja comparado e colhido alguma coisa, comparando com os outros grupos. Eu acho, que tudo que eu falei foi os que tavam compondo meu grupo falaram.

DANIEL - É, o grupo número dois, o Paulo Txikuna.

PAULO TXIKUNA - Essa noite eu apresentei o nosso trabalho feito ontem e que eu acho que vou ter que repetir para o ouvinte aquilo que eu falei o que nós fizemos no nosso grupo, que o nosso trabalho foi feito assim referindo a pergunta do seu Paulo, qual a solução, a maneira que a gente achou lá para conseguir a terra, então a gente fez o trabalho, e a maneira que a gente achou é fazer pressão e juntar, fazer uma comissão e exigir a demarcação da terra, exigir da FUNAI, a gente colocou assim que a gente deve exigir a demarcação da terra, porque a demarcação da terra é a FUNAI que vem fazer a demarcação da terra, mais como que a FUNAI vai fazer, será que a FUNAI vai chegar lá em cada tribo e dizer que vai demarcar a terra. A FUNAI se a gente fica de braços cruzados e boca fechada, a FUNAI nunca vai demarcar a terra. Então o que a gente achou melhor

assim de conseguir a terra, é pedir, exigir mesmo e brigar pela terra, por isso por isso que a gente falou ontem de nosso trabalho, porque referindo a pergunta a pergunta foi, também foi só essa e essa pergunta de seu Paulo foi muito importante, eu né. Que porque se outro grupo vai apresentar outro trabalho melhor, explicando melhor como exigir a demarcação da terra, porque a gente nunca deve esperar a quem que a gente vai esperar, se os índios não começarem a se organizar não se mexem, a gente nunca consegue a demarcação da terra. Então gente o nosso trabalho, o meu trabalho, o trabalho do meu grupo que a gente pois, a maneira de conseguir a terra e exigir da FUNAI, pedir mesmo, com algumas comissão chegar lá e pedir a terra, não esperar muito a FUNAI, que já estamos cansados de esperar, esse foi o nosso trabalho de ontem e agora damos a palavra pro terceiro grupo né, eu não sei como é o nome.

DANIEL - Pois é gente, agora nós vamos ouvir a palavra do nosso irmão Lino Miranha né.

LINO MIRANHA - Bom gente, pra começar o trabalho eu quero cumprimentar, dar bom dia a todos e tocando a parte principal do assunto que foi discutido ontem que foram pedidos 4 itens e tudo isso com o mesmo propósito de resolver, de chegar a uma solução, pra chegar uma maneira de como resolver, a pergunta foi colocada pelo Paulo é pelo Paulo Orlando né, e o que eu pude colocar como resultado do grupo três, que surgiram praticamente em solução diferentes, como se todo índio e ficou um negócio mais, não ficou bem especificado porque praticamente não foi apenas como tava previsto, e essa coordenação foi o seu Henrique dos Santos e Manoel Primo dos Santos e o Karajá pra participar, mais eu fiz questão de nesse momento conversar com todas as pessoas que estavam presentes, inclusive foi requisitado o nome de pessoas dois professores, dona Maria Cristina e Cleide da Silva né, e de dois jovens professores também, e não foi discutido, não foi assim a palavra levada simplesmente pelas pessoas das quais foram satisfatório aqui no papel, que foram pessoas que estavam presentes nesse grupo, que fez questão que eles participasse, que eles tivessem participação direta na discussão do que se tratava né, e com respostas que valem resultado. A primeira, uma das opiniões que o seu Manoel primo colocou para a primeira pergunta, que seria o que fazer, ou qual que para haver conhecimento né, reconhece o índio como legítimo dono da terra, e pra isso ele deu umas explicações né, e todas as tribos teriam que se unir até onde que a gente fosse, não interessa se a gente fosse numa prefeitura ou a nível de estado ou na própria presidência da FUNAI ou no ministério do Interior, o processo que teríamos que achar um meio pra que a gente pudesse buscar assim onde fosse possível resolver problema. O nosso companheiro Cavalcante o Krahó também quase repetiu a mesma coisa, ele falava em reunir os caciques, exigir que sejam reconhecidos os direitos de posse ou seja a propriedade da terra de todas as comunidades, a mesma coisa seria feita assim, houve outras discussões que foram levantadas lá dentro que a maior dificuldade

que o índio teria para receber o documento da terra ou seja o título da sua propriedade, porque caberia ao índio receber como um único proprietário. E as outras colocações que foram feitas é que o índio não teria que receber o direito para se beneficiar se uma coisa coletiva, não teria que ser repassado um documento em nome de uma comunidade e isso até um certo ponto poderia ser meio difícil mais que não seria impossível de proseguir. E o Valdomiro também disse o seguinte: juntar todos os caciques para exigir a demarcação da terra, ou para exigir o documento oficial, que na realidade existe muitas áreas que são demarcadas praticamente, porque são demarcadas no tempo do SPI, outras foram demarcadas no tempo a dois anos atrás e muitas áreas do Brasil foram demarcadas, inclusive na palavra do Valdomiro, o que eu escrevi agora e exatamente o reconhecimento ou seja a oficialização da terra, que a terra seja reconhecida né, registrada né, seja oficialmente do índio que ela fica assim malhando todos os meios para que o índio acabe sempre perdendo a sua terra. A palavra do Maciel foi a seguinte, reunir todos os caciques e cobrar também junto das autoridades competentes o título de posse da terra, quer dizer que é uma coisa que ficaram assim várias vezes quase repetindo. O seu Henrique, apenas reforçou o que nosso amigo Maciel havia falado né, e voltando a comunidade, estava lá junto com os professores inclusive apenas reforçando também o que o Maciel tinha falado a pessoas se seu Isaac, Leôncio e o Lourenço né, e o Cipriano falaram também a mesma coisa, inclusive os professores não tinham muita experiência, e que fizeram questão de participar pelo fato de ganhar experiência e aumentar os seus conhecimentos também né, falaram a mesma coisa. Com referência a outras perguntas, eu não sei se os outros grupos, me parece aqui deixaram despercebidas, porque foram feitas várias perguntas, não foram só essas comunidades está organizada, está preparada para exigir os nossos direitos, se ela está ou não, ou o que falta? Isso foi uma outra pergunta que foi lançada, e levando em consideração teve uma outra proposta que foi a seguinte, o que queremos das entidades de apoio o que é que a gente tá precisando, até que ponto as entidades tem ajudado? Enfim essas foi umas das propostas, e eu me parece que os dois grupos anteriores não, bom, se tiveram apresentados, até que não apresentaram né.

VERLIDIANO MIRANHA - Bom, da minha parte vou dar a minha parte, não saiu no relatório que eu falei agora, como eu tive falando que a oportunidade de falar agora pe bom pouca, assim como os outros coordenadores devido o tempo, agora o tempo eu falei vi, que não houve tempo de fazer isso pela minha parte eu tava considerando meu serviço não terminado, tem mais coisas pra fazer, eu tava sabendo que esse problema é para ser resolvido, debatido, mais devido o tempo que foi curto, nós tivemos oportunidade de terminar só a primeira pergunta quando foi lançada as outras não chegamos a concluir.

LINO MIRANHA - Bom, em consequência dessa pergunta também, é a segunda pergunta

no caso, surgiram varias assim, depoimentos por parte de pessoas diferentes, tem também com diferenca de resultado, inclusive o pessoal dos Karipuna, assim se colocou de uma maneira tal na pessoa de seu Henrique, que até certo ponto a comunidade assumida, quer dizer que a comunidade estava preparada para receber pra assumir, a comunidade estava preparada pra exigir os seus direitos. Mais chega um determinado momento em que há um fracasso não se sabe como, onde, qual seria o ponto fraco dessa comunidade né, e assumir uma responsabilidade em frente as pressões que enfrenta, em frente as situações do dia a dia que vem levando, como um caso que acontece no caso que está ai bem a vista, é essa estrada BR-15b, mais com tudo isso, quer dizer, os restantes, quer dizer não só a comunidade Karipuna, mais as outras três comunidades presentes dessa região, por outro lado assumi o completo a sua, os seus afazeres, as suas responsabilidades não só os trabalhos internos, como os extremos também, quer dizer que quando se destaca quando se desloca para fazer um encontro, ou para resolver um problema com a FUNAI ou o governo, a comunidade por um lado assumi o papel quer dizer assumi as responsabilidades de resistir a um certo tipo de pressão. O nosso companheiro Kraho aqui foi o seguinte, a comunidade segundo o ponto de que a gente pode recolher, que a comunidade está praticamente organizada, que a comunidade depende de um conselho, as decisões não são tomada assim só por uma pessoa, pelo cacique né, isso passa assim por uma especie de democracia, para a comunidade decidir uma coisa, essa mesma decisão vai ter que passar vai submeter a presença de um conselho, e esse conselho é que vai tomar as decisoes finais, quer dizer que a comunidade assim uma ação de trabalho né, que apresenta um pouco pra mim foi pra mim deixou um pouco curioso com esses resultados, essas coisa que foram colocadas entre os Kraho, quer dizer que eles estão assim bem organizados para receber e para discutir, deu para pressionar alguma coisa. E se também foi o depoimento no caso dos Karajá que eles tem o valor que eles estão aptos a receber as pressões por parte do grileiro e por parte também da própria FUNAI, tendo prova que eles conseguiram reunir, quer dizer, conscientizar as comunidades vizinhas o trabalho que tinha que ser feito, feito então esse foi o resultado da segunda questão que tinha que ser feito, E essa questão como foi exigida uma proposta lançada também né, qual seria assim a avaliação que se fazia ne, em relação as entidades de apoio, inclusive aqui na parte do Manga, o CIMI tem dado assim todo apoio, ajudado na medida possivel e eles sentem assim satisfeito com o resultado, com o trabalho do CIMI. O Karajá fez o seguinte, agora né, tem dado todo apoio possivel. Os Krahe, segundo as informações, desconhece o trabalho do CIMI tem feito naquela área, entim quer dizer que não tem a menor ideia do que se trata, enfim ele não sabe que existe...

.....A única coisa feita ate hoje na maioria das vezes, foi uma coisa moral, por que geralmente nesse exato momento da situação dificil ne, assim essa cruz que nós temos no momento, um certo apoio moral, não só assim para os Miranhas, mais como as demais comunidades brasileiras, causam, assim não traz nenhum tipo de

.prejuizo, mais também não traz nenhuma ajuda, não traz nenhum benefício. Então a gente pediria às comunidades que tem esse mesmo problema, assim um apoio mais fixo, um apoio mais direto, uma participação com as outras comunidades, não assim pra discutir assim por um lado financeiro, mais seria um apoio mais adequado né, a necessidade das comunidades, que isso é uma coisa que varia muito de região pra região. região de Uiaipoque Karipuna, Galibi não é, quer dizer ele se sente assim satisfeito com o trabalho que o CIMI tem feito aqui nessa área. Eu representante dos Miranhas agradeço as pessoas do Pe. Nello daqui do CIMI no que tem feito um trabalho excelente aqui nessa região e não sei se em outras regiões, não sei se por questões de uma política do governo, FUNAI não sei, se desenvolveu um trabalho assim na medida que a gente precisa, na medida que a gente pretende né, então fica aqui o meu pedido não só pra o CIMI mais pras entidades, que o CIMI eu acho que é o único que está aqui, mais que eu espero que esse documento seja levado as demais entidades se elevando a opinião pública, as comissões do índio, as ANAIS, o CTI entim, pra todas entidades que se diz assim de apoio a nós indígenas, que estão interessados a ajudar os povos indígena então nos vamos distribuir uma espécie de documento e solicitar um tipo de apoio mais elevado por parte dessas entidades né, e esses foram os trabalhos realizados pelo grupo três.

PAULO TXIKUNA - Então já ouvimos a palavra do Lino Miranha do grupo 3, e agora acho que tem mais outro grupo né, e o grupo 4, eu não sei quem é o coordenador, é o Daniel Cabixi, também vai apresentar o trabalho dele que foi feito ontem a tarde né, que ele vai explicar um pouco pra gente.

DANIEL CABIXI - É o grupo número 4, e nós fizemos a seguinte pergunta. Qual a solução para o problema de terras, pra conseguir a terra e se nossa comunidade está organizada para exigir os nossos direitos, sim ou não? Então baseado nessas perguntas, o grupo de trabalho, a gente chegou a um resultado bem positivo então disse aqui o tuxaua Felizardo ele disse o seguinte, que uma das soluções para garantir as terras, é que nos temos que fiscalizar nossas terras e não permitir a entrada de estranhos. Então essa foi uma das soluções que a união pode fazer o índio forte para garantir o direito da terra, então a gente insistiu mais uma vez que só a comunidade indígena é que tem condições de fazer valer o que é de interesse pela comunidade e outra é a seguinte: Insistir com as entidades junto a FUNAI e junto ao ministério do interior para que de uma solução para o problema indígena e também ajuntar as lideranças para ir as autoridades. Então essas aí foi as soluções bem rápidas que a gente tirou do nosso grupo de trabalho. E outra terceira pergunta, é que se a gente está organizado para exigir os nossos direitos, vários participantes do nosso grupo acharam que a comunidade dos Galibi de Kumarumã estão organizados e representantes de outras áreas do Brasil que nem é o caso dos Munduruku do Amazonas, acharam que não estão organizados porque enfrentam problemas como a divisão da comunidade, porque isso

entraquece a luta indígena. Então essas foi as principais colocações que o pessoal que trabalhou junto com a gente colocou. Então a gente vai colocar tudo isso aqui num pedaço de papel pra deixar uma cópia com todos vocês, com todos os participantes da reunião, com os representantes das comunidades, das aldeias, para vocês depois debaterem isso. Então eu acho que vou me retirar justamente para fazer isso agora, então ficaria aqui na mesa Paulo coordenando para continuar os debates porque aqui surgiu um problema muito importante ontem que é unir várias lideranças e chegar até o presidente da FUNAI. E se for necessário até o ministério do interior para que esses problemas que prejudicam a comunidade, que afetam a comunidade sejam resolvidos, resolver essa situação para estudar um jeito de quando e como que pode ser feito isso, como, quem vai participar, com que meios que vai viajar. Então são coisas pra que a gente falar, precisa ir ao presidente da FUNAI, não adianta falar que precisa ir ao ministério do interior, se nós não temos meios de chegar até lá. Então eu acho que o pessoal que vai ficar aqui deveria revisar esse negócio, estudar um jeito de como conseguir isso, porque há vários representantes aqui que está de acordo com essa questão. Eu vou me retirar para fazer o documento aqui da reunião para que vocês tenham uma cópia e que também a gente leve um pedaço de papel para as autoridades competentes, que é a FUNAI, o ministério do interior para olhar esse problema que a gente vem debatendo todo esses dias aqui.

PAULO TXIKUNA - Então a gente, o Daniel deixou aqui pra gente discutir aquela proposta que eu convoquei ontem pra gente conseguir a terra, qual é a maneira de fazer pra conseguir a terra, aí eu falei que a melhor maneira era exigir, brigar pela terra e tentar fazer uma reunião com o presidente da FUNAI ou com o ministro do interior e que eu agora mesmo com o Daniel acabou de falar muitos aceitaram essa proposta que eu coloquei ontem, mais não pensaram como fazer para chegar lá. Quem que vai dar passagem? E agora eu queria que aquele que aí dos presentes respondessem eu não sei se tem alguém observando o trabalho aqui por grupo, eu não sei se deu pra vocês entenderem o trabalho que foi apresentado, porque o nosso grupo de ontem, a gente discutiu mais para a pergunta do seu Paulo Orlando né, qual é a solução, qual é o meio para a gente conseguir a demarcação da terra, pra conseguir a terra, então a gente colocou aquela proposta que a gente escreveu aí, que vai sair mais tarde que o Daniel vai ler aí pra gente então eu gostaria de ouvir a palavra de vocês pra ver o que acha, se é isso mesmo que a gente fez, todo o grupo que está apresentando trabalho foi de se organizar foi se reunir se unir e exigir a demarcação da terra, os demais foram apresentados pelos grupos de trabalho. Tem alguém aí pra falar sobre trabalho? Eu gostaria que alguém chegasse e explicasse mais alguma coisa, se tá bom, se é isso mesmo, é assim que a gente tem que fazer.

ROBERTO CRIXI MUNDURUKU / PA - Eu vou falar sobre o que o Paulo falou aqui que é achar um meio segurar a terra que e falar com presidente e o ministro do

interior, mais ele pergunta como que a gente poderia chegar até lá e conversar com ele, agora na opinião de cada tribo, só uma área só, Karipuna, Galibi e Palikur, agora daqui tem que escolher um líder pra ir pra lá pra pagar passagem dele cada um da aldeia tem que colaborar com ele para facilitar a passagem dele, mesmo assim eu vou em frente, eu vou enfrentar isso, eu vou chegar lá e conversar, porque eu me interesso pela terra dos irmãos, eu me interesso, e o melhor jeito é esse mesmo, porque a gente achando um que ajuda, o CIMI e os outros tá querendo ajudar a gente, mais não achando, é melhor a gente, melhor jeiro é isso, obrigado.

PAULO TXIKUNA - Olha gente, se tiver mais algum pra falar sobre o trabalho que foi apresentado ontem, a mesa tá disposta hem.

CLEMENTE TLMBE - Bem, a pergunta que o Roberto fez aí, o apelo que ele fez, eu concordo, porque a gente tem que exigir da gente mesmo, a gente tem que se reunir com a comunidade e pedir da própria comunidade a força, ajuda, o dinheiro para se conseguir essa viagem eu acho que a comunidade, com todo o massacre que passa ainda pode conseguir o dinheiro sozinho pra dar aquela pessoa que se já encaminhada a Belem ou pra Brasília. Então se a gente achar assim uma outra coisa que dê assim um apoio, uma ajuda, eu acho que também sera uma idéia muito boa, como pelo caso do CIMI, que eu por enquanto só conheço esse ponto de CIMI, mais eu não conheço muita coisa, eu não posso pedir para outras entidade que eu também não conheço muito bem, mais tem o CIMI aí que eu conheço muito bom, e eu acredito que ele pode muito bem ajudar esse tipo de trabalho que a gente tá precisando, porque a gente tem que pensar e fazer assim mesmo, porque de outra maneira a gente não vai conseguir arrumar dinheiro, porque o presidente a gente não vai pedir porque ele não manda dinheiro pra gente, o governador mais o prezeito, não tá nem ligando, ele quer é acabar de dividir as terras que o índio tem. Então a gente tem se valer do que se tem mesmo, eu acho que nesse ponto está certo, outras pessoas que não estão ligadas se eu não fosse índio, eu também não ia tirar o meu dinheiro pra dar que eu ia saber que ia dar prejuizo depois, então tem que fazer a gente mesmo tá, e da minha parte é só.

DANIEL - Quando que voces pensam ir pra Brasília? Quando é que voces pensam em fazer essa comissão?

PAULO TXIKUNA - Então gente, olha tem todas essas perguntas pra fazer, a gente colocou aqui, não é porque a reunião vai terminar amanhã, e a gente já ir pra Brasília entendeu, então é isso, eu tô colocando aqui, essa é melhor maneira de fazer pra conseguir a terra, agora nos temo que pensar na data, no mês, quando, como, o que fazer pra chegar lá porque é isso que a gente tem que discutir porque quando nós fizemos nossa pressão em Brasília, nós precisamos de muita reunião, agora a gente colocar isso aqui nessa reunião, acho que depois dessa reunião, cada representante vai ter que ir pra aldeia, chegar lá reunir a comu

nidade esta disposta a fazer ou não, se garante acompanhar, ir até Brasília, essa comissão, aí depois a gente tem que entrar em contato com os outros, quem que vai ficar coordenando isso, tem tudo isso pra fazer aí depois de tudo já organizado na tribo, aí a gente vai coordenar isso como e que a gente vai fazer, e conforme a decisão dada assim na aldeia a gente vai ver a data, o mês, quando a gente vai conseguir agora rápido, mais a gente tem que ver uma maneira de sair assim em breve possível porque senão o ano vai embora, pula pra outro ano, e assim vai indo, e se tiver alguém aí gente pra falar.

NICOLAU RIKBAKTA - Pessoal, eu só tenho uma coisa pra dizer pra vocês, como a gente pensou muito sobre esse assunto de terra, a demarcação e a gente é bom saber quais as áreas que estão faltando essa demarcação das terras. porque se todo mundo fala esse problema de terra não existe, Mas a gente tem que saber qual é a tribo que está faltando a demarcação de terra, porque se não sair no relatório, quer dizer que ali já está contando com a gente com todas as terras indígenas, tem que ver dos colegas índios que estão faltando a demarcação de terra, tem que anotar isso também pra ver e apoiar nessas áreas que estão faltando a demarcação nas terras deles, eu acho que isso si deve ser importante também, agora outra coisa aqui surgiu aqui, é que um povo tem união, e de como arrumar dinheiro para comprar passagem. O povo que tiver união, se não tiver dinheiro, eu acho que é uma grande vergonha pra nós, eu acho ne, porque a gente não deve esperar por dinheiro de outra pessoa, eu vou dizer uma coisa que nos temos lá, eu vou falar contra a comunidade daqui, mais eu vou explicar uma coisa o único meio de nos viver lá, que pode ser que algumas áreas são ruins de plantar e tudo. Lá o que sustenta nos e a plantação de arroz, se tem pro seu consumo dois anos, você tem arroz suficiente pra um ano e tem pra você vender pra fora também, e depois tem a borracha por ano, depois tem a castanha também, e o artesanato também, quer dizer nos não temos assim a preocupação assim de dinheiro e tudo, nós sustenta o nosso trabalho, os nossos esforços que nós lutamos pra ter comida suficiente pra nós, que feijão que nós plantamos lá e podemos até vender também. E outra coisa que está pensando quer dizer eu não sei se deixei sentido para algum grupo, mais também o cara da o dinheiro pra viajar sem necessidade que nem eu vi esses dias lá um Xavante lá em Cuiaba, o cara trabalha no seminário, ele chega lá e pega o taxi sem precisão, ainda chega lá ainda manda o padre pagar, só pra não chegar atrasado aqui pro almoço, eu acho que seria uma grande vergonha se acontecesse isso aqui no meio de nós, eu acho que é uma coisa que a gente não devia, a gente tem que ver qual o resultado que aquele cara vai trazer pra conseguir as maneiras dentro da comunidade apoiar e dar força ne, bom, por enquanto é só.

ROBERTO CRIXI - Eu disse a minha opinião que eu dei, eu falei que lá a gente trabalha e ganha dinheiro, mais eu vim pra cá sem dinheiro, porque segundo o Mensageiro, na carta dos meus irmãos aqui, eu não tava nem pensando em vim

aqui, mas os caciques de lá me escolheram pra vir prá cá, quer dizer, eu sou novato, sou apenas representantes na reunião, então eu falei que a comunidade pode dar dinheiro porque eles tem cooperado com a gente pra qualquer lugar que a gente tá querendo ir né, o nosso trabalho lá e o seguinte, o trabalho em borracha, são dezoitos mil quilos de borracha, trabalho em castanha, não tira muita castanha, tem um deposito de guardar castanha que nós tira muita castanha, em um deposito em garimpo, nos trabalha em garimpo, porque o garimpo fica na nossa área, os brancos tão lá invadindo a nossa área, tem 15 ou 20 garimpeiros lá, onde a gente tem que aproveitar o que que tem na nossa área, e é só isso que eu queria dizer.

PAULO TXIKUNA - É, agora nos vamos ouvir a palavra do seu Paulo Orlando né.

PAULO ORLANDO PALLIKUK - Senhores meus irmãos, bom dia. É o seguinte, muita gente já falaram ne, outras falaram para poder conseguir levar esse documento pra UNI para resolver o problema da terra, tem que entrar em acordo com as comunidades daqui pra poder arranjar dinheiro para a gente ir até ao ministério do interior, bem eu acho que é muito certo, porque se a gente ficar esperando de braços parados ninguém vai fazer nada mesmo, e se nós entramos de acordo pra fazer essa coleta de dinheiro para pagar a passagens desses que vão levar esse documento até a presença do nosso superior pra resolver o problema dos nossos irmãos que não tem ainda as terras demarcadas, eu acho que os outros tem que colaborar porque nos sentimos por nossos irmãos porque aqui nós pra cá do Território do Amapá, nós temos as três reservas indígenas aliás quatro com as do Galibi do Oiapoque até por aqui nesse momento nós estamos tranquilos, estamos em paz ainda, graças a Deus. Mais a gente não sabe tuturamente, porque já tem essa estrada que diz que vai resultado, beneficio, mais só vai trazer problemas, tudo o progresso do Brasil a gente não deve falar mal é como ontem Maciel falou, eu não quero que voces falam mal da FUNAI vamos reclamar, um bebe que não chora, não pode mamar, então assim o nosso dever é está faltando aqui que a FUNAI não sente, então o que nós sentimos dos nosso problemas, daqui não adianta nada levar para ela FUNAI quer dizer, temos que exigir dela, pedir. Bem outra porque a FUNAI tem um representante que são chefe eu considero eles como um intermediário mediador entre o índio e a FUNAI, porque por mim, eu tenho um chefe lá e agora temos um chefe novo. Antes de fazer a colheita do dinheiro com meu povo lá, são 680 índios, eu vou apelar para meu chefe olha chefe dá um jeito na passagem aí para esses líderes índios que vão levar esse documento, aí ele aperta para o delegado, olha tem os líderes que vão levar esse documento, aí ele imediatamente ele tem que pegar no rádio e falar, tá certo ele dá um jeito de ele ir lá porque se ele não der jeito, aí a gente vai dar nosso jeito, eu penso assim né, porque pra não dizer que nós estamos passando por cima né, porque está aí né, a gente deve falar com ele também pra ver se eles podem colaborar com a passagem da gente, porque se eles não puderam a gente vai dar o nosso jeito, já falamos já avisamos ele, pedimos também pra outras comunidades

pra outras entidades que podem nos ajudar. Por exemplo eu não sei se um orgão um tal CIMI é que tem dado apoio para o índio, quer dizer, apoio de orientação. Agora ele não tem dado assim dinheiro prá pagar passagem dos líderes, mas uma ajuda muito especial. E outra coisa também, e se um dos índios não colaborarem na parte do dinheiro pra pagar passagem dos líderes que vão levar os documento para ser resolvido nas autoridades máximas, nosso superior, se não colaborar, então aquele não gosta da terra dele, ele não tem amor pela terra, então não tem pena dos irmãos porque se nós estamos aqui em paz, nós queremos também que nosso irmãos viva em paz também, tenha as próprias terras deles demarcadas reconhecidas. A nossa terra também que nós temos aqui, dizem que ela está demarcada, mais nós ainda não temos o documento dela em nossas mãos, ela não foi registrada em cartório ainda, e depois temos ela na mão, e isso aí que nessas alturas a gente deve unir cada vez mais nessa união para poder ter mais força... acho que é só isso que eu tenho que dizer, obrigado.

PAULO TXIKUNA - E, então ouvimos a palavra do seu Paulo Orlando, e agora vamos ouvir a palavra de Pauaka Bakairi.

JULIANO BAKAIRI - Pois é meus irmãos, sobre a terra que nós estamos lutando aconteceu com nós assim sobre a demarcação de terra sempre nós esperava a FUNAI porque a FUNAI promete e não faz, o que que nós fizemos nós mesmo fizemos a demarcação da nossa terra, nós índios memo, nós nos não fizemos certo, mais saiu nós entramos na terra dos fazendeiros nós demos um pedaço nosso, mais saiu certo, nós próprios fizemos a demarcação mais nos queremos aumentar mais, porque o índio está aumentando então nós temos lutando lá para aumentar mais um pedaço. Então sobre a passagem pessoal, eu acho que aqui tem vereador eleito daqui de vocês né, então ele pode ajudar vocês aqui nisso, porque eu fui também candidato mais não fui eleito lá no Mato Grosso, mais eu ainda vou ser, eu vou me candidatar de novo, porque eu vou trabalhar pro índio, pra isso que a gente tem que ser eleiti pra ajudar, lutar pra nos índios, pra ajudar porque isso é bom pra ajudar o índio como tem o Mário Juruna lá, mais se a gente não procura ele nós não vai conseguir nada né, nós temos que ir lá pra conversar com ele tem dois aqui nosso amigo ele ajuda também, mais ele não fica lá na reserva, ele só fica ainda lá pra Brasília, a São Paulo e não sabe o problema que nós temos lá, então nós temos que chegar de qualquer maneira e conversar com ele sobre o problema, e é só isso por enquanto.

PAULO TXIKUNA - Bem gente, nos ouvimos a palavra aqui do Pauaka, então agora se tiver mais alguém pra falar gente, seria bom.

HENRIQUE KARIPUNA - Bem meus amigos, vou falar um pouquinho sobre o que meus colegas falaram, é sobre a proposta que foi feita como resolver a situação da nossa região. Bem eu também estou de acordo de chegar até lá como já falaram alguns aí, eu também tô de acordo de chegar até lá. Agora só que eu vou dizer é o seguinte, vou consultar meu pessoal lá da minha comunidade dos Karipuna, se

tiver de acordo eu sou pronto pra chegar até lá pra debater com o presidente da FUNAI ou com o ministro do interior e ver se nós consegue a posse da nossa terra né, bem nós já falamos muito da nossa terra né, bem, eu acho que todo nós no meu ver o sorrimento de um é de todos então eu acho que nós devemos criar coragen para ver se podemos conseguir, porque nos estamos precisando, a promessa está sendo feita a muito tempo e ate agora nada resolvido, então amigos nós temos que fazer uma forcinha para ver se conseguimos o que queremos.

PAULO TXIKUNA - Ouvimos a palavra do seu Henrique, e agora vamos ouvir a palavra aqui do tuxaua de Kumaruma, o Felizardo.

FELIZARDO GALIBI - Bem, como esta colocada essa proposta aqui a respeito de chegar até lá com o presidente então uma coisa que eu achei assim importante de nós índios tuxaua daqui da área como o seu Henrique como o seu Paulo e o seu Geraldo também lá de Olapoque e os outros também que veio lá de longe, então é uma coisa que também de arrumar verba para comprar a passagem para chegar até Brasília, o que eu estou achando a comunidade tem que dar uma ajuda porque tem muitos índios, porque aqui nós não temos borracha, nós não temos castanha, mas que nos temos trabalhando aqui é so na roça, na farinha, mais eu tô achando que cada um índio pode dar uma ajuda porque a area é de de nos todos, se cada um índio de um pouco vai ser um total bem grande então a gente vai saber a quanto é passagem por exemplo até Brasília. Nos temos aqui o chefe de posto, que ele pode informar lá com a autoridade dele e saber o preço da passagem até chegar, quer dizer a gente vai calcular de ida e volta, então se a comunidade não der conta com aquele dinheiro da passagem, então a gente pode fazer um apelo pro chefe de posto, fazer um apelo la pro delegado também pra ajudar um pouquinho também porque com quem que a gente pode correr, e com um deles porque a gente tá respeitando a FUNAI como um pai do índio, então ele pode dar uma ajuda pra nos, então a gente tem que consultar o cacique, o representante pra ver quando que vai ser, em que mês, em qual dia do mes que a gente vai se encontrar lá, porque se a gente tá sabendo, mais a gente vai marcar um prazo certo porque de cada cacique saindo se sua comunidade, a comunidade tem que dar uma ajuda, não é tanto pelo dinheiro da passagem, tem também a alimentação, se alguém quer comprar uma carteira de cigarro, tudo isso a gente tem que se basear e fazer um calculo certo, pra mim se todos aqui estão de acordo, eu também estou de acordo eu sou um primeiro que tô de acordo, agora nos temos que marcar um prazo, qual o dia do mes pra gente saber tudo certo, e de qualquer maneira a minha comunidade tem que me ajudar porque sao beneficios aqui pra nós todos, pra todos os índios que estao sofrendo. E outra coisa que eu quero chegar lá, é que minha terra não tem documento, como tem essa estrada que está querendo, passando quando a gente vê ja tem garimpeiro dentro, já tem fazenda dentro, a gente vai la e olha fulano a reserva aqui é nossa, mais voces tem documento e nós nao te

mos, ai vai ser outro problema de novo, mais se nos tivermos documento não, a área aqui é nossa, voces tem documento? Temos, a área aqui e nossa ta aqui o mapa então pronto ta aqui confirma pra mim, entao e so.

PAULO TXIKUNA- Já ouvimos a palavra do Felizardo o tuxaua daqui, então ele fala sobre a passagem como e que a gente chega a Brasília, e a pergunta que a gente fez aqui e mais ou menos saber com fazer ne, entao no meu ponto de vista acho que o pessoal já estão disposto a fazer esse encontro com o presidente da FUNAI e que eu acho que ele ralou isso de quanto mais rápido melhor. Eu estava pensando aqui numa dat, não sei eu voi colocar aqui e essa data seria discutida também, que dia 17 de dezembro de 1983 vai fazer 5 anos que passou o prazo para a demarcação das áreas indígenas, 5 anos não 5 dias não é 5 meses não, já era pra nós ter as terras tudo demarcadas ja, acho que essa data 17 de dezembro seria uma data assim ótima para conversar com o presidente, pra saber porque que se passou esses 5 anos, que mais de que isso a gente não pode esperar, eu não sei se essa data seria possível ou não ta, Dê podemos discutir essa data agora falando sobre a passagem, nos que somos do Alto Solimões nos fazemos assim, a gente se reuni, escolhe os representantes que vão exigir a demarcação da terra ai depois de escolhido a gente vai discutir só aqueles que foram escolhidos pelo povo que foi na reunião, ai o que é que nós vamos fazer agora, ja estamos escolhidos, então pra ir agora o que é que falta, esta faltando o dinheiro, ai teve alguém que disse, a FUNAI não diz que é pai do índio que é tutor do índio, entao e entrar em um barco desses embarcar a fazer eles pagar, ai o que é que eu falei, ai eu digo o seguinte, pra gente ter esse direito a gente vai ter mandar uma carta primeiro avisando a ele que a gente vai ter viajar mas ta sem dinheiro, que o índio é pobre e não tem dinheiro, nao tem condições de pagar passagem ai nessa reunião a gente faz a carta e manda a gente da 15 dias de prazo pro delegado responder a carta, se a gente vai ou não vai. Se ele disser que a gente não vai, entao ai de novo se reunimos e agora vai, ele diz que não pode mais nós é que estamos sentindo, ele está lá todo dia comendo, bebendo, um carro na porta, ai se reuni e discuti novamente, e o que que a gente vai fazer agora, agora vamos telefonar pra ele dizendo que a gente vai tal dia. Vai sair daqui tal dia a gente vai chegar lá, ai a gente telefona pro Kusuto né, que e o japonês, chega la no telefone e pede a ligação a Kusuto responde nao posso ser aceito telefone a cobrar, então está na hora de a gente ir, ta fazendo isso só pra não conversar com a gente, mais agora ele vai conversar com a gente, então a gente pega o barco la que pra gente não tem onibus é barco mesmo, entao a gente pega lá e se manda, chega na delegacia, se chegar lá a noite a gente espera amanhecer o dia, e chega na delegacia dizendo, nos estamos aqui mandamos a carta tal dia ta aqui a original da carta, se voces não receberam nao interessa de mandar nos mandamos tal dia, telefonamos naquele dia que voce não aceitou o telefone a cobrar então não interessa nos estamos aqui em Manaus, e tem um rapaz la no porto esperando o dinheiro ai se ele disser que

nao paga, ai agente diz que nós estamos aqui e se voce trabalha pro índio tem que pagar pro indio, paga a passagem e tudo, então essa e a maneira que nós fazemos lá, porque la a gente nao tem ndad, mal a gente consegue dinheiro pra comprar uma carteira de cigarro, entao gente esse a a maneira, e aqui surgiu a idéia de a comunidade tambem ajudar o representante que vai na comissão para Brasília. Também é muito importante porque a primeira comissão que nós formamos lá com os Txikuna, nos que ajudamos os tuxauas quer dizer, uma parte foi assim da colaboração dos brancos né, e uma parte nos demos assim colaborando, dando 500 cruzeiros, outros dando 1.000, 300 cruzeiros que lá são 20 mil indios e nao e de todos que dão né, mais aqueles que puderam dar deram e foram exigir a delimitação da terra. Porque é muito importante a gente colaborar gente porque a gente que anda muito, a gente precisa beber um refresco, fumar um cigarro, então é essa data que coloquei se tá certo dia 17 de dezembro, é que nós tamos no mes de maio ainda entao até dezembro eu acho que já da pra gente ir lá e chegar com o presidente e falar pra ele, visitar ele falar que nós queremos a demarcação da terra, visitar ele conversar com ele e se for possivel brigar com lel. Tem alguém pra falar sobre a viagem, tem o Karajá.

CARLOS KARAJÁ -Olha minha gente, essa data marcada de 17 de dezembro de 83 eu acho que nesses meses até chegar dezembro, aquele que tem boa vontade de ajudar uns aos outros eu acredito que a coisa vai, porque aquele que pensa em ajudar uns aos outros começa nesses mes, se prepara desse mes aqui, mais so que esse mês é mês de muito feriado e a gente não vê quase ninguém só tem mais os pessoal que dizem pra gente e que não sabem, que não podiam passar dos grandes homem. Então na passagem assim talvez da comunidade, agora como nós estamos se preparando assim talvez para ajudar uns aos outros, é uma coisa muito importante pra todos os índios do Brasil porque quando a gente vai com outra pessoa acredito que o dinheiro não sai. Hoje em dia o dinheiro é muito difícil então por isso nós mesmo devemos procurar, porque nós mesmo estamos sentido, e no prazo de 17 de dezembro a gente tem ja dinheiro guardado preparado para aquela pessoa que está precisando desse dinheiro, pela aquela pesspa que esta precisando dessa ajuda, se não tiver dinheiro então manda ao menos a, um documento abaixo assinado isso também ajuda a pessoa, porque o negocio da passagem pra resolver terra, isso pra mim e uma doença muito grave, isso é uma coisa muito importante pro índio, então pra isso nesse caso, no meu caso ponto de vista é porque tem a FUNAI no posto, eu acredito que eles, eu não tenho FUNAI no posto mas vejo em todo lugar o chefe de posto, esse chefe de posto vem mandando pela FUNAI e ele vem resolver problema que está acontecendo na area indígena. Então isso o chere de posto ele nem concorda, se ver se ele não da conta então pega o cacique e o outro representante pra ir discutir em Brasília com o presidente da FUNAI, porque ele não consegue através do relatorio e o pedido dele nunca foi respondido, então quando ele tá prá ajudar e indio então ele

faz isso já que ele não tá dando conta ele pega qualquer cacique da aldeia. O negocio é seguinte cacique eu já mandei o relatório tá aqui a cópia do relatório e nunca chegou nada até agora, não alcancei nada, então vamos ver se nós consegue, eu vou contigo e te levo lá pra ver se a coisa sai pra voce, o que voce está precisando que é a demarcação da terra, um caminhão, uma avoadeira qualquer coisa que voce estiver precisando. Então no meu ponto de vista, a FUNAI está aí pra ajudar, no meu ponto de vista então é isso se eu tiver a FUNAI no chefe de posto, eu vou cobrar, porque ele tá aí pra isso eu não vou só olhar pra cara dele e ele também não vai só olhar pra minha cara, é porque ele veio pra isso pra resolver qualquer problema do índio, qualquer dificuldade do índio no meu ponto de vista meus irmãos e isso aí. Eu não sei se tá certo ou se tá errado, é porque eu acho que o chefe de posto nesse ponto poderia ajudar vocês porque é uma doença que pode até acabar com vocês, e porque a estrada que já está passando aqui já na reserva do nosso amigo isso aí é o começo do problema aí que vai chegar problema aí então nesse ponto eu acho bom para ir tudo de acordo com a FUNAI ele não poderia ir contra os índios, ele tá aí pra isso. Ele não pode dizer que não tem condições então não vem cara só não pode é ficar na aldeia sem condições para ficar na aldeia, Então no meu ponto de vista não vou nada porque vocês não manda nada, não manda dinheiro, e se o índio aí não tem jeito pra mandar pra cá, aí sem dinheiro como é que vai mandar essa pessoa, então no meu ponto de vista é isso que a FUNAI tá pra isso e já vem mandado de presidente, ele não vem do meio de estrada não, o presidente tá sabendo, o que ele tá fazendo na aldeia, o presidente mandou ele pra defender o índio, as preocupações dos índios. Então pra mim é um caso muito errado quando o chefe de posto responde que não tem condições, então pra que o presidente mandou ele pra cá, então não adianta, sai vai embora, não resolve nada, então no meu ponto de vista é isso, quando eu botei chefe de posto aqui na minha área, ele vai sair pouco reclamando, mais agora reclamando ele vai sair porque eu acho que é direito que eu tenho que reclamar. Pra isso ele está no meu posto, se ele está presente ele tem que resolver problema do índio. Então meus amigos, é só isso que eu vou falar pra vocês, talvez outro quer falar também.

PAULO TXIKUNA - Então ouvimos a palavra de Karajá, agora vamos ouvir a palavra do Krahô.

VALDOMIRO KRAHÔ - Pois é meus irmãos esses pontos que temos contato em Brasília e os contatos com os presidentes e ministros, isso é importante pra nós, esse é importante pra nós resolver os problemas. Esses contatos abrem muitas coisas pra nós e pra vocês, bom os Karajá já falou uns pedaços, aumentam algumas aldeias que não tem posto pro modo ajudar os índios, mais aonde tem posto tem FUNAI pra ajudar. Chefe de posto e delegacia, que em varias regiões tem delegacia, todo apoio eu quero, eu resolve e tudo bem, eu tiro a passagem pra onde eu vou pra cá, pra nós dá tribo Krahô, nós tira dinheiro da mão das pessoas e

o chefe de posto está lá só trabalhando só por parte pelo bem do índio não resolve de jeito nenhum, ele é assim ele só faz o relatório e não põe na mesa, ele é branco, ele não pode fazer força, se não tá bom ele pede de baixo, não vocês tá fazendo muita força, então os funcionários tem medo de brigar com a FUNAI, com esse que já briguei muitas vezes, por isso que a gente a companhia muitas vezes com o nosso chefe de posto lá é junto com os caciques. Eu brigo mais é lá junto com o chefe de posto e o cacique que le tá lá para orientar e qualquer mão que precisa ele está lá para ajudar nesses pontos, que a gente tem que encher as pontas que está passando, índio sofre muito, assim com ele é um sofrido também, agora eu não vou dizer que eu sou mais rico dos nossos irmãos não, mais ainda hoje eu passo dificuldades que nós somos a tribo Kraho nós sempre temos dinheiro na mão graças a Deus nós temos sempre dinheiro na mão eu briguei muito e nós brigamos os de Goiás, nós já brigamos tanto com os Apinajé, como com os Xerente, como o Karajá do Xambioá. Nós brigamos juntos, por isso esse posição da FUNAI tá correndo pra nós, falta experiência, assim como é experiência, como no norte de Goiás nos trabalhamos tudo em paz e por mais muito tempo que falou FUNAI da só de promessa da só de promessa, não ela várias vezes que já fez promessa, já fez muitas promessas pra mim mais eu não sou cara que já dominou. Quando eu era rapazinho eu dormia demais e papai sofria e eu também fui sofrido e comecei a estudar e fui sofrido também, mais agora eu tô em paz que eu trabalho com o chefe de posto e com liderança da aldeia dentro da reserva temos várias tribos, tem 8 tribos e tem 1200 pessoas só dos Kraho, mais tem 8 aldeia, e tem outro cacique e em outra tribo tem outro cacique, mais somos tudo unido, nós somos tudo na aldeia unida, nós trabalha tudo unido, então eu começo contar esses pontos e eu começar a fazer, e tá aqui um prezado senhor aqui um chefe de posto aqui da uma ajuda pra os caciques, e esse cacique não vai fazer mal do senhor não, ele vai fazer bem... é então so nesses pontos que eu queria falar.

DANIEL - É, então ouvimos a palavra do tuxaua, e na hora que encerrou teve gente que queria falar, então vamos continuar então tem alguém pra falar?

PAULO TXIKUNA - Quer dizer a reunião com o presidente já foi marcada né, ficou para o dia 17 de dezembro de 1983. agora eu falei que podia discutir isso, discutir essa data, se seria essa data mesmo, podia ser outra data, aí o pessoal pode dar outra data se não está bom essa data aí, agora não tem problema, a gente pode mudar agora se essa válida então vamos ficar, vamos marcar essa data e tod mundo fica sabendo e depois a gente vai ter trabalho, quando quando eu chegar na minha aldeia eu vou comunicar aos meus amigos mais próximo por exemplo os Javari tem os Kokamas né, e os Marubo, então os outros que estão aqui podem ser comunicados através de carta, porque a gente lá nos temos o nosso jornal que nos mesmo fazemos e através desse jornal a gente as vezes faz convite, da a noticia e eu acho que eu não sei gente porque essa data que eu

dei aqui, essa data seria exata para a gente marcar nas férias. Então essa data fica para dia 17 de dezembro né e agora o que é que a gente vai fazer? Quem é que vai coordenar esse encontro lá? Como que a gente vai fazer? Vai ter que falar com o presidente, marcar pra ele tal dia que a gente vai chegar lá, eu não sei como que a gente vai colocar isso porque no meu ponto de vista esses meses de maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro e novembro, acho que era bom a gente mandar uma carta. Ia sair uma carta daqui tipo abaixo assinado dizendo que conforme a comunidade, a reunião da comunidade do Kumarumã que foi decidido que a gente teria que ter um encontro com o presidente. Mais na mesma hora eu penso assim que se na mesma hora que a gente for avisar a ele assim com seis meses assim antes, ele pode formar um caso, ele também pode formar uma comissão e chegar e dizer pra nossa comunidade que não é preciso ir lá, ele pode dizer isso. Então eu acho assim que não era bom nem avisar, avisar quando fosse já uma quatro dias antes pra chegar o dia 17 de dezembro, avisar tal dia nós vamos chegar índios de tal canto toda região do Brasil. Ai pegar ele assim de surpresa né, porque se a gente for avisar ele vai estudar um caso e enganar todo mundo vai dizer que não é preciso, não adianta, que negócio para resolver não era em Brasília era pra ser na comunidade. E quando a despesa da passagem gente acho que a maior parte já ouvi que a comunidade deve colaborar com o taxa né. Ai tem as entidades de apoio e no caso pode ajudar porque nessa reunião a gente tem mesmo é que dizer que a gente vai conseguir esse encontro com o presidente né, não sei se tem mais alguém pra falar.

É todos já falaram né, gente, agora eu queria que todo mundo entrasse de acordo, sim ou não sobre a data né.

CLEMENTE TEMBE - Bem essa data que o Paulo lançou aqui, eu fico satisfeito, e que pra mim é um prazo bom, porque a alguns serviços a fazer lá na comunidade e eu acredito que a gente daqui até lá eu acho que já tenham realizados porque é um bom prazo, então essa data é muito importante pra mim, e acho ponto muito boa e válida.

DANIEL - Então o cacique Tembê falou que essa data aqui é uma data ótima pra ele né, que já dá tempo de ajuntar o dinheiro né, e não sei se os outros estão de acordo também.

HENRIQUE KARIPUNA - Eu também da minha parte, cacique do Manga, eu de acordo com a data de 17 de dezembro.

MACIEL GALIBI - Eu, ex-cacique Manoel Floriano Maciel sobre o que os colegas falaram sobre a ida a Brasília pra tal assunto, eu tô de acordo pra data do dia 17 de dezembro porque nós temos um problema é só podemos resolver por lá mesmo através do nosso pedido por aqui, conversar resolver por lá com o presidente da FUNAI ou com o ministro do interior, pra ver se ele nos dá o documento daqui da reserva do Uaçá e pedir mais alguma coisa que a gente achar de pedir a ele, porque ele é pai de tudo que é índio. Então se a gente achar que algu-

ma coisa que a gente tá sentindo uma falta aqui com a respeito da educação que a gente tá precisando de uma professora aqui na aldeia do Kumaruma, a FUNAI mandou uma professora coitada, trabalhou alguns meses e depois foi embora e nunca mais voltou. Então nós precisamos de mais de seis professoras pra ensinar a todas as crianças daqui. Aqui o cacique Felizardo que é esta agora representando aqui na aldeia que tá na frente, ele não vai deixar eu mentir, e a comunidade também não vai deixar eu mentir. No ano passado nós tivemos uma ajuda pelo CIMI de professores e esse ano nós não tivemos até aqui, então nós temos sentido, nós temos que reclamar pra FUNAI, pra ver se eles dão ao menos duas professoras que nós tá precisando, e sobre a viagem nós temos que pedir uma ajuda do CIMI um apoio pra ver se é destacada daqui. Se o cacique não pode ir, então nós temos que mandar dois para representar a nossa aldeia, aqui a nossa comunidade pra resolver esses problemas junto com o nosso irmão que está sentindo a necessidade também. Conforme diz o cacique Henrique, eu tô de acordo junto com ele, então é só isso que nós temos.

PAULO TXIKUNA - Já ouvimos a palavra de seu Maciel e ele também está de acordo a essa data do dia 17 de dezembro agora se tem alguém pra falar aí.

ROBERTO CRIXI - Então eu também estou de acordo com essa data que o nosso amigo Paulo Txikuna colocou, então até essa data marcada eu acho que vai dar pra arrumar dinheiro, porque é seguinte, quem trabalha com o chefe de posto da FUNAI, tem mais uma ajuda não é, quem não tem chefe de posto da FUNAI para trabalhar com eles, então ele tem que ser ajudado só pela comunidade, e a FUNAI ajuda, e a comunidade também ajuda e isso é muito bom pra nós, e é só isso.

PAULO TXIKUNA - Já ouvimos a palavra do Munduruku né, e a gente vê assim que o pessoal as vezes fala na ajuda, as vezes não então vamos ouvir a palavra do Felizardo.

FELIZARDO - Eu também estou de acordo com essa data que foi marcada 17 de dezembro de 83.

PAULO TXIKUNA - Mais alguém quer falar?

MANOEL PRIMO DOS SANTOS - Eu quero pedir aos senhores todos aqui presentes, bom dia, eu quero falar umas poucas palavras, agora pra mim, foi uma grande satisfação e prazer, de me organizar nessa assembleia na vila, na comunidade do Galibi do Kumaruma e aqui nós tá todos podemos nos reunir uma parte dos índios do Brasil, então meus amigos o problema é sério né, desde o dia que chegou no Brasil os estrangeiros que ancoraram nas terras brasileiras em 1.500, já começou o sofrimento de nós índios e cada vez mais nós temos sentido e eu estou vindo aqui com meus amigos que estão vindo de longe, pra nós é um grande prazer porque nós ficamos sabendo das necessidades dos nossos irmãos de outra parte do Brasil, então meus amigos, o problema é sério, uns tem a terra demarcada uma não tem, uns que tem a terra demarcada mais não tem título de posse, então eu acho

que isso está acontecendo em todo território brasileiro, mais eu quero que as autoridades brasileiras não se esqueça, que o índio e o proprietário da terra. Foi que foi encontrado quando encostaram e não descobriram o que é do índio. Bem então se foi criado um órgão que é a FUNAI, então eu acho que eles tem que se interessar e trabalhar a nosso favor, não é só a favor dele próprio, como já temos índios que já tem uma certa postura, que já trabalharam como o funcionário. Juruna, hoje deputado federal, então os senhores devem trabalhar de pedir para o governo da união que ajude o nosso índios. O índio tem uma cultura, eles tem a cultura indígena, não é uma cultura pra ser embarçada no meio dos civilizados, dos brancos como se dizem, mais nós com os nossos esforços vamos pedir, eu por exemplo, todos os senhores estão falando de ir falar com o presidente mais à custo de suas dificuldades. Eu na minha ideia como é um órgão nosso protetor concedido, então esses custeios devia ser desse órgão FUNAI, porque muitos eu sei, vocês talvez tenha grande renda dos seus territórios tem minas, outros tem um grande castanhal, mais é área indígena da região nossa no território federal do Amapá, eles não tão morrendo de fome, eles vivem a custa deles, não precisam dar comida, de dar, nós precisa e de ajuda do governo de qualquer parte que seja, de qualquer órgão, então nessa órgão que aqui viemos comentando, que viemos fazer essa assembleia, reunião dos índios que pra mim foi uma grande satisfação de conhecer as dificuldades dos outros índios, os nossos irmãos, então eu também entrei como candidato a vereador na câmara municipal federal do Amapá para conhecer , uma pequena ideia do que tão tratando os civilizados, que nós índios somos desprezados, que se fosse atendido, todos tinham os seus pedacinhos de terra, os invasores vieram e foram tomando até nós mesmo índios que ja se acha em posição melhor, então eles procuram ate melhor aldeia, mais não de todos índios da regioa. Então meus irmãos, o que eu queria dizer e tudo trabalhar a uma so voz os índios brasileiros, então nessa hora eu agradeço a presença de vocês que vieram de fora, os nossos irmãos índios, porque assim a gente fica sabendo das dificuldades que já esta passando lá fora. Então nós somos os donos da terra que eles encontraram, e de tudo o nosso país deve nos proteger e nos ajudar. Então meus senhores é so o que eu posso dizer porque a minha cultura é muito pouquinha nao dá pra eu me expressar mais longe pra ver mais as nossas necessidades. E a autoridade que podemos recorrer que é mais conhecida a FUNAI, que eu não sei se esse nome FUNAI é muito bom e também se trocar ainda tivesse, da outra ideia afundar com os outros, os senhores me desculpem eu ter falado um pouquinho mais se eu puder dar mais uma explicação é o que eu tô dando nessa hora presente que pra mim ele tem participação de nós estar reunido na comunidade da Kumarumã de Galibi no Município do Oiapoque no território federal do Amapá, obrigado.

CLEMENTE TEMBE - Bem, aqui os dois representantes do cacique lá do Parakana é o Motiapê e o outro é o Warirã pediram pra mim falar que eles acharam uma data bom também, essa data que foi falada agora a pouco, então ele procura saber a quantia de dinheiro que ele pode arranjar, então é uma coisa que eu também não

pude explicar pra ele, porque é uma coisa que nós também não tamos sabendo que quantia que nós vamos arranjar mais eu expliquei pra ele que depois é que vai ter a comunicação explicando como deve ser isso, como deve ser a quantia, quanto é mais ou menos que a gente pode gastar, e também ele me falou que era também para declarar, que eles vão ajuntar um dinheirinho pra passagem, mais que se por acaso o chefe de posto quiserem dar uma ajuda pra eles, também eles aceitam, que de qualquer maneira e quem pode ajudar os índios é a FUNAI, então é isso, falou também o que nós e mais outros, e era só isso.

PAULO TXIKUNA - É, de acordo com o Tembê falando sobre os Parakanã, é a quantia de dinheiro né, mais eu também não sei quando é que a gente vai gastar por que isso depende muito da comunidade pra saber quando que a gente vai gastar e eu acho assim, que nessa parte todo mundo está de acordo né, e se a gente for falar de um por um, vai passar o dia todinho e mais a noite e mais outro dia e a gente não terminava, e tem que continuar, e como todos estão de acordo então essa data vai ficar. Agora a gente vai ver quem é que vai coordenar, como, eu quero dizer aonde que a gente vai chegar lá em Brasília né, quando, por que dia 17 de dezembro é pra ter encontro, mais isso aí eu acho que deve marcar depois da reunião da comunidade né. Porque se a gente decide aqui, a gente tem que ver a nossa comunidade, a gente vai ter que discutir com a comunidade o que foi decidido aqui, não é isso gente? Então o que eu tenho pra falar pra vocês gente, eu acho que é isso e se alguém tem aí uma experiência pra fazer depois uma reunião com entidades e depois vai coordenar no encontro, pra que tenha uma parte assim seria quando a gente chegar lá em Brasília e tem gente assim que mora mais longe e que não pode chegar dois dias antes, tem que ter uma data assim de chegada é dia 17 de dezembro tudo bem, e com o presidente. Agora a data da chegada da gente, isso aí a gente tem que discutir como a gente pode fazer isso. Tem alguém aí pra falar sobre a data da chegada, isso tem que programar tudo isso.

JULIANO BAKAIRI - É, eu acho que tá bom isso pra mim também porque lá em Brasília vai ficar fácil pra mim, vai dois ou três que eu vou levar comigo e porque de lá de Cuiabá a Brasília e perto pra nós lá né, porque nós somos de Mato Grosso, agora vocês que é de mais longe nós tem que ajudar eles que dá um jeito pra eles chegar até lá pra nós conversar com o presidente e é só isso.

PAULO TXIKUNA - Tá gente, então a gente está aqui discutindo é a chegada da data, tem que chegar lá antes do dia 17 de dezembro. Agora vamos pensar na hospedagem, a gente vai dormir na rua é? Então é tudo isso gente como é que a gente vai fazer isso, eu também não tenho muita experiência assim a vida da cidade como é que é porque por exemplo lá a gente nos reunimos e marca a data e chega um dia antes. Aí temos a casa, porque a vida da cidade não é como a vida da comunidade indígena né. Agora como é que a gente vai fazer isso, tem que exigir é chegar a uma data assim porque nos tamo querendo hospedagem e como é que a gente vai fazer tem que ver se dá para explicar um pouco.

VERIDIANO - Bom gente eu queria deixar um pouco, abrir um espaço no debate com referência a marcação e a organização pra ir a Brasília, até agora eu tive a oportunidade de ouvir e ainda não ficou claro. Certo quanto a marcação da ida com o presidente da FUNAI, bom pelo regulamento, a FUNAI tem um calendário, uma agenda com datas e hora marcada, mais se nos formos esperar que a FUNAI abra espaço para que possa receber a gente, nunca a gente vai ter um espaço, daí que é de ficar, se a gente marcar adiantado ou não, mesmo porque depois disso aí ainda vem a possibilidade de ela isolar criar uma ideia que a gente tem possibilidade de chegar lá. E além do mais eu queria dizer pra vocês explicar uma coisa que talvez vocês não tenham conhecimento. É com referência a demarcação da terra que a todo momento se faz com referência a FUNAI. Pra quem não sabe, em 23 de fevereiro de 83 foi criado a lei nº 88.118, que tira todo o poder da FUNAI com referência a demarcação de terra e vou explicar mais um detalhe, mas eu vou citar aqui dentro. Antigamente cada uma pessoa ia diretamente a FUNAI porque a FUNAI que tinha poder, era ela que tinha a responsabilidade de demarcar a terra, mais mesmo assim a gente era impedido de chegar lá e muitas vezes era enganado, eu vou falar um pouco do decreto. Esse decreto criou uma comissão com o ministro do interior, o representante da FUNAI, enfim a demarcação da terra passa a não ser mais demarcada pela FUNAI, e sim por essas comissões, daí eles ficaram pensando, será válido ir na FUNAI, porque o que a FUNAI vai responder é que antigamente ela enganava, agora muito pior, porque nós vamos conseguir chegar lá com a FUNAI e o problema não é mais seu o problema é da comissão, e aí, nós vamos partir pra quem? procurar a comissão? procurar o ministério do interior...?

Nós índios vai passar ao presidente, porque a gente não conseguir falar com essa comissão, além do mais e uma coisa muito grave que eu considero, e que essa comissão é que vai ter a autoridade de demarcar as terras que nós temos, que ele fez a proposta se precisa ou não. E que as aldeias anteriores passada até chegar a data desse decreto foi válida. A partir de agora quem não tiver terra demarcada, vai enfrentar esses problemas, então eu fico pensando assim que esse tipo de organização, de comissão, chega lá, eu não sei mais eu acho que bom, o delegado fez da seguinte forma, e eles formanda lá com eles que não tem nem um pouco de sensibilidade por nossa causa, que não tem nem um conhecimento, e que vive lá nas melhores casas, ganham bastante dinheiro sem se importar com o problema do índio. A proposta daqui, eles lá é que vão decidir realmente eles vão dar a demarcação das terras ou não. Mas como aceitar isso, se eles não tem conhecimento da nossa terra, nunca passaram por aqui, como aceitar isso se o índio não tem a participação nessa comissão pra confirmar se realmente é esse o pedaço de terra que eles querem, então eu tô dizendo pra vocês falar ou não, nós não queremos esse pedaço de terra. Mais e daí nós temos que aceitar, porque foi a comissão que demarcou aquele pedaço de terra, e pode acontecer isso pela seguinte forma, porque eles não vai visar nem um interesse

do índio, ela vai ficar a interesse da FUNAI, e se vem oferecer terra a sociedade ou a alguma firma, é possivelmente a possibilidade dessa comissão. E os índios sempre vão ficar prejudicados, então por isso que eu fiz a colocação, é por causa dessa consequência do problema que estamos enfrentando por parte da FUNAI, exigindo a demarcação da terra, para ser franco, essa é a realidade sobre a demarcação da terra, porque quem vai demarcar é uma comissão formada por essas pessoas, a divisão pode ser tomada deles. E outra coisa muito importante essa comissão, essa união gerou inclusive o nome de uma entidade, um conselho, uma comissão, que o próprio índio do Brasil não tem conhecimento, eu tô me referindo a UNI, porque eu sei que tem muita gente curioso pra saber o que eu disse, então eu dividi uma pequena parte da, dos documentários da UNI em três partes. Como criou a UNI, a segunda como foi o desempenho da UNI, o que ele fez, fazer uma história da UNI, fazer uma avaliação do que que foi a UNI até o ponto atual e por último agora como já fizemos a reunião que foi de índio, que ninguém teve conhecimento, foi só de índio, sem participação de nenhum branco ou civilizado, programado e gravado por mais índios, e esta reunião foi justamente para debater, para corrigir, para fazer uma avaliação enfim em cima dos erros procurar corrigir, uma reforma, uma estrutura de trabalho, então fazer um novo plano de trabalho, mais que viessem a ter efeito, que viessem mostrar algum trabalho, algum proveito em benefício em prol do índio. Em primeiro eu vou explicar como foi criado a UNI mais sim na segunda parte o que a UNI foi que a UNI fez para a dificuldade, se bem que num pedaço há muitas falhas estas que agora atualmente só viu a demissão. E que nos podemos condenar nossos amigos e irmãos que tiveram na frente como representantes da UNI pelo seguinte fato, fatos esses que consideramos muito importante e que contribuíram, mais por outro lado procuramos olhar as boas coisas, os passos que abrimos os caminhos que deram continuidade e que serviram de base para o nosso seguimento do nosso trabalho. E a UNI parece sentir grande dificuldade, primeiro porque ele não tinha local de trabalho, a segunda recursos financeiros e a terceira a falta de experiência, não que nós não temos experiência e inteligência mais quando se fala de um nível mais elevado. Ai é claro, nós se os diplomatas eles cometem erros, quanto mais nós. Pois bem esses erros, nós não condenamos os nossos amigos que tiveram na direção e sim procuramos até agradecer porque eles serviram de base poucas idéias eles tiveram, serviram para abrir espaço, para corrigir pra que no futuro a UNI venha desempenhar um papel como eu falei anteriormente que venha a beneficiar o nosso pobre índio, essa nossa entidade, essa nossa associação talvez como eu já falei, não tem muitas pessoas que tem conhecimento do índio em nível internacional. Como eu já falei, ela foi cheia de altos e baixos, houve as dificuldades que levaram ela a não desempenhar um bom papel que fosse satisfatório, mais ai quando a UNI teve, ela foi desfeita por essas consequências e daí as pessoas procuravam a UNI, pra que a UNI serve, o que é que a UNI fez, é como o caso agora, eu tô vendo há um comentário a respeito da comis

são e prá ir em busca de 17 de dezembro de '83 pedir um encontro, uma audiência com o Ministro Mário Andreazza, com o presidente Paulo Moreira Leal e enfim, mais acontece que logo nós estamos vendo que não tem apoio nos seguintes setores, não tem casa onde morar e além disso não tem pessoas que cubram o índio, de índio para índio, porque uma coisa muito importante meus amigos, nós não temos que nos sentir incapazes, não devemos acreditar, nós temos capacidade e sim devemos confiar uns nos outros, porque assim arranjaríamos força para continuar o nosso trabalho, um trabalho positivo, pois muito bem a UNI ela tá em Brasília ela não teve oportunidade de a sua estrutura de trabalho chegasse ao conhecimento ao mais novo ponto do país nas aldeias, e como eu tô vendo, as comissões que estão formadas para ir até Brasília não tem um veículo de comunicação, uma ponte que possa chegar até lá de uma maneira que tenha ligação ou com a FUNAI ou com o ministro do interior. E exatamente aí onde entra uma das dificuldades e finalidade da UNI, é servir de ligação, é servir de informação para qualquer comissão que se destaque daqui pra Brasília, tenha onde e com quem chegar lá e conversar, eu digo isso porque aqui o CIMI ele tem aqui os seus efeitos ele tem trabalhado e pelo o que eu tenho visto o funcionário tem feito um bom trabalho aqui mais fora das áreas os índios não tem esses benefícios, então talvez ou não os daqui pode procurar o CIMI. Mas das outras áreas foi bem o contrario eles não vão, eles não tem esse apoio, porque eles não tem conhecimento, então aí a idéia de se criar a UNI. Pois bem meus irmãos, eu vou falar um pouco do trabalho da UNI em nível de sociedade como eu já falei anteriormente. Depois que eu terminar de falar aqui, eu vou ficar a disposição, porque eu tô falando aqui mais tem muitos caminhos que não tá sendo explicado, eu apenas falo aqui em outras palavras, depois eu vou aqui pra pedir, eu tô a disposição pra qualquer pessoa que quiser tira a dúvida, na medida possível a gente tá aí pra complementar, esclarecer melhor. Pois muito bem, um dos trabalhos da UNI e esse ponto que eu estou falando. Outro foi um ponto muito importante que já teve de bate aqui, anteriormente: é o trabalho de comunicação, trabalho que foi falado pelo Lino, trabalho que tem função de receber atas, informações, os pedidos e distribuir pra todas as áreas indígenas pra que a UNI sirva de comunicação. Segundo a UNI, tem como objetivo de porque todo mundo tá sabendo que temos um político Xavante, um cacique dentro da câmara e isso e uma força, isso e muito importante pra nos, porque agora nós temos acesso na câmara, temos com quem falar temos com quem chegar lá e pedir informação, temos alguém mais forte, então aproveitando com o cacique com os contatos de ações, de deputado Mario Juruna um de nós dentro da câmara federal em Brasília. E muito comentado em nível nacional e em nível internacional a presença do nosso cacique Mario Juruna, e aproveitando essa sensibilidade mais certa dentro da câmara dentro do país, foi uma proposta da UNI formada pelas pessoas que vão que deverão ficar em Brasília e selecionar alguns políticos que tem algum ponto de sensibilidade com o índio. Tem muitos governadores que mandam invadir a terra do índio, manda demarcar a

terra do índio. Mas também tem alguns que não podemos condenar, mas tem muitos que tem um pouco de sensibilidade, então devemos aproveitar dessa comissão formada pela UNI. Ela vai procurar marcar audiência com todos os parlamentares que dê oportunidade de receber e de colocar o seu plano de trabalho, pedir apoio moral, por exemplo em ocasiões. Então o trabalho da UNI vai chegar junto aos parlamentares que por ocasião de seu procedimento e um pouco em favor do índio. E outro trabalho da UNI é junto com o cacique Mario Juruna que depois de pedir apoio junto com os parlamentares tenta derrubar esse decreto que inclusive a comissão. A intenção dessa comissão é acabar com isso porque vai chegar o tempo de passar um ano, dois anos e não tem a onde correr. Outro trabalho da UNI é que uma vez que não tiver derrubado esse decreto criado por essa comissão é exigir fazer presença, exigir a presença de uma comissão de índios que se faça presente junto dentro dessa comissão por ocasião do julgamento de que eles vão decidir vão aceitar um pedaço de terra que só eles que sabe que tá lá se não tá um índio lá pra dizer; não realmente é esse espaço de terra que nós queremos, se eles não tiver lá e eles quiserem marcar menos terra eles fazem e pronto, portanto é outro trabalho da UNI. E são uns trabalhos pra entender, mas é exatamente isso uma das coisas muito importante que nós temos que fazer, não esquecendo claro das bases, porque se nós ficamos só aqui com essa reunião, fazendo uma estrutura de comissão, até no máximo possível chegar até junto da FUNAI nunca vamos resolver. Primeiro a gente tem que ter consciência das leis do que está acontecendo e sua consequências. É esse meus amigos um dos trabalhos que a UNI tem em fazer, e eu acho que está chegando a hora aí de para, porque é hora do almoço né, e pra tarde eu deve ter a comissão que deve ter o problema do documento final e eu terei que voltar pra falar mais alguma coisa a respeito da UNI, como foi o sacrifício, até que ponto que ela chegou, a idéia de quem criou, como pode ser formada a UNI, porque em benefício de algum trabalho já se tem, então eu tinha que falar alguma coisa da UNI, e é só isso.

PAULO TXIKUNA - Então gente, a última palavra que a gente tem que continuar agora a tarde...

(Observação: falta a gravação da primeira parte da tarde)

DANIEL - ... A reunião de todas as nações indígenas com uma só voz pede para conseguir tudo isso, criar uma comissão para exigir a demarcação e a comissão fazer um documento para levar às autoridades em Brasília, as comunidades devem procurar a melhor forma de comunicação para trocar as idéias e informações, pedir apoio dos missionários e entidades e se possível até recursos financeiros para a saúde e educação. Com seu espírito de luta e força de vontade os Tembe fez a seguinte observação para todos as comunidades, apesar da dificuldade como a pressão ameaça e outras por parte da FUNAI e essas dificuldades de contato com as demais comunidades em ponto algum desistir, e sempre ir para a luta. A maioria das aldeias não conhecem as entidades de apoio ao índio e até acham que o CIMI é um órgão federal. Então essas comunidades, eu não sei se tá dando

pra compreender a gente, o vereador aí. Então a outra pergunta que a seguinte nossa comunidade está preparada para exigir os nossos direitos? sim ou não? as respostas foram as seguintes. Alguns acharam que os galibi do Kumarumã estão organizados, outros acharam que não estão organizados, outros acharam que não estão organizados porque enfrentam problemas como a divisão da comunidade e isso entretuce a luta indígena, alguns citaram as entidades de apoio aos índios, a aldeia do Manga - o CIMI é uma entidade de apoio aos índios que realmente tem nos ajudado um bocadinho. Karajá - a prelazia de São Feliz do Araguaia tem nos ajudado, dá todo apoio. Os Krahô - o CIMI nunca fez nada pela gente. Miranha - não somente em sua área como nas demais o apoio moral das entidades já ^{não} está nos servindo.

Karajá do Mato Grosso, a comunidade está organizada, saio e não me preocupe porque lá estão fazendo tudo direitinho, tomam conta da minha mulher dos meus rilhos e da minha casa, o pessoal não espera por ninguém porque não tem outro pra fazer as coisas, a comunidade é pequena mais trabalham todos juntos pra conseguir as coisas.

Os Karipuna do manga, não está organizado a comunidade, vou levar para lá o resultado desta assembleia e assumir o que a gente resolveu aqui.

Os Krahô, o cacique fica sempre na escuta e os conselheiros explicam o que a comunidade discute e o cacique diz que a comunidade resolver, o cacique não tem força sozinho, quando sai para resolver um problema da comunidade, o cacique leva o que a comunidade entregou pra ele, e quando sai o cacique, fica outro para fazer o que a comunidade decide.

Os Karipuna de Santa Izabel, a comunidade não tem competência para exigir os eus direitos, mais as coisas de dentro da vida da comunidade são bem resolvidas.

Foram essas os pensamentos dos principais participantes do grupo de trabalho, esperamos que as comunidades indígenas, ao tomar conhecimento dos seus problemas se reúnem, discutam e comuniquem para buscar soluções juntas.

Aldeia Kumarumã, 2 de maio de 1983.

Esse aqui é um documento minha gente, que vai ser rodado e vai ser distribuído pra todos os participantes...

Paulo TXIKUNA - ... comunidade, que aqui dentro deste documento tá explicando como é que os outros são organizados e que os lider que estão aqui presentes vão receber uma cópia dessa e depois vão discutir na comunidade e que desse documento a gente pode aproveitar alguma coisa. Aqui tá dizendo como exigir a demarcação da terra, o que fazer: Entao com essa cópia que voces vão receber, voces vão discutir, ver como voces podem fazer, ver o Conselho né, por hoje eu acho que, o documento final da reuniao, resultado da reuniao, foram esses que o Daniel acabou de ler agora.

DANIEL - Agora minha gente tem outro documento aqui que a gente pensa de encaminhar ele para o Presidente da FUNAI e nesse documento a gente põe as principais reclamações que vocês vieram fazer desde o 1º dia da reunião até o dia de hoje. Então essa carta ela é dirigida ao Presidente da FUNAI o Cel. Paulo Moreira Leal, então eu pediria aos tuxauas aqui presentes que prestasse a máxima atenção possível, para compreenderem bem esse documento porque é um documento de grande responsabilidade, porque é um documento que vai ser levado à autoridade competente, que é a FUNAI para tentar solucionar os problemas indígenas. Então o documento diz o seguinte.

Ao Sr. Paulo Moreira Leal, Presidente de FUNAI. Os índios na Assembleia Nacional de Kumarumã, reunidos durante os dias 30 de abril a 1º e 2 de maio de 1983, na Vila de Kumarumã, na região de Oiapoque, Território Federal do Amapá, os representantes das comunidades indígenas do Galibi, Karipuna, Palikur do Amapá, Bakairi, Karajá, Pareci e Riktbasa do estado do Mato Grosso, Tembê, Parakanã e Munduruku do estado do Pará, Munduruku, Txikuna e Miranha do estado do Amazonas, ao final de nossas discussões e resoluções, dirigimo-nos ao Sr. Presidente da FUNAI para levar ao seu conhecimento os principais problemas que ora enfrentamos: Os tuxauas Galibi, Karipuna e Palikur em nome de suas comunidades indígenas 1º - Que representantes dos 3 grupos tenham em suas mãos o Decreto que criou a reserva; que seja retirado o fiscal da FUNAI que foi colocado no encontro do rio Curipi / Uaçá pois o mesmo vem vendendo para fora produtos de caça e pesca que são importantes, base alimentar dos índios que moram na reserva; que se decida e se leve ao conhecimento das comunidades indígenas a questão da fazenda de Bufalos que pertence a FAB - Exército e foi anexada à área indígena; que os funcionários da FUNAI trabalhem em conjunto com os índios e marquem presença na área; que a FUNAI na falta de atendentes e professores de fora a FUNAI contrate indígenas que estão em condições de preencher os cargos. Outra reivindicação: que seja arrumada uma casa do índio na cidade de Oiapoque, principalmente para o atendimento para os que vão lá por problemas de saúde ou a serviço das comunidades. Outra reivindicação aqui da área é o seguinte: que sejam tornecidos às atendências de saúde, medicamentos em quantidades suficiente para satisfazer as comunidades pois existem locais onde faltam até mesmo materiais para curativos e outros de uso constantes. Outra reivindicação aqui da área é que seja dada a mínima condição financeira ao chefe de posto indígena Manga para que possa dar a devida assistência para a comunidade. Então essas reivindicações que li até agora foi, que seja dada condições financeiras ao chefe do posto indígena do Manga, então eu perguntaria aos tuxauas Paulo Orlando, Emilio Leôncio, Avelino Garivaldo, Henrique dos Santos, Felizardo dos Santos, Manoel Sebastião dos Santos, Manoel Primo dos Santos e Geraldo. Ló eu perguntaria e esses representantes das comunidades se está de acordo com o que está escrito aqui? Agora atenção minha gente, o representante dos Tembê do Guamã, estado do Pará, exige para o seu povo o reconheci

mento por parte da FUNAI desse povo como povo índio eles querem ou não, gostem ou não gostem, a verdade é que os Tembê ainda existem muito machucados mas está ai com muita vontade de continuar sobrevivendo como povo Tembê; outra reivindicação do povo Tembê é a demarcação e desintrusão da área indígena de Tembê do Guamã. Agora vem s principais reivindicações dos representantes dos Munduruku do tapajós do estado do Paraa, ver se estão de acordo os Munduruku de estado do Pará: Que a FUNAI tome providência contra as invasões dos garimpeiros que exploram a área indígena em seu proveito. O representante Bakairi: que a FUNAI regularize a situação de sua reserva. Líder dos Pareci volta a reclamar que a FUNAI a final faça a demarcação de sua área. Os representantes Tukano faz a seguinte reivindicação: que a FUNAI providencie a demarcação de sua reserva e dos demais grupos indígenas no Alto do Rio Negro. O representante dos Txikuna: que a FUNAI processe a demarcação de sua reserva pois os Txikuna são povo de quase 20.000 mil pessoas. Os Munduruku do Rio Madeira do estado ao AM: não aceitam a presença de prospecção petrolífera em sua área e exigem que a FUNAI processe o mais depressa possível a demarcação da sua area. Quanto aos Parakanã do estado do PA. Essa Assembleia Indígena desaprova e rejeita o que vem sendo feito com esse povo, bem como os Gaviões, Xikrin e outros que vem sendo afetados pelo Grande Projeto Carajás, que estão sendo joguete dos interesses das grandes empresas, jogadas de um lado para outro que enfim dividem seu grande grau de contato e a sua inocência estão sendo usados através da aplicação de uma enorme verba para a destruição dos mesmos, então isso é com relação aos Parakanã. Queremos também nesta oportunidade repudiar em nome de todos os povos indígenas do Brasil, o decreto Lei nº 88.118 de 23 de fevereiro de 1983 que vem prejudicar frontalmente os nossos interesses, pois nos impedem de participar de decisões que dizem respeito a nossas terras. Essas são as justas reivindicações que esta Assembleia de Povos Indígenas, realizada na Aldeia de Kumarumã/AP, achou por bem levar ao conhecimento do Sr. Presidente da FUNAI, desse organismo do Governo que tem por dever zelar pelo respeito e a execução dos direitos dos Povos Indígenas.

Kumarumã, 2 de maio de 1983.

Agora eu perguntaria ai pros representantes que vieram de outros estados, os representantes regionais aqui, se estão de acordo com esse documento? Se alguém tem alguma critica a fazer a esse documento que tenha bondade de vir aqui, retificar qualquer coisa que foi dito de errado.

MACIEL GALIBI - Eu quero dizer pro senhor que essa fazenda ai de búfalos é do exercito e não da FAB.

LILO - É representando o povo Miranha também como membro da comissão da UNI, eu gostaria já que se trata de uma Assembleia que foi realizada aqui no Amapá ou senão no Norte do Brasil, eu gostaria que esse documento também levasse alguma coisa que se tratasse de deresa dos povos Waimiri/Atroari e assim também

como do povo Yanomami que no momento estão enrentando uma situação bem difícil e quer dizer, fica aqui o meu pedido, se a gente pudesse fazer alguma coisa em defesa desse povo, no caso Waimiri / Atroari e dos Yanomami; que no caso a demarcação da terra dos Yanomami essa do Parque do caso proposta e eu não sei se vocês estão sabendo que a situação dos Waimiri / Atroari eu acho que está uma das piores do Brasil, porque já passaram por três processos aquela área deles. Antes foi decretado uma reserva, depois foi reduzido, depois foi novamente reduzido, hoje ela apenas tem foi feita uma proposta de, uma proposta que nem é uma reserva, uma tapeação dos povos Waimiri / Atroari, eu creio que nesta oportunidade era uma das melhores oportunidade para que a gente colocasse alguma coisa para levar também a voz lá fora pra que a opinião pública tome conhecimento que as lideranças do Brasil também têm a preocupação que o ideal nosso seria não se preocupar só com a nossa comunidade, nem só com a nossa pessoa, mas sim quando se trata da união de todos, que o tava transcrito aqui, eu estava observando, geralmente a UNI é a força das comunidades, uni os povos diferentes, então também seria o ideal que a gente pudesse fazer alguma coisa em defesa dos Waimiri / Atroari e também dos Yanomami isso fica a critério da própria Assembléia.

HENRIQUE KARIPUNA - Bem meus amigos, já que o nosso amigo Lino falou sobre a UNI, eu gostaria de saber umas explicações sobre a UNI...

PAULO TXIKUNA - Discutiremos 1º sobre a aprovação desse documento depois a gente vai parte para esse, tá?

HENRIQUE KARIPUNA - Bem meus amigos, é o seguinte: eu gostaria de saber umas explicações sobre a UNI porque eu não sei qual é o trabalho que ela faz?

VERIDIANO MIRANHA - Bem seu Henrique, quanto a referência da resposta da UNI há poucas horas atrás eu tive a oportunidade de fazer, não com todos os detalhes, mas sim na medida do possível explicar um pouco em todos os setores o que é a UNI? Mas eu posso voltar a falar, o sr. perguntou o que é a UNI? A UNI é o seguinte: A UNI é a União das Nações Indígenas é isso que é UNI, agora o que é que ela faz? eu acho que é isso que o sr. quer saber, a finalidade, também há poucos tempos eu tive falando da UNI, o que é que ela pretende fazer, ela pretende servir de uma sede do próprio índio pra que ela sirva da própria voz do índio, conversa e entendimento e troca de informação de índio para índio, porque ninguém melhor do que o índio para sentir a necessidade do índio como que nós podemos confiar em outras pessoas? Nós devemos de confiar no índio, todas as classes: os agricultores têm o sindicato dele, os bancários os bancários tem os representantes o sindicatos dos bancários enfim todo quanto é classe os motoristas tem o sindicato dos motoristas é justamente o sindicato que vai pedir os aumentos que vai estudar uma forma que possa ganhar melhor salário que dê condições pro motorista viver, pois muito bem, nesta forma também nós sentiu a necessidade de ter um representante uma organização lá que se possa representar dentro da capital em Brasília. Os trabalhos que a

UNI quer fazer são vários: uns achamos que tem condições de fazer por exemplo, se a gente for patrão, levar a voz do índio, de índio para índio, tentar dialogar com os políticos que tem um pouco de sensibilidade dentro da câmara federal dentro do Senado Federal pedir apoio ou ajuda por ocasião dos seus discursos dentro do plenário. Isso é muito importante porque isso aí vai repercutir a opinião pública porque e com o conhecimento do povo das autoridades, e que nos vamos contar também com ajuda para resolver o nosso problema. Outro trabalho da UNI é de tentar de acordo com as possibilidades com os parlamentares, tentar derrubar esse decreto, que todo mundo sabe e muito difícil mas não é impossível. A UNI tentar derrubar esse Decreto, decreto esse como anteriormente estive falando e explicando com maiores detalhes as consequências desse decreto. Agora esse decreto também foi falado nesse decreto. É a intensão da UNI conseguir uma forma de como derrubar esse decreto ou reformar, fazer qualquer coisa, não só a UNI e sim junto com o nosso cacique, junto com os outros parlamentares, enfim várias outras autoridades de apoio para nos conseguir isso. Outro trabalho da UNI é se ninguém conseguir derrubar esse Decreto tentar criar uma Comissão para que possa por ocasião da reunião que vai decidir a demarcação da terra indígena, que elea se faça presente, para que a voz do índio também tenha vez dentro da Câmara e dentro da Comissão foi o que já tive falando atrás. Como que essas pessoas que vão decidir qual o pedaço de terra que o índio quer? Só o índio lá presente ele vai confirmar realmente se e aquele pedaço de terra que ele precisa. Este é um trabalho da UNI, é um pedaço meio dificultoso, meio difícil, mas que se for possível, necessário, depois é outro trabalho da UNI é o trabalho que nós consideramos de base por intermédio das comunidades, levar ao conhecimento de todas as classes indígenas o trabalho de conscientização. Exatamente, isso como estamos fazendo aqui é que se possa chegar em todas as áreas indígenas do Brasil, porque só assim nós conseguiremos realmente a união embora nós reconhecemos que nós índios, eu posso classificar assim, se encontramos em 3 fases: A segunda é o índio que já se encontra em bom desenvolvimento entre a civilização e a não civilização, isso quer dizer que ele fica um pouco confuso, horas ele não dá a mínima importância, hora é tipo dessa reunião, o 3º é o índio que vive no caso do Yanomami, que ele não tem o mínimo de conhecimento do perigo que nós estamos passando e nos enfrentamos, as terras que poderão ser tomadas. Então é por isso que nós chamamos, as terras que poderão ser tomadas, chamando trabalho de conscientização de base, porque se encontrasse toda a classe indígena com esses mesmo sentido, era muito bom a gente podia contar com uma força rápida na medida que a gente fosse encontrar, mas acontece que como aqui tem pessoas inteligente mais entendida acontece outros que não tem conhecimento, que não tem a mínima condição e daria dificuldade pra UNI conscientizar, fica mais fácil a palavra de índio para índio daí a necessidade da UNI, tem outros. A primeira fase o índio que já se encontra em bom desenvolvimento. Outro trabalho da UNI que são muito importante mais estes que eu estou citando é um dos trabalhos considerado de

muita importancia para o progresso para o desenvolvimento, para a uniao para um dia o índio ter sua autodeterminação, para o índio provar que tem condições. O índio da como já foi falado ele bebe cachaca, de mau modo, de mau-criado as vezes ele bebe forçado, o índio ele leva o nome de preguiçoso. Eu vou mandar um pouco aqui da pergunta do sr. Henrique eu vou dotar um caso. O fato de eu entrar diretamente na luta, assim como eu tive a oportunidade de ouvir a palavra do Bakairi que le não estava entrando na luta mas que a partir de agora ele estava disposto, o fato de eu entrar na luta indígena foi porque eu vi numa revista ou jornal, eu não tou bem lembrado onde falava que os índios Miranha eram preguiçosos, isso me doem muito na alma. Eu naquela época não tinha conhecimento, assim com índios não tinha dos sofrimentos, mas isso me revoltou muito eu sabendo que não era preguiçoso e demais companheiros amigos, irmaos não era preguiçoso, isso me deixou muito revoltado e eu fui, voltar para a aldeia fui tentar organizar, provar que nós não somos preguiçosos, que nós temos condições, que nós somos inteligentes e que somos capazes de produzir. O que eu acho quando eu tive a oportunidade de falar com o delegado da FUNAI, o que eu achava era que índios era desprezados por parte das autoridades é que um dia uma autoridade dessa em condições com índio, que desse recursos pro índio e o índio não produzisse nesse dia ele podia chamar o índio de preguiçoso, então foi uma das revoltas maior ele não queria me ceder de maneira nenhuma as minhas condições, porque achava que ninguém tinha condições de se organizar dentro de uma comunidade, eu falei pra ele onde le perguntou se não existia preguiçoso? Eu falei eu não vou dizer que não exista preguiçoso, qual a race da terra que não existe preguiçoso, ladrão, prostituição entim marginalização? Em toda parte da terra existe uma, mas pro índio se torna mais dificil porque basta um índio ser cachaceiro ou ele roubar que abranje toda parte. Então nós temos que ter muito cuidado para ninguém cair nesse erros porque basta um pra abranger toda parte. Estas foi uma das razões que me entraram na briga, na luta pela causa indígena e hoje eu me sinto muito feliz e eu tou aqui na medida do possivel, não posso prometer nada pra voces, pros meus irmãos, mas com a boa inteligencia, com minhas idéias e com a ajuda de voces todos eu tenho certeza que a gente chega lá. Um dia o índio vai ter consciência, o índio vai ter condições de fazer seus proprios caminhos, ter suas próprias idéias e conseguir sua autodeterminação. Bem sr. Henrique eu não sei se tem mais alguma dúvida mas o fato principal da UNI, a finalidade da UNI são esses, com a continuidade, com o trabalho que nós vamos desempenhar as pessoas que irão ficar a frente de UNI viraõa dar as melhores respostas no futuro.

PAULO TXIKUNA - Seu Henrique tá perguntando ai sobre a visita do Presidente agora dia 17/12, tá perguntando se o Lino pode ajudar em passagem, nao e isso que o sr. quer dizer seu Henrique? E alguem pode dar uma explicação.

VERIDIANO MIRANHA - Seu Henrique eu posso lhe responder em pequenas palavras ou sim ou não tá dado a resposta. Mais essa é uma resposta com clareza que não tá

dado a resposta. A UNI está em fase de estruturação, as vezes as pessoas tem me perguntado assim: o que voces acha da UNI? Eu sempre respondo assim: Olha a UNI é como uma criança que tivesse engatinhando agora que tá nascendo a UNI. Eu posso considerar isso aqui como tive como tive falando há poucos minutos atrás. A UNI é formada pelos proprios índios, por nós, eu não poderia pedir muitas coisas dos meus irmãos por assim como tem voces lá, poderia estar outros, se bem que esses que estão la tem toda responsabilidade de conseguir recursos como tá sendo pedido ai recurso financeira de saúde, na escola, essa também é uma das vantagens que a UNI tem, a final de contas todos nós sentimos essas necessidades mas no momento a UNI ela tá enfrentando necessidade até pra sobreviver. A UNI vem enfrentando uma série de dificuldades que se eu fosse lhe explicar agora levaria umas 2 horas pra eu poder lhe explicar o motivo em que nós montamos a UNI por exemplo o trabalho politico assessoramento, trabalho diante das entidades de apoio, UNI independente, UNI sem vínculo partidário, UNI como representante, sede propria da UNI é isso aqui, Fundo Monetário da UNI é isso aqui, essa parte aqui é que tivemos oportunidade de discutir justamente. Na primeira fase nós conseguimos uma pequena verba somente para manter a UNI, essa verba que ainda não chegou na mão das pessoas que vão ficar em Brasília mas pra isso eu posso garantir uma coisa, esforços, força de vontade não falatrão para que um dia isso venha acontecer para todos nós índios mas no momento a UNI não se encontra em condições de fazer esse tipo de trabalho porque ali vai levar grandes quantidades de dinheiro, porque o que tem se ido lá de índios atrás de passagens, outro tipo de recursos de todo canto do BRasil inclusive nós mesmos pra poder sobreviver como representantes da UNI. Nós quase vivemos de favor pedindo de um e de outro, outro não querendo dar, negando qualquer coisa, sei la enfim se sai em busca disso. Agora eu lhe garanto que força de vontade de fazer tudo pra a gente conseguir isso ai a gente está ai, vamos considerar que a UNI está começando e vamos acreditar na UNI, mas no momento a UNI não tem condições. O sr. vai ter oportunidade de ter maiores conhecimentos da UNI e ai o sr. irá conferir o que nós estamos dizendo.

PAULO TXIKUNA - Então sobre a pergunta do seu Henrique, o Veridiano esteve explicando que a UNI foi criada pelo índios, a UNI tá começando ainda, a UNI não tem dinheiro, a UNI não tem nem recursos assim pra os próprios representantes da UNI viver, como o Veridiano a minha área, a area dos Txikuna foi preciso a gente vender tudo que a gente tinha. Não tudo mas alguma coisa, começando desde o relógio, sapato e roupas pra poder comer, entao tudo isso gente é a força de vontade e vontade os outros pra frente então nesse ponto ai da UNI ajudar com passagem, voces acabaram de ouvir a UNI não tem condições. Entao cada um vai ter de dar um jeito de como chegar acho que tá referida sobre a visita, se a UNI pode dar essa parte acho que pela explicação ela nao tem condições.

VERIDIANO MIRANHA - Eu só quero acrescentar que é um ou dois trabalhos que está

incluído os trabalhos da UNI é totalmente não pode, quer dizer não tem recursos, mas agora ela tá pra as pessoas que chegarem lá ela ajudar, informar ir a procura de alguém que possa nos ajudar. Eu não quis dizer que a UNI tá alheio, mas pelo contrário a UNI tá pra isso se ela não pode mas ela tá continuando naquilo que ela tá sempre querendo fazer, é abrir espaço, ajudar, procura apoio é exatamente por isso que nos temos tentando dialogar com todos os parlamentares pra que conseguimos na medida do possível pessoa com essa natureza nesses casos e chegar lá e a gente ter mais ou menos uma certeza de onde encontrar recurso pra casos dessa natureza, portanto é uma forma de ajuda da UNI. É um trabalho assim como esses que tem outros que nós também explicando aqui é por isso que agora falei, o futuro é que nós dá a como em nome da UNI, mas o sr. chegando lá nós iremos em busca de alguém de recursos, procurar informar pra que possa resolver esse problema.

AMÉRICO TUKANO - Bom vou perguntar aqui na presença de vocês todos como é que Marcos Terena e o Alvaro Sampaio trabalharam durante esse tempo que assumiram a UNI?

VEREDIANO MIRANHA - Olha Américo, francamente eu não sei explicarmas tá o nosso amigo Lino Miranha que poderia dar uma explicação, como foi que eles trabalharam durante o tempo deles quando a UNI começou. Tá o Lino um dos secretários vai explicar pra gente.

LINO MIRANHA - É só pra satisfazer vocês vou tentar, ver se consigo satisfazer a pergunta do companheiro Américo, isso não só o nosso companheiro Alvaro Tukano como o nosso companheiro Marcos Terena assim também como o outro Karajá e o Kurerete ou seja tem outro Terena Estevão e assim como tantos outros integrantes que fizeram parte de uma comissão que não foi uma Diretoria; no início a UNI logo que se criou que foi fundada a UNI houve uma diretoria. Nos anos posteriores então foi formada uma comissão e dessa comissão eu também fui um dos membros que tive a participação direta junto com essa comissão junto com as comunidades enfim junto da onde era possível para desenvolver o trabalho e pra responder a pergunta do companheiro Américo, não só o Alvaro, não o Marcos, como também o Lino assim como tantos outros quer dizer nos apenas tivemos, fomos empossados porque recebemos a confiança, a consideração de nossos companheiros mas não podemos desenvolver trabalho e ficar por dizer; Bom nós fomos eleitos como membros de uma comissão mas enquanto não podemos exercer uma função diretamente como exerce o prefeito, fica dentro da prefeitura, por seu mandato determinado, como um deputado estadual, federal, fica lá na câmara dos deputados o tempo todo. 1º por várias razões que nós não tínhamos aonde funcionar uma comissão, uma estrutura sequer. 2º é a coisa principal era a situação que nos atravessamos eu pergunto pra essa Assembleia, inclusive pra vocês mesmo como seria o posicionamento de vocês no caso segurar uma barra em Brasília, com uma responsabilidade tão grande se você não recebesse no

final de cada mês 10 centavos pelo menos pra pagar o transporte de suas viagens, de onde ficasse ou seja na casa do Ceará ou na casa de amigos até onde funcionasse o escritório então quer dizer os trabalhos foram feitos assim na base da coragem, na base de colaboração com todos os interesses. Eram aproveitadas as oportunidades nessas passagens por Brasília de Marcos, do próprio Alvaro, Estevão que na passagem ficavam alguns dias em Brasília então a gente deva uma volta na secretaria Executiva das Entidades de apoio aos Indígenas que era aonde nos cederam o espaço pra que a gente pudesse fazer alguma coisa inclusive colocar um documento, inclusive nós passamos a usar o telefone e era aonde era dirigida as nossas correspondências que até hoje nós não temos assim um endereço fixo que seja diretamente da UNI. Vocês estão vendo todas as coisas que foram feitas nesse período ; nesse espaço de tempo foram feita na força, na coragem quer dizer nós fomos eleitos para confiança do povão que tava em massa, mas nós não podemos assumir, desenvolver um trabalho na medida que nós pensavamos, na medida em que as necessidades da comunidade indígena exige, nós não podemos de jeito nenhum desenvolver um trabalho, assim como era por exemplo a nossa linha de trabalho era esperada 1? porque não tínhamos esses fatores principais para a sobrevivência então aí não só o Marcos, não só o Alvaro como o Lino assim como todos outros, é com qualquer uma pessoa que nesse momento fosse, que assumisse a que passasse a assumir a responsabilidade e que ele passasse pela mesma situação que nós passamos que ainda no momento que hoje outras pessoas que não fizeram parte da Comissão antes hoje eles tão ainda mais uma vez continuam praticamente batendo na mesma tecla. Quer dizer hoje a direção mudou um pouco, mas isso não quer dizer que a gente conseguiu estrutura pelo menos pra se manter. Eu inclusive não foi possível participar do encontro, das decisões que teve em Brasília ultimamente aonde mais uma vez, de acordo com a decisão da maioria tive que ficar. Agora pergunto como poderei desenvolver um trabalho prá pelo menos fazer um meio pra se comunicar com as lideranças do Brasil, com as comunidades, o que tá acontecendo numa e noutra comunidade, o que de repente chega uma liderança em Brasília o ideal seria se tivesse alguém em Brasília pra poder encaminhar essa pessoa, como aconteceu em Brasília, nós encaminhamos, inclusive acompanhamos junto ao Ministério do Interior, junto a FUNAI enfim aonde era necessário aonde era possível nós fazíamos nesse momento não só eu como os demais que estão lá eu, outra pessoa que posse assumir que passe por essas mesmas calhas, que nós estamos passando no momento se não tiver um apoio principalmente financeiro, eu digo com sinceridade jamais irá desenvolver um trabalho. Mas aí com tudo isso não quer dizer que caímos num vazio com tudo isso porque existe acima desconfiança por parte dos nossos compatriotas, dos nossos companheiros diz assim, bom eles apenas as beneficiaram, foram eleitos, tiveram em Brasília muito tempo, ganhando rios de dinheiro, passando bem, passeando. Enfim isso são coisas levadas em considerações se vocês tivesse mais ou menos uma

idéia de como foi a vida, de como foi o tempo que nós passamos por ali ou apenas o nosso nome rolou a nível de opinião pública, é como o Veridiano falou, deu exemplo dos vários sindicatos que se reúnem para defender a própria classe então é aquele negócio dentro do sindicalismo existe um provérbio que levando em consideração eu podia observar e mais ou menos nessa nossa luta é a coisa semelhante, quer dizer de repente a luta indígena ficou pra cabra macho e mulheres valentes, porque dificilmente existe pessoas que estão assim dispostas. Muitas vezes eles tem capacidade mas quando sente a barra pesada na frente, ele começa a enfrentar pressões de violência, assim certo de moral ou seja de área financeira ele acaba cedendo o espaço e até certo ponto como acontece em certas regiões ele acaba traindo por sinal deturpando a confiança que a comunidade depositou nele. Quer dizer a certo ponto ele acaba levado pelo dinheiro, por promessas também por ameaça ele acaba assim traindo a confiança, ele acaba traindo a comunidade toda uma comunidade que depositou a confiança nele. Então nós passamos por essa situação e que hoje a mediação do trabalho da UNI baseado nos companheiros que nós temos era fazer mais ou menos esse tipo de trabalho não só encaminhar o ideal seria inclusive nós buscamos junto a algumas entidades financiadoras um fundo de participação, um fundo de reserva pra esses casos de emergências, se tem por exemplo uma comunidade que tá numa situação crítica, bem difícil e precisa de uma liderança se deslocar até Brasília quer dizer foi uma das metas de trabalho que nós colocamos mas infelizmente até hoje não conseguimos fazer nada e outra coisa fundamental que eu faço questão de esclarecer pra toda comunidade aqui presente que nós também não podemos fazer nada se nós não temos com todos atropelos das máximas e contra-máximas que nós estamos enfrentando a confiança das comunidades muito embora exista comunidade no Brasil que nem sequer sabe que é que é UNI. Em outras palavras quando se fala de UNI, quando se fala numa entidade que está sendo estruturada que o ideal seria que ela fosse dirigida pelos próprios índios muitas pessoas já estão pensando ser assim um órgão federal, um órgão público que de imediato já vai resolver a situação do índio vai resolver assim problema de saúde, de demarcação de terra, problema de educação. Enfim as comunidades tem mais no momento a intenção de exigir da própria UNI quer dizer que é a UNI afinal de contas é um corpo é formado por várias células, um corpo que tem uma cabeça, uma perna, um braço enfim o corpo dividido em várias partes e essa entidade que nós chamamos de UNI também ela funciona como um corpo, ela também tem braço, tem cabeça, tem perna, tem toráx enfim se divide em várias partes e aonde existe uma comunidade indígena, um povo que tem um conhecimento de que a UNI que ele se interessa pelo menos, tem um interesse assim e que as coisas sejam feitas assim a nível do seu próprio irmão, que ele deposite sua confiança, na sua própria pessoa que quando ele deposita no próprio irmão, se ele não tem confiança no próprio companheiro no próprio irmão ele também não tem confiança em si então se ele confia mais uma vez no trabalho

do companheiro. Quer dizer ele tá confiando em si mesmo, então se a gente ficar, vai ter que exigir da UNI, mas que é que a UNI afinal de contas? É uma instituição, é uma organização que está sendo organizada por nós e a UNI é de todos nós aonde existe uma comunidade indígena, aonde existe um índio que ele tem consciencia do que é a UNI ali existe uma parte da UNI. Como uma piada foi falada no último encontro que tivemos em Brasília, que tava o Paulo enfim tava toda parte da comissão e vários outros representantes do Brasil que no momento estavam em Brasília e nós discutimos com uma certa pessoa inclusive sobre o problema financeiro e nós estamos com o problema inclusive de viajar até aqui pra participar dessa encontro que sendo realizado aqui em Kumarumã e ele falava assim, onde é que está a UNI? cadê a UNI? A UNI deveria pagar isso aí e Veridiano apontou pra todo mundo assim simplesmente só apontou pras pessoas que estavam dentro e a pessoa que tinha perguntado pelo UNI ficou achando graça e Veridiano falou: "Você pega cada um e vira os bolsos e vê o que tem dentro dele", esse é UNI, todos as pessoas que estão aqui dentro é UNI agora quando você pega um por um e ver o dinheiro que tem para pagar a passagem até assembléia de Kumarumã então é uma situação crítica que estamos enfrentando quer dizer que a UNI nesse momento tem mais é que esperar a colaboração das comunidades. Não que as comunidades tenham que dar assim uma certa quantia em dinheiro não ao contrário fazer com que isso assim gere a nível de opinião, a nível de conhecimento das próprias comunidades gere uma confiança, gere uma segurança de que e é porque nós estamos ainda se arrastando, começamos dar os 19 passos ainda e que esses primeiros passos só serão possíveis se toda comunidade indígena brasileira tiver confiança nos companheiros. Hoje eu estou passando por lá quem sabe se um dia, amanhã ou depois eu não sei quanto tempo eu vou ficar ali talvez tenha assim um Karipuna, um Galibi que talvez tenha uma mentalidade bem maior, uma visão bem melhor do que a minha, talvez passe a ficar lá dentro quem sabe é o que espero é que quando isso vier acontecer nós como célula da UNI possamos viver melhores dias pelos menos a nível de conscientização, a nível de respeito pelo companheiro então nesse momento a UNI não é possível ainda nós garantirmos que a UNI vai resolver a situação, a UNI não vai por exemplo enviar 10 passagem prá cá prá Oiapoque prá deslocamento prá pessoas irem a Brasília, nesse momento o que é possível fazer, uma coisa que eu coloquei inclusive essa noite e que eu estou disposto a fazer isso e caso alguém interesse eu posso deixar o endereço da caixa postal e servir de veículo de comunicação pra certas oportunidades. Eu não sei se vocês estão lembrados das colocações que eu fiz esta noite, que um dos meios que a UNI dispõe é ajudar no meio de comunicação, tanto para levar como para trazer correspondência em outras palavras somos um veículo que faz levar essa palavra aqui até a câmara dos Deputados aonde e um dos meios que pode ser levado a nível de opinião pública assim com mais firmeza, com mais segurança, enfim nós servimos assim como uma ponte. Nós somos apenas responsáveis de re-

passar as decisões que vocês tomarão somos nós da Comissão Nacional que vamos tomar uma posição dos destinos de vocês ao contrário nós é que somos assim mandados por vocês praticamente. Se tem alguma outra dúvida com referência ao nosso trabalho, se não houver um esclarecimento na medida do possível o Veridiano pode completar.

E só para completar a pergunta do Américo, eu não sei se e isso mesmo que tu queria saber?

AMÉRICO - Eu queria saber é sobre Alvaro Sampaio que ele saiu de Pari-Cachoeira fora da região e assumiu o cargo de vice-presidente da UNI porque eu perguntei e os caras me responderam tudo fora agora eu vou dar outra explicação: vocês sabem de uma coisa que seu Alvaro há 12 anos que era líder tuxaua e no fim exerceu o cargo de vice-presidente da UNI e desde que ele saiu de lá ele não botou mais nem os pés, nem a sombra dele não aparceu lá. Ainda agora aqui os 3 dizendo que não tem dinheiro entã mas o seu Alvaro sobrevive hoje em dia nas grandes cidades no meu ponto de vista quem está promovendo são eles pelo menos o que nós tamos passando lá no interior ele não foi nunca visitar viu? Entendeu? Ele também dizia esses mesmos casos não tinha dinheiro e tal viajava pro exterior, chegava em Manaus ficava em hotel de luxo dormir, ultimamente no mês de março viajando de avião comercial luxo e não quer pelo menos colaborar com uma moeda com os irmãos dele entenderam? E no fim casou com uma descendente de alemã, não sei se era descendente de italiano e hoje em dia vive na cidade grande, o que vocês acha essa camarada está certo ou tá errado? Eu quero que me responda agora, aqui em público, mas ninguém me responde ache que quem tá errado sou eu por acaso. Eu falei bem, esse canalha, Veridiano. Ele falou prá mim que recebeu 6 milhões de cruzeiros sobre a bolsa de estudos dele e agora por isso que eu perguntei pra esses caras o que é que o Alvaro anda fazendo na cidade grande porque nós não sabemos e além disso dele não aparcer por lá ele não tem mínima comunicação com nós.

... recebeu 700 dólares, e pelo meu entender o camarada que é acostumado fazer assim eles deve fazer alguns outros projetos falsos usando o nosso nome dentro do projeto dele entenderam? Então hoje em dia eu acho nem mesmo nós índios mesmo podemos confiar um no outro não é mesmo gente? eu não confio em ninguém não eu só confio em minha pessoa e acabou-se. Eu não confio nem em Lino, nem em Paulo, nem no Veridiano e eu sei que eles não me confiam entenderam, é assim. Acontece que ultimamente quando chego em Pari-Cachoeira em Manaus ele falou que não ia voltar mais de novo, eu disse tudo bem, perfeito eu sei que vocês já tem um bocado de grana em nome do povo indígena do norte, é o que eu falei prá ele. Bom isso o que eu tinha que dizer viu.

VERIDIANO MIRANHA - Ó Américo a pergunta foi feita a seguinte, eu acho que eu entendi o seguinte, a seguinte pergunta, mas depois de acordo com o teu depoimento eu acho que fugiu um pouco a pergunta sabe,, se tratou um pouco de negócios pessoais e dentro de sua pergunta aqui pró pessoal, se achava que esta

va errado não ou não, isso ai eu acho que é muito difícil porque pra eles poderem ter que responder essa pergunta eles teriam que ter os conhecimentos de ambos os lados, eles teriam que ter conhecimento do trabalho, do que o Alvaro fez como representante da UNI e como representante na sua aldeia. Mas voltando a primeira pergunta que le falou eu acho que foi o seguinte: o que o Alvaro com o barco fez, o papel que desempenhou, o trabalho que le fez como representante da UNI. O Lino a pouco começou explicando de que forma foi de que, não só o Alvaro, mas sim o Marcos, o Lino e outros passoaas que tem ouvido como eu em nome da UNI, de que forma foi que eles vem enfrenatndo. Ficou bem claro que essas pessoas trabalharam por força de vontade, de seu espirito de luta, sem recurso, fazendo tudo aquilo na medida do possivel se ele não fez mais alguma coisa, eu não sei se não por vontade dele ou foi porque não deu condições o Lino e outros representantes teriam feito alguma coisa, apesar da pouca experiência como eu falei a poucos tempos atrás que eu não condenava nenhum amigo nosso, agora quanto as lideranças dle dentro da comunidade dele, aqui eu me refiro a de voces, isso ai é um negocio que nem eu nem ninguém pode julgar pelo trabalho dele. Porque será pra isso, eu repito de novo, nós teria de conhecer o serviço dele dentro da comunidade de voces.

PAULO TXIKUNA - É no meu ponto de vista sobre a pergunta que o Américo se refere muito sobre o Álvaro gente eu acho se eu sou criado na cidade e nunca voltar pra minha aldeia, eu acho que ninguém vai botar confiança em mim, é muitas vezes o índio ser criado na cidade e aproveitar os irmãos que tá provando as coisas. O Américo se sente assim contra o parente, porque muitos me disseram, o que é que a UNI faz? Disse que não tem dinheiro, mas como que eles tão se virando? Como é que eles tão passeando? Como é que eles tão viajando pro estrangeiro? Eu respondo que não sei, quem deve saber é aquele que está dentro aquele que está assumindo a responsabilidade, então ele se sente assim que ontem a noite eu tava explicando que não é bom a gente ser explorado pelos proprios irmãos porque na nossa tribo gente, quando sai um Txikuna e passa 10, 20 anos fora da aldeia, quando ele volta pra aldeia ele não chega pra explorar o irmão, ele chega explicando como é a vida do branco e aquelas pessoas são aproveitadas pra ser um porta-voz da comunidade, sempre fazer documento, mas sem explorar o irmão e que eles sente aví que desde quando ele saiu que ele ficou como representante da UNI nunca mais foi visitar a comunidade, os parentes, então gente eu acho assim que sente assim porque o parente dele saiu e nunca mais foi, então diz: não confio no Alvaro, não confio no Lino, no Paulo, não confio em ninguém mas gente eu estou pensando, eu estou dando essa palavra porque tou aqui presente não sei aquele que tá pensando, não sei se tá desconfinado assim de mim que eu também teja com dinheiro, eu não tenho dinheiro, mas eu acho que esse negocio assim de briga interna, acho que não é importante chegar aqui.

LINO CORDEIRO - É só pra retificar um pouco né, essa toda maratona ai e o companheiro Americo fez umas colocações assim que eu fiquei meio confuso, as -
sim praticamente a UNI não tem dinheiro, nós não temos dinheiro e como é que
o sr. Alvaro faz vários viagens ai, quer dizer é uma coisa que eu nem gosta -
ria de citar, mas eu pergunto também a Del assim se ele dispõe de muito movi-
mento financeiro pra chegar até esse encontro agora aqui? Se o companheiro
dispõe de dinheiro por conta própria prá vir a esse encontro em Kumarumã?

AMERICO - Olha fulano isso eu não vim aqui por minha conta própria não, aconte-
tece que eu vim só pelo, pago pelo CIMI Norte I de Manaus. É agora acontece
que Alzira pagou uma parte também que eu vou falar claro, que eu não gosto de
falar nas costas dos outros que ela Alzira de Manaus telefonou pra mim, telefo-
nou seu Lino Miranha e não acertava o endereço dele então ele falou prá mim
que uma parte da UNI ia cooperar com as nossas passagens ai depois no telefo-
ne em Brasilia eu ligo nada e não fique perguntando nada que foi o CIMI N.I
Entendeu, o que é que eu posso responder?

VERIDIANO MIRANHA - Bom gente só pra não houver perva de tempo eu gostaria que
voces se manifestasse se existe alguma dúvida, alguma coisa que voces querem
saber com referência a UNI que esse eu me disponho a fazer a nível do possivel
a dar uma resposta a meu esclarecimento a nível que voces estão precisando,
se tem alguma pessoa que tem alguma dúvida a fazer, uma pergunta uma proposta
a fazer entim que se trate com referênciã a organização eu me disponho na me-
dida do possivel a dar informação prá pessoas que tiver interessado.

PAULO TXIKUNA - Se não tem alguém mais disposto a falar acho que é bom falar
mais do problema do encontro com o presidente, não sei se é importante nao sei
se já ficou pra voces e enquanto o Daniel apronta o documento e depois a gente
assinar, acho que era bom a gente ficar discutindo isso: como chegar, como é
que a gente vai é a pergunta de hoje que fez, como que a gente vai fazer, a
maneira de chegar ai surgiu a idéia de a comunidade colaborar com o represen-
tante, ai depois chegar um dia ou dois antes em Brasília, antes do dia 17 de
dezembro né? Como é que a gente deve saber é antes que a gente deve se reunir
depois dessa reunião a comunidade escolher os representantes que vão ao encon-
tro com o presidente não é? porque eu minha gente, eu falo a verdade, eu não
tenho condições de dar uma chegada até Brasília mas vou ver com minha comuni-
dade né, como é que vou chegar, que tem 6 meses dá tempo prá discutir isso né
porque tava pensando de fazer assim pegar todos os representante e chagar pra
delegacia e dizer que vou negociar com a FUNAI, acho que a FUNAI deve pagar
uma parte dessa passagem e ficar lá esperando os outros. Ai vai chegando aos
poucos, como a gente faz agora, esse trabalho que a gente faz agora com o pre-
sidente chegou 4 depois veio mais 2 ai foi chegando e a gente conseguiu chegar.

PAULO ORLANDO PALIKUR - Eu quero falar a respeito da visita do presidente pra levar os documentos, resolver os problemas da nossa terra é o seguinte: a minha idéia aqui o que Paulo Txikuna está falando eu acho que é bom porque de sairmos daqui por exemplo, um par um 3 daqui, então vamos dizer, eu não sei se de avião ou de carro, que eu nunca viajei né não sei quantas dias leva daqui para lá, de Belém para Brasília agora a hospedagem, a organização, é isso que está um pouco dificultoso mas só faço uma pergunta, devemos apelar para alguém que tenha assim, entidades que possam nos apoiar para que possamos chegar até lá, de Belém para Brasília agora a hospedagem, Já que a UNI não tem nada, pra mim é isso que eu tenho de dizer, eu estou disposto, pronto a viajar e da também a pouco que eu tenho. Mas eu sou assim, primeiramente eu tenho que consultar o meu chefe lá do Posto, ele falar com o delegado vê se pode dar passagens dos Caciques daqui que eu vou pra lá visitar o presidente agora depois então da FUNAI é que eu vou partir pra outras entidades, apelar. Agora eu pergunto aos irmãos, quantos dias de viagens de Belém a Brasília?

PAULO TXIKUNA - É de onibus é 36 horas, duas noites e um dia. Então gente quer dizer a pessoa está disposta mesmo a ter esse encontro né? Vai chegar, vai juntando lá, porque agora dessa última vez que nós estivemos com o presidente is representantes chegaram com 2 dias antes e depois nois chegou, depois os Xavantes, a gente se encontrou ai e conversamos entende? Inclusive eu conversei pra eles e mesmo problema que estou conversando com voces agora. De repente tem encontro com presidente com uma só idéia pressionar presidente de todo jeito. Pedimos condução ai ele acharam de acordo também que seria bom mesmo ter esse encontro. Eu acho que é essa maneira que a gente pode fazer né gente?

FELIZARDO - Nós vamos parar aqui um momento, tomar uma água uns 20 minutos ai um cafezinho ai enquanto a gente pensa melhor.

PAULO TXIKUNA - Vai ser em dezembro mesmo porque tem gente aqui que leva 3 meses pra chegar então vai ser em dezembro mesmo. Agora aqui a gente vai ter marcar o encontro né, com o presidente e marcar a chegada nossa lá em Brasília. Pois é isso que a gente vai ver se vai ficar dia 5 ou 19 ou 26 pois então logo no começo de dezembro a gente acha que deve fazer isso porque se a gente for dia 19 ele vai dizer que não pode e se a gente for dia 26 ele vai dizer, ah não possa fazer nada que passou o Natal ontem, então ele vai inventar um bocado de troco né e dia 5 será que está bom? Hein gente será que dia 5 daria pra gente se encontrar la em Brasília? voces concordam?

:::Obs.: faltou gravar um pedaço.

AS DESPEDIDAS

FELIZARDO GALIBI - Bem meus irmãos, temos 3 dias aqui que nós trabalhamos, nós debatemos que foi o convite que nós mandamos convidar, escrevemos pelo Mensageiro e com toda dificuldade, deixar as famílias, deixar os filhos que tem filhos, deixar seus pais. Então eu vou agradecer muito pelo nosso encontro como disse Daniel ai que nós não devemos esquecer o que nós falamos e respeito da nossa demarcação de nossa terra e outras coisas que foi esclarecido aqui na reunião. Então uma coisa que eu estou agradecendo a vocês todos que vieram de longe e tá previsto vocês saírem as 10:00 horas da noite daqui. Então eu estou agradecendo muito vocês que eu tou pensando também uma coisa que eu vou esclarecer, eu acho que todo momento eu tenho que, eu nunca esquece de vocês, sempre qualquer coisa eu escreve e vocês também deve escrever qualquer dificuldade que vocês tão sentindo e nós também com os índios Galibi daqui do Kumarumã, também como os Karipuna, como os Palikur. Então isso nós não devemos se esquecer desse encontro que nós fizemos por esses dias então cada um de nós representantes, vieram de longe como os Karipuna, como os Galibi lá de Oiapoque e os outros irmãos que vieram de longe, cada um tem que se apresentar e conversar aqui porque o encerramento é essa quando tudo as lideranças falar, conversar o que le sentiu, o que foi programado nosso trabalho eu acho que todo ele tem possibilidade de falar e contar o que é verdade, então quem vai falar agora é o seu Henrique dos Santos Karipuna.

HENRIQUE DOS SANTOS - Bem meus irmãos está encerrado nosso trabalho. Para mim foi uma grande satisfação de estar aqui no meio de vocês todos nossos irmãos que vieram de longe do fim do Brasil, lutando com dificuldade chegar aqui com nós. Eu fico satisfeito e agradeço bastante a todos eles pela luta que estamos enfrentando as nossas comunidades. Fico satisfeito também dos irmãos que vieram nos ajudar, sentir e ver as nossas comunidades, os nossos problemas que nós temos aqui nossas aldeias e como também ficamos sabendo os problemas deles também que estão sentindo nas aldeias deles. Isso é uma luta que nós todos devemos unir para enfrentar os problemas que nós temos nas nossas terras. Nós aqui da região do Amapá eu acho, tanto eu como Galibi, Palikur nós somos prontos também da mesma forma como nossos irmãos vieram de longe passando necessidade pra chegar até aqui pra ver as nossas necessidades nos ajudar. Também da mesma forma nós estamos prontos pra colaborar com eles tudo, qualquer momento, qualquer jeito que precisar nossa ajuda eu acho que nosso trabalho foi bem feito. Pela minha parte eu tou sentindo, uma grande satisfação pelo que estamos fazendo aqui nesta comunidade de Galibi, obrigado.

FELIZARDO - E agora nos vamos passar para Manoel Primo dos Santos

MANOEL PRIMO DOS SANTOS - Cacique da aldeia Santa Izabel dos Karipuna, agra-

deço muito a nossos patrícios. Essa assembleia que aqui nós tamos reunidos então agradeço muito os colegas patrícios aqui que trabalharam pra patrocinar essa assembleia. Tou agradecendo muito os homens, as senhoras e os meninos e menina que tanto tem cooperado pra nós agradar, vieram mais de longe do mesmo municipio. Outra, eu quero também agradecer os irmãos que vieram de longe fazendo esforço pra chegar pra nois reunir no dia de hoje, de ontem anteontem e hoje, sabendo as necessidades de cada um entao por isso é uma grande satisfação ver tudo unido, tudo junto, tudo satisfeito. Meus amigos muito agrededido por tudo que tudo tenha uma boa viagem, uma feliz oportunidade, uma feliz viagem quando chegar cada um bem em suas casas. Senhores muito obrigado.

AVELINO -Boa tarde meus irmãos e minhas irmãs, quem vai falar aqui é o cacique Avelino dos Santos da aldeia da Vila do Espirito Santo. Eu me sinto tão feliz de encontrar com tudo os meus irmãos do Brasil, pra mim esses dias que passaram aqui foi de alegria que sinto dentro do meu coração. Agradeço primeiramente a Deus e segundo a meus irmãos que me receberam tão bem aqui dentro da comunidade deles. E desejo também feliz viagem para meus irmãos que tem que vaijar pra longe que eu nem sei de onde vieram e nós aqui ficamos também sempre lembrando sempre deles. E desejo também essa assembleia abra um caminho que é para nós encontrar felicidade e paz. Desejamos também viver unidos com Filho de Deus que nos estamos fazendo trabalho que Deus deixou para nós índios, muito obrigado.

FELIZARDO _ E se tiver alguns Karipuna que quiserem falar alguma coisa, o microfone está aqui.

PAULO ORLANDO _ Senhores meus irmãos boa tarde, agora é última despedida, quer dizer último dia de encontro que nos estivemos durante 3 dias. Passamos bem, trocamos idéias dessa união e espero que desta união traga pra nois tudo um bom resultado, porque assim é que devemos lutar unidos, para que possamos libertar e encontraremos um dia liberdade e paz para todos os irmãos. Porque e unido é que teremos força para vencer as coisas que nos enfrentamos, é que nos aflige, e que nos traz o peso que não podemos desenvolver crescer as nossas comunidades. Meus irmãos eu desejo boa felicidade para voces que Deus acompanhe, cada um chegue com suas famílias tudo em paz, perfeita saúde. E aqui também e aqui também agradeço todos os Caciques que vieram aqui do Brasil também da comunidade de Kumarumã Felizardo, Henrique, Seu Côco, Avelino e os demais lideres e esta comunidade aqui do Kumarumã espero que Deus vai derramar as bençãos e seu amor em cada comunidade como tanto Palikur, como tanto Karipuna e também agradeço por esta união, por este amor que tivemos aqui unidos, debatendo resolvendo os problemas de nossos próprios terra, agradeço meus irmãos.

FELIZARDO - Nós vamos passar a palavra para Emilio Leôncio de lá do Tawari

EMILIO LEÔNCIO - tradução de Paulo - Ele disse que está agradecendo por esta união que tiveram durante 3 dias e ele está também com uma grande esperança que nós há de ganhar esta terra porque, ele espera também que esta união vai trazer um grande futuro, um grande progresso para as comunidades indígenas para eles possam adquirir a terra por meio, através de documento assinado pelo Presidente da FUNAI por que ele disse que se considera como pai então pra ele que nos levamos o problema e só isso que ele falou.

FELIZARDO - Então para adiantar nós vamos passar a palavra para Geraldo Lod Galibi de Oiapoque

GERALDO LOD - Meus amigos pra mim parece que todo mundo ficou satisfeito esta reunião que nós fizemos, foi debatido o que não fizemos durante 3 dias. Pra mim não foi a primeira vez já foi várias vezes pois que este eu gostei de rever meus amigos que vieram de longe. Eu penso pra mim que todos nois aqui da região de Oiapoque ficou satisfeito, nunca mais esquecerão que foi debatido ou talvez mesmo vai tomar um pulo na frente, essa reunião que nos fizemos. Então eu vou agradecendo tudo que veio de longe passando miséria até empurrando caminhão pra chegar aqui em Kumarumã e não podendo dormir bem no barco, enfrentando dor no corpo de ficar deitado no porão do barco. Daqui da Vila do Kumarumã, agradecer muito seu felizardo que foram receber nois tudinho que vieram de longe que vieram daqui de perto da vila até mesmo o missionário que acompanharam, o Côco que e nosso Vereador daqui de Oiapoque, conta do então veio assim e não podia nem se deitar ali no barco pra poder chegar aqui. Eu agradeço muito mesmo.

FELIZARDO - E agora vai passar a palavra para o ex- cacique Maciel

MACIEL GALIBI - Queridos irmãos boa tarde, isso é o encerramento da nossa reunião, então eu tenho o prazer de agradecer os caciques que vieram de longe e sofreram como diz o cacique Geraldo Lod. É verdade pra chegar até minha vila de Galibi de Kumarumã no rio Uaçá e longe tem irmão índio que viajou 25 dias, 26 dias ele se deslocou da aldeia dele deixou filho, mulher talvez até passando fome prá vir até aqui, teve essa consideração com nois, ajudar nois debater certos problemas como a gente tem enfrentando pra nois nem tanto aqui do território do Amapá o cacique Henrique dos Santos, Mené Primo dos Santos, Paulo do Palikur e seu Geraldo que a gente vive mais perto um do outro. Mas pra eles que moram longe sofreram um bocado na viagem então eu quero agradecer em nome de meu povo de meu cacique também que foi meu assessor e hoje eu sou assessor dele então eu tou gostando muito do modo de receber o pessoal os nossos irmãos, o modo de tratar, eu nunca esperava ele ter uma idéia, nunca esperava de ter esse capricho nos trabalhos dele e eu oço desculpas os tudo cacique que estão presentes de ter feito alguma coisa demais algum erro,

então eu peço desculpas porque talvez ele aqui não tenha quem ajude ele como eu sempre ajudo. E continuo falar mais uma coisinha que eu tenho no coração pra falar; os problemas que nós debatemos eu acho que o cacique Paulo Orlando cacique Plinio dos Santos, cacique Avelino, Cacique Geraldo Lod que são do Galibi de S. José de Oiapoque tudo nois lutamos só uma luta, nós lutamos só uma dificuldade, nos reclamamos so juntos o que a gente tá vivendo hoje, o que está sendo feito, o que está progredindo as nossas comunidades. Então em nome de todas os 4 caciques junto comigo que eu fui cacique aqui, já trabalhei muito, todo mundo está vendo esta vila aqui eu ajudei construir com esforço. Alguma vez tinha gente aqui de Kumarumã num tou falando de gente de ninguém falando aqui dos meus de Kumarumã, da minha aldeia tinha gente que dizia o Marciel tá falando atoa, não sabe o que diz, mas por engano. Hoje tá servindo pra nois tudinho ta se vendo o que se debatia pra fazer, ta se aparecendo hoje em dia como se fosse da minha gerência ou como esta hoje na gerência dele. Então meus amigos eu pra não demorar muito, o meu votos de abraços a todos irmãos índio e algum missionário que está presente. E desculpe pelo passado que nois tamos passando estes 3 dias sobre nosso tratamento que a gente tá tratando voces aqui e também eu peço que todos os colegas irmãos não se esquecer desta data que nós trabalhamos juntos 3 dias e peço de não deixar nossas palavras cair. Nós temos que cumprir tudo que foi debatido junto, espero também que os irmãos não esquecer de nós, que nos nunca esqueceremos e no fim para não muito a frente senão eu sou capaz de chorar de alegria porque não sei mais como agradecer a presença de meus irmãos e irmã, desejo um feliz viagem pra voces e Deus abençoe até a chegada aonde voces vão ficar na aldeia de voces e abraço para todos e até a próxima oportunidade.

FELIZARDO - E depois a gente vai passar a palavra aos Tembê.

CLEMENTE TEMBÊ - Bem meus irmãos eu não sei nem de que jeito eu poderia agradecer a turma daqui que fizeram presença nessa assembleia, eu pela primeira vez que participei mas fico muito satisfeito e agradeço tudo mundo que está aqui principalmente o pessoal daqui que nos deram uma ajuda pra os Tembê muito obrigado, ajuda muito boa através de carta nós conseguimos recuperar um pouco. Então um povo desse eu também nao esperava vir aqui, eu não sabia nem aonde era eu nem pensava que existia esse lugar. Mas a gente lutando e que consegue alguma coisa e eu vou agradecer todo povo que se fez presente as cidades que nos ajudou, o pessoal que vieram de mais longe passando sacrificio que nem eu, que viemos juntos e o povo daqui longe passando sacrificio que nem eu que viemos juntos e o povo daqui, as professoras daqui, o chefe de posto daqui e quero se teve alguma falha que me desculpe porque quem participa de uma coisa pela primeira vez não pode ser que nem uma pessoa que é acostumada a fazer. E desde já o meu abraço para todos os caciques e o pessoal daqui que se fazem presente nessa assembleia, da minha parte muito obrigado e

que Deus ajude nois todos.

FELIX TEMBÉ - Bem meus amigos, eu fiquei muito satisfeito de ter sido convidado para vir participar desta assembléia aqui em Kumarumã. A gente veio de muito longe, passamos bastante sacrifício pra conseguir chegar aqui, mas com a força com a luta que a gente batalha, a gente conseguiu chegar aqui. Eu fiquei muita satisfeito e desde já eu deixo meu agradecimento para todo povo do Kumarumã

RAIMUNDO TEMBÉ - Bem pessoal, desde já eu estou agradecendo todo povo que veio a esta assembléia, que fomos convidados para participar aqui na aldeia do Kumarumã e fiquei muito satisfeito de todo mundo ter comparecido nesta assembléia deu o seu apoio, deu a sua opinião que eu achei pra mim uma coisa muito boa apesar de eu não ter falado nada. Mas os que falaram eu achei uma coisa muito boa mesmo, é isso que a gente quer e através desses encontros é que a gente sempre conhece os nossos irmãos índios e que a gente continue sempre lutando e que a gente consiga ganhar aquilo que a gente quer que e a nossa terra da minha parte muito obrigado

OSCAR TEMBÉ - É meus irmãos agora vou falar aqui um pouquinho também sobre nossa viagem que nois chegamos, nós viemos de muito longe, viemos participar dessa assembléia. Foi convidado nois 4 e pela primeira vez que eu vim aqui, eu achei muito bom, muito legal, uma coisa importante. Quer dizer eu não falei nada também mais participei também que eu estava aí né. Mas gostei pela primeira vez que eu venho aqui achei muito bom e sempre a gente continua mais também é só.

NICULAU CANOEIRO - Bom pessoal, antes de tudo não tenho nada pra dizer a não ser agradecer a vocês todos que estão aqui, pelo cacique que ele faz, um trabalho bom organizado, pelas cozinheiras que se sacrificaram pra sustentar todos, porque nós viemos de longe e mesmo o povo daqui, então eu agradeço todas as cozinheiras que lutaram pra nós e todos aqueles que lutaram, eu acho que foi muito bom trabalho que as cozinheiras fizeram e suaram. Acho que merecem também agradecimentos não só elas mas toda a comunidade da gente daqui e espero que próxima vez talvez vai ter outra oportunidade da gente compareça mais. Não uma vez mais pode aparecer até mais vezes e pelo que vieram com nois, o Pe, Nello e esses povos que vieram com nois que sofreram junto com nois e vão tá sorrindo até nós chegar, por enquanto e só isso mesmo, essas são as últimas palavras que eu dou aqui pra aldeia de Galibi.

JULIANO BAKAIRI - É meus irmãos pela segunda vez a gente vem na Assembléia Nacional, a primeira vez eu assisti lá em Brasília agora é a segunda vez, agora eu gostei do pessoal daqui, nossos irmãos. E nunca eu esperava chegar aqui até aqui, que a gente mora muito longe e o Bakairi também quase eles são meus escondidos, sempre quando tem reunido ele quase não aparece. Então eu acho que daqui pra frente o Bakairi vai tá quase no meio dos irmãos também, ajudar a lutar, enfrentar, acho que só isso, eu agradeço pra todo mundo os

irmãos da aldeia daqui de Kumarumã

VALDOMIRO KRAHÓ - Ouviram meus irmãos, chegou a hora de encerrar os serviços da assembléia indígena. Eu só quero esclarecer so umas coisa aqui quero deixar tão saudade pra voces daqui, que participar nesse mundão, nesse Município de Macapá, eu agradeço e muito bem. Vá desculpando os trabalhos que nois tivemos pra nossos irmãos de aldeia Kumarumã e por hora eu só quero agradecer os índios do Macapá.

ANTONIO CAVALCANTE KRAHÓ - Boa tarde pra voces que eu falar uma despedida de voces porque eu tenho que sempre que dá conta de meu pessoal. Eu fui uma vez nessa reunido mas eu acho que num compreendi mas eu gostaria que só pra ouvir mas fico muito agradecido voces que voces receberam bem a gente, voces num marcam ninguém então foi só uma despedida só isso mesmo.

FRANCISCO MUNDURUKU - Amigos eu quero agradecer todos voces que nos recebeu aqui com grande prazer. Nós que viemos da distância e sofrendo passando dificuldade, como nós todos viemos naquele caminho empurrando, subindo ladeiras. Eu não tenho nada a dizer contra voces, que é a primeira vez que eu participo desse encontro, também eu estou meio por fora assim do assunto pra conversar né, mas eu agradeço todos voces as cozinheiras que também trabalharam pra nos alimentação pra gente e o povo daqui, eu agradeço em nome da minha comunidade todos voces aqui, o povo Galidi da aldeia Kumarumã

AUGUSTO MUNDURUKU - Bem meus amigos muito boa tarde, aqui eu quero deixar meus agradecimentos pros senhores e também dando a nossa despedida como já tem terminado aqui o nosso trabalho aqui na aldeia de Kumarumã então meus amigos primeiramente eu quero pedir a Deus, que Deus dê força e coragem pra nós enfrentar essa luta e também com muita felicidade que nós que todos nós primeiramente precisamos da ajuda de Deus porque ele é quem dá força, coragem, protege a gente, que ensina o bom destino, abre as nossas memórias pra gente aprender bem, conhecer o nosso direito e também amar os nossos irmãos índios de todo o Brasil. Eu somente levo uma grande saudade, uma boa lembrança de vocês, dos senhores, dos senhores que encontraram nois muito bem, muito bem satisfeito, eu quero dizer que e de coração porque todo mundo esta satisfeito rindo achando graça essa coisa toda né, tanto os maiores como os menores, aqui eu deixo meu nome gravado, Augusto Munduruku do rio Panamã, municipio de Boro, muito obrigado.

VENANCIO MUNDURUKU - Boa tarde pessoal, aqui eu vou falar só uma coisa pra vocês, aqui nós chegamos, viemos de muito longe pra assistir a Assembléia aqui na aldeia Kumarumã, sabe mas eu vou contar uma coisa pra voces: aqui eu cheguei e é muito importante pra mim, porque comeu todo tipo jacaré, tracajá macaco todo tipo que eu comeu, isso que eu vou contar para a minha comunidade.

ROBERTO MUNDURUKU - Eu vou me despedir aqui, porque hoje a nossa assembléia está encerrada, então estou muito agradecido e eu desejo uma força pras comunidades daqui do Kumarumã e das 3 tribos dessa área e eu quero que essa ter-

ra de voces seja bem abençoada, aqui é o Roberto Munduruku do Alto Tapajós.

FELIX MUNDURUKU - (fala na língua) Então o Felix falou que ele tá muito satisfeito, fez uma viagem muito longa pra chegar aqui, ele veio de muito longe mas até que enfim ele chegou aqui pra visitar os irmãos, então ele achou que o pessoal daqui são muito bom, sabem receber a gente e ele disse que nunca vai esquecer dessa assembléia que foi realizada aqui na aldeia Kumarumã e só e boa tarde.

AMÉRICO TUKANO - Agora eu também como voces falaram a língua de voces eu vou falar na minha língua e depois eu falo em português. Bom eu falei pra voces que nos viemos aqui nessa assembléia, Tukano, Txikuna, Miranha, Munduruku, Bakairi, Canoeiros e muitos mais outros ai eu falei que eu também fico reconhecendo que eu gostei muito daqui porque lá aonde eu moro lá não tem fartura, é muito difícil encontrar esse negocio de bicho de casco jacaré e macaco. Então por esse motivo eu achei que esse lugar muito legal. Agora pra começar desde cacique eu não sei como lhe agradecer, então eu gostaria, eu dei o endereço meu pra ele se Deus quiser, conforme o povo consentir assim que eu voltar eu vou falar com o pessoal se eles consentir poderei realizar uma Assembléia lá no alto Rio Negro, que voces vão conhecer fronteira com Brasil e Colombia. Ai eu falei que nós viemos de longe, viemos da estrada, passamos a noite e o dia viajando empurramos sem ter muita força, não é que nos fizemos assim meus amigos? Então no fim fico muito agradecido pelas cozinheiras pelo empate que nós estamos empatando nessa reunião de certeza, porque pra nos e assim, toda mãe de família ela e ocupada, então por esse motivo eu fico muito agrdecido, obrigado.

TLABA PARAKANÁ - (fala na língua)

CARLOS KARAJÁ - Boa tarde meus amigos, minhas amigas, derradeira palavra que a gente vai dar aqui no micriofone, a despedida do índio Karajá, Carlos Karajá, muito obrigado pelo recebimento de voces aqui e pela comida que a gente comeu bastante que ave maria, não sei que jeito a gente pensava, não pensava nem em trabalhar, os pessoal que vieram pra trabalhar aqui e discutir alguma coisa. Mas isso ai voces vão me desculpando que eu falei isso brincando, muito obrigado voces, senhores, senhoritas, crianças que é o que eu mais gosto da minha aldeia, o mais que eu adoro essas criançadas e acho que não vou deixar nada de lembrança aqui pra voces porque eu não trouxe nada e muito obrigado pra voces todos e desculpe a nossa palestra ai, porque o que a gente co meu ai acho que a gente não vai pagar não.

PAULO TXIKUNA - Bem minha gente muito boa tarde, já são 7 minutos para as 5 horas, aqui eu deixo a minha última palavra que eu agradeço as cozinheiras os tuxauas, os rapazes, as crianças, os rapazes que mais tive, que eu tive contato com eles eu deixo a minha palavra pra voces, agradeço muito obriga-

do pela comida, pelo recebimento que vocês tiveram com a gente e o respeito que vocês tiveram com a gente e espero que um dia alguém daqui de Kumarumã vai conhecer minha aldeia também é que espero a gente se encontrar novamente em Brasília no mês de dezembro e no entanto meus irmãos é só isso, muito obrigado.

DANIEL CABIXI - Bem minha gente, eu agradeço em primeiro lugar os tuxauas, agradeço ao pessoal que trabalhou na cozinha, os senhores aí que serviram a comida pra nós, agradecendo a rapaziada aí por ter colhido nós como amigos, como irmãos e de fato somos de sangue, somos todos índios, agradeço também a todas as pessoas, esses civilizados brancos aí que ajudaram nós nesses dias, agradeço também o chefe de posto aí que parece também que ele ficou satisfeito não sei qual é o pensamento dele. A única coisa que eu quero pra vocês minha gente é que o que eu carrego no meu coração, eu espero que também vocês carreguem, porque justamente é a gente lutar índio, como todos irmãos e todos nós temos problemas e a esperança de vocês verem um dia todos os problemas de vocês solucionados também é minha esperança e é esperança de todos os índios do Brasil que não tiveram aqui presente, obrigado,

LINO MIRANHA - Em nome não só dos Miranhas que ficaram e dos companheiros de Brasília que compõe a Comissão da UNI, assim também como em nome de todos nós eu agradeço toda hospitalidade que nós tivemos aqui e eu queria deixar um recado como ponto final, como hoje se encerra depois de 3 dias de uma luta que eu deixei alguns recados aqui, com minha luta e participação nesse encontro. Primeiramente vocês podem contar desde já no caso que foi citado aqui o esse encontro que vamos ter com o presidente da FUNAI e talvez alguns parlamentares. Vocês podem ter certeza absoluta de que esse é um dos papéis da UNI, da Comissão Nacional e que o que for possível, o que for de possibilidade dessas pessoas fazerem vocês podem ter certeza absoluta que nós estamos aí pra ajudar, pra orientar e pra fazer alguma coisa que for possível e que eu espero que daqui há uma esperança não por minha parte, né, que daqui como se a gente tivesse preparado um rogado e nesse rogado tivesse feito a sua plantação, colocado assim um derramado um monte de semente que a gente espera que daqui mais tarde essa semente venha brotar, crescer e dar um fruto e que esse fruto mais tarde venha trazer um resultado satisfatório pra gente. Quer dizer que a partir daqui fica a responsabilidade de todos os participantes não só os que estiveram aqui presentes de outras comunidades, mas os próprios integrantes dessa comunidade, os próprios membros de cada comunidade não só daqui do município de Oiapoque como também dos outros comunidades que mandaram seus representantes pra cá, são os responsáveis pela essa luta, são os responsáveis, pela luta, pela própria defesa, suas lideranças enfim tem que existir uma participação direta de toda a comunidade tem que existir assim é um dever que nós temos a cumprir é uma obrigação que nós temos que levar a frente esse movimento, nós não podemos deixar que daqui a 30 dias no caso o

resultado de todo esse encontro, de toda essa luta esse sofrimento de viagem de todo esse trabalho que voces tiveram não seria o ideal que simplesmente ficasse dentro dessa casa entre 4 paredes e por aqui se acabasse, o que eu espero, que esse aqui não é o primeiro que eu tenho a participação mas o que eu espero é que a partir daqui as pessoas assumam o seu papel com responsabilidade quer dizer toma consciência, tem que conscientizar todos os companheiros que não vieram, infelizmente não puderam estar presentes aqui, de todos nós somos responsáveis pela defesa seja do cacique, seja do próprio irmão da comunidade, não é só o cacique responsável pela comunidade não é? E a outra coisa que eu quero adianatar que cada comunidade tente assim de repente fazer questão de que haja uma participação da juventude nas comunidades, uma coisa que houve por exemplo aqui por parte de vários grupos que solicitaram a presença de professores jovens, das professoras enfim, para que isso servisse de uma escola, porque eles teriam que aprender talvez no encontro que nunca tiveram oportunidade de participar mas nós, nos teríamos mais coisa ainda pra aprender com esses professores do que mesmo ele com nós. Então não deixe de ser assim uma coisa interessante, não deixa de ser uma coisa até certo ponto prioritária, pra que tenha a participação direta da juventude e pra esse conselho aqui no kumarumã, do URucauá e do Manga enfim do conselho das 3 comunidades, tem esse documento aqui que por sinal eu prometi que ia deixar agora eu deixo aqui em cima dessa mesa, e eu espero que exista um Conselho. Eu não sei como é que funciona o esquema de trabalho daqui das 3 comunidades e espero que depois voces discutam, leiam isso com bem calma, procure entender exatamente o que está escrito aqui e voces fazem uma observação, fazem uma valiação do que se trata esse documento. E uma coisa que eu estou deixando pra voces pra que voces aumentem a consciência de voces pra que desperte abra a memoria de voces, da situação que nós estamos enfrentando, de repente esses papéis aqui, vem trazer assim também uma especie de uma instrução de defesa, uma precaução de uma atitude que voces têm que tomar, de como se defender, enfim é uma precaução de defesa das pessoas, então voces ficam aqui com esse documento pra que voces usem e guardem com todo carinho e cuidado. Com uma dificuldade tremenda que eu consegui isso, eu creio, não sei que isso daqui vai ter um grande valor pra voces e que eu espero também dentro desse encontro a própria comunidade tem que ser assim como uma especie de arvore, mas uma arvore bem grande, vamos supor assim como o cedro que na medida que o vento força, na medida em que até mesmo um trator quando chege no tronco dessa arvore encontra uma dificuldade. Porque se nós pegarmos apenas uma folha dessa arvore ou pegarmos a parte da raiz ou pegarmos um galho vai ser facil nos lidarmos com ela mas experimente pegar uma arvore inteira, então essa aqui são parte dessa arvore que está praticamente nascendo que já germinou e agora está tendo seus dias de vida e que eu espero que daqui há algum tempo nós tenhamos um resultado satisfatório que nos defendemos quer dizer, não só

essa comunidade como todas as comunidades indígenas do Brasil, e aqui fica um muito obrigado e eu espero encontrar voces em breve.

VERIDIANO MIRANHA- Meus amigos, meus irmãos, chegamos a mais um fim de um dia chegamos a mais um fim de um trabalho, eu não tinha outras palavras pra dizer a não ser repetir sempre aquelas palavras que já foram ditas aqui com reconhecimento de agradecimento dos acontecimentos por ocasião da reunião aqui em Kumarumá, eu tenho que agradecer os homens que se deslocaram de seus lugares assim como nós, enfrentando as dificuldades para chegar aqui. Eu tenho que agradecer os homens que se empenharam em busca de alimento, em busca de nosso tracajá para que nós pudéssemos nos alimentar, eu tenho que agradecer as senhoras que se dedicaram 3 dias suando e fazendo do possível para nos servir um bom almoço, o bom café, a boa janta, eu tenho que agradecer o CIMI entidade esse muito contribuiu para que acontecesse essa reunião, eu tenho que agradecer as pessoas voluntárias, os Pes. missionários que também contribuíram para que acontecesse esta reunião, eu tenho que agradecer inclusive é um fato muito estranho mais é realidade aqui, eu tenho que agradecer aos homens que estão em nome da FUNAI na frente o caso do Sr. chefe do posto, eu falo dessa forma porque eu tive observando e o fato tá comprovado de que a FUNAI juntamente com seus membros não tem nada contra a organização dos índios e sim muito pelo contrário, eu tive a oportunidade de saber por terceiros que eles ajudaram... essa grande reunião, eu só quero que nós saibamos aproveitar todas as nossas inteligências aqui colhida dentro dessa reunião e saibamos levar pra nossas comunidades a mensagem que aqui foi colhida, saibamos se unir para que a nossa vitória um dia vai chegar, porque nós índios temos condições temos capacidades então temos que aproveitar da melhor forma, saber colocar no que é mais essencial, no que é mais prioritário para que um dia o índio, nós conseguiremos levantar nossa bandeira e conseguir nossa terra, enfim em busca de o dia melhor, eu espero que em outras oportunidades eu venha ver todos vocês e que com uma inteligência mais melhor ou um desenvolvimento melhor a força melhor nós conseguiremos desenvolver, chegar ao ponto que nós queremos. portanto meus amigos eu espero que em outra oportunidade nós voltamos a se encontrar e que nós possamos sempre nos conhecer uns aos outros porque ficou bem claro, vai ter oportunidade de nós ficar se conhecendo por intermédio do CIMI ou da UNI? coisa que no futuro virão dar a resposta. E esse o meu agradecimento eu espero que deus abençoe a todos que trabalharam, a todos que estiveram presentes e que abençoe o nosso serviço, os nossos trabalhos para que um dia abra a nossa inteligência para que nós um dia conseguiremos o nosso objetivo, muito obrigado.

Pe. NELLO - CIMI _ No fim desta Assembléia a gente também vai dizer umas palavras. Primeiro a gente olha pra assembléia que se realizou e podemos dizer que Karipunas, Palikur e Galibi, a comunidade que nos hospedou nesses dias ' cumpriram com sua palavra. Deu certo. Tudo aquilo que tinha que ser feito foi feito e eles deram fé na palavra deles e nisto eu quero dizer que a gente, nós que viemos presentear, assistir essa reunião, como sempre em cada assembléia, cada vez que a gente se encontra com os índios tem muita coisa para aprender, Nisto queremos agradecer a oportunidade que tivemos de participar desta assembléia porque a gente apreendeu muito e nisto quero também agradecer com as palavras de Maria quando cantou aquele canto o Magnificat " O Senhor é grande porque sabe realizar, no meio dos pobres, no meio dos Povos indígenas, sabe realizar uma caminhada, eles mesmo estão fazendo com ajuda ' dele. Depois quanto aquilo que a gente viu aqui voces queria deixar uma mensagem; mensagem que a luta dos Povos Indigenas ira pra frente. Voces estão dando um passo pra frente cada vez que cada pessoa da comunidade segundo o estilo indígena; segundo a cultura, segundo aquela semente que Deus semeou plantou no meio de cada povo se esquece um pouquinho de si (que é mensagem de Cristo também, esta encontra nos Povos Indigenas) para olhar o interesse de toda a comunidade. A mesma coisa é válida quando uma comunidade se esquece um pouco dos problemas pequenos, dos grandes dela, para abrir o coração e inteligência para olhar para aqueles que sofrem mais, para querer resolver o problema de todos não só da comunidade, não só do seu povo, porque como foi dito aqui nessa Assembléia, aquilo que tor importante para o bem de cada comunidade é a luta de todos é a união de todos, isto é muito importante. Depois já foram feitos agradecimentos para todo mundo estão tão agradecidos, mas eu queria dizer também pela nosa parte, por parte do CIMI a gente também repete mais uma vez as palavras de Jesus que a gente tá se sentindo hoje cansado tambem como todos não é? Mas também porque as palavras de Jesus que diz: "quando voces estiverem feito tudo aquilo que precisava fazer, diga mais uma vez, nós somos servidores inuteis". o CIMI mais uma vez se coloca a disposição da causa indigenista como servidor, não como dobo, como aquele que quer ajudar e que serve e sente orgulho também em poder ajudar na caminhada e ao lado dos povos indígenas. A gente ficou sensibilizado quando o pessoal da base, representantes de fora que vieram de fora que também ensinaram muito para a gente, trouxeram aqui nessa assembléia o sofrimento e a vida do próprio povo que ficou aqui descrito e quando a gente sentiu o próprio coração é do ' qual participa. Um abraço pra a todos e sempre pra frente, queria só deixar um aviso, que uma lembrança aqui na comunidade dos velhos e dos jovens a gente acha que os velhos são o coração um pouco da comunidade, a sabedoria da comunidade, a gente viu também aqui. É importante a participação de todos mas é também importante, neste sentido a união de todos e o respeito e a valorização. O ditado que queria dar pra voces pra ser consequente com as palavras

por exemplo na nossa viagem de volta os jovens já que são fortes e aguentam as viagens mais do que os velhos, deixem as redes, os colchões, os lugares' mais cômodos no barco para os mais idosos, já que eles podem enfrentar menos a viagem. Então dêem a preferência para eles e para as senhoras presentes na nossa viagem, acho que é uma maneira de se esquecer não é? É que a gente as vezes fala mas se esquece praticar aquilo que diz é importante ter esta' delicadeza e a segunda coisa é que a gente pede a colaboração no sentido de pois da janta, o pessoal aqui da área, se tivesse uma turminha de jovens que se colocasse a disposição para os últimos preparativos da nossa viagem, recuperar tudo aquilo que foi trazido, panelas, colheres, pratos, garrafas térmicas organizar nossa viagem como serviço para que todos saiam bem e todo mundo' aguentar não é depois de amanhã, empurrar o caminhão para frente, muito obrigado.

BERNARDO (chefe de posto) - Bom pessoal eu sinto gratificado realmente de ser chefe de posto de um posto indígena em que foi realizado uma reunião dessa' natureza, de âmbito nacional. Foram debatidos muitos problemas, inclusive a respeito da FUNAI a realidade que vocês sentem e houve até um comentário de' um senhor, inclusive está presente que segundo ele ficou com pena de mim, eu sentado naquele canto, escutando tudo que vocês falavam da FUNAI, eu queria dizer a esse senhor que não é pra ter pena porque o que foi falado, todo mundo tem plena consciência daquilo que falou ninguém tá inventando, se vocês' expuseram para todo mundo é porque é realidade, agora tem que se levar em' consideração também que nem todo mundo é igual, nem todo chefe de posto é igual e o que importa é a consciência tranquila no mais eu espero que essa' reunião ocorrida aqui no Kumarumã seja prenúncio de muitas outras que virão' acontecer futuramente e quero desejar a vocês uma feliz viagem de retorno e pedir desculpas por tudo aquilo que eu não pude oferecer na condição de chefe de posto, o meu muito obrigado. a todos.

IRMÃ REBECA - CIMI - O pe. Nello já falou em nome do CIMI, eu digo por mim' mesmo, há muito tempo a gente vive aqui na região com vocês de Oiapoque a gente ficou muito contente, alegre, orgulhosa de vocês na maneira que receberam e organizaram e levaram essa assembléia para frente. Também foi muito bom' conhecer outros amigos de fora e mais conhecimento, o privilégio a participar de uma assembléia dessa, a gente procura um serviço em devolver para vocês a documentação desta assembléia e vai desculpando se a gente atrapalhou alguma vez nesse serviço.

IRMÃ EDNA DE BRITO - No CIMI a gente está a serviço dos povos indígenas a convite do pe. Nello, da equipe, a gente teve aqui fotografando elevando a lembrança de todos os rostos daqui que marca aquilo que é o povo brasileiro e por' fazer parte desse povo com muito amor eu passei esses dias aqui com vocês, desejando mesmo dedicar toda a minha vida a luta dos povos indígenas é uma coisa que eu deixo assim como incentivo de lembrança é o amor as crianças.

enquanto houver criança indígena nascendo esta garantido a existência do povo indígena.

MARIA FERREIRA - Agente tem muito que agradecer voces, eu estou aqui com os Karipuna esse ano de 1983 trabalhando na escola com as crianças, a gente não é professora, a gente veio para aprender tudo aquilo que o civilizado esqueceu, especialmente o amor, a igualdade, essa simplicidade esse valor que o índio dá a vida, então a gente está aqui e agradece muito a voces de terem de poder participar desta assembleia e a gente está disposta a trabalhar talvez até o resto da vida com os índios, não sei se aqui ou em outro lugar, mas a gente está com esta disposição e esta vontade; muito obrigada especialmente pro pessoal de Kumarumã que Deus abençoe todo mundo e a gente continue nesta caminhada e na luta pra libertação do povo indígena que a gente sabe que sofre muito por causa de um sistema massacrador que existe no Brasil que é contra a pessoa humana, contra os humildes, contra o povo indígena, contra o povo mais simples e pobre brasileiro.

FRANCISCA PICANÇO - Eu trabalho com o povo Karipuna na aldeia do Espírito Santo, é o primeiro ano que eu estou tendo essa bela experiência como o povo e eu estou gostando muito e também agradeço muito o acolhimento de voces e pela primeira vez eu tive a oportunidade também pelo menos como ouvinte de uma assembleia indígena nacional isso é muito importante para voces essa organização, um dos fatores, que eu admiro muito no povo indígena, é essa igualdade que existe entre voces, que é para nós um questionamento, para nossa sociedade capitalista que degrada e escraviza cada dia o índio o pobre filho de Deus, obrigada.

Pe: WALBER - Até hoje eu tava percebendo que muitos de voces tavam estranhando do que eu não tinha me apresentado pois estavam acreditando que eu era um representante indígena, acontece que eu não sou um representante indígena, eu sou padre lá, tentando lá conviver um pouco com os índios Krahô e vim aqui com eles, mas de outro lado tenho também meu sangue indígena nas veias, pois a avó de meu pai era índia Karijólá da região metalúrgica de Minas Gerais, região do rio Piranga, uma tribo que infelizmente a mineração de ouro acabou inteiramente com ela, então foi uma satisfação estar aqui com voces, ainda mais que no final de 1974 eu vim aqui no Amapá mas vim só até Macapá com a finalidade de fazer um contato com os missionários do Pará e Amapá numa missão do CIMI tentando fazer um levantamento da situação indígena missionária e com o sentido de organizar a primeira assembleia indígena desta região, alias a primeira assembleia Missionária indigenista que se realizou em Belém no começo de 75 agora depois desses anos todos a gente tem a oportunidade de chegar até aqui nesta aldeia de Kumarumã e presenciar esta assembleia que a gente espera que tenha os seus frutos e receber aqui todo esse acolhimento que a gente teve a oportunidade de receber que nem é preciso mais repetir, porque já foi por demais observado, então a todos nosso merci boku.

Pe. PAULO SUESS - CIMI - Boa noite, agora no fim da Assembléia, para me apresentar, eu acho que a maioria já sabe quem eu sou, eu sou secretário do CIMI de Brasília, em nível nacional, que o Nelo um pouco aqui em nível regional. A gente viaja muito para o Norte, SUL, procurando ficar em função das nossas bases, das solicitações das regiões, eu trabalhei antes anos numa paróquia do Pará, em Juruti no interior, lá perto de Santarém, Parentins, muita coisa ainda aqui me fez lembrar desses 8 anos no Pará, muita coisa semelhante. Depois trabalhei 2 anos como coordenador do CIMI em Manaus que começou a se constituir de '77 a 79 e em 79 fui eleito por 4 anos para o secretariado Nacional portanto está findando o meu mandato depois vira outro então, no fim de julho. Vocês estão de parabéns por terem realizado esta Assembléia que trouxe assim muito das experiências de outras regiões, eu creio que era importante para os que vieram de fora, desse Brasil afóra para cá, conhecer seja realidade que todos nós desconhecemos ver essa outra realidade indígena e talvez para os que vivem aqui sempre era interessante ver um pouco como os índios vivem se organizam, lutam e sofrem em outras partes deste país, espero que a semente que vocês lançaram cresce essa organização cada vez mais porque, se quem está organizado pode enfrentar a história, pode sobreviver, pode organizar a sua libertação e todos afinal, ninguém quer viver escravizado, ninguém quer viver eternamente tutelado, tido como criança, todo mundo quer ser aquele que diz sobre a respeito do destino. Nós queremos isso somos um povo autêntico Karipuna, Galibi, Palikur e nós temos a nossa história e nós queremos que essa história continue, que ela não entre nesta sociedade nacional, ela se dilui lá numa panela e acabamos todos assim brasileiros genéricos com a lembrança do bisavô indígena, queremos é isso é o grito que eu escuto assim dos povos indígenas, queremos continuar como povo com nosso nome específico de Galibi, Palikur, de Karajá, de Krahô, cada seu jeito, cada povo nas suas múltiplas culturas, cada um conviver co-outro mas cada um do seu jeito, do seu modo de viver, isso é gratificante, eu acho que este encontro é o passo para garantir isso, se defendendo contra essa sociedade que quer igualar todo mundo, um pouco essa sociedade dos brancos, fortalecer assim cada povo ter o conjunto dos povos nesta caminhada dos povos indígenas. Faço votos que esta união das Nações Indígenas cresça cada ano e dou meus parabéns para todos vocês, minha gratidão para os que organizaram isso, que, que levaram peso assim as escondidas na cozinha, que prepararam meses antes esta reunião, eu creio que teve o pleno êxito, muito obrigado.

FELIZARDO - E depois da representante tem que chegar aí com Lino para assinar.